UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

**OS TEXTOS DE MOSCOU E SÃO PETERSBURGO COMO
REFLEXO DA IDENTIDADE NACIONAL RUSSA**

Edelcio Américo

São Paulo

2011

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

FACULDADE DE FILOSOFIA LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA E CULTURA RUSSA

**OS TEXTOS DE MOSCOU E SÃO PETERSBURGO COMO
REFLEXO DA IDENTIDADE NACIONAL RUSSA**

Edelcio Américo

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa do Departamento de Letras Orientais da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Professora Dra. Elena Vássina

Pesquisa financiada pela CAPES

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTES
TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO,
PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

AMÉRICO, Edelcio Rodiney.

Os Textos de Moscou e São Petersburgo como reflexo da identidade
nacional russa/ Edelcio Rodiney Américo; orientadora Elena Vássina.

-- São Paulo, 2011.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura
Russa. Área de Concentração: Literatura e cultura russa
– Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Edelcio Rodiney Américo

Os textos de Moscou como reflexo da identidade nacional russa

.

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para a
obtenção do título de Doutor. Área de
Concentração: Literatura e Cultura
Russa.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

À professora Elena Vássina pela orientação, confiança, pelas indicações bibliográficas e pelo apoio que me concedeu ao longo de toda a pesquisa, pelos profícuos diálogos, pelos ensinamentos e amizade que mantemos desde os tempos de minha graduação.

Aos professores Sheila Viera de Camargo Grillo e Bruno Barretto Gomide, participantes da minha banca de qualificação, pela leitura atenta de meu texto e pelas críticas e contribuições que tanto ajudaram na finalização deste trabalho.

Ao professor Sergey Neklúdov, da Universidade Estatal de Humanidades de Moscou, pelas indicações bibliográficas, por ter compartilhado comigo um pouco de seu inesgotável conhecimento e pelo apoio na escolha do tema.

Às amigas Graziela Schneider Urso e Denise Regina de Sales por serem as pessoas maravilhosas que são, e por terem me ajudado tanto na revisão da minha tese.

À Cecília Rosas, Paula de Almeida e Natalia Sadowski pela imensa ajuda na revisão.

À minha irmã Madileine, por seu equilíbrio, sensatez, pelas palavras calmas e otimistas.

Ao amigo Omar Rocha do Prado, pena não tê-lo conhecido antes! Sempre a palavra certa na hora certa, a pessoa com que sempre quero conversar nos momentos onde nada parece compreensível, quando nada tem lógica!

A Anatóli Petróvich Záitsev e Liudmila Viktorovna Záitseva, meus pais na Rússia, sempre presentes junto a mim.

Aos meus filhos Sofia, Aleksandr e Ksenia. Pequenos, porém enormes no coração desse pai.

À Katia Volkova, pela enorme colaboração para a conclusão dessa tese. Pelos anos todos de convivência que enriqueceram muito a minha vida. Pela paciência e pelo carinho.

Aos meus pais, Vidal e Marisa, por tudo que fizeram por mim, desde o nascimento, pela paciência na adolescência, pelo apoio irrestrito em todos os momentos. Vocês têm uma grande participação nessa conquista.

À CAPES pela concessão da bolsa de doutorado e pelo apoio financeiro para a realização desta pesquisa.

O olhar percorre as ruas da cidade
como se fossem as páginas escritas: a
cidade diz tudo que você deve
pensar, faz você repetir o discurso...

CALVINO, Ítalo. *As cidades
invisíveis*.

RESUMO

Américo, E. R. Os textos de Moscou e São Petersburgo como reflexo da identidade nacional russa. 2010. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

A tese tem como objetivo o estudo do texto da cidade de Moscou, sua análise comparativa e diálogo com o texto de São Petersburgo, bem como a importância de ambos os textos no processo de formação de identidade cultural russa. A metodologia da pesquisa baseia-se no conceito de texto urbano elaborado por destacados estudiosos da escola semiótica de Tártu-Moscou, tais como: Iúri Lótman, Vladimir Toporov, entre outros. O trabalho apresentado é constituído de três partes:

No primeiro capítulo é apresentada a análise teórica dos conceitos de “texto” e “cidade” e sua aplicação à Moscou;

O segundo capítulo representa uma análise histórico-cultural do processo de formação do texto de Moscou desde a fundação da cidade até o século XXI, a reflexão do texto de Moscou na cultura e, principalmente, na literatura russa;

A terceira parte é composta por traduções de alguns ensaios de escritores russos do século XIX nos quais foram descritas as relações controversas entre Moscou e São Petersburgo.

A conclusão da presente pesquisa consiste na tese de que tanto o texto de Moscou como sua oposição ao texto de São Petersburgo formam-se como resultado da bipolaridade, própria não apenas da cultura russa, como de toda humanidade.

Palavras chaves: semiótica da cultura, texto de Moscou, texto de São Petersburgo, texto urbano, cultura russa, literatura russa.

ABSTRACT

Américo E. R., The Moscow and St. Petersburg texts as a reflection of Russian national identity. 2010. (PhD) Thesis - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

The thesis aims to study the Moscow city text, its comparative analysis and the dialogue with the St. Petersburg text, and the importance of both texts in the process of formation of Russian cultural identity. The survey methodology is based on the concept of urban text drawn up by prominent scholars of Tartu-Moscow Semiotic School, such as Yuri Lotamn, Vladimir Toporov, among others. The work presented is comprised of three parts:

The first chapter presents the theoretical analysis of concepts of "text" and "city" and its application to Moscow;

The second chapter represents a cultural-historical analysis of the formation process of the Moscow text since the founding of the city until the 21st century, the reflection of Moscow text in the culture and, mostly in the Russian literature;

The third part is composed of translations of some Russian writers' essays of the 19th century with a description of the controversial relations between Moscow and St. Petersburg. The conclusion of this research consists of the thesis that both Moscow text and its opposition to the St. Petersburg text are formed as a result of a proper bipolarity not only of the Russian culture, but of the whole mankind.

Keywords: semiotics of culture, Moscow text, St. Petersburg text, urban text, Russian culture, Russian literature.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	10
Moscou e São Petersburgo na visão do autor	12
INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I - O TEXTO DE MOSCOU - ABORDAGEM TEÓRICA	20
1. Texto	20
2. Cidade	30
3. Cidade como texto	46
4. Conclusões preliminares	76
CAPÍTULO II - MOSCOU NO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL	84
1. Moscou nos séculos XII-XV	84
2. Moscou como terceira Roma	95
3. Figura de Pedro, o Grande	101
4. São Petersburgo versus Moscou: início da oposição	107
5. Moscou no século XIX	116
5.1 Os círculos literários de Moscou e São Petersburgo, os eslavófilos e os ocidentalistas	144
6. Moscou e São Petersburgo na literatura no século XX	155
CAPÍTULO III. O TEXTO EM TEXTOS	195
1. Mihkail Scherbátov. Petição de Moscou referente ao seu esquecimento	199
2. Mikhail Liérmontov. Panorama de Moscou	209
3. Nikolai Gógol. Notas petesrburguesas de 1836.	215
4. M. N. Zagóskin. Dois caracteres. Irmão e Irmã	219
5. Aleksandr Hetzen. Moscou e Petersburgo	226
6. Aleksandr Hertzen. Trechos do conto “Estação Edrovo”	238
7. Vissarión Belínski. Petersburgo e Moscou	244
CONCLUSÕES	288
BIBLIOGRAFIA	303

APRESENTAÇÃO

Antes de iniciar a apresentação da estrutura da tese, é importante destacar que essa pesquisa representa uma continuação dos estudos realizados no decorrer do meu mestrado sob orientação da Professora Doutora Elena Vássina, cuja versão final foi intitulada “Texto de São Petersburgo na literatura russa”. O tema escolhido para o doutorado, “Os textos de Moscou e São Petersburgo como reflexo da identidade nacional russa”, é o caminho natural de sequência ao tema exposto no mestrado, visto que há plena correspondência entre as pesquisas. A presente tese de doutorado é fruto de trabalho de pesquisa de quatro anos (de 2007 até 2011).

A base teórica e a bibliografia utilizada no mestrado novamente corroboraram a constituição do corpo do trabalho e a abordagem das obras literárias, constituindo parte integrante do capítulo referente à crítica teórica, naturalmente sendo complementados por outras pesquisas de conceituados críticos russos, na maioria dos casos até então não traduzidos para o português, ou, em outros, até mesmo desconhecidos da crítica brasileira.

A tese tem a intenção de contribuir para uma nova abordagem da literatura russa (especialmente o seu auge, que teve lugar no século XIX e no início do século XX), uma linha de pesquisa ainda não divulgada devidamente no Brasil, especialmente ao considerarmos os inúmeros trabalhos dedicados ao tema da cidade na literatura publicados na Rússia nos últimos anos.

O trabalho está dividido essencialmente em três partes: o primeiro capítulo, dedicado à abordagem teórica; o segundo capítulo, dedicado à análise histórico-cultural; e o terceiro capítulo, dedicado à tradução de textos críticos de escritores e pesquisadores russos, fundamentais para a melhor apresentação e compreensão do tema proposto. O enfoque principal destes textos é o de promover as reflexões e os questionamentos

teóricos suscitados pelo tema proposto e de abrir possibilidades para novas pesquisas nesse ramo.

A continuidade da proposição apresentada no mestrado foi apoiada pela professora Elena Vássina, Professora Jerusa Pires de Carvalho (PUC-SP) e o Professor Bruno Barreto Gomide (FFLCH-USP), além do Professor Sergei Nekliúdob, da Universidade Estatal de Ciências Humanas de Moscou, aos quais agradeço pelo incentivo e apoio.

Moscou e Petersburgo na visão do autor

Para mim, as cidades de Moscou e São Petersburgo também se revelaram de diferentes formas, embora a realidade das minhas viagens as “capitais” da Rússia tenha mostrado as modificações que estão acontecendo ultimamente: minha primeira ida à Rússia foi em dezembro de 2000, enquanto que os eventos narrados nessa tese são predominantemente pertencentes aos séculos XIX e XX.

Na minha percepção Moscou se mostrou uma cidade acolhedora, aconchegante, porém onde as pessoas não têm tempo de se preocupar com a vida que levam, que dizer da vida dos outros; poucos turistas, muitos estrangeiros que chegam ao país a trabalho. Em Moscou se ganha dinheiro, e se consume muito dinheiro. Uma cidade onde há de tudo, tudo se compra, tudo se vende. Todos se apressam, todos correm para algum lugar, ninguém olha sequer para o lado para apreciar a beleza da própria cidade. Moscou fala russo, não se preocupa com o estrangeiro, porém emana charme e convida os estrangeiros a aprender seus segredos, a viver como os russos, aprender o idioma do país, e quando você se dá conta do que está acontecendo, você já está envolvido no meio dos russos. E a partir de então você deixa completamente de ser estrangeiro. A cidade então se revela por inteira, não há mais restrições, tudo se torna claro. Moscou é um caos, compreendido apenas pelos russos e pelos iniciados ao jeito russo.

A meu ver, Petersburgo é uma cidade turística, onde todos os estrangeiros são turistas, e nunca deixarão de ser. Em Petersburgo se fala russo, bem como inglês, francês, alemão, italiano, espanhol. Petersburgo se preocupa com o turista, a cidade precisa dele. Em Petersburgo o estrangeiro sempre encontra alguém que fale e consiga lhe vender algo no seu próprio idioma, seja qual for ele. A “Capital do Norte” é

organizada, um grande museu a céu-aberto. Petersburgo se molda ao estrangeiro. Moscou molda o estrangeiro a sua forma de viver.

Abaixo se inicia uma viagem pela história e cultura de um povo dividido em duas cidades que não podem mais viver uma sem a outra; cidades expoentes da grandeza e das contradições de um povo. Cada pessoa tem sempre a sua preferência, e eu mesmo tenho a minha, porém tentarei ser o menos parcial possível, e apresentar os fatos como eles realmente são. Espero não ser o responsável por nenhuma mudança de opinião. Espero que apreciem, e para facilitar, prefiram e escolham as duas.

INTRODUÇÃO

A discussão a respeito das duas capitais russas, Moscou e São Petersburgo, prolonga-se há pelo menos três séculos. As relações entre essas duas cidades tornaram-se fato objetivo da história russa desde a fundação da nova capital às margens do rio Nevá e atingiram todos os segmentos do desenvolvimento histórico-cultural da Rússia e da formação da identidade nacional do país. De fato, na cultura russa, desde então, começaram a se formar divergências essenciais entre a nova e a velha capital, que representavam dois conceitos políticos e fixavam dois tipos culturais.

Desde o início, Petersburgo foi pensada como uma concretização da ideia da cidade “correta”, surgida no pensamento europeu desde o Renascimento. A contraposição com Moscou, uma cidade “russa e natural”, tornou-se óbvia. Além disso, para os russos, Moscou tinha vocação excepcional de salvar o mundo por ser considerada herdeira religiosa de Roma e de Constantinopla e guardiã das tradições ortodoxas (em russo a palavra ortodoxia é *pravoslávie*, que contém em si a raiz *prav*, que significa “certo, correto”). Petersburgo também almejava ocupar essa posição. O próprio nome da nova capital, claramente, desafiava o conceito da “Terceira Roma” ao qual tradicionalmente era ligado à Moscou: São Petersburgo, ou seja, a “cidade de São Pedro” assemelhava-se a Roma, conhecida pela sua Basílica de São Pedro, e, dessa forma, tornava-se a “Quarta Roma”, logo depois de Moscou. A essência do conceito “Moscou como Terceira Roma” será objeto de maiores reflexos no corpo desta tese.

Porém, não seria correto afirmar que o fenômeno do “bicentrismo” (ou “bipolaridade”) da cultura russa teve seu início com a construção de São Petersburgo, pois a Rússia antiga, antes da primazia de Moscou, também possuía dois pólos: Kiev, ao sul, e Nóvgorod, ao norte. O bicentrismo é uma característica essencial da identidade

russa e representa um modelo universal da cultura humana por estar presente nas principais oposições arquetípicas, como o Bem e o Mal, o Direito e o Esquerdo, o Homem e a Mulher, Deus e o Diabo e assim por diante. Não é por acaso que, como veremos por meio da análise do tema de Moscou e São Petersburgo nas obras mais importantes da literatura russa, que a contraposição cultural das duas cidades definiu-se e agravou-se justamente no século XIX, quando se iniciou o desenvolvimento de um olhar crítico da Rússia sobre si mesma.

Dessa forma, o objetivo desse trabalho é responder até que ponto realmente existe a oposição entre as duas capitais, já que elas representam as duas faces da mesma cultura. Seria possível estudar o texto de Moscou de modo separado do texto de São Petersburgo? Ou os dois textos só podem existir em simbiose?

O fato de que o texto de ambas as cidades representa o mesmo fenômeno foi aprofundado no decorrer do século XX, quando houve uma espécie de inversão de papéis: São Petersburgo transferiu suas características de cidade governamental, “fria” e burocrática para Moscou e tirou dela o título de capital cultural, centro da oposição ao governo. Assim, o presente trabalho consiste em três partes principais:

1. Abordagem teórica do conceito de texto de Moscou;
2. Análise histórico-cultural das relações entre Moscou e Petersburgo;
3. Tradução das obras mais representativas que dizem respeito ao texto de Moscou, pertencentes aos séculos XVIII-XIX, visto ser esse o período de formação da oposição entre Moscou e Petersburgo.

As obras de Mikhail Bakhtin¹, bem como a de Iúri Lótman,² foram de grande utilidade para a análise do conceito de texto no sentido geral. Os principais mitos arquetípicos que compõem o texto de Moscou, utilizados neste trabalho, encontraram descrição nos livros de Eleazar Meletínski³ e Mircea Eliade.⁴ Já a interação entre a cidade, a literatura e a cultura humana em geral foi estudada a partir de textos do renomado escritor e crítico literário uruguaio Angel Rama⁵, do urbanista norte-americano Kevin Lynch⁶ e do filólogo russo Dmítri Likhatchiov⁷

Na Rússia, diversos autores dedicaram seus estudos ao problema das relações culturais entre Moscou e Petersburgo. Entre eles, pode ser destacado Nikolai Antsíferov, que, na segunda década do século XX lançou vários livros⁸ destinados à imagem de São Petersburgo na cultura russa. Já Vladimir Toporov e Iúri Lótman podem ser apontados como criadores do conceito de texto de São Petersburgo que, consequentemente, gerou outra expressão que representa a base da presente pesquisa: o

¹ BAKHTÍN, Mikhail. “O problema do texto”. In: *Estética da criação verbal*. S. Paulo, Martins Fontes, 1997. P. 327-358.

² LÓTMAN, Iuri. “O problema do texto” (Probléma tiéksta). “Palestras sobre a poética estrutural” (Liéktssii pó struktúrálnoi poétike). In: Iu. M. Lótman e a escola semiótica de Tártu-Moscou (Iu.M.Lótman i Tártussko-moskóvskaja semiotícheskaia chkola). Moscou, 1994. P. 203; LÓTMAN, Iuri. “A estrutura do texto artístico” (Struktúra khudójestvennogo tiéksta). Isskustvo, Moscou, 1970. p. 343; LÓTMAN, Iúri. “O texto como mecanismo gerador de sentidos” (Tiékst kak smysstoporojdáiusheie ustróistvo). In: *Semiosfera*. São Petersburgo, Iskustvo – SPB, 2001. P. 156 ; LÓTMAN, Iúri. “O texto como um problema semiótico” (Tiékst kak semiotícheskaia problema). In: *História e tipologia da cultura russa* (Istória i tipológuia rússkoi kultúry). São Petersburgo, Iskustvo – SPB, 2002. P. 158-221.

³ MELETÍNSKI, Eleazar. *Os arquétipos literários*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, Homero Freitas de Andrade e Arlete Cavaliere. Ateliê Editorial, São Paulo, 1998.

⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

⁵ RAMA, Angel. *A cidade das letras*. Editora Brasiliense, 1985.

⁶ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade* (Óbraz góroda). Moscou, Stroiizdat, 1982.

⁷ LIKHATCHIOV, D. “A cidade na terra” (Górod na zemlié). In: *O livro das inquietações. Artigos, conversas, memórias*. (Kniga bespokóistv. Statii. Bessiédy, vospominánia). Moscou, Novosti, 1991.

⁸ ANTÍFEROV, Nikolai. *A alma de Petersburgo* (Duchá Peterburga). São Petersburgo, Brokgauz – Efron, 1922; ANTÍFEROV, Nikolai. *A Realidade e o mito de Petersburgo* (Byl i mif Peterburga). Petrogrado, Brokgauz – Efron, 1924; ANTÍFEROV, Nikolai. *O livro sobre a cidade* (Kniga o górode). Moscou, Brokgauz – Efron, 1926.

texto de Moscou. Os trabalhos desses pesquisadores⁹ serviram de fundamento teórico para o trabalho aqui apresentado.

A maioria dos estudiosos do tema concorda com o fato de que o texto de São Petersburgo é muito mais fácil de ser percebido, extraído e analisado do que o texto de Moscou. O estudo da questão da contraposição entre as duas capitais foi continuado por pesquisadores como Serguei Nekliúdob¹⁰, Konstantin Issúpov¹¹, Nina Miédnis¹², entre outros, cujas conclusões foram incluídas neste trabalho. Nos últimos dez anos foram publicadas três coletâneas dedicadas ao texto de Moscou: *Moscou e o texto de “moscovita” da cultura russa* (1998)¹³, *Moscou na literatura russa e mundial* (2000)¹⁴ e *Moscou e o texto de Moscou na literatura russa e no folclore* (2004)¹⁵, fato que expressa, entre outras coisas, que o interesse pelo tema é bastante intenso e que o assunto está longe de ser esgotado.

No Brasil a correlação cultural entre Moscou e São Petersburgo é praticamente desconhecida. Existem apenas as traduções de alguns livros que abordam o tema, como,

⁹ TOPOROV, Vladimir. *O Texto de São Petersburgo da literatura russa* (Peterbúrgskii tekst rússkoi literatúry). São Petersburgo, Iskustvo, 2003; LÓTMAN, Iúri. “A simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade” (Simvólíka Peterburga i problemy semiótiki góroda) In: *História e tipologia da cultura russa* (Istoria i tipológuia rússkoi kultury). São Petersburgo, Iskustvo, 2002. P. 208-221.

¹⁰ NEKLIÚDOV, Serguei. “O Corpo de Moscou. A questão da imagem da “cidade-mulher” na literatura russa” (Tielo Moskvý. K vopróssu ob óbraze “jiénshiny-góroda” v Rússkoi literatúre). In: *O corpo na Cultura russa* (Tielo v rússkoi kultúre). Moscou, NLO, 2005.

¹¹ IUSSÚPOV, K. “O diálogo das capitais no movimento histórico” (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). In: *Pro et Contra Moscou – Petersburgo* (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), Moscou, RGKHI, 2000.

¹² MIÉDNIS, N.E *Super textos na literatura russa* (Sverkhtíeksty v rússkoi literature). Novossibirsk, NGPY, 2003.

¹³ Coletânea *Moscou e o texto “moscovita” da cultura russa* (Moskvá i “moskóvski tiekst” rússkoi kultúry). Moscou, RGGU, 1998.

¹⁴ Coletânea *Moscou na literatura russa e mundial* (Moskva v russkoi i mirovoi literature). Moscou, Nasledie, 2000.

¹⁵ Coletânea *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore* (Moskvá i “moskóvskii tiekst” v rússkoi literatúre i folklóre). Moscou, MGPU, 2004.

por exemplo, *Petersburgo*, de Solomon Vólkov¹⁶ e *Tudo que é sólido desmancha no ar*, de Marshall Berman¹⁷.

Na literatura, o tema de Moscou e de São Petersburgo surge de dois modos diferentes. No primeiro grupo de textos, a cidade de Moscou ou de São Petersburgo é um pano de fundo para a elaboração do enredo; assim acontece, por exemplo, nas obras de Aleksandr Púchkin (*Evgueni Oniéguin*, *O cavaleiro de Bronze* e *A Dama de espadas*), Nikolai Gógol (*Avenida Niévski*), Fiódor Dostoiévski (*Noites Brancas* e *Crime e Castigo*), Liev Tolstói (*Guerra e paz* e *Anna Kariênina*), Mikhail Bulgákov (*Mestre e Margarida*) e muitos outros autores de várias épocas e tendências literárias. Já no outro grupo de textos, os autores analisam o próprio fenômeno de oposição das duas cidades, ou seja, neles Moscou e São Petersburgo não representam o palco de uma narrativa e sim o seu objeto. Assim são representadas as obras de Mikhail Scherbátov (*Petição de Moscou referente ao seu esquecimento*), Mikhail Liérmontov (*Panorama de Moscou*), Nikolai Gógol (*Notas petersburguesas de 1836*), Vissarion Belínski (*Petersburgo e Moscou*), Aleksandr Herten (*Moscou e Petersburgo*). Nesse último grupo, a pesquisa aqui apresentada tem um interesse especial, pois nele está contido um olhar crítico sobre a questão que nos interessa. Por isso decidimos incluir a tradução e análise de alguns desses trabalhos no corpo da tese. Além disso, a primeira parte desse estudo será dedicada à análise de Moscou como tema não apenas de obras literárias, mas também da arquitetura, cinema e música.

Considerando o fato de que o texto de Moscou é um conceito novo e ainda em formação, bem como o grande volume de obras que dele fazem parte, a tese tem como objetivo a definição dos principais aspectos referentes ao assunto, porém não pretende

¹⁶ VÓLKOV, Solomon. *São Petersburgo, Uma história cultural*. Rio de Janeiro, Editora Record, 1997.

¹⁷ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo, Editora Schwartz Ltda, 2010.

esgotar a questão. A maioria das produções que integra o texto de Moscou não possui tradução para a língua portuguesa, ou a tradução não é direta (como, por exemplo, o caso do romance *Guerra e paz*), portanto houve necessidade de traduzir alguns dos trechos de romances ou versos que serviram de exemplos. Essas traduções não têm a aspiração de serem traduções literárias. São meramente traduções ao pé da letra, muito mais preocupadas com o conteúdo. O grande volume de textos ainda não traduzidos no Brasil ou não traduzidos diretamente representa um campo de trabalho enorme e muito interessante para os futuros tradutores.

Vale ressaltar ainda que os estudos dos textos de Moscou e Petersburgo aqui apresentados já serviram como base e para pesquisas sobre textos de outras cidades e locais, ou até sobre mesmo sobre o texto de uma cultura dentro da outra, como, por exemplo, o texto da Rússia no Brasil ou o texto do Brasil na Rússia.

CAPÍTULO I

O TEXTO DE MOSCOU: ABORDAGEM TEÓRICA

CIDADE E TEXTO

1. Texto

Atualmente, a palavra “texto” é um dos termos mais utilizados pelas ciências humanas. Ela é usada em expressões conhecidas como: “texto dentro de outro texto”, “metatexto”, “hipertexto” e “intertextualidade” e assim por diante. Porém, o próprio conceito de “texto” é extremamente amplo e variado, e diferentes autores empregam essa palavra em sentidos diversificados. Analisaremos os principais componentes relacionados à ideia de texto.

Mikhail Bakhtin, em seu livro *Estética da criação verbal* (publicado em 1979), dedicou ao conceito de texto um capítulo especial intitulado “O problema do texto”¹⁸, no qual destaca o seu caráter interdisciplinar:

O texto (oral ou escrito) como dado primário de todas essas disciplinas, e, de um modo mais geral, de qualquer pensamento filosófico-humanista (que inclui o religioso e filosófico em suas origens), representa uma realidade imediata (do pensamento e da emoção), a única capaz de gerar essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto, também não há objeto de estudo e de pensamento.¹⁹

¹⁸ BAKHTÍN, Mikhail. “O problema do texto”. In : *Estética da criação verbal*. S. Paulo, Martins Fontes, 1997. P. 327-358.

¹⁹ Idem. P. 329.

De acordo com a teoria de Bakhtin, o significado do conceito “texto” nas ciências humanas é extremamente amplo:

Se tomarmos o texto no sentido amplo de um conjunto coerente de signos, então também as ciências da arte (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) se relacionam com textos (produtos da arte). Pensamentos sobre pensamentos, emoção sobre emoção, palavras sobre palavras, textos sobre textos.²⁰

A questão do texto começou a ser estudado pela lingüística, que inicialmente compreendia o texto como um “todo artístico fixado de forma gráfica”²¹. Aos poucos, nos anos 60, esse conceito passou a ser visto de uma forma mais geral, e os limites da definição de texto foram reconhecidos como flexíveis:

Podemos analisar como texto uma poesia de um ciclo poético. Nesse caso, a sua relação ao ciclo será extratextual. É uma relação do texto às estruturas externas. Entretanto, a unidade de organização do ciclo permite, em certo nível, analisar o ciclo também como um texto. Da mesma forma, podemos imaginar o método no qual serão compreendidas como texto todas as obras de um autor escritas em um determinado período de tempo [...] Finalmente, podem existir textos como “Obra de Shakespeare”, “Herança artística da Grécia Antiga”, “Literatura inglesa” e, como uma generalização levada ao extremo, “a arte da humanidade”.²²

²⁰ Ibidem.

²¹ LÓTMAN, Iu. “O problema do texto” (Probléma tiéksta). “Palestras sobre poética estrutural” (Liéktsii pó strukturálnoi poétike). In: *Iu.M. Lótman e a escola semiótica de Tártu-Moscou* (Iu.M.Lótman i Tártussko-moskóvskaia semiotítcheskaia chkola). Moscou, Gnozis, 1994. P. 203.

²² LÓTMAN, Iu. *A estrutura do texto artístico* (Struktúra khudójestvennogo tiéksta). Moscou, Iskuststvo, 1970. P. 343.

Seria impossível tratarmos de texto sem mencionar a tríade AUTOR (produtor do texto) – TEXTO (uma obra discursiva que possui características de integridade e unidade no sentido de sua informação, comunicação e estrutura) – LEITOR (interpretador do texto). Dessa forma, o texto é um produto do autor e, ao mesmo tempo, um material para interpretação do leitor. Todos os textos são dirigidos à percepção de alguém, ou seja, todos os textos são criados para que alguém possa interpretá-los, mesmo aqueles textos que o autor cria para si mesmo (por exemplo, os diários). Nesse caso, o AUTOR e o LEITOR seriam a mesma pessoa.

Em segundo lugar, a natureza do texto consiste em um sentido que deve ser compreendido, interpretado ou decodificado. Dessa forma, a ideia de CÓDIGO faz parte do conceito de texto.

A noção de “código” foi um dos instrumentos fundamentais da Escola Semiótica de Tártu-Moscú, desenvolvida principalmente por seu líder, Iúri Lótman. No entanto, para Mikhail Bakhtin, ela se tornou um dos pontos centrais que ele criticava nos estudos semióticos e estruturais russos. Por exemplo, Bakhtin explicitamente rejeita a ideia de código, ao afirmar:

A semiótica se ocupa predominantemente da transmissão da comunicação pronta com o auxílio de um código pronto. Do discurso vivo, a comunicação, em termos rigorosos, é criada pela primeira vez no processo de transmissão e em essência não existe código nenhum.²³

Embora o conceito de código tenha sido rejeitado na teoria de Bákhtin, uma noção semelhante é expressa pela palavra “língua”:

²³ BAKHTIN, Mikhail. “Apontamentos de 1970-1971”. In: *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. P.383.

Por trás de todo texto, encontra-se o sistema da língua; no texto, corresponde-lhe tudo quanto é repetitivo e reproduzível, tudo quanto pode existir fora do texto [...] Se por trás do texto não há uma língua, já não se trata de um texto, mas de um fenômeno natural (não pertencente à esfera do signo); por exemplo, uma combinação de gritos e de gemidos, desprovida de reprodutibilidade lingüística (própria do signo).²⁴

A respeito da decodificação, Bakhtin afirma:

Um sistema de signos (ou seja, uma língua), por mais reduzida que seja a coletividade em que repousa sua convenção, sempre pode em princípio ser decifrado, isto é, pode ser traduzido noutro sistema de signos (noutra língua); por conseguinte, existe uma lógica comum a todos os sistemas de signos, uma língua potencial única, uma língua das línguas (que, claro, nunca pode tornar-se uma língua singular, uma das línguas).²⁵

Contudo, além do fato de que, por trás de cada texto, está um código ou uma língua, Bakhtin atenta para o caráter individual de cada um dos textos:

Porém, ao mesmo tempo, cada texto (em sua qualidade de enunciado) é individual, único e irreproduzível, sendo nisso que reside seu sentido (seu desígnio, aquele para o qual foi criado).²⁶

²⁴ BAKHTÍN, Mikhail. “O problema do texto”. In : *Estética da criação verbal*. S. Paulo, Martins Fontes, 1997. P. 331.

²⁵ Idem. P. 333.

²⁶ Ibidem. P. 331.

Isso nos leva à conclusão de que um texto, por ser individual, único, e irreproduzível, não poderá ser traduzido para outra língua em sua totalidade, sempre haverá algo que se perderá nessa tradução ou algo que não será compreendido por completo:

Mas um texto (diferentemente da língua enquanto sistema de recursos) nunca pode ser traduzido até o fim, pois não existe um texto dos textos, potencial e único.²⁷

Na visão de Iúri Lótman²⁸, o esquema de produção do texto pelo AUTOR e de recebimento pelo LEITOR pode ser apresentado da seguinte forma:

²⁷ Ibidem P. 333.

²⁸ LÓTMAN, Iúri. "O texto como mecanismo gerador de sentidos" (Tiékst kak smyslopороjdáiusheie ustróistvo). In: *Semiosfera*. São Petersburgo, Iskusstvo – SPB, 2001. P. 156.

Dessa forma, tanto Bakhtin quanto Lótman apontam para uma possível divergência entre o comunicado inicial do AUTOR e o resultado final, recebido pelo LEITOR. Visto assim, esse processo é similar a brincadeira do “telefone sem fio”, o que gera dúvidas em relação à possibilidade geral de traduzir um texto de uma língua para outra ou, no que diz respeito ao presente trabalho, à possibilidade de apresentar completamente aos LEITORES brasileiros, o significado do texto de Moscou e Petersburgo para a cultura russa. Porém, logo após a apresentação desse esquema, Lótman aponta para um elemento invariável, presente no processo de transmissão: o SENTIDO:

Entretanto, é possível imaginarmos um sentido que permanece invariável em todas as transformações do texto. Esse sentido pode ser apresentado como um comunicado pré-textual que é realizado no texto.²⁹

Considerando o caráter invariável do SENTIDO, a possibilidade de transmissão de texto dentro da mesma cultura ou de uma cultura para outra se torna possível. No entanto, a precisão do resultado sempre será condicional.

Ainda de acordo com Lótman, o texto possui três funções principais, isto é: transmissão de conhecimentos, geração de novos sentidos (função criativa) e acúmulo da memória cultural. A primeira função é executada com maior eficácia quando os CÓDIGOS do autor e do leitor coincidem e o texto passa a ter um único sentido. A segunda função pressupõe CÓDIGOS diferentes do remetente e destinatário. Se no primeiro caso o texto deve ser transmitido do autor para o leitor sem nenhuma alteração, no segundo caso o objetivo é justamente criar divergências de interpretação. Assim,

²⁹ Idem. P. 157.

surge a ideia do TEXTO DENTRO DO TEXTO ³⁰, ou seja, quando no texto original de um autor é introduzido outro texto de outro ou do mesmo autor. Como outro exemplo de “texto dentro do texto” pode servir uma simples citação. Na literatura do século XX, principalmente na literatura pós-modernista, essas citações tomaram a forma de uma espécie de jogo com o leitor, desafiando-o a encontrar e decifrar, decodificar essas referências escondidas. É o caso, por exemplo, de romances de Umberto Eco, o qual também destacou a necessidade de que o leitor seja capaz de reconhecer os subtextos dentro do texto principal:

A compreensão do método é a condição da sua percepção estética. Uma série será entendida apenas se o espectador faz ideia de que em algum lugar existem aspas. E as aspas podem ser notadas apenas graças ao conhecimento extraliterário.³¹

A presença de um texto inserido em outro e o diálogo entre eles também é chamado de INTERTEXTUALIDADE, termo criado por Julia Kristeva em 1967³² como resposta ao conceito de Bakhtin de “romance polifônico”. Roland Barthes deu a famosa definição à ideia de intertextualidade:

Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis: os textos da cultura anterior e os textos da cultura atual. Todo texto representa um novo tecido feito de citações antigas. [...] O

³⁰ LÓTMAN, Iúri. Texto como um problema semiótico (Tiékst kak semiotítcheskaia problema). In: História e tipologia da cultura russa (Istória i tipológiia rússkoï kultúry). São Petersburgo, Iskustvo – SPB, 2002. P. 158-221.

³¹ ECO, Umberto. Inovação e repetição. Entre a estética moderna e pós-moderna. In: Filosofia da época pós-moderna (Filosofia epókhi posmoderna). Minsk, 1996. P. 67.

³² KRISTEVA, Julia. Bakhtin, palavra, diálogo, romance. In: Semiótica francesa. De estruturalismo ao pós-estruturalismo (Frantsúskaia semiótika. Ot strukturalisma k poststrukturalismu). Moscou, Labirinto, 2000.

intertexto é um campo geral de fórmulas anônimas cuja origem raramente é recuperável, de citações inconscientes ou automáticas, feitas sem aspas.³³

Com base no conceito de Bakhtin sobre texto “no sentido amplo de conjunto coerente de signos”³⁴, Iúri Lótman afirma que cultura também pode ser compreendida como um texto:

A cultura como um todo pode ser analisada como um texto. Entretanto, é muito importante destacar que é um texto de composição complexa que se divide em uma hierarquia de “textos dentro de textos” e que forma entrelaçamentos complexos de textos. Já que a própria palavra “texto” inclui a etimologia de entrelaçamento, podemos dizer que através dessa interpretação devolvemos ao conceito de “texto” o seu significado autêntico.³⁵

Assim, o texto de uma cidade (São Petersburgo, Moscou ou outra) seria um texto dentro do texto da cultura que pode ser reconhecido e decodificado por nós, leitores.

A pesquisadora N. Miédnis em seu curso “Super textos na literatura russa”³⁶ para a Universidade Estatal Pedagógica de Novossibirsk, fez uma observação muito importante a respeito da diferenciação dos termos inter-texto, hiper-texto e super texto (em russo: *sviérkhstekst*):

³³ BARTHES, Roland. Obras selecionadas: Semiótica. Poética. (Ízbrannyye raboty: Semiótica, poética). Moscou 1989. P. 418.

³⁴ BAKHTÍN, Mikhail. O problema de texto. In: *Estética da criação verbal*. S. Paulo, Martins Fontes, 1997. P. 329.

³⁵ LÓTMAN, Iúri. O texto como um problema semiótico (Tiéktst kak semiotícheskaia problema). In: História e tipologia da cultura russa (Istória i tipológuia rússkoi kultúry). São Petersburgo, Iskusstvo – SPB, 2002. P. 158-221.

³⁶ MIÉDNIS, N.E Super textos na literatura russa (Sverkhhtiéksty v rússkoi literature). Novossibirsk, NGPY, 2003.

Apesar do parentesco semântico dos prefixos *hiper-* e *super-* usados no sentido de *supra*, esses termos possuem áreas diferentes de existência. Os componentes do hiper-texto às vezes podem “não saber” nada um sobre o outro, por serem unidos em um todo apenas por meio de uma moldura textual que não os deixa dissipar-se, esparramar-se e ir parar em outras molduras. O conceito de super texto normalmente é aplicado aos textos organizados de forma centrada que por conta disso possuem um movimento centrífugo interno fortemente expresso.³⁷

Ainda de acordo com Miédnis, os conceitos de hiper-texto e inter-texto de forma alguma podem substituir o conceito de super texto, uma vez que “o primeiro está relacionado com uma liberdade estrutural inaceitável para o super texto, enquanto o segundo é estreito demais”³⁸, já que o super texto está direcionado não apenas aos outros textos verbais, mas também à esfera de cultura. Dessa forma, o super texto é composto tanto por textos verbais quanto por fatores extra-textuais. Miédnis acrescenta que “cada super texto ao mesmo tempo é um inter- e hiper-texto, porém cada inter- e hiper-texto não pode ser definido como um super texto”³⁹.

Os textos urbanos (como o texto de Moscou ou o de São Petersburgo), dessa forma, representam super textos e correspondem às principais características sugeridas por N. Miédnis:

1. Todo super texto possui um único centro semântico, um único conceito. No caso dos textos de Moscou e Petersburgo esse centro seria representado pelas respectivas cidades de Moscou e Petersburgo.

³⁷ MIÉDNIS, N.E. Super textos na literatura russa (Sverkhhtíéksty v rússkoi literature). In: <http://rassvet.websib.ru/chapter.htm?no=35>

³⁸ Idem.

³⁹ Idem.

2. Diferente do hiper-texto, que pode ser percebido a partir de qualquer um dos seus pontos, o super texto pressupõe que o leitor conheça o círculo de textos mais representativos para ele.
3. Os limites do super texto não podem ser considerados como totalmente fixos, já que eles estão abertos para o futuro: tanto o texto de Moscou, quanto o texto de São Petersburgo não estão concluídos e sim continuam o seu desenvolvimento.

Dessa forma, um super texto pode ser definido como “um complexo sistema de textos integrados que possuem uma orientação geral extra-textual e que formam uma união não fechada, marcada pela integridade semântica e lingüística”⁴⁰.

Como no caso dos textos de Moscou e São Petersburgo a cidade representa o seu centro semântico, passaremos agora à análise desse componente.

⁴⁰ Idem.

2. Cidade

O principal mito que acompanha o momento de surgimento de uma cidade é a história de como o Caos foi superado pelo Cosmos, pela ordem. De acordo com Eleazar Meletínski, autor do livro *Os arquétipos literários*:

Não se deve esquecer que, na mitologia, a própria descrição de mito é possível somente em forma de narrativa da formação dos elementos desse mundo, e mesmo do mundo com um todo. Isso é explicado pelo fato de que a mentalidade mítica identifica o começo (a origem) e a essência, por isso mesmo dinamizando e narrativizando o modelo estático do mundo. Sendo assim, o *pathos* do mito começa bastante cedo a reduzir-se à cosmicização do caos primordial, à luta, e à vitória do cosmos sobre o caos (isto é, a formação do mundo redundando, ao mesmo tempo, em seu ordenamento. Justamente esse processo de criação do mundo é o principal objeto da representação e o principal tema dos mitos mais antigos.⁴¹

Dessa forma, de um lado, o fundador da cidade obtém as características de demiurgo e de outro, como tudo que começa naturalmente terá seu fim, junto com o mito de criação nasce o mito escatológico. Sendo assim, o esquema do mito arquetípico da cidade pode ser apresentado da seguinte forma:

Esse esquema, como veremos, representa tanto a estrutura do mito de Moscou, como, em maior escala, a de São Petersburgo. Porém, se Moscou, na cultura russa, é

⁴¹ MELETÍNSKI, Eleazar. *Os arquétipos literários*, Ateliê Editorial, São Paulo, 1998. P. 38-39.

vista como uma cidade que sempre ressurgirá após uma destruição, São Petersburgo é destinada a sumir da face da terra. Esse motivo não é exclusivo da imagem de Moscou e Petersburgo, ele pode ser aplicado a várias cidades, entre as quais se destaca principalmente Veneza.

O historiador, filósofo e estudioso de religiões Mircea Eliade chama a atenção para outro aspecto importante na criação de uma cidade: uma das primeiras relações do homem e seu habitat era a sacralização do espaço ao seu redor. Tanto o homem caçador quanto o agricultor antigo veneravam a Mãe-terra, que em muitas culturas era representada por uma divindade feminina. Além disso, um dos primeiros passos de sacralização do mundo é o estabelecimento do seu Centro, do seu eixo central. Esse centro geralmente coincide com a cidade central da cultura em questão. O homem religioso tem que receber um sinal divino para reconhecer o lugar sagrado onde deverá ser construída a cidade. É por isso que em várias culturas existem lendas sobre a fundação da cidade que incluem essa “indicação divina”. Geralmente, ela é feita através da natureza, por exemplo, dos animais:

Um exemplo: persegue-se um animal feroz e, no lugar onde o matam, eleva-se o santuário; ou então se põe em liberdade um animal doméstico – um touro, por exemplo –, procuram-no alguns dias depois e sacrificam-no ali mesmo onde o encontraram. Em seguida levanta-se um altar e ao redor dele constrói-se a aldeia. Em todos esses casos, são os animais que revelam a sacralidade do lugar, o que significa que os homens não são livres para escolher o terreno sagrado, e que os homens não fazem mais do que procurá-lo e descobri-lo com a ajuda de sinais misteriosos.⁴²

⁴² ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Martins Fontes, São Paulo, 1992. P. 20.

As lendas sobre a fundação de Moscou e São Petersburgo também contêm o momento da indicação do local onde a cidade deveria ser construída por força superior. De acordo com uma das lendas mais conhecidas sobre a fundação de Moscou, em 1147 o príncipe Iúri Dolgorúki viajava de Kiev para Vladímir. De repente, no meio de um pântano ele avistou “uma enorme fera miraculosa. Ela possuía três cabeças e pelo de muitas cores... Após aparecer diante das pessoas, a fera miraculosa se dissipou como uma neblina matinal”⁴³. Quando o príncipe Dolgorúki perguntou a um filósofo grego sobre o significado dessa aparição, o questionado respondeu que nesse lugar surgiria uma grande cidade e ao seu redor se expandiria um grande reino. O pelo multicolorido significava que nessa cidade iriam se juntar pessoas de todos os povos e tribos. Nessa lenda, vale destacar que o Príncipe Dolgorúki dirigiu-se ao filósofo grego para revelar o significado da estranha aparição. Assim é traçada a ligação cultural e religiosa hereditária entre a Rússia e o Império Bizantino devido à qual Moscou seria posteriormente chamada de a Terceira Roma, depois da Roma propriamente dita e de Constantinopla. Após a cisão das igrejas católica e ortodoxa, que ocorreu em 1054, para os ortodoxos Roma deixou de ser a cidade sagrada, representação do reino de Deus na Terra. O centro da religião ortodoxa passou para Constantinopla, que foi oficialmente nomeada de Nova Roma. Esse período durou até a conquista de Constantinopla pelos turcos, em 1453. Um século depois desse acontecimento, na Rússia surgiu a ideia de que Moscou seria a Terceira Roma. Ainda voltaremos a falar sobre esse assunto mais adiante.

Segundo as lendas sobre a fundação de São Petersburgo, a primeira pedra da nova cidade foi colocada por Pedro e durante o seu assentamento sobre o local pairava

⁴³ MURAVIÓV, V. B. Lendas e histórias verídicas de Moscou [acho que tem que ter aspas ou itálico] (Moskóvskie predánia i býli). Moscou, 1988. P. 5-14.

uma águia. O fato de ser uma águia também é simbólico já que esse pássaro, presente no brasão da Rússia⁴⁴, simboliza todo o país.

Ainda de acordo com Eliade, a sacralização de um espaço através da fundação, por exemplo, de uma cidade, automaticamente divide o mundo em “nosso” e “alheio”, em “Cosmos” e “Caos”. O “nosso mundo” já está consagrado, enquanto o “alheio” é percebido como diabólico, como o mundo da morte, o mundo do além. Esse momento explica por que o desejo de Pedro, o Grande de transferir a capital da “sacralizada” Moscou para a nova cidade de São Petersburgo, concebida como uma réplica das cidades europeias (e, portanto, alheias), foi tão rejeitada pelo povo russo.

Para uma consciência religiosa, depois de instalar-se em um território novo, é necessário consagrá-lo. Os povos antigos fixavam na terra conquistada um pilar sagrado que simbolizava o centro do universo, uma espécie de “umbigo do mundo”, que ligava esse local com o mundo dos deuses. Quando foram conquistadas as terras onde se planejava construir São Petersburgo, o Imperador Pedro ordenou a construção da Fortaleza de Pedro e Paulo. Por um lado se mostrava como uma edificação militar cujo objetivo era o de proteger as terras de possíveis pretensões de “proprietários” antigos, os suecos. Por outro lado, era uma forma de sacralização do espaço recém-conquistado. Assim, os russos obtiveram o novo centro do universo: a cidade de São Pedro.

Os templos também podem representar o centro do universo. Eles servem de conexão com o mundo divino; e indo mais além, os templos representam o modelo do mundo dos deuses:

⁴⁴ No brasão do Império Russo e da Rússia moderna está apresentada uma águia de duas cabeças. Esse símbolo veio para a Rússia do Império Bizantino, trazido por Sofia Paleolog, esposa de Ivan III, que provinha de uma família de imperadores bizantinos. A águia representa o poder real. O fato de que ela possui duas cabeças simboliza a atenção com a qual o governador olha para ambos os lados do seu país. Porém, no contexto da Rússia é possível supor que a águia olha tanto para o Oriente quanto para o Ocidente.

Lembremos a essência do problema: se o Templo constitui uma *imago mundi*, é porque o Mundo, como obra dos deuses, é sagrado. Mas a estrutura cosmológica do Templo permite uma nova valorização religiosa: lugar santo por excelência, casa dos deuses, o Templo re-santifica continuamente o Mundo, uma vez que o representa e o contém ao mesmo tempo. Definitivamente, é graças ao Templo que o Mundo é re-santificado em sua totalidade. Seja qual for seu grau de impureza, o Mundo é continuamente purificado pela santidade dos santuários.⁴⁵

Em Moscou, esse Templo poderia ser a Catedral de Anunciação no Krémelin (primeira catedral feita de pedra em Moscou) ou a Catedral do Manto da Nossa Senhora, conhecida popularmente como São Basílio, na Praça Vermelha. Não é por acaso que ela é o cartão de visita de Moscou, tanto para os estrangeiros quanto para os russos. Através da Catedral a cidade inteira fica, nas palavras de Eliade, “re-santificada”. Assim, Moscou adquire características de uma cidade sagrada, herdeira de Jerusalém, representação do Paraíso na Terra:

A basílica cristã, e mais tarde a catedral, retoma e prolonga todos esses simbolismos. Por um lado, a igreja é concebida como imitação da Jerusalém celeste, e isto desde a antiguidade cristã; por outro lado, reproduz igualmente o Paraíso ou o mundo celeste.⁴⁶

Como podemos observar, tanto São Petersburgo quanto Moscou possui, para o povo russo, traços de uma cidade sagrada e Centro do Universo, porém, São Petersburgo, devido ao fato de ter sido criada em terras alheias, com o objetivo de copiar os costumes estrangeiros adquiriu, na consciência popular, características de um

⁴⁵ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Martins Fontes, São Paulo, 1992. P. P.34.

⁴⁶ Idem. P. 35.

local amaldiçoado. Moscou, pelo contrário, preservou o seu perfil de herdeira de Jerusalém, Roma e Constantinopla.

Já na opinião de Angel Rama, as cidades surgiam ao longo dos séculos e em detrimento dos avanços da civilização como um sonho de ordem que nascia e crescia de acordo com novas distribuições de espaço, que enquadrava um novo modo de vida, um espaço delimitado estabelecido por um projeto que não objetivava apenas organizar os homens dentro de uma paisagem repetida, mas, como menciona Angel Rama em seu livro *A cidade das Letras*:

Adaptar dura e gradualmente a um projeto que, como tal não escondia sua consciência racionalizadora..., pois também requeria que fossem moldados com destino a um futuro, do mesmo modo sonhado de forma planificada, em obediência às exigências colonizadoras, administrativas, militares, comerciais, religiosas, que se iriam impondo com crescente rigidez.⁴⁷

O espaço no qual se forma uma cidade ganha formas, estilo, inserção de uma realidade normalmente trazida de algum modelo urbano de duração secular. Porém nem sempre, ou, melhor dizendo, quase nunca, as novas cidades eram formadas em terras virgens, nunca antes habitadas; tal fato levava ao conflito de valores entre habitantes antigos e os recém-chegados, normalmente mais fortes, e melhor estruturados. Um dos melhores exemplos disso foi o processo de colonização da América do Sul.

⁴⁷ RAMA, Angel. *A cidade das letras*, Editora Brasiliense, 1985, P.23.

Uma vez estabelecidas em um espaço físico, as sociedades oriundas de modelos urbanos passam a reger o espaço geométrico por intermédio de uma razão ordenadora, social e hierárquica. Para que tal disciplina funcionasse era indispensável a ordem dos signos, um projeto racional prévio e, ainda, segundo Rama:

É próprio do poder necessitar de um extraordinário esforço de ideologização para se legitimar, quando se despedaçarem as máscaras religiosas, construirá opulentas ideologias substitutivas... A palavra máxima para todo esse sistema é a palavra ordem... ativamente desenvolvida pelas três maiores forças institucionalizadas (a igreja, o Exército e a Administração).⁴⁸

Estabelecida a ordem social, o acordado deve se consolidar em uma realidade física. Nas palavras de Rama:

O desenho urbanístico prévio mediante linguagens simbólicas da cultura sujeitas à concepção racional... devia ser orientado pelo resultado que se haveria de obter no futuro... um futuro que ainda não existe..⁴⁹

O desenho urbanístico se baseava muito nas linguagens matemáticas aplicadas na geometria analítica, claro que respeitando os limites naturais estabelecidos pelos recortes territoriais.

Em relação às duas capitais russas, é possível dizer que o desenho urbanístico delas também foi pre determinado pelas condições geográficas e pela ordem, desejo de organizar o espaço. Assim, Moscou hoje possui uma forma circular composta por vários

⁴⁸ Idem. P. 26.

⁴⁹ Idem. P. 27

anéis, por eles repetirem o formato da sua mais antiga construção: o Kremlin e as muralhas que protegiam a cidade.

No entanto, de acordo com Angel Rama, a ordem social se faz muito mais importante do que a realidade física, pois a ordem deve assegurar o funcionamento do espaço físico:

A ordem deve ser estabelecida antes mesmo de que a cidade exista, para impedir assim toda futura desordem... Uma cidade, previamente a sua aparição na realidade, devia existir em uma representação simbólica que obviamente só podia assegurar os signos: as palavras que traduziam a vontade de edificá-la na aplicação de normas e, subsidiariamente, nos diagramas gráficos que as desenhavam nos planos... na imagem mental que desses planos tinham os fundadores... Pensar a cidade competia a esses instrumentos simbólicos que estavam adquirindo sua pronta autonomia, que os adequaria ainda melhor às funções que lhes reclamava o poder absoluto.⁵⁰

O conceito de ordem é profundamente ligado à história de São Petersburgo. Diferente de Moscou, a capital do norte não surgiu naturalmente de um pequeno povoado. Ela foi minuciosamente projetada por Pedro, o Grande com o objetivo muito claro de ser uma nova capital para um novo Império. Com a construção de São Petersburgo, é como se o Imperador recusasse o passado tradicional e atrasado e proclamasse o futuro: a Rússia deveria tornar-se um grande país europeu.

A ideia de ordem que vence o caos refletiu-se nas ruas e avenidas retas de São Petersburgo, todas paralelas e perpendiculares:

⁵⁰ Idem. P. 29

Com o tempo sobre todas as inclusões de classicismo renascentista, estilo imperial, gótico, e barroco; nos volumes de espaço de Petersburgo ergueu-se o princípio pan-ótico: visibilidade, uniformidade topológica e necessidade geométrica, ou seja, o princípio imperial de controle e governo monárquico de todos os segmentos da realidade estatal a partir de qualquer um dos seus pontos.⁵¹

Essa ordem, no entanto, entra em conflito com a natureza, para a qual não existem linhas retas e perfeitamente geométricas. Assim, por exemplo, a Avenida Niévski curiosamente começa e termina no rio Nevá. O eterno conflito entre o desejo humano de organizar o “caos” da natureza marcou toda a história da cidade de São Pedro:

... A estrutura presente na base de Petersburgo, como resultado de uma síntese da natureza e da cultura... e que está de maneira implícita no texto de São Petersburgo, é... complexa, heterogênea e polar; as suas cadeias principais não somente possuem valores distintos, como também são capazes de mudar e trocar entre si esses valores... a complexidade é determinada pelo fato de que cada um dos elementos possui... toda a somatória do significado referido em várias situações... a polaridade dessa estrutura petersburguesa está no fato de que **a natureza contraposta à cultura** não somente entra nessa estrutura..., mas se iguala a ela. Desse modo Petersburgo, como uma cidade grande, não é um resultado da vitória, de um triunfo completo sobre a natureza, mas sim um lugar onde... é realizada uma **regência dupla, da natureza e da cultura.**⁵²

⁵¹ ISSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). In: Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P.9.

⁵² TOPOROV, Vladimir, São Petersburgo e “texto de Petersburgo da literatura russa”. In: Texto de Petersburgo da literatura russa, São Petersburgo, 2003. P. 35.

Apesar das ruas planejadas que deviam possibilitar a São Petersburgo uma perfeita visibilidade, a cidade quase sempre está encoberta por uma neblina, devido ao fato da mesma ter sido construída sobre pântanos. De acordo com Vladímir Toporov, essa característica torna São Petersburgo uma cidade transparente e fantasmagórica ao mesmo tempo:

Dessa correlação [...] entre natureza e cultura surgem situações típicas petersburguesas; de um lado um caos escuro e fantasmagórico no qual não se vê nada com clareza [...] onde o existente e o não existente trocam de lugar, um finge ser o outro, misturam-se, juntam-se, provocam o observador (miragem, sonho, fantasma, sombra, sósia, reflexos nos espelhos, “diabruras petersburguesas”); de outro lado um cosmos claro e transparente, como uma união ideal da natureza e cultura, caracterizada pela lógica, harmonia, muita clareza, até clarividência.⁵³

A capital brasileira, a cidade de Brasília, inaugurada em 1960, pelo então presidente Juscelino Kubitschek, também representa a ideia de ordem. Assim como São Petersburgo, Brasília é uma cidade criada e planejada artificialmente de acordo com o Plano Piloto. Entretanto, se Petersburgo teve como seu modelo, ou melhor, modelos, várias cidades europeias, representando uma “cidade-citação”, Brasília foi concebida como uma cidade totalmente nova, cujas construções principais não imitavam outras cidades e sim encarnavam a ideia de um novo poder centralizado e de um novo país progressista. Em outras palavras, se a fundação de São Petersburgo baseava-se na ideia de copiar o modelo europeu, a criação de Brasília simbolizava uma busca por algo

⁵³ Idem. P. 41.

essencialmente autêntico e brasileiro. Esse fato refletiu-se até mesmo no nome da nova capital. Quando Pedro, o Grande criou São Petersburgo no limite do seu Império, o seu objetivo era “abrir” o país conservador para o mundo exterior. Já no caso de Brasília, temos o movimento oposto: a posição litorânea e extrema da antiga capital, Rio de Janeiro, foi negada. A nova capital foi transferida para o centro do país que corrobora ainda mais com a ideia da fundação de uma cidade autenticamente brasileira.

Se o “modelo ideal” de São Petersburgo entrou em conflito com a natureza desordenada, no caso de Brasília o conflito é entre o poder idealizado e o poder real, repleto de crimes, roubos e escândalos. Essa divergência foi refletida pela Exposição *As construções de Brasília*⁵⁴, cuja apresentação dizia:

Os trabalhos reunidos no segundo núcleo da exposição *As construções de Brasília*, por um lado, discutem o *status* da cidade como emblema da nação e, por outro, provocam uma reflexão sobre a condição atual da arquitetura e do urbanismo modernos. De representação do país do futuro, a capital passa a ser vista como palco de crises econômicas e políticas.

Desse modo, existem duas visões conflitantes de Brasília:

Brasília, 1960. Aclamado como “país do futuro”, o Brasil comemora a recém-erigida capital federal. Um mítico plano piloto modernista que marca a chegada do “país do progresso” a terras nunca antes exploradas. As fotos destacam o aspecto faraônico dos prédios que irão guardar as mais diversas instituições governamentais.

Brasília, anos 2000. As monumentais obras modernistas, carentes

⁵⁴ A exposição “As construções de Brasília” foi realizada de 28 de setembro de 2010 a 16 de janeiro de 2011 pela/na Galeria de Arte do SESI – Centro Cultural Fiesp-Ruth Cardoso.

de manutenção, são o símbolo de instituições em crise. A dimensão das obras reflete o tamanho dos escândalos protagonizados por deputados e senadores. O real significado daquele elefante modernista no centro do país é rediscutido, repensado, criticado.⁵⁵

Assim, a divergência entre as duas descrições não é apenas cronológica como também substancial: existe uma incoerência entre o plano perfeito e a sua realização. Essa característica da cidade de Brasília foi observada pelo filósofo e escritor norte-americano Marshall Berman, que a visitou em 1987:

Vista do ar, Brasília parecia dinâmica e fascinante: de fato, a cidade foi feita de modo a assemelhar-se a um avião a jato tal como aquele do qual eu (e quase todas as outras pessoas que lá vão) a vemos pela primeira vez. Vista do nível do chão, porém, do lugar onde as pessoas moram e trabalham, é uma das cidades mais inóspitas do mundo. Não caberia aqui uma descrição detalhada do projeto da cidade, mas a sensação geral que se tem – confirmada por todos os brasileiros que conheci – é a de enormes espaços vazios em que o indivíduo se sente perdido, tão sozinho como um homem na Lua.⁵⁶

Essa sensação, produzida pela aspiração à ordem e pelo desejo de organizar o caos, foi uma das principais premissas para a criação de São Petersburgo. Assim, segundo Angel Rama, o desejo pela ordem servia, entre outras coisas, “para perpetuar o poder e conservar a estrutura sócio-econômica e cultural que esse poder garantia”.⁵⁷ No entanto, o conceito de ordem que jaz na base da formação de Brasília obteve, de acordo com Berman, um efeito negativo:

⁵⁵ Citação do site: <http://www.sesisp.org.br>

⁵⁶ BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar*. São Paulo: Editora Schwartz Ltda. 2010. P. 13.

⁵⁷ RAMA, Angel. *A cidade das letras*, Editora Brasiliense, 1985, P. 32.

Há uma ausência deliberada de espaços públicos em que as pessoas possam se reunir e conversar, ou simplesmente olhar uma para outra e passar o tempo. A grande tradição do urbanismo latino, em que a vida urbana se organiza em torno de uma grande praça, é rejeitada de modo explícito.⁵⁸

Essa visão expressa por um estrangeiro ao chegar em Brasília também foi relatada por Clarice Lispector em um ensaio datado de 1962 dedicado à capital recém-criada :

Brasília é construída na linha do horizonte. Brasília é artificial. Tão artificial como devia ter sido o mundo quando foi criado. Quando o mundo foi criado, foi preciso criar um homem especialmente para aquele mundo. [...] Brasília ainda não tem o homem de Brasília. [...] Essa beleza assustadora, esta cidade traçada no ar. [...] Brasília é mal-assombrada. É o perfil imóvel de uma coisa.⁵⁹

Além da ordem arquitetônica formada por ruas e casas, as cidades também são fruto dos processos históricos e de acontecimentos, heranças, vitórias e conquistas de civilizações, glorificações, utopias, etc. No caso de Moscou, o seu surgimento refletiu o processo histórico de formação da Rússia e de sua transformação em um país com um único centro e não com vários principados, como era antes. Por outro lado, São Petersburgo foi criado como resultado de ocidentalização da Rússia.

Nas palavras de Rama, as primeiras cidades sul-americanas eram muitas vezes iniciadas como pontos isolados, cercados por culturas alheias (indígenas) e hostilidades, tendo por objetivo “educar”, muitas vezes extrapolando a polis, para o seu destino superior civilizador através do espírito religioso. Do outro lado do mundo, na Rússia, à

⁵⁸ Idem.

⁵⁹ LISPECTOR, Clarice. Visões do Esplendor. In : <http://www.urbanamente.net/blog/2009/06/19/cidades-literarias-clarice-lispector/>

Moscou era atribuído o papel messiânico de salvação do mundo através da religiosidade, enquanto São Petersburgo foi concebida com o objetivo de civilizar e educar o país.

A formação das instituições na América do Sul servia como instrumento para o estabelecimento da ordem e para a conservação das mesmas. No entanto, novamente citando Rama: “Por definição, toda ordem implica em uma hierarquia perfeitamente disciplinada.”⁶⁰ Portanto, junto com São Petersburgo nasceram os ministérios destinados a regularizar todos os aspectos da realidade russa daquele tempo, inclusive a religião. Nos moldes de formação da estrutura de cada cidade, são estabelecidos critérios de burocratização das mesmas e as relações administrativas e sociais; são leis, normas, decretos, privações, limitações, restrições, permissões, direitos, deveres, liberdade, etc. Dessa forma, as cidades, como sede da delegação dos poderes, possuíam grupos de intelectuais imbuídos da ordenação do universo de signos a serviço da ordem e da hierarquização.

O processo de “educação” passava pelo respeito, comportamento e religião. Acompanhando o desenvolvimento das cidades, os letrados se encarregam de divulgar os avanços e resultados dos processos urbanos e procedimentos burocráticos. Porém, a comunicação entre a metrópole e as sociedades, o sentimento popular, mitos e lendas referentes à formação da cidade surgem com a literatura.

Para Angel Rama, existe a cidade real (a sociedade como um todo) e a cidade letrada (seu elenco intelectual dirigente):

Visualizamos duas entidades diferentes que, como signo lingüístico, estão unidas arbitraria, forçosa e obrigatoriamente.

⁶⁰ Idem. P. 38.

Uma não pode existir sem a outra, mas sua natureza e funções são diferentes assim como são diferentes os componentes do signo. Enquanto a cidade letrada atua preferencialmente no campo das significações e inclusive as autonomiza em um sistema, a cidade real trabalha mais comodamente no campo dos significantes e inclusive os afasta dos encadeamentos lógico-gramaticais.⁶¹

No livro do escritor italiano Ítalo Calvino *As cidades invisíveis*, em uma passagem, o personagem central Marco Pólo conta a Kublai Khan sobre uma cidade chamada Tamara (que, por sinal, é uma cidade inventada, portanto invisível, assim como todas as cidades mencionadas no livro):

Os olhos não vêem coisas, mas figuras de coisas que significam outras coisas.⁶²

Porém, segundo Rama, não apenas Tamara apresenta tais características:

As cidades desenvolvem suntuosamente uma linguagem mediante duas redes diferentes e superpostas: a física, que o visitante comum percorre até perder-se na sua multiplicidade e fragmentação, e a simbólica, que a ordena e interpreta, ainda que somente para aqueles espíritos afins, capazes de ler como significações o que não são nada mais que significantes sensíveis para os demais, e, graças a essa leitura, reconstruir a ordem.⁶³

Iúri Lótman também destaca a capacidade das cidades de criar e acumular códigos e sinais a serem decifrados:

⁶¹ Idem. P. 52

⁶² CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Biblioteca Folha, São Paulo, 2003. P. 19

⁶³ RAMA, Angel. *A cidade das letras*, Editora Brasiliense, 1985, P. 53.

A cidade, como um mecanismo semiótico complexo, gerador da cultura, pode realizar essa função apenas porque representa em si um caldeirão de textos e códigos de diferentes formas e heterogêneos, que pertencem a línguas e níveis diferentes. Justamente o poliglotismo semiótico principal de qualquer cidade a torna um campo diversificado e colisões semióticas, impossíveis em outras condições, acontecem. Fazendo a junção de diferentes códigos e textos nacionais, sociais e estilísticos, a cidade realiza diferentes hibridações, codificações, traduções semióticas que a transformam em poderoso gerador de uma nova informação.⁶⁴

Assim, a cidade passa a ser vista como um texto para ser lido e interpretado de acordo com capacidade individual de cada leitor. Esse texto é refletido na cultura popular e na cultura de massas, de onde o mesmo passa para a consciência individual dos escritores e transforma-se em um tema de obras literárias.

⁶⁴ LÓTMAN, Iúri. Simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade (Simvólíka Petreburga e problémy semiótiki góroda). São Petersburgo 2002. P. 209

3. Cidade como texto

O sentido especial que as cidades ocupam na cultura humana foi destacado por Nikolai Antsíferov (1889-1958), considerado o pioneiro, na Rússia, a estudar o que hoje chamamos de “texto da cidade” (nas obras *Alma de São Petersburgo* (1923)⁶⁵, *Realidade e mito de Petersburgo* (1924)⁶⁶ e na antologia em três volumes *Livro sobre a cidade* (1926)⁶⁷:

Todos os caminhos levam à cidade. Cidades são lugares de encontros. Cidades são elos que relacionam processos econômicos e sociais. São centros que atraem várias forças por meio das quais vive a sociedade humana. Nas cidades nasceu a sempre crescente dinâmica do desenvolvimento histórico. Através delas acontece a revelação das formas culturais.⁶⁸

Em 1960 o urbanista norte-americano Kevin Lynch publicou o livro *A imagem da cidade*, no qual destacou a possibilidade de ler a cidade como se ela fosse um texto⁶⁹. Ao fazermos isso, perceberemos que nela existem “pontos dominantes”, representados pelos pontos que melhor a caracterizam. Ao aplicar esse termo a Moscou, veremos que seus principais pontos dominantes são o Kremlin e a Praça Vermelha, como também o rio Moscou e o centro histórico da capital. Os pontos dominantes da cidade criam o seu caráter individual, o que permite distinguir uma cidade da outra.

⁶⁵ ANTÍFEROV, Nikolai. *Alma de Petersburgo*, (Duchá Peterburga), São Petersburgo, 1923.

⁶⁶ ANTÍFEROV, Nikolai. *Realidade e mito de Petersburgo* (Byl i mif Peterburga), Petrogrado, 1924.

⁶⁷ ANTÍFEROV, Nikolai. *Livro sobre a cidade* (Kniga o górode), Moscou, 1926.

⁶⁸ ANTÍFEROV, N. *Livro sobre a cidade* (Kniga o górode). Petrogrado É DIFERENTE MESMO?, 1926.

⁶⁹ LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade* (Óbraz góroda). Moscou, Stroiizdat, 1982. P. 16-19.

Outro método de leitura urbana introduzido por Lynch é a “imaginabilidade”: a capacidade de reconhecer e imaginar uma cidade de acordo com os seus pontos dominantes. Para o conteúdo desse estudo, tal ideia é de extrema importância por se referir ao processo de surgimento do texto de uma cidade e aos seus elementos. Justamente a imaginabilidade de uma cidade elabora o seu texto. As ideias de Lynch criam paralelo com a imagem da cidade apresentada pelo filólogo e acadêmico Dmítri Likhatchiov.⁷⁰ Nela, Likhatchiov explica o processo de formação da imagem de uma cidade. Em primeiro lugar, o autor destaca o papel do conceito de *skyline*, cujo significado é diferente da palavra “horizonte”:

Os ingleses têm o conceito de *skyline*. Não é horizonte. O horizonte, normalmente, é uma linha muito longínqua onde se juntam o céu e a estepe, o céu e a água do mar ou de um grande lago. *Skyline* é uma silhueta com o céu ao fundo, uma linha onde se unem o céu e as montanhas, o céu e os prédios, ou melhor, uma linha desenhada pelas montanhas ou uma série de prédios com o céu ao fundo. Assim, por exemplo, os ingleses dizem “*Thameside skyline*”: uma linha de silhuetas de prédios ao longo do rio Tâmisa.⁷¹

Aplicado a Moscou e Petersburgo, esse conceito apresenta resultados importantes. A cidade de São Petersburgo é praticamente plana, enquanto Moscou é situada nas colinas, embora, do ponto de vista da topografia brasileira, a elevação dessas colinas parece bastante relativa. No entanto, essa diferença levou à percepção de Moscou como uma cidade tumultuada e na encruzilhada. Muitas de suas ruas

⁷⁰ LIKHATCHIOV, D. A cidade na terra (Górod na zemlié). In: O livro das inquietações. Artigos, conversas, memórias. (Kniga bespokóistv. Statii. Bessiédy, vospominánia). Moscou, Novosti, 1991. P. 392-430.

⁷¹ Idem. P. 398.

acompanham o relevo natural e por isso são curvas o que causa nos visitantes da cidade uma sensação de “labirinto” sem lógica nenhuma⁷². Ou seja, Moscou é uma cidade natural que se adaptou às condições topográficas pré existentes. Já Petersburgo, famosa por suas ruas e avenidas retas que proporcionam à cidade uma perfeita visibilidade (quando as condições climáticas são favoráveis), é o resultado do raciocínio humano, da ideia cultural.

Outro traço da composição da cidade são os seus componentes, bairros e lugares mais representativos (“pontos dominantes”):

Ao estudar a imagem da cidade, não podemos esquecer que ela é composta pelas imagens de seus bairros. Em Leningrado o centro, a ilha de Vassílievski, o bairro da antiga Kolomna, Výborgskaia, Petrográdskaia, etc, também se preservam em sua integridade e singularidade.⁷³

Os principais pontos dominantes de Moscou são o Kremlin e a Praça Vermelha, porém há outros que variam de acordo com a época ou percepção pessoal. Na época soviética, na paisagem moscovita predominavam os sete arranha-céus construídos durante o governo de Stálin. Atualmente surgiram os novos símbolos da Moscou moderna: por exemplo, a Catedral do Cristo Salvador, reconstruída, e o centro de negócios Moskvá-city.

Não apenas a parte visual forma a imaginabilidade de uma cidade, como também a imagem histórica e até mesmo sonora: o som dos navios, orquestras, veículos, entre

⁷² VESSELÓVA, I. S. A lógica da confusão moscovita (Lógika moskóvskoi pútáitsy) In: *Moscou e o texto “moscovita” da cultura russa (Moskvá i “moskóvski tiekst” rússkoí kultúry)*. Moscou, RGGU, 1998. P. 98-118.

⁷³ LIKHATCHIOV, D. A cidade na terra (Górod na zemlié). In: *O livro das inquietações. Artigos, conversas, memórias. (Kniga bespokóistv. Statii. Bessiédy, vospominánia)*. Moscou, Novosti, 1991. P. 402.

outros. Assim, um dos símbolos mais importantes de Moscou é o tocar do seu principal relógio, situado em uma das torres de Krémelin, chamado Kuránty.

Em termos gerais, Likhatchiov propõe analisar a imagem da cidade em dois planos:

A imagem da cidade aparece diante de nós em dois aspectos: no aspecto de sincronia (imagem externa como um fato visual) e no aspecto de diacronia (a sua percepção como uma história, como constituição da cultura e assim por diante).⁷⁴

Embora nos seus trabalhos Likhatchiov não utilize o conceito de “texto” e sim de “imagem”, a sua contribuição para criação e consolidação da ideia de texto urbano é muito valiosa. O conceito propriamente dito de “cidade como um texto” surgiu dentro da escola semiótica de Tártu-Moscou, da qual faziam parte Viatchesláv Ivánov, Iúri Lótman, Borís Uspiénski, Vladímir Toporov, entre outros. Esses cientistas “de diferentes idades, especialidades e convicções puderam formar uma comunidade científica em grande parte graças à força unificadora da personalidade de Iúri Lótman”.⁷⁵ A escola de Tártu-Moscou era herdeira do formalismo e contemporânea do estruturalismo e pós-estruturalismo ocidental, cujos emblemáticos representantes, Julia Kristeva e Roland Barthes, foram supramencionados:

A maior parte dos que escrevem sobre a Semiótica soviética no Ocidente toma como ponto de referência o Formalismo Russo, do qual os atuais semioticistas seriam os continuadores diretos [...]; os russos tiveram como precursores de uma visão estrutural das Ciências Humanas os grandes filólogos Aleksandr Viesselóvski

⁷⁴ Idem. P. 407.

⁷⁵ TOROP, Peeter; Escola de Tártu como escola. Coletânea de Lótman. (Tártuskaia shkola kak shkola”, Lótmanovskij sbornik, Moscou, 1995.

(1838-1906) e Aleksandr Potiebníá (1835-1891), que igualmente foram os precursores do Formalismo Russo; após o qual, estabeleceu-se o Formalismo propriamente dito (1914-1930), cortado abruptamente por um ato de força do stalinismo; e, a partir da década de 1960, desenvolve-se a escola dos seus continuadores, os atuais semioticistas soviéticos.⁷⁶

Uma das principais características da escola de Tártu-Moscou era o caráter interdisciplinar das suas pesquisas. Assim, através da miscigenação de estudos literários, culturais, históricos, arquitetônicos e sociológicos nasce e se desenvolve a análise da semiótica urbana que posteriormente seria nomeada “texto da cidade”.

A palavra “texto” em relação à cidade, mais precisamente a São Petersburgo, foi utilizada pela primeira vez por Vladimir Toporov, em 1973, no ensaio intitulado “Sobre a estrutura do romance de Dostoiévski em relação aos esquemas arcaicos do pensamento mitológico”⁷⁷. Posteriormente, em 1975, o conceito foi repetido no artigo “Sonhos de Blok e o ‘texto de São Petersburgo’, do início do século XX”⁷⁸ (Timénchik R.D, Toporov V.N, Tsivian T.V), e mais tarde foi desenvolvido no trabalho que se tornou o mais conhecido sobre o tema: “Petersburgo e o texto de São Petersburgo na literatura russa”⁷⁹. O conceito tornou-se extremamente popular nos estudos literários soviéticos e russos e gerou trabalhos sobre o texto de Moscou e outras cidades e localidades cujas referências podem ser encontradas no corpo dessa tese. Iúri Lótman desenvolveu a ideia de texto de São Petersburgo em seu ensaio “Simbologia de São

⁷⁶ SCHNAIDERMAN, Boris. *Semiótica Russa*, ed. Perspectiva, São Paulo, 1979. P. 9.

⁷⁷ TOPOROV, Vladimir. Sobre a estrutura do romance de Dostoiévski em relação aos esquemas arcaicos do pensamento mitológico (O struktúre romana Dostoiévskogo v sviaí s arkhaícheskimi skhiémami mifologuítcheskogo mychliénia). In: *Mito, ritual, símbolo, imagem (Mif, ritual, símvol, óbraz)*. Moscou, 1995. P. 193-258.

⁷⁸ TIMIÉNCHIK R.D, TOPOROV V.N, TSIVIÁN T.V. Os sonhos de Blok e o ‘texto de São Petersburgo’ do começo do século XX (Sny Bloka i “peterburgski tekst” natchala XX veka). In: *Teses da conferência soviética “A obra de A.A.Blok e a cultura russa do século XX”(Tvórtchestvo A.A.Bloka i rússkaia kultúra XX veka)*, Tártu, 1975. Pág. 129-135.

⁷⁹ TOPOROV, Vladímir. *O texto de São Petersburgo da literatura russa (Peterbúrgskii tekst rússkoi literatúry)*, São Petersburgo, 2003.

Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade”⁸⁰, escrito em 1984. A análise e a tradução dos ensaios “Petersburgo e o texto de São Petersburgo na literatura russa” de V. Toporov e “Simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade” de Iu. Lótman, imprescindíveis para o estudo do papel de São Petersburgo e Moscou na literatura e cultura russa, foram apresentadas na Dissertação de Mestrado intitulada “Texto de São Petersburgo na literatura russa”.

Embora exista um número significativo de trabalhos dedicados ao problema do texto urbano, não há uma definição consolidada desse termo. No início do seu ensaio, Vladímir Toporov menciona o surgimento do termo “texto de São Petersburgo” e o seu significado:

A primeira coisa que salta aos olhos diante da análise de textos concretos que formam o texto de Petersburgo... é a proximidade surpreendente das diversas descrições de Petersburgo tanto de um, quanto de vários autores... Entretanto, essa uniformidade das descrições de Petersburgo criadora das primeiras condições preliminares de formação do texto de São Petersburgo pelo visto não pode ser explicada por completo nem pela tradição de descrição de Petersburgo que se formou na literatura, nem pelo fato de que se trata do mesmo objeto, e que pessoa que a descreva usa os clichês que estão a sua disposição... Provavelmente, as condições preliminares da formação do texto de São Petersburgo devem ser complementadas por algumas outras para que o texto se torne realidade... A principal dessas condições é a consciência... da presença em Petersburgo de algumas essências mais profundas,

⁸⁰ LÓTMAN, Iúri. Simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade (Simvólka Peterburga i problemy semiótiki góroda) In: História e tipologia da cultura russa (Istoria i tipológua rússkoi kultury), São Petersburgo, 2002, P. 208-221.

estruturas que determinam, de maneira cardeal, a conduta dos personagens...⁸¹

Se ampliarmos o conceito de “texto da cidade”, englobando não apenas a literatura, mas a cultura em geral, ele pode ser definido como uma “passagem *a realibus ad realiora*, uma transformação da realidade material em valores espirituais”⁸². Porém, os elementos que compõem o texto (as obras literárias, as pinturas, as criações arquitetônicas) devem ser reunidos por meio de um único núcleo semântico, uma ideia, ou, nas palavras de V. Toporov, “uma solidez semântica”⁸³. Dessa forma, o texto de uma cidade seria a sua imagem cultural expressa em várias obras de diferentes autores e dotada de uma solidez semântica.

Além das pesquisas de Toporov e Lótmán, a imagem da capital do Norte foi analisada por crítica literária Zara Mints (1927-1990), que destacou o papel decisivo que os simbolistas russos desempenharam na solidificação do texto de Petersburgo. De acordo com a pesquisadora, para os simbolistas russos, representantes de uma forte corrente literária do final do século XIX – início do século XX, “a realidade era dotada de propriedades do texto artístico”, ou seja, acontecia uma “mitologização do mundo”⁸⁴ ao redor. Essa tendência de criar e recriar os mitos na vida real não podia deixar de considerar uma cidade tão mitogênica como São Petersburgo. Embora quando os simbolistas começaram a atuar a imagem da cidade de São Petersburgo na literatura russa já estivesse bastante consolidada, Z. Mints afirma:

⁸¹ TOPOROV, Vladímir, São Petersburgo e “o texto de Petersburgo da literatura russa” //O texto de Petersburgo da literatura russa, São Petersburgo, 2003, págs 25-27.

⁸² Idem. P. 21.

⁸³ Idem.

⁸⁴ MINTS, Z.G. O conceito de texto e a estética simbolista (Poniátie tiéksta e simvolístskaia estétika). In: <http://www.ruthenia.ru/mints/papers/poniatie.html>

De certo modo é possível dizer que foi justamente o simbolismo que transformou (ao “impor”, de forma artística, essa sensação ao leitor e posteriormente aos pesquisadores) a herança bastante heterogênea do século XIX no “texto de Petersburgo”⁸⁵.

Dessa forma, ao citar as obras sobre São Petersburgo e ao destacar o seu núcleo semântico os simbolistas chamaram a atenção para esse fenômeno e também podem ser considerados criadores e estudiosos de texto de São Petersburgo. Eles também destacaram os principais pontos semânticos da cidade, tais como o monumento a Pedro, o Grande e o rio Nevá.

Embora a maioria das pesquisas citadas acima pareça focar a cidade de São Petersburgo, na verdade, trata-se de uma correlação entre a nova capital e Moscou, como mostraremos ao longo desse trabalho.

Provavelmente, o tema de duas cidades opostas surgiu pela primeira vez na literatura na obra de Santo Agostinho *A cidade de Deus*, na qual o autor descreve toda a história da humanidade como coexistência da Cidade de Deus e Cidade Terrestre. De acordo com Vladímir Toporov⁸⁶, a correlação entre as duas cidades é própria não apenas à cultura russa como também à cultura mundial, na qual sempre existiam dois tipos urbanos: “cidade-virgem” e “cidade-pecadora”. Essa dualidade representa uma característica da cultura geral: (O bem e o mal, o masculino e o feminino, etc.). Em relação ao espaço urbano, essa dualidade refletiu-se nas cidades arquetípicas da Babilônia (“cidade-pecadora”) e Jerusalém (“cidade-virgem”).

⁸⁵ MINTS, Z.G. “O texto petersburguês” e o simbolismo russo. (“Peterbúrgskii tiékt” i rússkii simvolism). In: <http://www.ruthenia.ru/mints/papers/pbtekst.html>

⁸⁶ TOPOROV, Vladímir. Texto da “cidade-virgem” e “cidade-pecadora” no aspecto mitológico (Tiékt “góroda-diévy” i “góroda-bludnítsy” v mifologúitceskom aspiékte). In: Estudos sobre a estrutura do texto (Issliédovania po struktúre tiéksta). Moscou, 1987. P. 121-132.

Na consciência das pessoas que ainda ontem eram criadores de gado e agricultores existiam duas imagens, surgiram dois pólos de possível desenvolvimento dessa ideia: cidade amaldiçoada, depravada e crapulosa, cidade sobre o abismo e cidade-abismo que aguarda pelo castigo divino, e uma cidade transformada e glorificada, uma cidade nova que desceu dos céus para a terra. A imagem da primeira é Babilônia, da segunda é Jerusalém.⁸⁷

Iúri Lótman também destaca essa dualidade no ensaio “A Simbologia de Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade”. Ele classifica as cidades em concêntricas e excêntricas:

A posição concêntrica da cidade no espaço semiótico, geralmente, está relacionada à imagem da cidade sobre a montanha (ou sobre as montanhas). Tal cidade se apresenta como mediadora entre a terra e o céu; ao redor dela concentram-se mitos do tipo genético (na sua fundação, geralmente, participaram os deuses); ela tem início, mas não tem fim. É uma “cidade eterna”.

A cidade excêntrica está localizada “na extremidade” do espaço cultural: às margens do mar, na foz do rio. Aqui, é atualizada não a antítese “terra-céu”, mas a oposição “natural-artificial”. Essa cidade, criada contra a Natureza, que se encontra em guerra com ela, nos dá uma possibilidade ambígua de interpretação da mesma: de um lado, como vitória da inteligência sobre a natureza, de outro, como uma perversão da ordem natural. Ao redor do nome de tal cidade estarão concentrados mitos escatológicos, profecias de ruínas; a ideia do irremediável e do triunfo da natureza será inseparável desse ciclo da mitologia urbana. Normalmente é um dilúvio, uma imersão no fundo do mar.⁸⁸

⁸⁷ Idem. P. 122

⁸⁸ LÓTMAN, Iúri. A simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade (Simvólíka Petreburga e problémy semiótiki góroda). São Petersburgo 2002. P. 209

Aplicada à análise das cidades de Moscou e São Petersburgo, essa contraposição representa Moscou como uma cidade celestial, a nova Jerusalém, uma cidade concêntrica, natural, mediadora entre a terra e o céu, cidade eterna (motivo do ressurgimento das cinzas). São Petersburgo por sua vez é uma cidade amaldiçoada, pecadora, que aguarda seu fim através de um castigo divino (motivos escatológicos, diluvianos), uma cidade excêntrica e artificial (Babilônia, Sodoma e Gomorra).

Dessa forma, além de Jerusalém, Moscou também pode ser relacionada à cidade de Roma através da ideia “Moscou como a terceira Roma”, sendo, portanto, uma cidade messiânica, com o papel de salvar a Rússia e o mundo através da religião ortodoxa. Porém, São Petersburgo, ao se tornar a nova capital russa, herdou de Moscou o título de “nova Roma”. Até o próprio nome de São Petersburgo remetia a cidade a São Pedro, o padroeiro de Roma. Porém, nesse caso, o contexto era um pouco diferente:

A união de dois arquétipos a uma imagem de São Petersburgo: “da eterna Roma” e da “Roma finita e condenada” (Constantinopla) criou uma caracterização ambígua à interpretação cultural de Petersburgo, de eterna e condenada simultaneamente.⁸⁹

O motivo escatológico no texto de São Petersburgo teve seu início com a decisão de Pedro, o Grande de abandonar a antiga capital e de construir a nova em um local inóspito, frio, úmido e pantanoso que, além disso, encontrava-se em um ponto extremo do país:

É preciso sentir aquele pavor sacro e a sensação de fim do mundo que causou o feito de Pedro, não apenas entre a nobreza moscovita, mas também na profundidade da psicologia popular. Aqui temos o

⁸⁹ Idem, pág. 211.

início da formação da reputação da cidade de Petersburgo como a do Anticristo, e o Anticristo atrás de Pedro.⁹⁰

Pedro, assim como a sua criação, foi visto, de um lado como tsar reformador, que trouxe civilização e cultura para o povo russo, e, de outro, como o Anticristo que foge da “sagrada” Moscou para fundar a sua cidade diabólica, já que ela será construída nos moldes europeus e não autenticamente ao modo russo e ortodoxo:

O mal estava na violação das leis da natureza, do bom senso, da vida humana [...] dessa forma, o “mau” início passará através de toda a história de Petersburgo, desde o seu começo até o seu fim... Esse “mau” início, sem dúvida, explica o tema do infernal em São Petersburgo em várias de suas variantes: satanismo, diabolismo, demonismo, diabruras...⁹¹

Desde o início, São Petersburgo foi percebido como uma criação artificial, estabelecida contra a vontade de Deus e da natureza. O povo sempre dizia que um dia a natureza se revoltaria contra a cidade e a faria desaparecer da face da Terra:

A eterna luta da força da natureza contra a cultura, representada na ideia da cidade condenada, é realizada no mito de São Petersburgo como a antítese da água/pedra. Diante disso, não é uma pedra “natural”, mas “selvagem” (não lapidada), não são rochas que se encontram em seus lugares já há muito tempo, mas sim uma pedra trazida, lapidada, “humanizada”, culturalizada. A pedra de Petersburgo é um artefato e não um fenômeno da natureza. [...] A pedra de São Petersburgo é a pedra na água, no pântano, a pedra

⁹⁰ IUSSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). // Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P.4.

⁹¹ TOPOROV, Vladímir, São Petersburgo e “o texto de Petersburgo da literatura russa” //O texto de Petersburgo da literatura russa, São Petersburgo, 2003. P. 47.

sem apoio, não “contemporânea à criação do mundo”, mas sim colocada pelo homem. No “quadro de São Petersburgo” a água e a pedra trocam de lugar: a água é eterna, ela existia antes da pedra e a vencerá; enquanto que à pedra são dados a temporalidade e o fator fantasmagórico. A água destruirá a pedra.⁹²

As constantes enchentes, causadas pelas cheias do rio Nevá, que castigavam a cidade desde a sua criação, levaram as vidas de muitos petersburgueses e tornaram-se tema do poema “O Cavaleiro de Bronze”, de Aleksandr Púchkin, que parecia confirmar essa condenação. De acordo com Mircea Eliade⁹³, as inundações da cidade podem ser explicadas como uma resposta à falha ritual que causou a cólera da natureza. No caso de São Petersburgo, essa falha ritual seria a própria criação da cidade contrariando as forças divinas.

Já Moscou era a encarnação da cidade celestial, protegida por Deus, eterna, que sempre ressurgiria das cinzas. Esse mito se solidificou ainda mais com a reconstrução da cidade, depois que a mesma fora queimada durante a guerra com Napoleão.

São Petersburgo, por ser uma cidade nova, criada em um local vazio, sem história e sem raízes, transformou-se em um ponto de partida para a criação de mitos:

A cidade artificial ideal, criada como realização da utopia racionalista, devia ser privada da história, já que a racionalidade “do estado regular” significava a renúncia das estruturas formadas durante a história”. “A cidade-utopia racional foi privada dessas reservas semióticas... A ausência de história levou a um crescimento intenso da mitologia. O mito preencheu o vazio

⁹² Idem. P. 211.

⁹³ ELIADE, Mircea. “Mito e realidade”, editora Perspectiva, 6ª edição, São Paulo, 2002

semiótico e a situação da cidade artificial se mostra exclusivamente mitógena.⁹⁴

Tanto os mitos relacionados à Moscou, quanto os a São Petersburgo, giram em torno da fundação da cidade e a sua história. Porém, se Moscou é vista como cidade eterna, o nascimento súbito de São Petersburgo predestinou seu inevitável fim:

É curioso que a mitologia e a escatologia petersburguesa partem de princípios analógicos. A história de São Petersburgo é vista como fechada... no início o mito conta como do caos foi formado o cosmos, do inferno... o “paraíso”, vide a Petersburgo de Pedro. O mito do fim determina não somente o tema principal da mitologia petersburguesa, mas também seu nervo secreto. Esse fim não está em algum lugar longínquo, ele está aqui e agora, pois a ideia do fim tornou-se a essência da cidade, ingressou em sua consciência... A tradição folclórica ou, mais precisamente, a “tradição popular” insistia de maneira firme no final inevitável de São Petersburgo desde a sua fundação, ou mesmo antes dela.⁹⁵

Além do mito escatológico, relacionado a São Petersburgo, e o mito sobre uma cidade eterna, ligado a Moscou, existe ainda o mito demiúrgico de ambas as cidades, que trata a respeito dos seus criadores. Os personagens principais são o príncipe Iúri Dolgorúki, fundador de Moscou, e Pedro, o Grande, que construiu a sua nova capital em um local totalmente inapropriado do ponto de vista climático e geopolítico, mas muito apropriado para alcançar o principal objetivo do Imperador: “abrir uma janela para a Europa”, transformar a Rússia em um país europeu, e, mais do que isso: em uma grande potência.

⁹⁴ Idem. P.212.

⁹⁵ TOPOROV, Vladímir, São Petersburgo e “texto de Petersburgo da literatura russa” //Texto de Petersburgo da literatura russa, São Petersburgo, 2003. P. 41-42.

As lendas concernentes à fundação de Moscou relatam que Iúri Dolgorúki assassinou o dono das terras nas quais futuramente iria surgir a referida cidade. Para o estudioso de literatura russa antiga Mikhail Odiésski, essa lenda refletiu o motivo de “sacrifício de construção”⁹⁶, obrigatório, dentro da cultura popular, para qualquer tipo de empreendimento, seja uma casa ou uma cidade. Por exemplo, na Rússia antiga, antes de se construir uma casa era necessário sacrificar nesse local um animal para agradar as divindades. Além disso, o início sangrento de Moscou a igualava à cidade de Roma, que também foi construída no lugar onde foi derramado sangue. Dessa forma, Moscou podia ser comparada a Roma, o que reforçava a ideia de Moscou como a terceira Roma. São Petersburgo também possui a fama de ser “construída sobre os ossos”, pois para erguer uma cidade em condições climáticas e geológicas tão desfavoráveis em curto período de tempo foi necessário sacrificar milhares de camponeses russos.

A figura de Pedro, o Grande, obviamente, ocupa lugar central no corpo de lendas sobre a construção da nova capital. A cidade passa a ser vista através da figura do seu criador: de um lado, ele é o “herói cultural”, uma espécie de Prometeu, e de outro, como um tirano, uma figura diabólica, um Anticristo:

O mito da “criação” de Petersburgo mais tarde foi abrangido pelo mito sobre o próprio demiurgo que aparece, de um lado, como *Genius loci*, e, de outro, como uma figura que não esgotou sua energia vital, que aparece nos momentos marcados da cidade para seu povo (o motivo da “estátua que ganhou vida”) e que atua como a voz do destino, como um símbolo único na história russa da cidade.⁹⁷

⁹⁶ ODIÉSSKI, M.P. Moscou – cidade de São Pedro (Moskvá – grad sviatógo Pietrá). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P.16.

⁹⁷ TOPOROV, Vladímir, São Petersburgo e “o texto de Petersburgo da literatura russa” //O texto de Petersburgo da literatura russa, São Petersburgo, 2003. P. 22-23.

Dessa forma, para São Petersburgo, a figura de seu fundador, foi extremamente mitogênica; inclusive, o próprio nome da cidade, que inicialmente estava relacionado a São Pedro, passou a simbolizar a imagem do primeiro imperador russo. Assim como Pedro, o Grande, que, por muitos era visto como herói cultural e por outros tantos como um Anticristo, a cidade de São Pedro também passou a ser percebida nessas duas dimensões: como sagrada (nova Roma) e diabólica. O mito demiúrgico de São Petersburgo trouxe consigo mais dois mitos: o cosmológico e o escatológico. Esses mitos serviram como a base do texto de São Petersburgo.

Moscou, por sua vez, não possui uma figura demiúrgica tão marcante, embora também tenha o mito de criação. Obviamente, a importância da figura de Iúri Dolgorúki para o texto de Moscou não pode ser comparada ao papel decisivo que Pedro, o Grande desempenhou em relação à imagem de São Petersburgo. O principal mito do texto de Moscou é a ideia de Terceira Roma, cidade eterna e sagrada cuja missão é conduzir a Rússia e o mundo pelo caminho que leva ao paraíso. Embora Moscou também possua mitos cosmológicos e escatológicos, eles podem ser caracterizados como secundários.

Além disso, tanto Toporov, quanto Lótman destacam o caráter teatral e fantasmagórico de São Petersburgo. É um espaço onde tudo é possível, tudo pode acontecer. Uma cidade que surgiu de um dia para o outro, como se fosse um passe de mágica, torna-se palco para lendas e histórias que envolvem seres e acontecimentos absolutamente sobrenaturais que aos poucos passam para a literatura:

O estudo do material mostra que na literatura oral do salão petersburguês [...]o conto de histórias de horror e fantásticas ocupava um lugar de destaque com o indispensável “colorido” de Petersburgo... A “mitologia petersburguesa” de Gógol e

Dostoiévski apoiava-se na tradição literária oral de São Petersburgo, canonizou-a, e, junto com a tradição oral da anedota, introduziu-a ao mundo da literatura elevada.⁹⁸

É nessa cidade que é perfeitamente possível que um nariz fuja do seu dono e inicie a vida própria⁹⁹ ou que a estátua de Pedro, o Grande, de repente saia do seu lugar e comece a perseguir os petersburgueses.

Seria impossível tratar do texto de Moscou sem mencionar São Petersburgo, que muitas vezes foi comparada a uma árvore sem raiz. A sua raiz é Moscou, por representar o contexto histórico-cultural que faltava para a nova capital. De certa forma, São Petersburgo “cresceu” de dentro de Moscou, é o seu fruto e a sua continuação:

Mas, essencialmente, os fenômenos de Petersburgo e Moscou no contexto geral da Rússia, em suas diferentes fases não excluíam nem uma a nem outra, as cidades se completavam, apoiavam e intercambiavam. As diferenças entre as duas capitais decorriam não apenas de uma necessidade histórica, mas daquela p r o v i d e n c i a l i d a d e que necessitava dos dois tipos, das duas estratégias, dos dois caminhos de sua existência.¹⁰⁰

Em segundo lugar, o próprio texto foi construído na base da contraposição de duas cidades:

Falando nisso, Moscou, nesse caso, tem que ser considerada o membro líder da comparação, pois a imagem de Petersburgo no

⁹⁸ LÓTMAN, Iúri. “Simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade”. São Petersburgo 2002. P. 215.

⁹⁹ GÓGOL, Nikolai. O nariz e a terrível vingança. A magia das máscaras, por Arlete Orlando Cavaliere, Edusp, 1990.

¹⁰⁰ TOPOROV, Vladímir, São Petersburgo e “o texto de Petersburgo da literatura russa”//O texto de Petersburgo da literatura russa, São Petersburgo, 2003. P. 22-23.

“texto de São Petersburgo” se forma, em muito, como um anti-modelo mitologizado de Moscou. Se trata da característica mais importante, espacial, que combina os traços de diacronia e de sincronia e que possui uma saída para as outras esferas (inclusive para a esfera ética). O espaço de Moscou (corpo) contrapõe-se a Petersburgo e seu espaço como algo orgânico, quase natural (disso vem a abundância das metáforas vegetais nas descrições de Moscou), que apareceu por si mesma sem vontade de ninguém, sem planos, sem intervenção e contrapõe-se ao não-orgânico, artificial, somente “cultural”, chamado à vida por uma vontade violenta, de acordo com um esquema pensado, um plano, uma regra. Disso vem uma concretude especial e uma realidade terrestre de Moscou, diferente da Petersburgo abstrata, exagerada, fantasmagórica, “inventada”. Ver, de um lado, a imagem de uma cidade planta (Moscou – E.A) [...] e do outro lado os múltiplos exemplos de descrição de Petersburgo como uma miragem, ficção...¹⁰¹

Assim, através da constante correlação entre as duas capitais, surgiram as principais características que diferem uma cidade da outra. Obviamente, seria incorreto dizer que, nessa relação, à Moscou foram atribuídas apenas as qualidades positivas, enquanto São Petersburgo recebeu só as negativas. Ambas as cidades foram marcadas tanto positiva quanto negativamente:

Com base nessas ideias, em um determinado contexto, justamente, criou-se a contraposição atual, já há quase dois séculos, entre Petersburgo e Moscou. Desde o ponto de um ponto de vista geral a demarcação dessas capitais formava-se segundo um de dois esquemas possíveis. Segundo um deles, a Petersburgo desalmada, burocrática, militar, oficial, regular de maneira antinatural, abstrata,

¹⁰¹ Idem. P. 20-21.

desaconchegante, jacente, não russa, contrapunha-se à Moscou cordial, familiar, íntima, patriarcal, aconchegante, “materialmente real”, natural, russa.

Segundo o outro esquema, Petersburgo, como uma cidade civilizada, cultural, organizada de maneira planejada, correta e lógica, harmoniosa e europeia, contrapunha-se a uma Moscou que parecia uma aldeia caótica, desordenada, semi-asiática, contrária à lógica.¹⁰²

Além das diferenças já mencionadas, entre as duas cidades há mais uma distinção muito importante. Desde os tempos mais remotos o homem relacionava os lugares que conhecia com personalidades (de deuses ou espíritos locais). Nessa personificação, a Terra sempre foi ligada à imagem feminina, materna. Em muitas culturas existem divindades femininas que personificam a Mãe Terra (provavelmente, a mais conhecida delas é a deusa grega Gaia). Não é por acaso que em muitas línguas as palavras terra e país pertencem ao gênero feminino. Posteriormente, essa característica feminina foi transferida para cidade, que também é uma palavra do gênero feminino, por exemplo, em português. Embora em russo a palavra cidade, *górod*, seja do gênero masculino, muitos dos topônimos das cidades russas são femininos, basta lembrar Moscou (em russo, *Moskvá*), Samara, Vologda, Riazan, etc. Entre os países muitos também pertencem ao gênero feminino: Rússia, Inglaterra, Alemanha, França e assim por diante. De acordo com estudiosa de literatura e cultura Olga Fréidenberg (1890-1955)¹⁰³:

¹⁰² Idem. P. 16.

¹⁰³ Fréidenberg, Olga (1890-1955). Estudiosa de cultura, literatura, folclore e antiguidade. Dedicava-se a análise da semiótica de formas e motivos literários e culturais e da história de gêneros literários.

A divindade local mais tarde torna-se a divindade de todos os povoados e, com o desenvolvimento da produção, a divindade da cidade; por isso, nas línguas antigas, entre elas hebraica e grega, cidade é pertencente ao gênero feminino.¹⁰⁴

Tanto no Velho, quanto no Novo Testamento, Jerusalém é de gênero feminino e aparece na imagem de mulher, moça, noiva ou mãe.

Na opinião de Serguei Nekliúdob¹⁰⁵, a imagem de Nossa Senhora, padroeira de várias cidades, também pode ser vista nesse contexto. Na Rússia antiga, ela era a padroeira e defensora das cidades mais importantes como Nóvgorod e Kiev, bem como de Pskov, Moscou, Smoliensk, Riazan, Kostromá, Kursk, etc.

Ainda de acordo com Nekliúdob, as cidades, no folclore, muitas vezes são comparadas a noivas, viúvas, mães; elas podem se casar, e as noivas sendo assediadas e tomadas como se fossem cidades. Assim, na canção popular russa “Tomada do reino de Kazan” a conquista da cidade é apresentada como se fosse um casamento, o tsar Ivan, o Terrível vai buscar a sua noiva fora do país, na “maldita horda”.

Na lenda sobre a fundação de Moscou, os motivos da conquista da cidade e do casamento estão entrelaçados: o príncipe Iúri Dolgorúki assassinou o dono do povoado, o *boiardo* Stepan Kútchka, e casou o seu filho com a filha do nobre executado.

Esse motivo folclórico de tomada da cidade comparada à conquista de uma mulher foi retomado por Liev Tolstói no romance *Guerra e paz* (1867), quando da descrição de Napoleão diante da tão desejada Moscou:

¹⁰⁴ FRÉIDENBERG, Olga. Entrada na Jerusalém de burro (Da mitologia evangélica) (Viézd v Ierussalím na osslíe. Iz ievánguelskoi mifológuii). In: *Mito e Literatura (Mif e Literatura)*. Moscou, Nauka, 1978. P.495.

¹⁰⁵ NEKLIÚDOV, Serguei. O Corpo de Moscou. Questão da imagem da “cidade-mulher” na literatura russa (Tielo Moskvý. K vopróssu ob óbraze “jiénshiny-góroda” v Rússkoi literatúre // O corpo na Cultura russa (Tielo v rússkoi kultúre). Moscou. 2005. P.361-385.

Ele olhava para a ainda desconhecida beldade oriental que jazia a sua frente. A ele próprio parecia estranho que, finalmente, o seu desejo antigo, que parecia impossível, se realizara. Na luz clara da manhã ele olhava ora para cidade, ora para o mapa, contemplando os detalhes dessa cidade, e a certeza da posse o agitava e apavorava.¹⁰⁶

Olga Fréidenberg afirma que este é um motivo antigo:

Se uma cidade, assim como a terra, era vista como uma mulher, e a divindade que estava casando entrava na cidade, essa entrada, em razão do pensamento concreto, já simbolizava o ato sexual; ao entrar na cidade era como se o deus a fecundasse.¹⁰⁷

Porém, para o desgosto de Napoleão, a Moscou conquistada foi abandonada por seus habitantes. Considerando o significado mitológico da entrada na cidade, é muito importante notarmos que, no romance, o Imperador francês decide não entrar na cidade e sim parar em uma hospedaria nos arredores.

Entre os escritores, não foi apenas Tolstói que retomou esse tema. Segundo o estudioso de literatura Iúri Mann, o motivo mitológico de entrada de uma divindade em uma cidade pode ser observado nas obras de Gógol, em “Almas mortas” e “O inspetor geral”, pois “não é por acaso que uma série de vertiginosos êxitos e aquisições de Khlestakov¹⁰⁸ na cidade [...] terminou com o “recebimento” da mão da filha do governador”.¹⁰⁹ O príncipe Mikhail Scherbátov em “Petição de Moscou referente ao seu

¹⁰⁶ TOLSTÓI, L. N. Coletânea em 22 volumes. Moscou 1980. V. 6. P. 336.

¹⁰⁷ FRÉIDENBERG, Olga. Entrada em Jerusalém, de burro [mesmo assim continua estranho, mas não tenho sugestão melhor ☺]. Da mitologia evangélica (Viézd v Ierussalím na osslfe. Iz ievánguelskoi mifológuii). In: *Mito e Literatura (Mife Literatura)*. Moscou, Nauka, 1978. P. 497.

¹⁰⁸ Ivan Khlestakov é o personagem principal da comédia de Nikolai Gógol “Inspetor geral”.

¹⁰⁹ MANN, Iúri. A Poética de Gógol (Poétika Gógolia). Moscou, Coda, 1996. P. 393.

esquecimento”, escrito no século XVIII, pela primeira vez chama Moscou, que perdera o título de capital, de “viúva”. Mais tarde, essa comparação é repetida por Nikolai Karamzín em “Pobre Liza” e por Aleksandr Púchkin em “O Cavaleiro de Bronze”, que a chama de “viúva de manto púrpuro”¹¹⁰. Já que o manto púrpuro era a regalia dos monarcas, nessa metáfora Moscou é apresentada como a esposa do monarca que perdeu o seu marido. São Petersburgo, relacionada, desde o momento de sua criação, ao nome de Pedro, e, conseqüentemente, à figura masculina, fixou-se na consciência popular através da imagem de um homem. Assim, Nikolai Gógol desenvolveu a contraposição entre Moscou e Petersburgo no plano da comparação das características masculinas e femininas:

Moscou é uma velha caseira, faz panquecas, olha de longe e escuta a história sobre o que acontece no mundo sem se levantar das poltronas; Petersburgo é um rapaz desembaraçado, nunca fica em casa, sempre está vestido, passeia na fronteira e se atavia diante da Europa, a qual vê, mas não ouve.

[...] Moscou é do gênero feminino, São Petersburgo – do masculino. Em Moscou, todas são noivas; em São Petersburgo, todos são noivos.¹¹¹

Em geral, assim como acontece no texto citado acima, também em textos literários Moscou é descrita ou como uma velha (ou viúva), ou como uma moça (noiva, namorada). A imagem de Moscou como uma “velha caseira” surgiu a partir da segunda metade do século XVIII, quando São Petersburgo passou a ser associada à ideia de progresso. Em comparação com a nova capital em crescimento, Moscou “começou a ser

¹¹⁰ Em russo: порфиноносная вдова.

¹¹¹ GÓGOL, N. Notas peterburguesas de 1836 (Peterbúrgskie zapísiki 1836 góda). In : Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro ET Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P.1.

percebida como mais arcaica do que era”.¹¹² Essa ideia foi claramente enunciada por Aleksandr Púchkin, que, em seu artigo “Viagem de Moscou para Petersburgo”, afirma:

A decadência de Moscou é uma consequência inevitável da elevação de Petersburgo. As duas capitais não podem igualmente florescer dentro do mesmo Estado, assim como dois corações não coexistem no corpo humano.¹¹³

De acordo com Serguei Nekliúdob, a inclinação de ver Moscou como uma moça, noiva, tende a vencer: a cidade passa a ser comparada cada vez mais com uma jovem e bela mulher. Isso acontece, por exemplo, no romance *Moscou feliz* (*Moskvá schastlívaia*), de 1936, escrito por Andrei Platónov (1899-1951), no qual Moscou é também o nome da personagem principal. Em linhas gerais, no século XX, após a revolução de 1917, as imagens de Moscou e da Rússia, Pátria, entrelaçam-se. Moscou passa a representar o país inteiro.

Já o pesquisador Vladímir Muravióv¹¹⁴ analisa a linguagem da cidade: no livro *Palavras e expressões moscovitas* são apresentados inúmeros componentes do discurso dos habitantes de Moscou e a história do seu surgimento. Por exemplo, a expressão “gorjeta” em russo soa como “dar dinheiro para o chá”. A Rússia é conhecida pelo seu amor ao chá. Nisso, Moscou novamente foi tradicionalista: no século XIX, os seus habitantes definitivamente preferiam essa bebida ao café (que era considerado exótico e estrangeiro e ganhou popularidade em São Petersburgo):

¹¹² IUSSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (*Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii*). In: *Pro et Contra Moscou – Petersburgo* (*Pro ET Contra Moskvá – Peterburg*), RGKHI, Moscou, 2000. P.10.

¹¹³ IUSSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (*Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii*). In: *Pro et Contra Moscou – Petersburgo* (*Pro ET Contra Moskvá – Peterburg*), RGKHI, Moscou, 2000. P.11.

¹¹⁴ MURAVIÓV, Vladimir. *Palavras e expressões moscovitas* (*Moskóvskie slová i sloviétchki*). Moscou, Izograf, 1999.

Entre as diferenças de Moscou e Petersburgo podemos considerar a relação dos moscovitas e petersburgueses com o chá e o café. O petersburguês Derjávín escreveu:

Eu fumo tabaco e bebo café.

Enquanto o moscovita Viázemski glorificou o chá:

Do jeito ortodoxo, e não à moda alemã,
Jorra o chá cheiroso em um fio de âmbar,
Ele não é ralo como água ou uma bebida infantil,
Mas lembra a Rússia, é saturado, denso.

По-православному, не на манер немецкий,
Не жидкий, как вода или напиток детский,
Но Русью веющий, но сочный, но густой,
Душистый льется чай янтарного струей.¹¹⁵

Aqui novamente Moscou é responsável pela tradição autêntica russa, enquanto São Petersburgo tende a apreciar as novidades provenientes da Europa.

Resumindo todas as divergências entre as duas cidades que fazem parte do texto de Moscou e texto de São Petersburgo, teremos as seguintes oposições principais:

1. Moscou como cidade concêntrica e São Petersburgo como cidade excêntrica.
2. Moscou como cidade celestial e São Petersburgo como cidade amaldiçoada.
3. Moscou como cidade que nasceu naturalmente e São Petersburgo como cidade criada de forma artificial.
4. Moscou como uma cidade desordenada e São Petersburgo como representação da ordem, uma cidade planejada (linhas retas das ruas e avenidas).

¹¹⁵ Idem. P. 115.

5. Moscou como cidade eterna e São Petersburgo como cidade condenada à destruição.
6. Moscou como representante da Rússia autêntica e tradicional e São Petersburgo como uma cidade europeia, inovadora, alheia.
7. Personificação das duas capitais: Moscou como uma cidade com características femininas e São Petersburgo como uma cidade dotada de qualidades masculinas.

Porém, pelo menos duas vezes, houve uma inversão de características entre Moscou e São Petersburgo. Em 1712, quando São Petersburgo tirou de Moscou o título de capital russa, juntamente com esse título foram emprestados muitos dos traços antes tipicamente moscovitas. São Petersburgo passou a ser chamada de herdeira de Roma, assim como Moscou ficou conhecida como “Terceira Roma”. A hereditariedade de Petersburgo em relação a Moscou revela-se inclusive na arquitetura. A catedral que simboliza Moscou, o seu cartão postal, a Catedral de São Basílio, foi recriada em São Petersburgo no século XIX.

Catedral de Ressurreição em São Petersburgo

É claro, a Catedral da Ressurreição¹¹⁶ não é uma cópia fiel da catedral moscovita, mas o diálogo entre as duas é obvio:

Assim, a Catedral de Ressurreição, que às vezes é chamada de Salvador no Sangue Derramado, rima abertamente com a Catedral de São Basílio, através da linha horizontal do canal de Ekaterina constitui uma aproximação semântica com a colunata romana da Catedral de Kazan que, da mesma forma clara, rima com o central símbolo arquitetônico do mundo católico, a Basílica de São Pedro.¹¹⁷

¹¹⁶ A Catedral da Ressurreição de Cristo, cuja construção foi iniciada em 1883 e finalizada em 1903, é popularmente conhecida como Salvador no Sangue Derramado, já que foi erguida no local do assassinado do Imperador Aleksandr II.

¹¹⁷ IUSSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). In: Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro ET Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P. 13.

No que diz respeito à catedral de São Basílio em Moscou, ela é uma encarnação do diálogo entre Oriente e Ocidente:

Uma viva demonstração da estética de júbilo e de otimismo pagão incontido é a Catedral de São Basílio. Oriente e Ocidente, minarete e templo de uma só cúpula de Pskov, que lembra um brinquedo, juntaram-se aqui, multiplicando-se inúmeras vezes. São Basílio é um conjunto de templos sob um teto que se tornou uma revelação de parentesco através do contraste, união de volumes alheios; eles formam uma absoluta perfeição de um total. É um templo sorriso, fina ironia da ortodoxia, uma oração alegre em pedra, alternativa moscovita ao Império Bizantino.¹¹⁸

Entretanto, o aspecto lúdico da Catedral entra em contraste com o seu interior, que parece guardar o espírito medieval: passagens escuras, apertadas e estreitas parecem mostrar “o lado escuro [...] do ortodoxo pagão”.¹¹⁹ A discordância entre o interior e o exterior do templo parece ter predestinado as “falsas” fachadas de São Petersburgo que muitas vezes contrariavam a função do prédio.

A inversão de características entre as cidades novamente aconteceu após a transferência de capital dessa vez de Petrogrado, como era chamada São Petersburgo de 1914 a 1924, para Moscou. Aliás, ao contrário da cidade de Pedro, Moscou nunca trocou o seu nome. Podemos destacar aqui mais uma oposição: transformação – estabilidade.

Como pudemos observar, quando Moscou voltou a ser capital ela adquiriu traços que antes eram tipicamente petersburgueses: agora ela se tornou uma cidade representante da força desumana do poder oficial. A partir de então, Moscou se

¹¹⁸ Idem. P.66.

¹¹⁹ Idem. P. 67.

transformou em um palco de acontecimentos verdadeiramente fantásticos e diabólicos. Não é por acaso que no romance de Mikhail Bulgákov, *Mestre e Margarida* (1940), um dos personagens principais, o Diabo, escolhe justamente Moscou para sua aparição quando quer conhecer o novo país soviético e o seu povo.

Moscou passa a ser uma cidade contemporânea, que segue as últimas tendências europeias e São Petersburgo é vista como uma capital da província russa. São Petersburgo é o guardião das tradições e da cultura autêntica russa, enquanto Moscou está submersa no ecletismo dos estilos: basta olharmos para a cidade para percebermos que ela, há muito tempo, deixou de ser tradicional e conservadora.

Bem no centro de Moscou, próximo à Avenida Nóvyi Arbat, está localizado um casarão, construído em 1899 pelo comerciante Arsiéni Morózov, que combina elementos do estilo neomauritano. O milionário, durante sua viagem por Portugal, impressionou-se com o palácio da Pena em Sintra. Ao voltar para Moscou no final dos anos 1890, Morózov ordenou a construção de um castelo que lembrasse, em traços gerais, o palácio de Sintra. Ainda durante a construção, o estilo exótico ocasionou muitas piadas dos moscovitas. O príncipe Nekhliúdob, do romance *Ressurreição* (1899), de Liev Tolstói, passando na frente do casarão, refletia sobre a construção “de um palácio tolo e imprestável para um homem tolo e imprestável”¹²⁰. Há também uma lenda de que a mãe de Morózov, após ter visitado a casa recém-inaugurada, disse: “Antes apenas eu sabia que você era um bobo, agora Moscou inteira saberá!” É bastante simbólico que nesse casarão tão “estrangeiro” bem no centro de Moscou nos anos soviéticos localizava-se, em períodos diferentes, o Consulado do Japão, o Consulado da

¹²⁰ TOLSTÓI, L. *Ressurreição* (Voskressiénie). In : http://az.lib.ru/t/tolstoj_lew_nikolaewich/text_0090.shtml

Índia, um jornal inglês e, finalmente, a “União das sociedades soviéticas de amizade e ligações culturais com os povos dos países estrangeiros”.

Palácio de Arsiéni Morózov

A Moscou contemporânea combina milhares de estilos e guarda em si referências a muitas cidades e culturas. Nela, podem ser encontrados: cabines de telefone que representam réplicas exatas das cabines de Londres, uma catedral católica construída pela comunidade polonesa e por um arquiteto polonês, um restaurante georgiano cujo aspecto lembra as casas da capital georgiana, Tbilisi, uma cópia da entrada da estação Père-Lachaise, do metro parisiense, uma casa de chá no estilo chinês e até um pedaço do muro de Berlim. E essa lista pode se estender ainda mais.

Antigamente, existia uma proibição em Moscou quanto à construção de prédios mais altos de que o Campanário de Ivan, o Grande, no Kremlin. Essa proibição foi violada pela primeira vez no final do século XIX, com a construção da Catedral do Cristo Salvador. Posteriormente, na época de Stálin, foram erguidos os sete arranha-céus, as “sete irmãs”. Nos anos 1964-1968, na Avenida Kalíninski (hoje Nóvyi Arbat), surgiram os prédios de 26 andares, que lembram o formato de livros abertos. Eles representavam uma réplica dos edifícios construídos pelos americanos em Havana:

Foto superior: os prédios recém-construídos em Havana, Cuba, anos 1950.
Embaixo, à esquerda: Edifício Fosca em Havana, 1956. À direita: Nóvyi Arbat.

Nas últimas décadas foi criado o Centro Internacional de Negócios, chamado também de Moskvá-City. Se os arranha-céus dos anos 1950, embora tivessem como objetivo a competição com os prédios gigantescos dos EUA, ainda lembravam as linhas

arquitetônicas do Kremlin, os arranha-céus de Moskvá-City copiam fielmente as construções modernas norte-americanas ou árabes:

Dessa forma, a Moscou dos séculos XX e XI, que voltou a ser a capital da Rússia, perdeu muitas de suas características anteriores, principalmente a cidade-guardiã das tradições russas, e tornou-se uma cidade-modelo do mundo: uma metacidade com inúmeros subtextos.

Conclusões preliminares

Como observamos, o texto de Moscou é composto por vários mitos: um deles é o mito cosmológico que narra como a ordem vence o caos. Porém, ele não representa o mito central e está longe de ser tão consistente e estruturado quando comparado com o mito da criação de São Petersburgo, que possui uma figura demiúrgica de Pedro, o Grande. No caso de Moscou, o mito cosmológico se mistura com a história amorosa.

O segundo e mais consistente componente da mitologia de Moscou é a percepção da cidade como a Terceira Roma, cidade celestial e messiânica. Esse mito está arraigado à ideia de que Moscou é uma cidade eterna que renascerá sempre, mesmo se for destruída, enquanto que São Petersburgo é representado pelo mito escatológico, segundo o qual é uma cidade condenada à devastação. Uma vez retirada do Caos, São Petersburgo, um dia, novamente será engolida por ele. A geografia da cidade contribuiu para a formação desse mito já que, além de ser cortada pelo rio Nevá, possui numerosos rios e riachos. Vale lembrar que, na consciência popular, a água (em forma de rio, lago, mar, etc.) é percebida como a fronteira entre o mundo dos vivos e mundo dos mortos. No texto de Petersburgo, o rio Nevá se transforma em uma encarnação do Caos da natureza, que traz a morte aos habitantes da cidade.

Outro aspecto arquetípico das relações entre as duas cidades é a sua representação como princípio masculino e feminino. Nessa comparação, Moscou é dotada das características de uma mulher e Petersburgo de um homem, fato que, além da rivalidade, gera entre ela e Petersburgo relações de mãe e filho, irmã e irmão, noiva e noivo.

Porém, a oposição não é tão rígida como parece: São Petersburgo já foi chamado de Roma, enquanto Moscou foi comparada à Babilônia. Muitos dos autores citados

neste trabalho concordam que a contraposição entre as duas cidades, e, entre Petersburgo e a Rússia, é um conceito a ser questionado. Assim, o filósofo emigrante Fiódor Stepún (1884—1965) elogiava São Petersburgo através de um dos personagens do seu romance *Nikolai Peresliéguin* (1929):

Que grande cidade, brilhante apesar da sua juventude, única no mundo, que cidade eterna. Tão eterna quanto a própria Roma antiga. E como é absurda a ideia de que Petersburgo, em sua essência, não é a Rússia e sim a Europa. Parece-me que Petersburgo é uma cidade mais russa do que Moscou [...]. Apenas na Rússia existe a anti-Rússia: Petersburgo [...]. E nesse sentido ela é a cidade russa mais característica.¹²¹

Tendo em vista que tanto Moscou quanto São Petersburgo, cada uma em um determinado momento, foram comparadas a Roma e a Babilônia, e ambas sendo chamadas de diabólica e celeste, natural e antinatural, guardiã de tradições e inovadora, atrasada e moderna, provinciana e capital, será que teríamos razão em afirmar esse antagonismo? Pode ser defendida a ideia de que se trata de uma coexistência dos dois textos que consiste de várias etapas:

1. Período inicial: formação do texto de Moscou. Fixação dos seus principais elementos tais como: o mito da fundação da cidade; o motivo do amor infeliz relacionado a ele; o conceito de Moscou como terceira Roma, uma cidade messiânica.

2. Período “petersburguês”: fundação da cidade de São Petersburgo como anti-Moscou. Estabelecimento da oposição entre as duas capitais. Em um plano mais geral,

¹²¹ STEPÚN, Fiódor. *Nikolai Peresliéguin*. Paris, 1929. P. 328.

surgimento das contraposições que predestinaram o desenvolvimento da cultura russa desde o século XIX até o presente momento: Ocidente-Oriente, Europa-Ásia. Algumas das características que antes pertenciam a Moscou se transferem para São Petersburgo, que, por sua vez, passa a ser comparada com Roma e, conseqüentemente, torna-se a Quarta Roma.

3. Período “moscovita”: Moscou volta a ser capital. Porém, deixa de ser a capital da Rússia e passa a ser a capital de toda a União Soviética. Acontece uma troca de características: os traços de cidade provinciana, tradicional, guardiã da cultura e centro de oposição ao governo passam para São Petersburgo e os traços de capital, cidade oficial e ao mesmo tempo moderna que representa a todos voltam para Moscou.

O surgimento de São Petersburgo teve um caráter decisivo para o texto de Moscou. A partir da “competição” entre as duas capitais cada uma adquire os seus traços peculiares, a sua “imaginabilidade”, se usarmos o termo de Kevin Lynch. Dessa forma, podemos concluir que as características do texto de Moscou e do texto de São Petersburgo são interligadas, assim como estão interligados ambos os textos. Lembrando as palavras de Nikolai Gógol de que a “Rússia precisa de Moscou; e Petersburgo precisa da Rússia”, podemos dizer que “São Petersburgo precisa de Moscou e Moscou precisa de São Petersburgo”.

De fato, uma cidade torna-se continuação da outra e vice-versa. Portanto, é possível falar tanto de textos separados de Moscou e de Petersburgo, como também de um único texto de Moscou-Petersburgo. Esse texto faz parte de um fenômeno global: a duplicidade da cultura humana. Iúri Lótman afirmava que em todos os campos do pensamento humano “podemos revelar a bipolaridade como estrutura mínima de

organização semiótica”¹²² que possui sua origem na bipolaridade do cérebro humano. Konstantin Issúpov desenvolveu esse conceito e o aplicou à cultura russa. Segundo ele, o “bicentrismo é o fator providencial da história russa”.¹²³ Esse fenômeno possui uma única fonte: a duplicidade da cultura humana, sendo que ambos os pólos podem ser vistos como duas partes de uma só totalidade. O texto de Moscou não pode ser analisado sem citarmos o texto de Petersburgo, assim como esse último não existe sem referência à Moscou. Isso acontece justamente porque eles representam dois componentes indissociáveis e indispensáveis da cultura russa. A Rússia precisava de São Petersburgo e se Pedro, o Grande não a construísse, ela surgiria de alguma outra forma, primeiro porque toda sociedade humana possui uma estrutura bipolar como base da sua existência, e, segundo, porque a necessidade de transformação e de modernização de um país atrasado tornou-se bem clara até na época anterior ao seu governo.

O diálogo entre as duas cidades colaborou para a formação da auto-consciência da cultura e do caráter russo. Este último, por sinal, também é bipolar: alegre e sombrio, como os personagens de Fiódor Dostoiévski, um dos quais até possui a palavra *raskol* (cisão) em seu sobrenome. Se no caso do estudante Raskólnikov a bipolaridade está inserida em uma única pessoa, no romance “Oblómov” (1859), de Ivan Gontcharov, ela está representada por dois personagens opostos, embora amigos: o preguiçoso e sonhador Iliá Oblómov e o ativo e prático Andrei Schtoltz. Este último tem sobrenome alemão, como símbolo do caráter europeu, determinado e ágil. Assim, o diálogo entre as duas capitais colocou a Rússia diante de uma questão que não foi resolvida até hoje:

¹²² LÓTMAN, Iúri. O fenômeno da cultura (Fenomién kultury). In: Obras seleccionadas em três volumes. Volume 1. Tallinn, Aleksandra, 1992. P. 34-45.

¹²³ IUSSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). In: Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro ET Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P. 19.

afinal, seria a Rússia um país pertencente ao ocidente ou ao oriente? Será que existe algum outro, terceiro, caminho?

A bipolaridade da cultura e mentalidade russa foi objeto de várias obras do filósofo Nikolai Berdiáev (1874-1948), entre elas o livro *A ideia russa*, de 1946. Nele, Berdiáev dá uma definição muito interessante do caráter nacional russo:

O povo russo é um povo extremamente polarizado, é uma combinação das oposições. [...] A contradição e complexidade da alma russa talvez esteja relacionada com o fato de que na Rússia colidem e interagem dois fluxos da história mundial: o Oriente e o Ocidente. O povo russo não é nem puramente europeu nem puramente asiático. A Rússia é uma parte do mundo, um enorme Oriente-Occidente, ela junta os dois mundos. Na alma russa, sempre lutaram dois princípios, o oriental e o ocidental.¹²⁴

Além da contribuição para a consolidação da autoconsciência russa, os textos de Moscou e Petersburgo, após sua definição, baseada nos trabalhos de Vladimir Toporov e Iúri Lótman, serviu como exemplo para a análise de outros textos “locais” russos, tais como o texto de cidade de Piern¹²⁵, Múrom¹²⁶, Bologóie¹²⁷, Moguilióv Podólski¹²⁸,

¹²⁴ BERDIÁEV, N. A ideia russa (Rússkaia ideia). In ; <http://lib.rus.ec/b/121191/read#t1>

¹²⁵ ABÁCHEV, V.V. *Piern como texto : texto de Piern na cultura e literatura russa de século XX*. Piern, Editora da Universidade de Piern, 2000.

¹²⁶ AKHMIÉTOVA M.V. Imagem de Múrom na consciência dos habitantes (Óbraz Múroma v soznánii gorojan) In : <http://www.ruthenia.ru/folklore/ahmetova8.htm>. AKHMIÉTOVA, M.V. Espaço urbano no texto local (cidade de Múrom) (Gorodskoie prostranstvo v lokálnom tiékste (g.Múrom). In: ruthenia.ru

¹²⁷ AKHMIÉTOVA M.V., LURIE M.L. Bologóie : pequena capital entre as duas capitais (Málienskaia stolitsa mejdu dvukh stolits). In : Otiéchestvennye zapíski, 2006. Volume 32 . P . 207-217 .

¹²⁸ ALEKSIÉVSKI, M., LURIE M., SIÉNKINA A. Lenda sobre o monumento de Gógol na cidade de Moguilióv-Podólski: Ensaio de/do comentário ao fragmento do texto local (Leguiênda o pamiátnike Gógoliu v Moguilióve-Podólskom: ópyt kommentária k fragmiéntu lokálnogo tiéksta). In: Revista Forum antropológico (Antropologúitcheski fórum). No 11/2009 e 1/2010.

Petrozavódsck¹²⁹, e o texto da península da Criméia¹³⁰, entre outros. Por meio desses estudos, foi criada uma metodologia de análise do texto “local”:

Nos estudos antropológicos dos textos locais, existem dois modelos mais difundidos. No primeiro caso, os pesquisadores tentam, antes de tudo, ao analisar o material, revelar as ideias (ou motivos) gerais que predominam no dado texto local e que formam a sua especificidade. Isso lhes permite reproduzir, de modo generalizado (ou seja, reconstruir) a “imagem de lugar” como uma somatória de suas principais características semânticas e códigos visuais. [...] Os textos concretos, dotados desses códigos e características, nos trabalhos desse tipo, são agrupados de acordo com o princípio de conteúdo e recebem o título de ilustrações.

O outro caminho consiste na revelação de uma série mais representativa de objetos singulares (por exemplo, um bairro da cidade, um conterrâneo famoso, um episódio da história da cidade, etc.), que, nesse texto local, tornam-se um objeto semântico e um fator gerador do texto [...]. Esse caminho leva à revelação do *thesaurus* atual da tradição cultural local e, quando levado ao extremo, à ideia de descrição de todos os textos locais em forma de dicionário ou enciclopédia.¹³¹

¹²⁹ RAZÚMOVA I. A . « Que perto de Petersburgo, mas que longe ». Petrozavódsck em textos literários e orais dos séculos XIX-XX (« Kak blizko ot Peterburga, no kak daleko ». Petrozavódsck v literatúrnykh i ústnykh tiétstakh). In: Província russa : mito, texto, realidade. Moscou, Sao Petersburgo (Rússkaia províntsia : mif, tiekst, reálnost). Tema, 2000. P.324-334.

¹³⁰ LIÚSSYI A . P. Texto da Criméia na literatura russa (Krýmskii tiékst rússkoi literatúry). São Petersburgo, 2003.

¹³¹ ALEKSIÉEVSKI, M., LURIE M., SIÉNKINA A. Lenda sobre o monumento de Gógol na cidade de Moguilióv-Podólski: Ensaio do comentário ao fragmento do texto local (Leguíenda o pamiátnike Gógoliu v Moguilióve-Podólskom: ópyt kommentária k fragmiéntu lokálnogo tiéksta). In: Revista Fórum antropológico (Antropologúicheski fórum). No 11/2009 e 1/2010.

Em 2004, foi lançada uma coletânea, *Geopanorama da cultura russa: a província e seu textos (Geopanoráma rússkoi kultury : províntsia i ee tiéksty)*¹³², que reuniu vários trabalhos dedicados ao texto da província russa. A grande quantidade de pesquisas dedicadas à análise de texto de um local específico, nos últimos anos, mostra que o conceito de texto de cidade elaborado por Toporov e Lótman transformou-se, atualmente, em um método de estudo interdisciplinar que reúne estudos literários, geográficos, históricos e culturológicos.

Além dos textos das cidades propriamente russas, na cultura russa existem também os textos das cidades estrangeiras que causaram um determinado impacto na sociedade russa: um dos mais definidos e sólidos é o texto da Veneza¹³³. Há indícios para a existência do texto de Berlim, de Vladímir Nabókov, que residiu nessa cidade junto com muitos outros imigrantes russos, a partir do ano 1922 (a sua vida como professor particular de inglês é descrita no romance *A dádiva (Dar)* de 1938).

É possível ainda estudarmos, por exemplo, o texto do Brasil na cultura russa, ou, ao contrário, o texto da Rússia no Brasil. Atualmente, as ligações culturais representam uma área de pesquisa do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura Russa, sob o título de “A recepção da literatura russa no Ocidente”, da qual participa o autor do presente trabalho. Os ensaios do pesquisador Bruno Barretto Gomide¹³⁴ dedicados à recepção dos escritores russos no Brasil, também podem ser vistos por meio desse prisma, como parte do “texto da Rússia no Brasil”.

¹³² ABÁCHEV, V., BELOÚSSOV, A., TSIVIÁN T. *Geopanorama da cultura russa: a província e seus textos (Geopanoráma rússkoi kultury : províntsia i ee tiéksty)*. In: Moscou, Iazyki slaviánskoi kultúry, 2004.

¹³³ MIÉDNIS, N.E. Veneza na literatura russa. Novossibirsk, 1999.

¹³⁴ GOMIDE, B. B.. A chegada de uma literatura arrebatadora: os primeiros momentos da literatura russa no Brasil. *Revista Ciência Hoje*. nº 236, abril de 2007. GOMIDE, B. B.. Uma breve história de recepção de Dostoiévski no Brasil (Krátkaia istória vospriátia dostoiévskogo v Brazíli). *Vopróssy literatury*, v. 3, P. 1-2, 2010. GOMIDE, B. B.. Uma espécie de Isaías: as imagens de Tolstói no Brasil. In: III Simpósio de História Cultural da UFSC, 2006, Florianópolis. Caderno de Resumos do III Simpósio de História Cultural da UFSC, 2006.

N. Miédnis¹³⁵ sugeriu analisar o papel de um autor concreto na literatura e cultura nacional e internacional também como um texto. Esse texto a autora chama de “pessoal”. Assim, a autora estuda o texto de Aleksandr Púchkin na literatura russa,¹³⁶ ou seja, o modo como as suas poesias se refletiram na produção de poetas e escritores posteriores. Algumas obras de Púchkin causaram mais influência na literatura do que outras. Entre elas, a poesia “Era uma vez um pobre cavaleiro” (*Jil na sviéte rýtsar biédnyi*), de 1829, que foi citada inúmeras vezes de forma mais ou menos clara pelas gerações de poetas posteriores. Da mesma forma é possível estudar o texto de Dostoiévski, Tolstói, Tchékhov, etc.

Como pode ser observado, o conceito de texto de cidade, inicialmente aplicado somente a São Petersburgo e, conseqüentemente, à sua antagonista, Moscou, sofreu nas últimas décadas uma considerável expansão. Voltando ao nosso tema principal, vejamos agora quais condições históricas contribuíram para a formação do texto de Moscou e como isso se refletiu na cultura russa, já que o conceito de texto abrange não somente a literatura, como também a arquitetura, a música e as artes em geral.

¹³⁵ MIÉDNIS, N.E Super textos na literatura russa (Sverkhtíéksty v rússkoi literature). Novossibirsk, NGPY, 2003.

¹³⁶ Idem. Capítulo III. O texto de Púchkin na literatura russa (Púchkinski tiékst rússkoi literatury).

CAPÍTULO II

MOSCOU NO CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

1. Moscou nos séculos XII - XV

Moscou não foi construída de uma só vez
(ditado popular)

Iúri Lótman no ensaio “A Simbologia de Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade” classificou as cidades como concêntricas e excêntricas.¹³⁷ Nesse contexto, Moscou representa uma perfeita cidade concêntrica enquanto São Petersburgo, obviamente, seria uma cidade excêntrica. A cidade de Kíev, a primeira capital da Rússia (que naquela época era chamada de “Rússia de Kíev”), também pode ser considerada uma cidade concêntrica. O mesmo se refere a Nóvgorod, outra precursora de Moscou.

A forma circular de uma cidade simboliza, de um lado, o seu crescimento natural e gradual, e, do outro, uma proteção para os seus habitantes. De acordo com S. M. Teliéguin:

A forma circular da cidade sempre carrega a ideia de perfeição, finalização, harmonia. Nos mitos, o círculo simboliza o espaço caracterizado pela concentração da energia sagrada especial. [...] A forma circular está relacionada à forma do Sol e seu movimento, com o céu e também com o útero materno. Da mesma forma, uma

¹³⁷ LÓTMAN, Iúri. *A Simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade (Simvólíka Petreburga e problémy semiótiki góroda)*. São Petersburgo 2002. P. 209

cidade, principalmente se for organizada de forma circular, é associada ao princípio materno: ela recebe todos em si e gera tudo de dentro de si.¹³⁸

Até hoje Moscou cresce em forma circular: o primeiro anel é formado pelo Kremlin, depois segue o Anel dos Jardins. Até mesmo os subúrbios são delineados pelos anéis rodoviários (rodoaneis). O metrô de Moscou possui uma Linha Circular, que circunda o centro da cidade, e existem projetos de construção de outras linhas circulares de metro, já que a cidade encontra-se em um constante crescimento. A forma circular da atual capital subentende a sua função centralizadora: ao redor do centro da cidade agrupam-se outros prédios, assim como ao redor da capital juntam-se outras cidades, formando o país.

Planta de Moscou de 1497

¹³⁸ TELIÉGUIN, S.M. Mito de Moscou como expressao do mito da Rússia (Mif Moskvyy kak vyraziénie mifa Rossii). In : Literatura na escola (Literatúra v shkole), 1997, No 5. P. 5-21.

Se a origem do nome da cidade de São Pedro é óbvia e bem conhecida, os historiadores e linguistas não chegaram a um acordo em relação ao topônimo de Moscou, que em russo soa como *Moskvá*. Todas as teorias existentes relacionam o nome da cidade com o rio Moscou, ou seja, a cidade recebeu seu nome graças ao rio nas margens do qual ela foi erguida.

Basicamente, as teorias se dividem em três grupos: alguns pesquisadores afirmam que o nome do rio tem origem fino-úgrica, outros defendem a origem eslava, terceiros apontam a sua procedência das línguas bálticas. Uma das teorias dos defensores da origem fino-úgrica traduz o nome como “Água das vacas”. Outra teoria liga o topônimo com a raiz eslava *mosk*, que estaria relacionada com umidade. Portanto, o nome pode ser traduzido como “úmido”, “pantanoso”. Porém, de acordo com a versão de Vladímir Toporov¹³⁹, o rio recebeu seu nome por volta do século I antes do Cristo, na época em que os povos eslavos e bálticos (hoje representados por lituanos e letões) formavam um único grupo lingüístico, ou seja, as línguas ainda não tinham se separado. Nas línguas bálticas a raiz *mask* possui o mesmo significado de “úmido” e “pantanoso” e parece que o nome do rio, e consequentemente da cidade, realmente pode estar relacionado a esse conceito.

O fato da palavra “*Moskvá*” ter a possibilidade de ser traduzida como “lugar pantanoso” é bastante curioso, pois é a cidade de São Petersburgo que é lembrada como a cidade construída sobre os pântanos. De fato, tanto a teoria da origem do nome do rio Moscou quanto os dados geográficos confirmam que a região onde futuramente surgiu a cidade de Moscou era mesmo um local úmido e de muitos pântanos. É apenas um dos detalhes que une as duas cidades que costumam ser vistas como totalmente opostas.

¹³⁹ TOPOROV, V.N. A ‘Báltica’ de Podmoskóvie [arredores de Moscou?] («Baltika » Podmoskóvia). In: Coletânea balto-eslava (Balto-slaviánskii sbórník). Moscou, Nauka, 1972. P. 217-280.

A história de Moscou antiga hoje é recriada inclusive através das obras histórico-literárias, ou seja, coletâneas de crônicas russas dos séculos XII – XV. Justamente nas crônicas da época é possível encontrar a primeira menção a Moscou e também o início do seu texto. A mais antiga referência à cidade encontra-se na crônica chamada “Ipátievskya”, que representa uma coletânea do século XIII. O artigo referente ao ano 6655, a partir “da criação do mundo”, menciona que o príncipe Iúri Dolgorúki, ao retornar da campanha contra as terras de Nóvgorod, convidou o príncipe Sviatoslav Ólgovitch com as seguintes palavras: “venha até mim, irmão, para *Moscov*”. A expressão “para *Moscov*” se refere diretamente à existência de um povoado onde os príncipes deveriam se encontrar. A data dessa menção corresponde a 4 de abril de 1147, que é considerada a data mais antiga de menção a Moscou. Das poucas informações contidas na crônica torna-se claro que naquela época, Moscou já era um povoado conhecido, pois o príncipe Sviatoslav supostamente tinha conhecimento do local onde eles deveriam se encontrar. Não é possível afirmar que, em 1147, Moscou já era uma cidade, porém, sem dúvida, era um povoado grande, capaz de receber os príncipes com suas *drujinas*¹⁴⁰.

A menção posterior relativa à Moscou em crônicas já se refere a ela como uma cidade. Na crônica chamada de “Tverskaia” é informado que Iúri Dolgorúki “fundou a cidade de Moscou na foz do rio Nieglnna, acima do rio Auza”; isso aconteceu em 1147. Nesse ano, as relações tensas entre Iúri Dolgorúki, que em 1155 tornou-se príncipe de Kiev, e o príncipe Iziaslav de Tchernígov, que pretendia destroná-lo de Kiev, forçaram o príncipe Iúri Dolgorúki a iniciar a edificação de uma fortaleza em Moscou. Dessa forma, durante cem anos, Moscou desempenhou o papel de uma fortaleza limítrofe.

¹⁴⁰ *Drujinas*: tropas dos príncipes russos.

Aqui encontramos mais uma semelhança com São Petersburgo: além de ser construída em um lugar úmido e pantanoso, Moscou, no momento de sua formação, não era uma cidade central e sim periférica, nos limites de principados feudais.

Para a construção da fortaleza, posteriormente chamada de Kremlin, foi escolhida a parte mais alta, que se encontra na junção dos rios Nieglínka e Moskvá: a colina Borovítski. Foi assim que se formou o principal centro semântico da cidade, o seu ponto dominante. É importante notarmos que o Kremlin foi construído com o objetivo militar de defender e abrigar os seus habitantes no caso de um ataque inimigo. Por essa razão, o Kremlin, como muitas outras fortalezas medievais, era todo rodeado pelos rios. Além do objetivo de dificultar o acesso para inimigo, não podemos esquecer o papel divisor dos rios entre o mundo dos vivos e o mundo do além na cultura popular. Provavelmente, essa ideia da cidade cristã rodeada por inimigos de fé diferente serviu como um ponto de partida para a tendência de receber tudo que é alheio e estrangeiro com desconfiança e até inimizade.

As crônicas mais antigas relatam que dentro do Kremlin encontravam-se o palácio do príncipe, algumas construções, o túmulo (Catedral do Arcanjo) e outras igrejas do príncipe. A sacralização do espaço por meio de igrejas também é um detalhe importante do texto moscovita.

As dimensões iniciais de Moscou eram modestas, cerca de três hectares. Era uma cidade típica da Rússia medieval. Nos séculos XII e XIII, Moscou raramente era mencionada em crônicas. Obviamente, a posição limítrofe da fortaleza de Moscou resultava na organização militar da população da cidade, porém, em 1238, as tribos mongóis lideradas por Khan Batu tomaram a cidade e a queimaram. Apesar das penosas consequências ocasionadas pela destruição, passados apenas vinte anos, Moscou tornou-se a capital de um principado autônomo. Por qual razão, apenas 25 anos após a invasão

dos mongóis, Moscou transformou-se em uma residência do príncipe e, em 82 anos de sua existência anterior não havia conseguido tal posição? As razões principais foram as grandes mudanças demográficas e econômicas causadas pela instalação do domínio de Horda sobre as terras russas. Os ataques militares dos mongóis às grandes cidades russas, tais como: Vladímir, Súzdal e Rostóv, fizeram com que a população fugisse para a periferia, onde, na segunda metade do século XIII, se inicia um enorme crescimento de cidades, tais com Tver, Kostromá, Níjni Nóvgorod e Moscou. Dessa forma, a transformação de Moscou em uma capital do principado refletiu o processo geral de desenvolvimento do nordeste da Rússia, causado pela instalação do poder dos conquistadores estrangeiros, mongóis.

O historiador Ivan Zabiélin, refletindo sobre o significado de Moscou não apenas para a Rússia, mas para toda a humanidade, escreveu:

Provavelmente, Moscou, como cidade, possui em sua história um grande sentido político que não pode ser esquecido, nem mesmo nas pequenas pesquisas sobre uma de suas fronteiras históricas. O que favoreceu o desenvolvimento de Moscou? O que favoreceu o fato de que ela, de uma pequena propriedade feudal, tenha se tornado o centro vivo e forte de toda a terra russa? Não foi o comércio, é claro, nem a educação, nem as demais condições particulares de desenvolvimento popular. Ela se desenvolveu através da união popular de um grande movimento político do povo rumo à conscientização de seu objetivo histórico. Se isso for verdade, então Moscou deve ter expressado, e realmente expressou, em cada linha, em cada curvatura de seus muros, ruas e travessas, uma grande ideia popular, e não apenas tsarista, de união política.¹⁴¹

¹⁴¹ ZABIÉLIN, Ivan. As antiguidades de Moscou (Drévnosti Moskvý). In: Viésnik Evropy, 1867. Março. Volume 1, P. 391.

A partir desse momento inicia-se o desenvolvimento intenso da cidade, das construções e da economia. Assim, as crônicas apontam para que o ano de 1326 seja conhecido como o ano do início das construções de pedra na cidade, já que anteriormente as construções eram de madeira, material do qual era feita a maioria das catedrais e igrejas. No ano de 1365, o príncipe Dmítri, futuramente chamado de Donskói, começou a construção do Kremlin de pedra, pois a fortaleza anterior, feita de madeira, havia sido destruída durante o incêndio. As suas paredes foram feitas de blocos de calcário e, portanto, eram brancas. Apesar do Kremlin de pedra haver existido por apenas 120 anos, e posteriormente ser substituído pelo de tijolos vermelhos, o que pode ser visto até os nossos dias, na memória do povo, ficou impressa a imagem da “*Moskvá belokámenaia*”, ou seja, a Moscou de pedra branca. Além da correspondência aos fatos históricos, no epíteto “de pedra branca” podemos atentar para a cor branca, que costuma simbolizar a pureza e inocência.

Nos anos de 1368 e 1370, outros estrangeiros, dessa vez os lituanos, por duas vezes tentaram tomar a fortaleza, porém sem sucesso. Em 1380, os moscovitas tiveram papel decisivo na famosa batalha de Kulikóvo, porém, dois anos depois o novo Khan, Tokhtamysh, tomou Moscou. Os mongóis incendiaram o Kremlin e a cidade, quase um quarto da população morreu, muitos foram capturados. Eles também roubaram muitos adornos preciosos dos ícones, louças religiosas de ouro e prata. No incêndio foram queimados vários manuscritos trazidos para as catedrais do Kremlin de todos os cantos de Moscou para preservação. Tal acontecimento causou atraso no desenvolvimento da cidade. Moscou começou a se recuperar 20 anos após essa devastação. Provavelmente, nessa reconstrução teve seu início o mito sobre Moscou como uma cidade eterna que nunca poderá ser totalmente destruída pelo inimigo e sempre terá forças para renascer.

Moscou começou a atrair estrangeiros; inclusive, já havia alguns vivendo lá, entre eles pintores oriundos da Grécia e arquitetos italianos. Assim se iniciou o contato, embora com certa desconfiança por ambas as partes, entre moscovitas e europeus. A transformação de Moscou em uma cidade europeia significativa foi interrompida pela luta cruel entre os príncipes da dinastia de Moscou pelo poder. As crônicas da época narravam esses episódios sombrios das guerras feudais.

Um deles é relacionado ao grande príncipe Vassíli Vassílievitch, que perdeu a visão, devido a ações cometidas por seus parentes, rivais. Porém, ele mesmo fora o iniciador desse tipo de crueldade com seus adversários. Em 1445, o príncipe Vassíli II foi derrotado e preso pelo Khan de Kazan. A cidade entrou em pânico, no decorrer do qual um incêndio destruiu todas as construções de madeira do Kremlin; porém, o receio dos moscovitas, que temiam a chegada dos Mongóis, não foi concretizado. Vassíli II foi libertado por meio de uma enorme recompensa. Havia rumores de que a capital seria reinada diretamente pelo Khan de Kazan. Houve uma conspiração contra o príncipe Vassíli, da qual participaram muitos moscovitas e até seus parentes próximos. O príncipe foi capturado, cegado e exilado. De acordo com o historiador N.Karamzín, ao cegar o príncipe, os seus executores disseram: “Por que gostais dos tártaros e entrega as cidades russas como alimento para eles? Por que cobres os infiéis com a prata e o ouro cristão?”¹⁴² Apesar disso, pouco tempo depois o príncipe conseguiu retomar o trono. A partir de então, ele passou a ser chamado de Vassíli Tiomnyi (Vassili, o Cego). Como podemos observar, esse episódio mostra as duas características culturais russas muito importantes para o texto de Moscou: certa antipatia em relação ao estrangeiro e a ideia

¹⁴² KARAMZÍN, N. História do estado russo (Istória gosudárstva rossíiskogo). 12 volumes. Volume V. In: <http://www.bibliotekar.ru/Karamzín/50.htm>

de que as cidades russas também são centros religiosos que devem resistir aos inimigos infiéis e expandir a ortodoxia para o mundo.

Após a seção das guerras feudais, em meados do século XV, começou a se desenvolver a vida urbana em Moscou, com o aumento da população e a inclusão de novos edifícios construídos de pedra. Entretanto, as edificações de pedra se restringiram ao Kremlin, onde a cada ano era construída uma nova igreja, mas de tal qualidade que depois de 20 a 50 anos, elas tiveram que ser totalmente reconstruídas. A mudança ocorreu nos anos 70 do século XV: foram adicionados a Moscou novos principados e terras, principalmente a República de Nóvgorod, em 1477. Através disso, foram confiscadas muitas riquezas e vários arquitetos de Pskov, Nóvgorod, e, principalmente, da Itália, vieram para transformar o estilo de Moscou.

O primeiro dos italianos foi Aristotele Fioravanti, de Bolonha. Entre 1475-1479, ele ergueu no Kremlin a Catedral da Anunciação, que se conserva até os nossos dias. A Catedral teve sua decoração atribuída aos mais talentosos pintores de ícones, dentre os quais podemos destacar o então jovem Andrei Rubliov. A Catedral impressionou a crônica de Moscou por suas dimensões, pela perfeição arquitetônica, e pela pureza do som em seu interior.

Catedral de Anunciação no Kremlin

Fioravanti era um artista muito prestigiado e Ivan III lhe pagava um enorme salário: 10 rublos por mês. Naquela época, com esse dinheiro era possível comprar aproximadamente três aldeias. Tal generosidade mostra que o estrangeiro nem sempre foi visto de maneira negativa: a Europa, sua arte e arquitetura serviam como modelo para a construção de Moscou.

É necessário frisar que mesmo as igrejas e catedrais, que eram um símbolo da fé genuína russa, eram construídas por estrangeiros. Dessa forma, podemos concluir que se, de um lado, todo estrangeiro foi tratado no mínimo com desconfiança, também foi admirado e copiado como um modelo perfeito. Aqui se encontra a raiz e a razão do futuro surgimento de São Petersburgo (uma capital que modelava várias cidades europeias) e da sua oposição a Moscou tradicional, que se afastava de tudo que lhe era alheio.

As guerras que Ivan III conduzia nos anos 70-80 do século XV mostravam a necessidade de reconstrução das fortificações decadentes. Dessa forma, em 1485 foi

iniciada a construção de um novo Kremlin de Moscou, da qual novamente participaram alguns arquitetos italianos; assim, a fortaleza e o centro da cidade reconstruído, aos poucos, adquiriam um aspecto bastante ocidental. Embaixadores estrangeiros, que se tornavam o novo assunto das crônicas, passaram a vir com mais frequência a Moscou. Muitos estrangeiros encontravam em Moscou sua segunda pátria. Assim, fortificando o Kremlin à moda europeia, construindo novos prédios, ampliando e replanejando as ruas, recebendo novas pessoas, Moscou, de uma pequena fortaleza na Colina Borovítski transformou-se na capital do maior Estado do leste da Europa.

A função centralizadora de Moscou, após a queda do jugo dos mongóis em 1480, a união de muitos estados separados no Grande Estado de Moscou, o casamento do grande príncipe Ioann III com Sofia Paleolog (sobrinha do último imperador bizantino), sucessos militares no Oriente (a conquista dos reinados de Kazan e de Ástrakhan) contribuíram para o surgimento e para a formação da ideia de que Moscou era a terceira Roma.

2. Moscou como terceira Roma

O conceito de “Moscou como terceira Roma” se formou no século XVI. Em 1439, na Itália, durante o Concílio de Basiléia-Ferrara-Florença foi assinado o decreto da união entre a igreja católica e a igreja ortodoxa. De acordo com ele, a igreja ortodoxa novamente passava a ser regida pelo Papa. O Império Bizantino assinou esse acordo esperando pela ajuda dos europeus na luta contra os turcos. Porém, em 1453, Constantinopla, a Segunda Roma, foi conquistada. Pelo fato de a Rússia não ter reconhecido a União de Florença, a queda do Império Bizantino foi considerada um castigo celeste pela traição da Ortodoxia. Portanto, Moscou se tornou a Terceira Roma, cuja missão era a preservação da Igreja e da Ortodoxia.

Durante séculos, Moscou reunia ao redor de si terras novas, formando o poderoso Império Russo que cada vez mais se fortalecia, e nas entranhas da consciência nacional se desenvolvia a ideia de que para um império tão grande caberia uma grande predestinação. Na base da ideologia da Terceira Roma está a representação da cidade escolhida e protegida por Deus, convocada para realizar uma missão histórica especial e para cumprir a Vontade de Deus. Na interpretação russa, essa ideia tinha uma base cristã profunda: a missão Mundial da Rússia, cidade escolhida por Deus, era salvar a Igreja Ortodoxa. Enquanto o maior objetivo da terceira Roma era a Nova Jerusalém, futuro reino de Deus, o que era impossível atingir fora da igreja. O Estado de Moscou era compreendido como o baluarte da igreja Ortodoxa, um Estado cristão que protege, através da sua força e de seu poder, a ortodoxia. Dessa forma, a igreja era a base e garantia da existência da Rússia.

Para a compreensão da ideia são característicos os seguintes postulados:

- O significado excepcional da Igreja Ortodoxa na existência da Rússia, a missão histórica como um Estado nacional, e civilização mundial.
- O papel excepcional do Estado na preservação e proteção da igreja. O princípio da existência do Estado e da igreja em harmonia.
- Percepção da história da Rússia Ortodoxa como parte da história sagrada e da história do mundo cristão.
- Percepção da Rússia como uma civilização protegida por Deus.
- O papel messiânico da Rússia (na imagem da Capital Ortodoxa – Moscou), na história mundial.

Um dos maiores pesquisadores do assunto, Mikhail Kudriávtssev¹⁴³, classificou em três categorias a simbologia da Terceira Roma. Em primeiro lugar, símbolos emprestados dos grandes impérios antigos, dos quais Moscou se via como herdeira: Roma, Constantinopla e Jerusalém. Em segundo lugar, a simbologia da cidade apocalíptica de Deus — A Nova Jerusalém, descrita na Revelação a João. Em terceiro lugar, a simbologia relacionada com a vida terrena de Jesus Cristo e a Terra Sagrada.

Kudriávtssev considera como principais centros simbólicos e arquitetônicos de Moscou a Catedral de São Basílio e a Praça Vermelha.

A Catedral de São Basílio foi construída entre os anos de 1550-1560 por ordem de Ivan, o Terrível, em homenagem à importante conquista da cidade de Kazan e do Canato de Kazan. Não se sabe ao certo quais foram os arquitetos responsáveis pela edificação da Catedral. Segundo a lenda, os arquitetos foram cegados por ordem do Tsar Ivan, o Terrível para que nada semelhante fosse reproduzido em qualquer lugar do mundo:

¹⁴³ KUDRIÁVTSEV, Mikhail Petróvitch. *Moscou – Terceira Roma (Moskva - Tretii Rim)*, Moscou 1994.

A lenda sobre a ordem de cegarem o arquiteto responsável pela construção da Catedral do Manto de Nossa Senhora imputada a Ivan, o Terrível abre dois motivos deveras “laicos”: a afirmação da beleza única da catedral e a formação da imagem de tsar tirano edificador (esse motivo está presente, em Petersburgo, em muitas lendas sobre a fundação da cidade e sobre Pedro I, e em Moscou nas lendas sobre a participação de Stálin na construção e na reconstrução de Moscou).¹⁴⁴

Catedral do Manto de Nossa Senhora em nossos dias

No plano simbólico, a Catedral representava a imagem arquitetônica da Nova Jerusalém, a cidade de Deus para a qual a humanidade voltaria graças ao sacrifício de Jesus Cristo. Oito pequenas igrejas posicionadas ao redor da nona, a central, formam uma estrela octogonal. O número oito simboliza o dia da ressurreição de Cristo que, de

¹⁴⁴ VESSELÓVA, I. S. A lógica da confusão moscovita (Lógika moskóvskoi pútáitsy) In: Moscou e o texto “moscovita” da cultura russa (Moskvá i “moskóvski tiekst” rússkoi kultúry). Moscou, RGGU, 1998. P. 102.

acordo com o calendário judaico antigo, era o oitavo dia, bem como o futuro Reino de Deus — o reino do “oitavo século”, que chegaria após a segunda vinda de Cristo. A própria estrela representa a igreja ortodoxa, que guia o homem por seu caminho até a nova Jerusalém, e também lembra a estrela de Belém, que mostrou aos reis magos o caminho até o menino Jesus.

Plano da Catedral de São Basílio

A tarefa mais difícil para os arquitetos era criar a Catedral da Nova Jerusalém em uma cidade na Terra. De acordo com Kudriávtssev¹⁴⁵, a solução foi encontrada na composição da Praça Vermelha. Durante as grandes celebrações religiosas, as missas eram realizadas na Praça Vermelha; ela era tomada pelo povo, e a Catedral de São Basílio representava o altar dessa enorme Catedral sob céu aberto. Dessa forma, a

¹⁴⁵ KUDRIÁVTSEV, Mikhail Petróvitch. *Moscou – Terceira Roma (Moskva - Tretii Rim)*, Moscou 1994.

principal Catedral de Moscou simbolizava a ideia de Moscou como Terceira Roma, através de suas arquiteturas, esculturas e pinturas, glorificando a salvação de Moscou e da Rússia, por intermédio da Igreja Ortodoxa. Mais tarde, essa função foi parcialmente transferida para a Catedral do Cristo Salvador, erguida após a vitória sobre Napoleão, em 1812. Ao tema da “Catedral do Cristo Salvador” ainda será dedicada uma explicação no decorrer da tese.

De acordo com estudioso e professor de literatura russa antiga Mikhail Odiésski¹⁴⁶, foi no século XVII que, com base na ideia de “Moscou como terceira Roma” iniciou-se o texto de Moscou. Em meados do século XVII, o interesse pela história da fundação da cidade cresceu e foram produzidas várias “histórias sobre o início de Moscou”. Segundo o pesquisador, essas histórias foram reunidas através da seguinte lógica: como a primeira Roma foi erguida após derramamento de sangue, do assassinato de Remo pelo seu irmão Rômulo antes da construção de Roma, Moscou também devia ser fundada “sobre sangue derramado”. Era uma condição importante para considerá-la uma grande cidade e sucessora de Roma. Trata-se do motivo do “sacrifício de construção”, que teve sua origem no rito da cultura popular, de acordo com o qual antes de qualquer construção deve ser derramado sangue para se agradar aos deuses:

O “sacrifício de construção” é uma componente do mito “significativo” de muitas cidades em diversas tradições culturais¹⁴⁷.

Na mitologia sobre Moscou, esse arquétipo transformou-se na história do “duplo assassinato” que ocorreu no início do processo de formação da cidade.

¹⁴⁶ ODIÉSSKI, M. P. Moscou – cidade de São Pedro (Moskvá – grad sviatógo Pietrá). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P.16.

¹⁴⁷ Idem.

De acordo com a lenda, o boiardo Stepan Kútchka possuía terras ao longo do rio Moscou. O príncipe Iúri Dolgorúki entrou em conflito com o boiardo e ordenou que o assassinassem. De acordo com algumas versões, o príncipe se apaixonou pela esposa do boiardo e esse foi o motivo do assassinato. Assim, Iúri Dolgorúki tornou-se o proprietário das terras onde futuramente seria fundada Moscou. Ainda segundo a lenda, ele casou seu filho, Andrei Bogoliúbski, com a filha do boiardo assassinado, Ulita. Mas esse casamento não foi feliz: Ulita participou de uma conspiração contra o marido e, como resultado, ele também foi morto. Diz a lenda que essa foi a forma de vingança encontrada por ela após o assassinado do pai.

Assim, a lenda sobre o início de Moscou contribuiu para a formação de dois temas: de um lado, Moscou como cidade fundada “sobre sangue derramado”, assim como Roma, portanto sua continuação – a terceira Roma – e, de outro, Moscou como palco de uma trágica história de amor e morte. Este último tema foi desenvolvido na literatura do século posterior e voltaremos a ele mais adiante.

3. A Figura de Pedro, o Grande

Quando Pedro, o Grande iniciou suas atividades de europeização da Rússia, o país era chamado, na Europa, de “Moscóvia bárbara”, provavelmente graças à crueldade de Ivan IV, o Terrível, e o tempo turbulento que se iniciou após a sua morte, em 1584, e terminou em 1613, com a chegada da dinastia Románov ao poder. Com as inovações de Pedro, o país gradualmente começou a transformar-se no Império Russo. Há 300 anos, na política européia, não havia muita consideração pela Rússia. Os europeus raramente viajavam à Rússia, por ela não os atrair muito. E, aqueles que viajavam, dificilmente iam além de Moscou, cidade que por si só representava, para os estrangeiros, um enorme país.

As mudanças começaram com a assim chamada “Grande Embaixada”, de Pedro I, entre os anos de 1697 e 1698. Com a peregrinação do tsar russo (que viajava incógnito) e alguns representantes da alta nobreza pelos países ocidentais, foi literalmente “aberta a janela para a Europa”, mesmo antes da construção de São Petersburgo. O objetivo oficial da “Embaixada” era a confirmação da união dos Estados cristãos contra a Turquia e a Criméia, porém, os objetivos diplomáticos não eram os únicos: era necessário conhecer a vida política européia, usar os modelos militares e políticos para a reforma dessas instituições na Rússia e, através do exemplo do soberano, incentivar os súditos a visitar os países ocidentais para aprender idiomas estrangeiros, boas maneiras, diversas profissões e a arte militar.

A missão política da “Grande Embaixada” acabou fracassando, pois a autoridade da Rússia na Europa não era forte. Porém, no que hoje chamaríamos de “intercambio cultural”, os ganhos foram significativos para ambas as partes. Não apenas os círculos diplomáticos da Europa estavam curiosos pela missão da embaixada russa. Esse

acontecimento inédito, a presença da “Moscóvia Bárbara”, mexia com as mais variadas camadas da comunidade européia. A maior atenção era dirigida a uma personalidade misteriosa que fazia parte da “Embaixada”: um jovem chamado Piotr Mikháilov. Ele costumava se isolar da “Embaixada” e se colocava em vários lugares para aprender arte marítima e engenharia: “dele nada passava despercebido; ele possuía uma surpreendente sede de conhecimento, esperteza e capacidades extraordinárias; esse homem surpreendente era o próprio tsar de Moscou”.¹⁴⁸ A aparição do tsar moscovita na Europa despertou muita curiosidade, já que ele representava para o mundo ocidental o seu misterioso e desconhecido país. Entre os interessados estavam duas mulheres, representantes da sociedade civilizada européia: A princesa de Hanover, Sofia, e sua filha, a princesa de Brandemburgo, Sofia Charlotta. As referências de ambas sobre o tsar conservaram-se, e em uma delas Sofia Charlotta descreve:

Eu imaginava suas caretas muito piores do que são na verdade, e ele não consegue abster-se de algumas delas. Além disso, nota-se que ele não foi ensinado a comer com asseio. Mas eu gostei de sua naturalidade e desenvoltura.

A sua mãe era mais benévola em relação ao líder dos russos:

O tsar é alto, sua face tem traços maravilhosos e ele tem postura nobre: tem uma grande vivacidade da mente, suas respostas são rápidas e corretas. Mas a natureza o presenteou com todas as suas qualidades, seria desejável que ele fosse menos grosseiro. Ele é um soberano muito bom e, apesar disso, muito ruim. Em relação à

¹⁴⁸ BLUDÍLINA, N. D. “A Grande Embaixada de Pedro I e a visão de Moscou na Europa no limiar dos séculos XVII-XVIII. (Velíkoie Possolstvo Petra I i otnoshenie k Moskve v Evrope na rubezhe XVII-XVIIIvv). In: Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature). Moscou, Nasledie, 2000. P. 35

moral, é um verdadeiro representante do seu país. Se tivesse recebido uma educação melhor, seria uma pessoa perfeita, pois tem muitas qualidades e uma mente extraordinária.¹⁴⁹

Todo o percurso da “grande Embaixada” foi acompanhado por muitos jornais europeus, e, dessa forma, os periódicos alemães, estupefatos, relatavam sobre a viagem incógnita do tsar russo, suas vestimentas simples e seu empenho no estudo das artes da marinha e de guerra. Quando perguntaram para um diplomata russo sobre o motivo de haverem tantos russos na Europa, ele respondeu que a contratação de especialistas estrangeiros custa muito caro, portanto o tsar decidiu mandar os seus súditos para estudar no exterior.

Em agosto de 1699, o soberano retornou a Moscou e a partir de então se iniciou a nova contagem do tempo. A “Moscóvia”, sacudida pelas reviravoltas de Pedro, continuava alvo de atenção de todos os jornalistas da Europa: a introdução da roupa europeia, a barba cortada dos *boiardos* russos, a reforma da igreja, do calendário e do exército. Na personalidade de Pedro, havia uma combinação de despotismo oriental e de racionalismo ocidental. A primeira qualidade, naturalmente, repugnava os europeus e a segunda os encantava. Ele era único e muito diferente de todos os outros soberanos europeus. Com pavor foram recebidas notícias sobre as medidas cruéis tomadas por Pedro contra os *streltsi*¹⁵⁰ rebeldes. Rumores apontavam que Pedro cortava cabeças com as próprias mãos, e que os revoltados eram colocados em caldeirões com água fervente. No século XIX, mais precisamente em 1870, o compositor Modest Mússorgski dedicou a esses acontecimentos sombrios sua obra *Khovánshina*. A abertura da ópera, “Aurora

¹⁴⁹ Idem, p. 36.

¹⁵⁰ *Streltsi* - infantaria russa com serviço tornado vitalício e hereditário, nos séculos XVI e XVII.

no rio Moscou”, menciona a imagem simbólica da antiga cidade acordando para um novo dia e a música possui caráter claramente popular.

Todas as mudanças em Moscou eram vistas na Europa como mérito pessoal de Pedro, pois o povo russo, na opinião dos ocidentais, era inerte, possuía caráter de escravo, bebia demais e era selvagem por natureza. Portanto, era muito atrasado em relação aos outros países da Europa. A expansão do novo Império perturbava as mentes europeias:

As vitórias militares da Rússia eram recebidas com preocupação: a Moskóvia tornava-se “violadora da tranquilidade”; o sucesso das tropas russas levava a novas aquisições territoriais da Rússia e causava medo por sua imprevisibilidade: o que acontecerá depois? Quem será o próximo?¹⁵¹

O interesse da Europa em relação à Rússia não era apenas espontâneo. Pedro, de modo consciente, participava da sua formação. Os artigos favoráveis à Rússia, publicados na imprensa européia, recebiam incentivo financeiro, muitos cientistas estrangeiros foram convidados a trabalhar no país. Posteriormente, estes contribuíram muito para a formação de uma imagem positiva da Rússia no ocidente. Entre eles pode ser mencionado Christian Stieff, professor de história e retórica, autor da obra “Relatos sobre a posição contemporânea do Império dos Moscovitas”, datado de 1706. Embora para os europeus da época a Rússia já não representava um Estado longínquo e isolado, os “Relatos” de Stieff compunham uma primeira monografia com amplas informações

¹⁵¹ BLUDÍLINA, N. D. “A Grande Embaixada de Pedro I e a visão de Moscou na Europa no limiar dos séculos XVII-XVIII. (Velikoe Possolstvo Petra I i otnoshenie k Moskve v Evrope na rubezhe XVII-XVIIIvv). In: Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature). Moscou, Nasledie, 2000. P.37.

sobre as mudanças na Rússia. A obra do autor alemão inicia-se com as seguintes palavras:

Os governantes do amplo Estado Moscovita, durante o último século, estabeleceram múltiplas ligações estaduais com seus vizinhos, mas nunca nenhum soberano moscovita causou no mundo impressões maiores do que o todo-poderoso Tsar Piotr Alekséievitch, que renovou o mecanismo Estatal e militar do seu país e o colocou em pé, além de adquirir gloria eterna para suas armas na Livônia Sueca. Por meio dessa nota, será conhecida a situação atual do Reino Moscovita para cessar quaisquer rumores, ainda mais que o autor por si próprio tenha conseguido suas informações das melhores fontes e das mais recentes notícias.¹⁵²

A obra de Stieff era universal: ela mencionava as normas de conduta na antiga e nova Moscou, sobre a igreja e religião, sobre tradições, comércio e ciência, entre outros. Finalmente, o autor chega às seguintes conclusões:

Até agora, eles viviam na maior barbárie do mundo, mas agora estão mais ou menos civilizados... tornar o povo inteiro culto é um assunto não para apenas um ano, mas para um século inteiro, enquanto não se estabelecer e não for cumprida a lei escrita... Não é fácil lidar com um povo igual aos moscovitas, nascido para a escravidão; a sua natureza é tão criminoso que eles, por livre e espontânea vontade, não querem fazer nada, e é possível obrigá-los a trabalhar apenas batendo neles cruelmente.¹⁵³

¹⁵² BLUDÍLINA, N. D. "A Grande Embaixada de Pedro I e a visão de Moscou na Europa no limiar dos séculos XVII-XVIII. (Velíkoe Possolstvo Petra I i otnoshenie k Moskve v Evrope na rubezhe XVII-XVIIIvv). In: Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature). Moscou, Nasledie, 2000. P. 39

¹⁵³ Idem.

De acordo com o cientista alemão, a autoavaliação dos russos é alta demais, porém ele não havia encontrado fatos suficientes para justificar todo esse orgulho (o autor acusava o povo russo de ser grosseiro e selvagem):

Apesar desses costumes [...] eles se acham corajosos, orgulhosos e melhores em comparação com os outros povos, vangloriam-se demais e afirmam ter vantagens em todos os assuntos, sem exceção.¹⁵⁴

Se enquadrarmos isso na linguagem moderna, o papel messiânico que os russos atribuíam ao seu povo e ao país pode ser chamado de “autoestima elevada”. Apesar das diferenças entre os povos da Europa e da Rússia, Pedro não entendia os conceitos “Rússia” e “Europa” como opostos, não no espírito da idéia de Moscou como Terceira Roma, e não como os eslavófilos do século XIX; ele considerava a Rússia um país integrante da Grande Europa. Foi com essas idéias que ele iniciou a construção de São Petersburgo.

¹⁵⁴ Idem.

4. São Petersburgo versus Moscou: início da oposição

Embora Pedro, o Grande tivesse nascido, sido batizado e vivido durante a infância em Moscou, seu objetivo era tirar a posição central da antiga capital. Uma tarefa um tanto quanto difícil, pois, geograficamente, Moscou se encontrava em posição privilegiada, justamente no centro do país, literalmente em seu coração. O filósofo francês Denis Diderot mencionou em uma das cartas a Imperatriz Ekaterina II:

Um país cuja capital se localiza nas extremidades parece um animal que tem o coração na pontinha do dedo, ou o estômago no dedão do pé.¹⁵⁵

De acordo com K. Issúpov, Pedro, o Grande “começou a construir um Estado dentro do outro.”¹⁵⁶ A construção se iniciou em 16 (27) de maio de 1703 e já no ano de 1710 estavam morando na cidade 44.720 famílias de operários, e casas para 350 representantes da nobreza, 300 comerciantes e 300 operários estavam sendo construídas.

Petersburgo era uma utopia realizada, uma cidade experimento, o futuro modelo de todo o Estado. Portanto, ela tinha que possuir todos os traços externos de uma capital mundial: ritualização da comunicação, regularidade total de todos os planos de comportamento, tanto pessoal, quanto entre as classes. Como resultado, Pedro construiu não uma cidade mundial, mas uma maquete de uma cidade mundial; isso porque os órgãos governamentais, nos primeiros anos, estavam no meio caminho entre a imitação e a realidade. Só uma coisa se tornou realidade: na Rússia se estabeleceu uma nova capital com o regime de vida europeu, que também foi prescrito a todas as demais

¹⁵⁵ ISSÚPOV, K. G. *O diálogo das capitais no movimento histórico* (Dialog stolits v istoricheskom dvizhenii). Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P.7.

¹⁵⁶ Idem.

cidades do Império. Issúpov menciona um fato curioso: quando certa vez os operários moscovitas, convidados a São Petersburgo para realizar trabalhos de manufatura, começaram a cantar na rua, foram castigados por perturbarem a tranquilidade imperial.

Em 1712, a cidade de São Petersburgo foi declarada a capital do Império Russo, o trono e a corte foram transferidos para lá, mas essa era apenas a constatação de um fato já anteriormente consumado. Era um acontecimento inédito, e que na época foi vivenciado de forma dramática pelo povo e gerou muitas consequências importantes:

Pela primeira vez na história do trono nacional, o Tsar, para sempre, deixa a capital tradicional dos soberanos moscovitas. É preciso entender aquele pavor sagrado e a sensação de fim do mundo a que foram submetidos pelo feito de Pedro, não apenas entre a nobreza moscovita como também na profundidade da psicologia cotidiana popular. Aqui está o início do fortalecimento da reputação de Petersburgo como “Cidade do Anticristo” e de Pedro como Tsar-lobisomem (“falso”).¹⁵⁷

O Imperador morreu “como que deixando um legado de ódio em relação a sua cidade”.¹⁵⁸

Ao longo de todo o século XVIII, Moscou era percebida como antípoda da capital do norte, na comparação onde Moscou recebia características como “mãezinha, ampla e generosa, nacional, russa” (basta lembrarmos os ditados russos: “Petersburgo é a cabeça, Moscou é o coração”¹⁵⁹, “Moscou é a mãe de todas as cidades”¹⁶⁰, “Moscou é

¹⁵⁷ Idem, p.4.

¹⁵⁸ AFANÁSSIEV, E. L. Moscou no pensamento dos filósofos russos no período pós Pedro (Moskva v razdumiah russkikh myslitelei poslepetrovskogo vremeni [eu acho que todas as citações deveriam estar em russo tb, e transliteradas...]). In: Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature). Moscou, Nasledie, 2000. P. 42.

¹⁵⁹ Peterburg – golová, Moskvá – siédtse.

¹⁶⁰ Moskvá – vsiem gorodám mat.

famosa por suas noivas, seus campanários e suas rosas”¹⁶¹, etc.); São Petersburgo era vista como racional, cerimoniosa e estrangeira. Cada vez mais, Moscou tornava-se uma guardiã da vida a moda antiga, cidade da alma e da religiosidade popular russa.

A imagem de Pedro também sofreu fortes mudanças no decorrer do século XVIII. Em meados do século XVIII os maiores poetas russos da época, Antioch Kantemir (1673-1723) e Mikhail Lomonósov (1711-1765), dedicaram vários poemas épicos enaltecendo o primeiro Imperador; porém, no final do século, Pedro passa a ser tratado sem exaltação e com muito mais frieza e rigidez. O primeiro a realizar essa reavaliação foi o príncipe Mikhail Scherbátov (1733–1790), historiador e escritor, que publicou uma obra com um título característico: “Em referência aos defeitos e à autocracia de Pedro, o Grande”, que depois fora resumida no livro “Em referência à danificação dos costumes da Rússia” (1789-1790). De acordo com Scherbátov, foi Pedro quem iniciou a política de favoritismo, a partir da qual os bons costumes russos começaram a ser estragados. Mikhail Scherbátov também é autor de “Petição de Moscou referente ao seu esquecimento”, dirigido à Imperatriz Ekaterina II, escrito em 1787. De acordo com Iussúpov, o “Requerimento do príncipe não é um pedido pessoal do súdito, direcionado à Imperatriz, e sim a súplica de toda a antiga capital para a nova”.¹⁶² Provavelmente, o autor elaborou essa carta porque sabia da visão extremamente negativa que Ekaterina tinha em relação à Moscou.

¹⁶¹ Slávitsia Moskvá neviéstami, kolokólniami da kalatchami.

¹⁶² IUSSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). In: Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro ET Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P.4.

Eu não gosto nada de Moscou, mas não tenho nenhum preconceito contra Petersburgo [...]. Moscou é uma capital ociosa e o seu tamanho exagerado sempre será a causa disso [...].¹⁶³

Em sua carta, Scherbátov relembra a história russa na qual Moscou sempre ocupava um lugar especial, centralizando forças contra os inimigos. Na tentativa de devolver a atenção de “seus soberanos” para a antiga capital ele reforça a simbologia sagrada da cidade como sucessora de Roma. Porém, os seus esforços não obtiveram êxito e Moscou continuou no ostracismo.

As críticas direcionadas à figura de Pedro, iniciadas por Scherbátov, foram continuadas por poeta escritor e dramaturgo Aleksandr Sumarókov (1717-1777) em dois ensaios sobre as revoltas dos *streletsi*: “A primeira e principal revolta dos *streletsi* ocorreu em Moscou, no ano de 1682, em maio” e “A segunda revolta dos *streletsi* de 1682”. Tais obras planejadas como apologia ao grande Imperador no final acabam mostrando traços de discórdia em relação às inovações e o desejo de regresso aos modos antigos; nelas muitas vezes Sumarókov exclama:

Estão delirando os que pregam o fato de que nós, antes dos tempos de Pedro, o Grande, éramos bárbaros ou quase animais; os nossos antepassados não eram piores do que nós...¹⁶⁴

O autor reavalia o reinado do irmão mais velho de Pedro, Fiódor, que se torna a personificação de um governador ideal:

¹⁶³ Idem.

¹⁶⁴ SUMAROKOV, A.P. A primeira e principal revolta dos *streletsi* acontecida em Moscou em 1682, no mês de maio (Piérvyi i glávnyi strelíetski bunt, bývshi v Moskvíe v 1682, v miésiatse Máie). In: Obras Completas. Moscou, 1787, parte 6, P. 172.

Os russos da época não tentavam se transformar nem em alemães nem em franceses, mas sim corrigir-se, iluminar-se e serem originais, dignos, e não cópias frágeis, misturadas e oscilantes dos estrangeiros que rejeitam suas próprias qualidades.¹⁶⁵

Sumarókov simpatiza com a simplicidade e a naturalidade dos costumes moscovitas, assim como muitos dos pensadores da época, que concordam com a idéia de que a Rússia, ao desprezar o modo de viver de seus antepassados, tomou um caminho impróprio e se perdeu espiritualmente.

Os escritores do final do século XVIII também refletiam sobre a transferência da capital para São Petersburgo. Por exemplo, o historiador e político Ivan Bóltin (1735-1792) aponta para as desvantagens da nova capital, tais como: posição longínqua, terras inférteis, clima severo, local pantanoso, preços caros dos alimentos, afirmando:

Para toda a Nobreza e o Povo em geral era desagradável a designação da capital para esse local onde Petersburgo fora construída... portanto, mais cedo ou mais tarde, Petersburgo deverá ser deixada e a capital será transferida para o local antigo, ou para outro mais vantajoso em relação aos dois anteriores.¹⁶⁶

Essa opinião de Bóltin era a mesma da maioria nos séculos XVIII e XIX e também foi expressa nas palavras de Nikolai Karamzín que chamava São Petersburgo de “o erro brilhante de Pedro, o Grande”. O historiador concordava que a conquista da saída para o mar Báltico era importante, porém seria mais correto fundar nas margens

¹⁶⁵ Idem. P. 171.

¹⁶⁶ AFANÁSSIEV, E.L. Moscou no pensamento dos filósofos russos no período pós Pedro (Moskvá v razdúmiáh rússkih mysítelei poslepetróvskogo vriémeni). In: Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature). Moscou, Nasledie, 2000. P. 46.

do rio Nievá uma cidade de comerciantes e não uma capital: “a ideia de firmar lá a presença de nossos Soberanos era, é, e sempre será prejudicial”. Karamzín exclama:

[...] quantas pessoas morreram, quanta força e quantos milhões foram gastos para a realização desse desejo? Podemos dizer que Petersburgo foi fundada sobre lágrimas e cadáveres.¹⁶⁷

Essas últimas palavras se referem a um conceito, na cultura popular, de que São Petersburgo fora construída “sobre ossos”. Isso nos remete ao “sacrifício de construção” que sempre deve ser oferecido a qualquer grande construção. Pelo fato de São Petersburgo não possuir uma lenda de assassinato no início de sua formação, assim como Roma e Moscou, o motivo obrigatório do “sacrifício da construção” nesse caso foi realizado depois: como durante a sua construção morreram milhares de pessoas, a nova capital também foi erguida sobre o sangue, portanto é uma grande cidade comparável com Roma e Moscou.

Enquanto a imagem de São Petersburgo e de Pedro, o Grande adquiria, com o passar do tempo, cada vez mais características negativas, Moscou se tornava uma guardiã das tradições e lendas antigas. O final do século XVIII foi marcado pelo intenso interesse pela história russa, nessa época foram escritas várias obras historiográficas. Curiosamente, seus autores não eram historiadores, mas, na sua maior parte, renomados escritores e poetas russos, entre eles: Mikhail Lomonóssov, Aleksandr Sumarókov, Mikhail Scherbátov e Ivan Bóltin, entre outros. Até mesmo a Imperatriz Ekaterina II chegou a escrever “Notas referentes à história russa”, em 1782.

¹⁶⁷ KARAMZÍN, Nikolai. “Sobre a Rússia antiga e nova e sobre suas relações políticas e civis” (O drevnei i novoi Russii v ee politicheskoi i grazhdanskoi otnosheniah // *A história do Estado russo (Istoria Gosudarstva Rossiskogo)*). Tula, 1990. Volume X-XII. P. 508.

Tal interesse pela história da Rússia antiga revelou mais um integrante da oposição Moscou – São Petersburgo, a cidade de Nóvgorod, conhecida como uma república feudal dirigida pela *viétchie* (reunião de todos os homens da cidade para a resolução de questões importantes, que tinha poder até mesmo de julgar e condenar os príncipes). Na opinião de Mikhail Scherbátov e Mikhail Karamzín, a vitória dos príncipes de Moscou fez com que a Rússia escolhesse um caminho de despotismo e repressão ao invés da liberdade e democracia da República de Nóvgorod. Nessa escolha, Ivan, o Terrível e seu sangrento reinado tornam-se a encarnação da tirania dos tsares. Se Moscou iniciou esse caminho, São Petersburgo, de acordo com Eduard Afanássiev, continuou-o:

Dessa forma temos que Petersburgo, nesse sentido, já é uma herdeira posterior de Moscou que finalmente nivelou e igualou tudo e transformou a cultura em um espaço comum facilmente dirigido por metragem... e números. O esforço burocrático dos funcionários retirou todas as cores vivas da particularidade popular e as transformou em um gráfico triste de linhas calmas.¹⁶⁸

Não é por acaso que essas reflexões sobre o desenvolvimento histórico-cultural da Rússia surgiram no século XVIII e intensificaram-se ao longo do século seguinte. Tudo isso foi consequência dos feitos de Pedro cujas inovações (entre elas, a criação de Petersburgo) mudaram para sempre o rumo da história russa, voltando-a para o Ocidente.

Embora não fosse correto afirmar que antes de Pedro a sociedade russa não estava dividida em classes, depois das suas reformas, a distância entre a nobreza e o

¹⁶⁸ AFANÁSSIEV, E. L. Moscou no pensamento dos filósofos russos no período pós Pedro (*Moskva v razdumiah russkikh myslitelei poslepetrovskogo vremeni*). In: *Moscou na literatura russa e mundial* (*Moskva v russkoi i mirovoi literature*). Moscou, Nasledie, 2000. P. 49.

restante do povo transformou-se em um abismo. Assim, o historiador Vassíli Kliutchiévski (1841-1911) afirmava:

Como o vidro racha quando é aquecido em partes diferentes de forma desigual, da mesma forma a sociedade russa, ao absorver a influência europeia de modo diferente em todas as suas camadas, rachou. Não sem motivo alguns afirmavam que as classes superiores da sociedade russa às vezes pareciam, em seu próprio país, com os conquistadores estrangeiros.¹⁶⁹

Essa cisão aconteceu porque a nobreza russa passou a copiar os costumes e a cultura europeus, enquanto o povo continuava em sua “ignorância”. A aristocracia russa recebia educação europeizada, passava anos viajando pelo mundo e, quando voltava, sentia-se estranha no próprio país. A nobreza e o povo literalmente não entendiam uns aos outros e falavam línguas diferentes (o exemplo mais famoso é Aleksandr Púchkin, que, quando criança, falava francês melhor que russo). Acredita-se que esse conflito entre a minoria iluminista e a maioria conservativa foi causado pela assimilação da cultura ocidental induzida por Pedro.

Aliás, o Iluminismo russo é um fenômeno mais tardio quando comparado com o Iluminismo europeu e por isso era completamente orientado para o modelo ocidental. A cultura européia era copiada por russos na tentativa de diminuir o “atraso” em relação à Europa. Isso foi ilustrado no filme *A arca russa* (2002), de Aleksandr Sokúrov, o marquês de Custine, que acompanha o personagem principal em seu passeio pelo Hermitage, acusa os russos de copiarem demasiadamente os europeus e perderem o seu caráter genuíno.

¹⁶⁹ KLIUTCHIÉVSKI, V. Obras em 8 volumes. Moscou, 1957. Volume 3. P 275.

A herança que Pedro, o Grande deixou para os russos resultou no afastamento cada vez maior das classes superiores e inferiores, no fortalecimento do sistema de servidão (*krepostnóie pravo*) e na fixação do poder absoluto do monarca como consequência da diminuição da participação da igreja ortodoxa na vida sócio-política do país. Todos esses conflitos predestinaram o desenvolvimento posterior da Rússia: o auge da literatura, as discussões entre os eslavófilos e os ocidentalistas e até mesmo a Revolução Russa de 1917. A oposição das duas capitais, que se formou por completo no século XIX, foi uma consequência inevitável desse processo.

5. Moscou no século XIX

A lenda de amor e duplo assassinato que precedeu a fundação da Moscou antiga, além de colaborar para a formação da ideia de Moscou como sucessora de Roma, na consciência popular vinculou à cidade estes dois temas: amor e morte. De acordo com Mikhail Odiésski¹⁷⁰, na literatura a lenda transformou-se no motivo “Moscou como lugar da morte ou perda da amada”.

Em 1792 Nikolai Karamzín publicou a novela *A pobre Liza*, e, em 1809, Vladímir Jukóvski escreveu *O arvoredo da Maria (Márina rosha)*. Os acontecimentos na novela de Karamzín são contemporâneos à época em que foi escrito, enquanto que o drama de Jukóvski está ambientado em tempos mais distantes, antes da fundação de Moscou. Em ambas as novelas, as heroínas principais morrem: Liza comete suicídio ao saber que seu amado a traiu, e Maria é assassinada. Os corpos das moças, em ambos os casos, são lançados nas águas: no lago próximo ao Mosteiro Símonov e no rio Iáuza.

Posteriormente, o motivo “trágico-amoroso” de Moscou foi desenvolvido em várias obras. Em “*Gore ot uma*” de Griboiédov, Tchátски sofre por um amor não correspondido. Aleksandr Púchkin faz com que seu protagonista Ievguiéni Oniéguin primeiro recuse o amor de Tatiana e depois seja recusado por si mesmo. Por amor, Anna Kariênina se joga embaixo de um trem em uma estação nos arredores de Moscou. Doutor Jivago não encontra felicidade com sua amada Lara... A lista pode se alongar ainda mais, porém se a aumentássemos entraríamos em outra discussão: seria possível o amor com final feliz na literatura russa?

¹⁷⁰ ODIÉSSKI, M. P. Moscou – cidade de São Pedro (Moskvá – grad sviatógo Pietrá). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P. 20.

O mosteiro Símonov, que se tornou palco para o drama da novela *A pobre Liza*, é relacionado com a sacralidade e o caráter histórico e tradicional de Moscou:

Aqui vejo um ancião de cabelos grisalhos que se ajoelhou diante da cruz e reza sobre uma breve liberação dos seus grilhões terrestres. [...] Às vezes olho para a apresentação dos milagres que tiveram lugar nesse mosteiro: lá os peixes caem do céu para satisfazerem os habitantes do mosteiro; cá a imagem da Nossa Senhora afugenta os inimigos.¹⁷¹

Na novela de Karamzín *Natalia, a filha do boiardo* (*Natália, boiárskaia dotch*), de 1792, é retomada a “naturalidade” de Moscou:

Natalia [...] se aproximava da janela redonda da sua casa alta para contemplar a maravilhosa imagem da natureza que despertava: olhar para a Moscou de cúpulas douradas da qual o dia luminoso tirava o nebuloso véu da noite e que, como um pássaro enorme, acordado pela voz de amanhecer, tirava de si o orvalho brilhante. [...] “Como é bela a Moscou de pedra branca! Como são belos os seus arredores!” Mas o que a Natalia não pensava é que ela mesma, com suas vestimentas matutinas, era a mais bela de tudo.¹⁷²

No trecho citado a cidade não é apenas comparada a um pássaro (o motivo de Moscou como uma cidade natural) como também a uma bela e jovem moça. A naturalidade de Moscou é reforçada pelas inúmeras descrições das “selvagens” paisagens moscovitas: arvoredos, rios, parques, pastos e florestas.

¹⁷¹ KARAMZÍN, N. *A pobre Liza* (*Biédnaia Liza*). In : http://az.lib.ru/k/Karamzín_n_m/text_0010.shtml

¹⁷² KARAMZÍN, N. *Natalia, a filha do boiardo* (*Natalia, boiárskaia dotch*). In : http://az.lib.ru/k/Karamzín_n_m/text_0070.shtml.

Nikolai Karamzín dedicou à Moscou não apenas suas novelas como também obras históricas, por exemplo, “Nota sobre os lugares memoráveis de Moscou” (“Zapíska o moskóvskikh dostopámiatnostiakh”, 1817). Aqui Moscou aparece como primeira e única (“verdadeira”) capital e, além disso, como representante de toda a Rússia:

Moscou sempre permanecerá como a verdadeira capital da Rússia. Lá se encontra a concentração do reino, de todos os movimentos do comércio, indústria, da razão da cidadania. A Petersburgo bonita e majestosa influencia o estado no sentido de ter educação de forma mais fraca que Moscou, aonde os pais levam os filhos para estudar e aonde as pessoas livres vão para gozar dos benefícios da vida comunitária. Moscou fornece às províncias tanto os produtos, quanto a moda e o modo de pensar. A sua fisionomia meio asiática, mistura de suntuosidade com desmazelo, do enorme com o minúsculo, do antigo com o novo, da educação com grosseria, representam diante dos olhos de um observador um fenômeno curioso, particular e característico. Quem esteve em Moscou, conhece a Rússia.¹⁷³

Outro motivo constante do texto de Moscou no decorrer do século XIX é a sua oposição a São Petersburgo. Provavelmente, o primeiro escritor russo que expressou em suas obras as duas cidades, embora ainda sem a oposição, foi Aleksandr Púchkin, cuja vida também foi dividida entre as duas capitais. Nascido em Moscou, ele passou grande parte da sua infância e adolescência nos arredores de Petersburgo, onde estudou no Liceu de Tsárskoe Selô. A vida inteira do poeta teve relação com essa cidade, que

¹⁷³ KARAMZÍN, N. “Nota sobre os lugares memoráveis de Moscou” (“Zapíska o moskóvskikh dostopámiatnostiakh”. In: ALPÁTOVA, T. A. O “texto de Moscou” e os caminhos de formação da imagem do narrador em prosa de N. M. Karamzín (“Moskóvski tiéktst” i putí formirovânia óbraza povestvovátelia v proze N.M. Karamzíná). In: Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiéktst” v rússkoi literatúre i folklóre). Moscou, MGPU, 2004. P. 27.

posteriormente seria também o local de sua morte em um duelo, no ano de 1837. Petersburgo foi citada em várias de suas obras, mas apenas em uma delas a cidade aparece como uma das personagens centrais; trata-se do poema *O Cavaleiro de Bronze*, de 1833, cujas estrofes marcam o início e o auge do mito de Petersburgo. A narrativa do poema gira em torno à enchente de 1824, que castigara os habitantes da cidade. O auge dramático é o momento em que a estátua de Pedro passa a perseguir o personagem principal, Ievgueni. A imagem da cidade, inicialmente positiva, ganha traços diabólicos. Devido principalmente a esse texto, Aleksandr Púchkin muitas vezes é chamado de o criador do “texto de São Petersburgo”, ao qual também é própria essa percepção ambígua da cidade de São Pedro.

Porém, Púchkin não podia deixar de escrever sobre Moscou. O mais famoso texto de sua autoria dedicado às duas capitais é sem dúvida “Viagem de Moscou para São Petersburgo”, de 1835. O artigo surgiu como resposta ao livro “Viagem de Petersburgo à Moscou”, de Aleksandr Radíshev (1790), escrito em forma de anotações durante a viagem da nova capital para a antiga. Além do diálogo com Radíshev, nesse artigo Púchkin cria um “resumo para interpretações posteriores de Moscou e Petersburgo ao apresentar os principais paradigmas semióticos e a principal lista das características contrastantes”¹⁷⁴. Por exemplo, ele descreve o momento da transferência da capital e as conseqüências desse ato:

Pedro, o Grande não gostava de Moscou, onde ele a cada passo encontrava lembranças das revoltas e execuções, dos tempos remotos arraigados e da teimosa resistência da superstição e dos preconceitos. Ele deixou o Kremlin, que para ele não era abafado e

¹⁷⁴ ISSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). // Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P. 12.

sim apertado; nas margens longínquas do mar Báltico buscou lazer, vastidão e liberdade para a sua atividade poderosa e inquieta. Depois dele, quando a nossa velha aristocracia reivindicou a sua antiga força e influência, os Dolgorúki por pouco não devolveram à Moscou os seus soberanos; porém, a morte do jovem Pedro II novamente firmou os recentes direitos de Petersburgo.

A decadência de Moscou é uma consequência inevitável da elevação de Petersburgo. A duas capitais não podem florescer igualmente dentro do mesmo estado, assim como dois corações não podem coexistir em um mesmo corpo humano. [...]

Mas, Moscou, que perdeu o seu brilho aristocrata, floresce em outros sentidos: a indústria fortemente patrocinada animou-se e desenvolveu-se com uma força surpreendente. Os comerciantes ficaram mais ricos e passaram a morar nos palácios deixados pela nobreza. Além disso, a educação ama a cidade na qual Chuválov fundou a universidade de acordo com as prescrições de Lomonóssov.¹⁷⁵

A cidade de Moscou está presente em muitas obras de ficção de Púchkin, e igualmente em versos, como “Memórias de Tsárskoie Selo”. Nesses versos o jovem autor se recorda de Moscou como sua cidade natal, guardiã da memória e do passado glorioso do país e descreve as destruições causadas pelo abandono e pelos incêndios:

Terras de Moscou, terras natais,
Onde na aurora dos anos florescentes
Eu gastava horas douradas de despreocupação
Sem conhecer tristeza e desgraças (...)

Onde estás, beleza de Moscou de cem cúpulas,
O encanto da terra natal?
Onde antes aparecia diante do olhar uma cidade majestosa,

¹⁷⁵ PÚCHKIN, A. S. Obras completas em 10 volumes. Moscou, 1976. Volume 6. P. 399.

Agora restam apenas as ruínas;
Moscou, o seu aspecto triste causa medo ao russo!
Sumiram os prédios dos grão-senhores e dos tsares,
O fogo exterminou tudo. As coroas das torres foram eclipsadas,
Caíram os palácios dos ricos.

Lá onde habitava o luxo
Nos arvoredos e jardins sombreados,
Onde o mirto odorava e a tília estremecia,
Lá hoje estão carvão e cinzas.
Nas horas silenciosas da noite bela de verão
Para lá não voará a alegria barulhenta,
Já não brilham com as luzes as margens e os arvoredos claros:
Tudo está morto, tudo se calou.

Console-se, mãe das cidades russas,
Olhe para a morte do adventício.
Caiu hoje sobre os seus pescoços arrogantes
A mão vingativa do criador.

Olhe: eles fogem, não se atrevem a olhar para trás,
O seu sangue não para de jorrar nas neves;
Fogem – e na escuridão da noite a fome e a morte os recebem.
E da retaguarda persegue a espada russa.

Края Москвы, края родные,
Где на заре цветущих лет
Часы беспечности я тратил золотые,
Не зная горести и бед,
И вы их видели, врагов моей отчизны!
И вас багрила кровь и пламень пожирал!
И в жертву не принес я мщенья вам и жизни;
Вотще лишь гневом дух пылал!..

Где ты, краса Москвы стоголавой,
Родимой прелесть стороны?
Где прежде взору град являлся величавый,
Развалины теперь одни;
Москва, сколь русскому твой зрак унылый страшен!
Исчезли здания вельможей и царей,
Все пламень истребил. Венцы затмились башен,
Чертоги пали богачей.

И там, где роскошь обитала
В сенистых рощах и садах,
Где мирт благоухал и липа трепетала,
Там ныне угли, пепел, прах.
В часы безмолвные прекрасной, летней ночи
Веселье шумное туда не полетит,
Не блещут уж в огнях берега и светлы рощи:
Все мертво, все молчит.

Утешься, мать градов России,
Воззри на гибель пришлеца.
Отяготела днесь на их надменны выи
Десница мстящая творца.

Взгляни: они бегут, озреться не дерзают,
Их кровь не престаёт в снегах реками течь;
Бегут — и в тьме ночной их глад и смерть сретают,
А с тыла гонит русский меч.

(1814)

Nessas linhas está descrita a Moscou tomada e posteriormente abandonada por Napoleão. Com a tentativa de Napoleão de conquista da Rússia, em 1812, as relações entre a Rússia e o “estrangeiro” tornaram-se ainda mais complexas. Se até então, na

cultura russa, os estrangeiros, e principalmente os franceses, eram vistos como modelo a ser seguido, a derrota de Napoleão, e, conseqüentemente, dos franceses, elevou o espírito nacional. Moscou voltou a ser percebida como símbolo da nação, o coração do país. A notícia sobre o incêndio que destruíra a cidade de Moscou e sobre a decisão de entregá-la a Napoleão foi recebida pela população de forma extremamente trágica. O líder militar, o Príncipe Bagration, exclamou: “Para que viver se Moscou foi entregue?!” Nesse período, foi reforçada a idéia de Moscou como uma cidade sagrada.

A guerra de 1812, de modo geral, despertou nos russos um grande carinho e orgulho pela antiga capital, já que ela foi percebida como símbolo do espírito russo que conseguiu vencer o inimigo. Todos esses momentos estão claramente expressos nos poemas de Púchkin escritos em 1814, apenas dois anos após a conquista de Moscou. Outra imagem de Moscou pode ser encontrada no poema “Para Vsiévoljski”, dedicado a este amigo do poeta:

Adeus ao filho feliz das festanças,
Criança mimada da liberdade!
Então, das nossas margens,
Da área morta dos escravos,
Dos caporais, dos caprichos e da moda
Você galopa para a pacífica Moscou,
Onde prezam os prazeres,
Sonham acordados levianamente
E gostam de mudar de vida.
Nesse lado asiático
Persuadem-nos: a vida é um brinquedo!
De *kitchka*¹⁷⁶ respeitável, de camisola
Moscou é uma velhinha muito encantadora.

¹⁷⁶ Adorno de cabeça tradicional de mulher casada

Pelas cores variadas e vivas
Ela cativa,
Pelo luxo antigo, pelas festanças,
Noivas, sinos,
Rebuliço engraçado e leve,
Pela prosa ingênua e poesias.
Lá nas festas barulhentas
Verás importante Ociosidade,
Faceirice de rendas finas,
E Burrice de óculos dourados,
A diversão da Nobreza sofredora,
E o tédio com as cartas nas mãos.

Прости, счастливый сын пиров,
Балованный дитя Свободы!
Итак, от наших берегов,
От мертвой области рабов,
Капральства, прихотей и моды
Ты скачешь в мирную Москву,
Где наслажденьям знают цену,
Беспечно дремлют на яву
И в жизни любят перемену.
Разнообразной и живой
Москва пленяет пестротой,
Старинной роскошью, пирами,
Невестами, колоколами,
Забавной, легкой суетой,
Невинной прозой и стихами.
Ты там на шумных вечерах
Увидишь важное Безделье,
Жеманство в тонких кружевах
И Глупость в золотых очках,
И тяжелой Знатности веселье,
И Скуку с картами в руках.

A Moscou personificada na imagem da “velhinha muito encantadora” de *kitchka* e camisola tradicionais, bem como a descrição das festas moscovitas, repletas de “ociosidade, faceirice de rendas finas e burrice de óculos dourados”, remetem a Moscou de *Gore ot uma*¹⁷⁷, de Aleksandr Griboiédov, que nasceu, passou sua juventude, e viveu nela durante muito tempo. Nessa obra, o foco recai sobre a sociedade da nobreza moscovita, entretanto, segundo o pesquisador Andrei Grichúnin¹⁷⁸, teve lugar certo conflito entre o escritor e Moscou, e até certo desgosto do dramaturgo em relação à sua cidade natal. Como prova disso, o autor cita uma carta de Griboiédov na qual seguem as palavras:

Em Moscou nada é do meu gosto: ociosidade, luxo que não está ligado a nenhum senso relacionado a alguma coisa boa. Antes lá gostavam de música, mas hoje até ela caiu em desprezo; ninguém tem amor por algo refinado...¹⁷⁹

Tendo em vista essa posição, torna-se mais claro o motivo pelo qual Griboiédov não apresenta na comédia satírica *Gore ot uma* os lados positivos de Moscou: a Universidade, os professores, a vida literária, os círculos da nobreza culta, mas sim as camadas altas, estagnadas e conformadas com a sua própria ignorância. De acordo com Nikolai Pikssánov “a Moscou de Griboiédov é percebida pelos leitores europeus com a mesma vivacidade que a Londres de Dickens”.¹⁸⁰ Era um mundo à parte que continha vários conceitos literários e históricos, assim como a Petersburgo de Dostoiévski.

¹⁷⁷ “Gore ot uma” pode ser traduzido do russo com a “a infelicidade por ser espirituoso”. ESSA EXPLICAÇÃO TEM QUE APARECER ANTES, JÁ QUE O LIVRO APARECE ANTES

¹⁷⁸ GRICHÚNIN, Andrei. A Moscou de Griboiédov (Griboiedovskaia Moskva). In: Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature). Moscou, Nasledie, 2000.

¹⁷⁹ GRIBOIÉDOV, Aleksandr. Coletânea (Sochinenie), Moscou – Leningrado, 1959. P. 508.

¹⁸⁰ GRIBOIÉDOV, Aleksandr. *Gore ot uma*. Moscou 1987. P. 387

O cronotopo (termo introduzido aos estudos literários por Mikhail Bakhtin¹⁸¹ que entende a correlação do tempo e espaço em uma obra artística) de *Gore ot uma* é praticamente o mesmo do primeiro volume de *Guerra e paz* nas passagens referentes à sociedade de Moscou do início do século XIX. Existem dados que apontam para o fato de Liev Tolstói, trabalhando em sua epopéia, ter usado, para a apresentação da sociedade moscovita, as cartas de Maria Vólkova (1786-1859), a dama de honra da Imperatriz, para sua amiga V. I. Lanskáia, parente da família Griboiédov. Nesse período, Moscou representava um conjunto de casarões da nobreza e era “uma espécie de república, uma ex-capital sem a ‘corte’, e foi isso que determinou a peculiaridade da nobreza moscovita. Os ‘livre-pensadores’ nobres, que viviam no sossego, representavam a ‘oposição’ liberal à burocracia e à corte de São Petersburgo que, entretanto, não era muito profunda e muito menos perigosa para alguém.”¹⁸²

O tema de Moscou na obra de Liev Tolstói parece ser quase impossível de ser relatado por inteiro devido à sua vastidão. A cidade aparece na novela *A Infância*, nos romances *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*, em suas obras sobre a história da Rússia e da religião.

Através dos primeiros rascunhos do futuro romance *Guerra e paz*, podemos descobrir que, inicialmente, o escritor não tinha certeza quanto ao título de sua obra, ora chamando de *Em Moscou* (*V Moskvíé*), ora de *Um dia em Moscou* (*Odin dien v Moskvíé*), ou ainda de *O dia do Santo em Moscou de 1808* (*Imeníny v Moskvíé 1808 goda*). Os manuscritos testemunham que, já nas primeiras versões, o foco da narração eram três localidades russas: Moscou, Petersburgo e o interior do país.

¹⁸¹ BAKHTIN, Mikhail. Formas do tempo e cronotopo no romance (Formy vriémeni i khronotopa v romane). In: *Questões da literatura e estética* (Voprossy literatury i estétiki). Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1975. P. 234-407.

¹⁸² GRICHÚNIN, Andrei. A Moscou de Griboiédov (Griboiedovskaia Moskva). In: *Moscovo na literatura russa e mundial* (*Moskva v russkoi i mirovoi literature*). Moscou, Nasledie, 2000. P. 73-74.

Na versão final, inicialmente a imagem de Moscou aparece em oposição a São Petersburgo. Já nos primeiros capítulos temos a contraposição de dois salões, o de Moscou, na casa da família Rostóv, e o de Petersburgo, de Anna Pávlovna Cherer. Nessas descrições, a vida da elite de São Petersburgo é descrita como espiritual, intelectual, política e muito mais avançada que a de Moscou, que era chamada pela nobreza petersburguesa de “aldeia”. Essa Moscou aparece diante dos olhos de Pierre:

Em Moscou, assim que adentrou a sua imensa casa, com princesas que estavam se ressecando ou que já se encontravam ressecadas, enorme quantidade de criados, assim que viu, ao passar pela cidade, a capela Íverskaia com inúmeras luzes de velas diante dos adornos dourados dos ícones, a Praça do Kremlin com neve intacta, cocheiros e casebres de Sívtsev Vrájek viram os velhos de Moscou que não desejavam nada e que viviam os seus derradeiros anos sem pressa, bailes moscovitas e o Clube Inglês: ele se sentiu em casa, em um refúgio sereno. Ele se sentiu em Moscou: tranqüilo, quente, costumeiro e sujo, como que dentro de um velho roupão.¹⁸³

A acolhedora casa dos Rostóv representa o lado tradicional e familiar de Moscou, as fortes ligações entre os parentes. Seria muito oportuno lembrarmos aqui da descrição do típico almoço moscovita feita por filósofo e crítico literário e Vissarion Belínski (1811-1848):

O almoço moscovita é quase sempre em casa. Lá até a maioria dos solteiros pobres gosta de almoçar em sua casa, fiel ao caráter familiar de Moscou. E mesmo se eles almoçam fora de casa, isso acontece na casa de uma família conhecida, principalmente, dos *parentes*. Em geral, Moscou é conhecida pelo seu caráter acolhedor e hospitaleiro, ela estranha a vida urbana e social e gosta de

¹⁸³ TOLSTÓI, L. N. Guerra e Paz. In: Moscou na literatura russa (Moskva v russkoi literature), Moscou, Olimp. 2007. P. 168.

almoçar em sua casa *em família*. O Clube Inglês de Moscou também é famoso por seus almoços fartos; mas tente almoçar lá: apesar de estar sentado no meio de quinhentas ou mais pessoas você sem duvida achará que almoçou com os parentes. No que diz respeito aos membros constantes do Clube, eles acham que almoçam na sua casa, com sua família. O caráter familiar está em tudo e por toda parte em Moscou!¹⁸⁴

Os Rostóv são o símbolo de uma família tipicamente moscovita e sua casa de certa forma representa toda a cidade. Não é por acaso que durante a guerra de 1812 ela virou um hospital, lugar que recebia os feridos para devolvê-los à vida. A figura de Natacha Rostóva também pode ser associada à cidade de Moscou. Assim como a cidade foi reconstruída depois da devastação da guerra, Natacha recuperou-se da perda de Andrei Bolkónski e começou nova vida com Pierre. O casamento com ele foi bastante frutífero visto que eles tiveram quatro filhos. Essa feminidade e fertilidade de Natacha também podem ser correlacionadas à imagem da cidade de Moscou.

Já São Petersburgo é representado por sua nobreza. Não cair no seu gosto, tornar-se alvo de fofocas é um fardo muito pesado. Nesse ponto, *Guerra e paz* aproxima-se de outro romance de Liev Tolstói, *Anna Kariênina*. Nele ambas as cidades também são o palco para o desenvolvimento do enredo: Vrónski e Anna se conhecem em Moscou e é ali que tem início a história do seu amor fatal, que se desenvolve em Petersburgo. A alta sociedade de São Petersburgo condena Anna como uma mulher perdida. Aqui aparece o lado oficial e frio da capital do Norte. Já Moscou é representada por duas linhas: de um lado, ela é a causa do amor destruidor de Anna e Vrónski, que leva Anna ao suicídio. De outro, Moscou também é representada por outra história

¹⁸⁴ BELÍNSKI, Vissarion. Petersburgo e Moscou (Peterburg i Moskvá). In : *Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg)*, RGKHI, Moscou, 2000. P. 8.

amorosa, dessa vez feliz, entre Liévin e Kitty. Dessa forma, ao mesmo tempo em que continua o tema do amor infeliz em Moscou, a cidade também representa uma nova faceta do amor, uma família unida e feliz, assim como é também a de Natacha e Pierre em *Guerra e paz*.

Além da linha familiar, a descrição da Moscou que acaba de ser conquistada por Napoleão e pela primeira vez aparece diante dos seus olhos ocupa uma posição de destaque em *Guerra e paz*:

Às dez horas da manhã do dia 2 de setembro, Napoleão estava com suas tropas na montanha Poklónnaia e contemplava o espetáculo que se abria diante dele... – Aquela cidade asiática com inúmeras igrejas, a Santa Moscou! Por fim aqui está ela, essa cidade famosa! Já era hora! – disse Napoleão e, ao descer do cavalo, mandou abrir o mapa daquela Moscou e chamou o tradutor...¹⁸⁵

Nessa cena surge uma grande tensão de oposição entre a cidade de Moscou, que representava a Rússia inteira, e seu conquistador, Napoleão. O momento no qual Napoleão contemplava a sua presa foi descrito por Aleksandr Púchkin, no romance *Ievguéni Oniéguin*:

(..) Moscou... o quanto nesse som
Juntou-se para um coração russo!
O quanto nele refletiu!

Eis, rodeado pelo carvalhal,
O Castelo Petróvski. Sombrio, ele
Orgulha-se pela glória recente.

¹⁸⁵ TOLSTÓI, L. N. Coletânea em 22 volumes. Moscou 1980. V. 6. P. 336-340.

Em vão esperou Napoleão,
Embriagado pela última felicidade,
Que Moscou se ajoelhasse
Com as chaves do velho Kremlin:
Não, a minha Moscou não foi
Até ele de cabeça curvada.
Não uma festa, não uma dádiva de recepção,
E sim um incêndio ela preparou
Ao herói impaciente.
De lá, pensativo,
Ele olhava para as chamas ameaçadoras.

Москва... как много в этом звуке
Для сердца русского слилось!
Как много в нем отозвалось!

Вот, окружен своей дубравой,
Петровский замок. Мрачно он
Недавнею гордится славой.
Напрасно ждал Наполеон,
Последним счастьем упоенный,
Москвы коленопреклоненной
С ключами старого Кремля:
Нет, не пошла Москва моя
К нему с повинной головою.
Не праздник, не приемный дар,
Она готовила пожар
Нетерпеливому герою.
Отселе, в думу погружен,
Глядел на грозный пламень он.

Já as primeiras descrições da cidade feitas por Tolstói revelam os traços da
feminidade de Moscou:

Da montanha Poklónnaia, Moscou estendia-se, espaçosa, com o seu rio, seus jardins e igrejas e parecia viver sua vida, estremecendo, como as estrelas, com as suas cúpulas nos raios do sol.¹⁸⁶

O caráter feminino da cidade, determinado já pelo próprio nome, “Moskvá”, que em russo pertence ao gênero feminino, aparece também em muitos ditados russos: “Moscou é a mãe de todas as cidades”, “Mãezinha Moscou de pedra branca, de cúpulas douradas, hospitaleira, ortodoxa e faladeira”, etc. Nos rascunhos do romance *Guerra e paz*, Tolstói anotou vários provérbios desse tipo. No romance a feminidade de Moscou é descrita com muita clareza, como é evidente na seguinte passagem:

Moscou é ela mesma e isso é perceptível a cada um que a sente... Todos os russos sentem que ela é uma mãe, todos os estrangeiros sentem que ela é uma mulher que pode ser insultada.¹⁸⁷

Segundo relatos dos contemporâneos da época, o próprio Napoleão dizia: “Uma capital tomada por um adversário parece uma mulher que perdeu sua honra: faça o que quiser, mas é impossível devolver a honra”.¹⁸⁸

Nas páginas do romance a imagem feminina de Moscou adquire ainda traços de uma beldade oriental que surge na imaginação do imperador francês:

Ele olhava para a ainda desconhecida beldade oriental que jazia à sua frente. A ele próprio parecia estranho que, finalmente, o seu

¹⁸⁶ Idem.

¹⁸⁷ Tolstói, L. N. Obras completas em 90 volumes. Moscou Leningrado, 1928-1958. Volume 14. P. 370.

¹⁸⁸ GÚLIN, A. V. A Moscou de 1812 no romance de L. N. Tolstói *Guerra e paz* (Moskva 1812 goda v romane L.N.Tolstogo “Voina i mir”). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P. 160.

desejo antigo, que parecia impossível, se realizara. Na luz clara da manhã ele olhava ora para cidade, ora para o mapa, verificando os detalhes dessa cidade, e a certeza da posse o agitava e o apavorava.¹⁸⁹

Além da alegria de um conquistador, Napoleão, assim como o seu exército, sentiu que a sua missão era levar a civilização a essa cidade que misturava Ásia e Europa:

Uma cidade estranha, bela e grandiosa! Como estranho e grandioso também é esse minuto!... Mas não, não é verdade que eu estou em Moscou, - de repente passava por sua cabeça. – Mas eis que aqui está ela aos meus pés, cintilando e estremecendo com as cúpulas douradas e igrejas aos raios do sol. Mas eu a pouparei. Sobre os antigos monumentos de barbárie e despotismo, escreverei grandes palavras de justiça e piedade: mostrarei a eles o significado de uma verdadeira civilização, farei com que as gerações dos *boiardos* lembrem com amor o nome de seu conquistador.¹⁹⁰

O dia da tomada de Moscou a princípio foi percebido como a vitória do mal universal; porém Moscou fora derrotada só à primeira vista, pois ela obteria novas forças mesmo nessa situação aparentemente sem saída. Alguns relatos de contemporâneos descreveram o espanto que Napoleão sentiu quando soube que Moscou fora abandonada por seus moradores. Parece que tanto a realidade histórica quanto à sua retratação no romance provava que a cidade do bem e da luz, cujo nome era Moscou, sempre iria renascer das cinzas, de qualquer devastação, e dessa forma seria eterna.

¹⁸⁹ TOLSTÓI, L. N. Coletânea em 22 volumes. Moscou 1980. V. 6. P. 336-340.

¹⁹⁰ Idem.

Além da função sagrada, a devastação da cidade de Moscou, descrita no romance, destacou mais uma de suas características: o seu papel centralizador. Como uma força unificada, a multidão torna-se um dos principais personagens das ruas da cidade destruída pelo incêndio:

Igual à lei da física de atração entre os líquidos em gotas, outras multidões, que se reuniam nas ruas Petróvka, Kuzniétski Most, Sofiika, ao redor de seus centros isolados, ao se verem, uniram-se entre si e às multidões se juntavam pessoas isoladas. Na medida em que a multidão aumentava, eram eliminados os interesses particulares e surgia um interesse comum, embora não pronunciado, desde o minuto presente. Nenhuma pessoa dessa multidão sabia o motivo pelo qual o povo se reuniu e estava lá, mas cada um pensava que se ele desconhece o motivo, os demais o conhecem; e os outros, da mesma forma, olhando para ele, pressupunham nele esse conhecimento.¹⁹¹

Dessa forma, Moscou, em 1812, mais uma vez, reuniu as forças do povo russo na luta contra os invasores. O escritor e filósofo Aleksandr Herzen (1812-1870) escreveu a respeito disso:

Pelo visto, Moscou, sonolenta e indolente, ocupada por fofocas e romarias, casamentos e besteiras, acorda todas as vezes quando se faz necessário, posicionando-se de acordo com as circunstâncias, mesmo quando sobre a Rússia ressoa um trovão.¹⁹²

¹⁹¹ TOLSTÓI, L. N. Coletânea, Volume 7, P. 289.

¹⁹² HERTZEN, A. I. O passado e os pensamentos (Byloe i dumy). In: Moscou na literatura russa (Moskva v russkoi literature), Moscou, Olimp. 2007. P. 112.

A Moscou que acorda do sono profundo para defender a Rússia é uma alusão aos personagens do folclore russo, os *bogatyrs*: homens dotados de força sobrenatural comparável apenas a sua preguiça. Costumavam dormir anos e anos até que alguém os acordava para chamar à defesa do povo, contra um terrível dragão ou inimigo. Essa comparação reforça a proximidade da imagem de Moscou à imagem de toda a Rússia.

O caráter tradicional de Moscou como mãe é reforçado no romance com a metáfora de Moscou como uma colméia sem rainha. Porém, as palavras de Platón Karatáiev (que no romance representa a voz e a filosofia do povo russo, pelo qual Tolstói sentia uma imensa simpatia) dirigidas a Pierre revelam a essência do que realmente estava acontecendo:

Como não ficar triste, meu falcão! Moscou é a mãe de todas as cidades. Como não ficar triste ao ver isso? Mas, a lagarta que rói o repolho morrerá primeiro: é assim que os velhos falavam antes.¹⁹³

Diante da desgraça e destruição de Moscou reúnem-se nas ruas não apenas pessoas simples, mas também membros da nobreza. Ela, que no início do romance foi dividida em “mundos” opostos de São Petersburgo e Moscou, reúne-se diante da tragédia. Dessa forma, para Tolstói, a entrega de Moscou a Napoleão serve como um catalisador para a revelação da essência do caráter russo:

Tudo o que pode ser dito sobre o incêndio de Moscou é que ela, ocupada pelo inimigo, não permaneceu inteira como Berlim, Viena ou outras cidades, porque foi abandonada por seus moradores. Ela foi abandonada como consequência de uma característica

¹⁹³ Idem. P. 52.

inconsciente, biológica dos russos de não aceitar a possibilidade de submeter-se a uma nação alheia.¹⁹⁴

Segundo A. V. Gúlin, Napoleão, apresentado em *Guerra e paz*, desejava possuir não apenas o corpo físico da beleza oriental, mas também o seu corpo espiritual. Portanto, a tomada da cidade representa a oposição entre as forças do bem, na figura de Moscou, e do mal, na figura de Napoleão e seu exército. Segundo o pesquisador, nesse episódio coexistem três dimensões, que se completam:

Na primeira delas, a cidade de Moscou rejeitava o “líder do Império francês” Napoleão Bonaparte; na segunda surgiram imagens de Moscou como mãe e de Napoleão como conquistador, com sua idéia referente à “beleza oriental”, porém Moscou não aceitava os abraços do novo Tamerlão e o conquistador fora derrotado; finalmente, na terceira dimensão, é possível associar a imagem de Moscou com a casa de Nossa Senhora, e a imagem de Napoleão com um anti-herói precursor do Anticristo. Nessa oposição, a escuridão era vencida pela luz e Bonaparte saía dela completamente humilhado.¹⁹⁵

Resumindo, podemos observar no romance *Guerra e paz* uma síntese de vários arquétipos culturais referentes à primeira capital russa:

1. Moscou como uma mulher diante do seu conquistador, Napoleão.
2. Moscou como mãe: mãe de todas as cidades, ou seja, de toda a Rússia.

¹⁹⁴ VELIKÁNOVA, N. P. Moscou no livro *Guerra e paz* (Moskva v knige “Voina i mir”) In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P.183.

¹⁹⁵ GÚLIN, A. V. A Moscou de 1812 no romance de L. N. Tolstói *Guerra e paz* (Moskva 1812 goda v romane L.N.Tolstogo “Voina i mir”). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P. 166.

3. Moscou como uma cidade que mistura os traços europeus e asiáticos, com predominância dos últimos e, portanto, precisa ser civilizada.
4. Moscou como o centro do país e seu coração (ou uma colméia).
5. Moscou como cidade eterna que sempre ressurgirá das cinzas (nesse caso as cinzas não são apenas uma metáfora e sim uma realidade).
6. Caráter familiar de Moscou. As famílias de Natacha e Pierre e de Liévin e Kitty como modelos de casamentos felizes.

Alguns desses motivos típicos do texto de Moscou também podem ser observados no ensaio de poeta e escritor Mikhail Liérmontov (1814-1841), “Panorama de Moscou”, cuja tradução faz parte do corpo desse trabalho. O ensaio foi escrito em 1834, quando o jovem Liérmontov estudava na Escola de sargentos e cadetes e descreve, como sugere o título, o panorama de Moscou, observada desde a cobertura do Campanário do Ivan, O Grande, no Kremlin, que naquela época era o edifício mais alto da cidade, e, portanto, dele realmente se abria uma vasta visão.

Já no início, Liérmontov compara Moscou a um “antigo cemitério romano”. Nesse epíteto a menção de Roma nos remete à idéia de Moscou como Terceira Roma, guardiã da religiosidade autêntica e cidade sagrada. Além disso, é destacada a sua “antiguidade” (Moscou também é comparada à Babilônia), obviamente, em comparação com a nova capital. Esse conflito é destacado através do nome de Pedro, o Grande, que é mencionado quando Liérmontov descreve o “teatro de Pedro”, ou seja, o Teatro Bolshoi:

Mais próximo ainda, em uma praça larga, ergue-se o teatro de Pedro, uma obra de arte moderna, um prédio enorme, feito de

acordo com todas as regras do bom gosto, com telhado plano e pórtico grandioso, no qual se eleva o Apolo de alabastro, apoiando um pé em uma carroça de alabastro, guiando, imóvel, três cavalos de alabastro, olhando com desgosto para o muro do Kremlin que o separa, com ciúmes dos antigos santuários da Rússia!...

Nesse trecho o Teatro Bolshoi representa o espírito de Pedro, o Grande e sua aspiração à arquitetura européia, que “olham com desgosto” para o Kremlin e “os antigos santuários da Rússia”, ou seja, tudo o que há de tradicional e enferrujado e que Pedro, o Grande tanto queria transformar. Em vários trechos do texto, Moscou ganha características de santa, sagrada e eterna, imortal. O Kremlin então é comparado com um altar:

Ele é o altar da Rússia, nele devem ser e já foram feitos muitos sacrifícios dignos à pátria... Foi há muito tempo que ele, como a lendária fênix, renasceu das suas cinzas ardentes...

Curiosamente, em um texto relativamente curto, Liérmontov resumiu todos os aspectos principais da imagem de Moscou na literatura e na cultura russa: ela é sucessora de Roma, portanto uma cidade santa, protegida por Deus e eterna (que sobreviveu a inúmeras destruições, invasões e incêndios). A Praça Vermelha com a Catedral de São Basílio e o Kremlin concentram esse campo semântico e representam o lugar mais sagrado de um “santuário”, ou seja, seu altar. Não é por acaso que as grandiosas paradas militares soviéticas (e até as paradas da Rússia moderna) sejam realizadas justamente na Praça Vermelha que se tornou altar de uma nova religião.

O poema inacabado “Sachka”, de 1836, parece uma continuação dos elogios à Moscou. Nele, Liérmontov explica o seu desgosto por São Petersburgo através do

simples fato de seu protagonista ser de Moscou, um pólo oposto. Novamente, Moscou aparece como imagem da mãe, e a ela é atribuído o título de sagrada:

O nosso herói era um moscovita e, portanto,
Eu sou inimigo da neblina do Nevá.
Lá (que o mundo inteiro seja meu testemunho)
A alegria é nociva ao bolso russo,
E os estudos são nocivos à mente russa.
Lá a vida é suja, vazia e silenciosa
Como a margem plana do golfo da Finlândia.
Moscou é outra coisa: enquanto estou vivo
Juro, amigos! Não a deixarei de amar.
Lá, pela primeira vez, nos dias de esperança e felicidade
Eu estava doente de amor e de paixão.

Moscou, Moscou!... Te amo como um filho,
Como um russo, com força, ardor e ternura!
Amo o brilho sagrado de sua velhice.
E esse Kremlin dentado e sereno.

Герой наш был москвич, и потому
Я враг Неве и невскому туману.
Там (я весь мир в свидетели возьму)
Веселье вредно русскому карману,
Занятия вредны русскому уму.
Там жизнь грязна, пуста и молчалива,
Как плоский берег Финского залива.
Москва — не то: покуда я живу,
Клянусь, друзья, не разлюбить Москву.
Там я впервые в дни надежд и счастья
Был болен от любви и любово­стра­стия.

Москва, Москва!.. люблю тебя, как сын,

Как русский, — сильно, пламенно и нежно!
Люблю священный блеск твоих седин
И этот Кремль зубчатый, безмятежный.

No trecho citado, o autor, além de utilizar a imagem arquetípica de Moscou como uma mãe, relaciona a cidade ao tema do amor, fazendo uma ligação com as obras do começo do século XIX.

Já o dramaturgo Aleksandr Ostróvski, nativo de Moscou, transformou a cidade em um palco para as suas peças. Nelas aparecem ruas, avenidas, praças e bairros da cidade, algumas obras descrevem a sua história, como, por exemplo, *O Falso Dmitri e Vassili Chúiski* (1866) e *Voievóda*¹⁹⁶ (1864). Em muitas peças Moscou mostra o seu lado tradicional e retrógrado representado pela classe de comerciantes e burgueses. Nessa sociedade é impossível um casamento por amor porque tudo é medido através do dinheiro. O tema da impossibilidade do amor feliz, um dos importantes componentes do texto moscovita, é levantado nas peças *Um quadro familiar (Seméinaia kartína)* de 1847, *O casamento de Blazamínov (Jeníbba Balzamínova)* de 1861, *Uma noiva pobre (Biédnaia neviésta)* de 1851, entre outras.

Já o dramaturgo Aleksandr Ostróvski, nativo de Moscou, transformou a cidade em um palco para as suas peças. Nelas aparecem ruas, avenidas, praças e bairros da cidade, algumas obras descrevem a sua história, como, por exemplo, *O Falso Dmitri e Vassili Chúiski* (1866) e *Voievóda* (1864). Em muitas peças Moscou mostra o seu lado tradicional e retrógrado representado pela classe de comerciantes e burgueses. Nessa sociedade é impossível um casamento por amor porque tudo é medido através do dinheiro. O tema da impossibilidade do amor feliz, um dos importantes componentes do texto moscovita, é levantado nas peças *Um quadro familiar (Seméinaia kartína)* de

¹⁹⁶ A palavra *Voievóda* pode ser traduzida do russo como « chefe militar »

1847, *O casamento de Blazamínov (Jeníbba Balzamínova)* de 1861, *Uma noiva pobre (Biédnaia neviésta)* de 1851, entre outras.

Obviamente, não seria possível falar sobre o papel das duas cidades na literatura russa sem mencionar Nikolai Gógol. Ao contrário da maioria dos autores mencionados acima, Gógol não possuía ligação de nascença com nenhuma das duas capitais, já que nasceu na Ucrânia. Ao chegar à Rússia, o escritor se estabeleceu na cidade de São Petersburgo, onde conheceu tanto o lado maravilhoso e majestoso da mesma, quanto o seu lado oficial e sombrio. Gógol conheceu Moscou em 1832, quando já havia se tornado uma celebridade literária e foi calorosamente recebido por Mikhail Pogódin, pela família dos Aksákov, por Mikhail Zagóskin, entre outros. Apesar disso, Gógol não imaginava Moscou como um lugar onde ele pudesse viver algum dia. Iúri Mann, especialista da obra de Gógol, cita o conselho do escritor dirigido a um dos seus amigos, de deixar “essa mulher velha chamada Moscou da qual não se escuta nada a não ser palavras”¹⁹⁷. Porém, ele também retoma a simbologia de Moscou como a salvadora da pátria e guardiã do espírito nacional: “Moscou terá a sua velha obrigação de nos salvar da invasão das línguas estrangeiras”¹⁹⁸. Já após ter deixado a Rússia, Gógol publica as “Notas Petersburguesas de 1836”, que representam uma visão concludente das duas capitais. No presente trabalho encontra-se a tradução de um trecho desse ensaio, dedicado a uma comparação feita em um tom bastante irônico e com base na mitologia de Moscou e São Petersburgo a qual já observamos em outros textos. Segundo Iúri Mann, a principal idéia desse mito é a oposição entre tudo o que é orgânico e natural e o

¹⁹⁷ MANN, Iu. V. Moscou na consciência artística de Gógol (Moskvá v tvórtchieskom soznánii Gógolia). In: Moscou e o texto “moscovita” da cultura russa (Moskvá i “moskóvski tiekst” rússkoi kultúry). Moscou, RGGU, 1998. P. 66.

¹⁹⁸ Idem. P. 67.

que não é orgânico, mas artificial. Outra oposição é o caráter feminino de Moscou e o caráter masculino de São Petersburgo:

A cidade que surgiu naturalmente é uma encarnação de origem feminina com todas as associações de caráter sexual decorrentes disso. A imagem comum e tradicional da “Moscou-mãezinha” reflete perfeitamente o mito da “cidade-mulher”, “cidade-donzela”, “cidade-noiva”; portanto, havia, à disposição de Gógol, um material vantajoso e expressivo, o qual ele aproveitou de forma virtuosa: Moscou- “mãezinha”, “velha caseira”, rica em noivas; em uma palavra, “Moscou é do gênero feminino, Petersburgo do masculino”.¹⁹⁹

Moscou representa a fertilidade feminina, sendo uma característica extremamente positiva: “Moscou é necessária para a Rússia; Petersburgo precisa da Rússia”. Porém, para Gógol, existe o outro lado dessa personagem: ela não é só fértil, generosa e acolhedora, mas também é uma mulher desmazelada e despenteada, enquanto São Petersburgo é um “janota” de “sobrecasaca de flanela”. Dessa forma, o que inicialmente se mostra como uma imagem positiva torna-se negativa e vice-versa:

A amplidão e desinibição de Moscou estão no limiar do relapso e o pedantismo de São Petersburgo torna-se uma autodisciplina. “Moscou pandega até quatro horas da madrugada e no dia seguinte não levanta da cama antes de uma e pouco; Petersburgo também farreia até as quatro, porém no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido, apressa-se, com sua sobrecasaca de flanela, para a repartição pública.”²⁰⁰

¹⁹⁹ Idem. P.71.

²⁰⁰ Idem. P.72.

Outra particularidade destacada no texto por Mann é a oposição entre o Sul e o Norte. São Petersburgo, conhecida também como capital do Norte, representa, nessa oposição, o Norte, que traz em si as imagens do frio e do inverno. Essa contraposição aparece bem no início, quando Gógol ironiza a posição de Petersburgo:

É mesmo, para onde foi jogada a capital russa – para o fim do mundo! É estranho esse povo russo: a capital era em Kíev – lá era quente demais, fazia pouco frio; a capital russa mudou para Moscou – não, lá também fazia pouco frio: Deus nos dê São Petersburgo! A capital russa aprontará uma daquelas se for vizinha do Pólo Norte.

Apesar de representarem opostos, as duas capitais também se completam e não conseguem existir uma sem a outra. Isso é revelado no modo como a antiga capital se refere à nova: como uma mãe trata um filho: “Correr sete *verstas* para longe da mamãe! Mas que ágil!” Ou então: “Em Moscou todas são noivas, em Petersburgo todos são noivos”.

Se Gogol relacionava Moscou e São Petersburgo com um grau de parentesco típico de mãe e filho, Mikhail Zagóskin as descreveu com a irmã mais velha e o irmão mais novo. No ensaio intitulado *Dois caracteres*, publicado no ano de 1841, Zagóskin menciona características antagônicas entre os irmãos. A irmã, mais velha, de personalidade forte, porém receptiva; desleixada, porém afetuosa; segundo Zagóskin:

É preciso apenas dar uma olhada nela para ter certeza de seu completo ódio por qualquer que seja uniformidade e simetria. Olhem para o seu adorno na cabeça – que mistura! Que junção de

cores vivas, que não possuem entre si nenhuma harmonia! Que estranha combinação do velho com o novo!

Enquanto o irmão é caracterizado como organizado, disciplinado, porém frio, calculista. Nas palavras de Zagóskin:

O irmão anda muito a pé, não tem medo do aperto e gosta de viver no alto: ele não se assusta com escadas e nem com duzentos degraus. É difícil encontrar uma pessoa que aprecie tanto quanto ele limpeza e asseio. Ele igualmente gosta em demasia de uniformidade e simetria.

Nas diferenças, os irmãos se complementam. No texto, Zagóskin prima pela distância da narração, não tecendo elogios ou críticas a um modo de ser, ou ao outro; apenas são apresentadas as concepções e comportamento de ambos, de modo que se tornam agudas e visíveis as diferenças.

5.1 Os círculos literários de Moscou e São Petersburgo, os eslavófilos e os ocidentalistas

No decorrer do século XIX, Moscou além de ser reconhecida como uma cidade sagrada e eterna tornou-se também um centro de oposição espiritual e de protesto contra quaisquer poderes, repressões oficiais, regras e inovações. Enfim, era uma cidade borbulhante e rebelde. A Petersburgo oficial sempre suspeitava que Moscou armava conspirações e revoluções e se sentia ameaçada por ela. O ministro do exército D. A. Milútín na década de 1880 afirmava:

A primeira capital era considerada um núcleo de espírito nacional puramente russo, e um ninho da nobreza que não servia. O governo de São Petersburgo sempre tratava com certo cuidado o conservadorismo e frondismo moscovita, reconhecendo a opinião de Moscou como a opinião de toda a Rússia.²⁰¹

Os pensamentos e ideias rebeldes eram manifestados em círculos literários, estudantis e musicais, que existiam em grande quantidade na Moscou dessa época. A influência de tais círculos era imensa, por exemplo, é conhecido o fato de que o Imperador Nikolai I sempre questionava sobre o que achavam de suas decisões os freqüentadores do Clube Inglês de Moscou.

A Universidade de Moscou, um dos importantes “pontos dominantes” da cidade, tornou-se o centro da oposição intelectual. Aleksandr Herzen dizia a esse respeito:

²⁰¹ SÁKHAROV, V.I. Viveiros da espiritualidade russa (Pitómniki ruskoi dukhóvnosti). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P.111.

A Universidade de Moscou cresceu em sua posição junto com Moscou, depois de 1812; ela, degradada pelo Imperador Pedro, das capitais dos tsares, foi promovida pelo Imperador Napoleão (nem tanto por sua vontade, quanto contra a vontade) a capital do povo russo. O povo percebeu, através da dor que sentiu ao receber a notícia de sua tomada pelo inimigo, a sua ligação de sangue com Moscou. Desde então, para ela se iniciou uma nova época. Nela, a universidade concentrava cada vez mais a educação russa, estavam presentes todas as condições para o seu desenvolvimento: significado histórico, posição geográfica e ausência do tsar.²⁰²

Moscou representava a opinião popular, enquanto que São Petersburgo correspondia a uma linguagem oficial das ordens e decretos. A antiga capital guardava a tradição oral da Rússia que reunia tanto a linguagem das camadas educadas quanto as expressões do discurso popular. Não é por acaso que Hertzen dizia que, embora as ideias dos eslavófilos e ocidentalistas fossem diferentes, elas possuíam uma mesma essência, a mesma espiritualidade de Moscou. Deteremo-nos nessa questão tão importante para a formação do corpo crítico da oposição Moscou - São Petersburgo.

A discussão entre os ocidentalistas e eslavófilos foi amplamente estudada no ensaio de L.N. Stolóvitch “Petersburgo - Moscou: um diálogo filosófico”²⁰³ artigo esse que ainda será mais citado no presente trabalho.

Podemos dizer que as duas tendências filosóficas dentro da cultura russa, o ocidentalismo e eslavofilismo, iniciaram-se depois das reformas de Pedro, o Grande, quando a Rússia passou a considerar-se um país europeu, e tendo como objetivo alcançar a Europa Ocidental. A partir de 1844 o movimento anti-ocidentalista passou a

²⁰² HERTZEN, A.I. O passado e os pensamentos (Byloe i dumy). In: Moscou na literatura russa (Moskva v russkoi literature), Moscou, Olimp. 2007. P. 109.

²⁰³ STOLÓVITCH L.N. Petersburgo – Moscou: um diálogo filosófico. (Peterburg – Moskvá: filossófski dialog). In: http://anthropology.ru/ru/texts/stolovich/kagan_09.html

ser chamado de “eslavófilo”. É curioso o fato de que a partir do seu surgimento, no final dos anos 30 do século XIX, os seus defensores o chamassem de “tendência moscovita”, e de “partido de Moscou”. Em sua essência, era um movimento anti-petersburguês:

A Rússia autêntica, na opinião dos eslavófilos extremos, é a Rússia com exceção de São Petersburgo. Por isso, a comparação das capitais acontece não na forma de contraste e analogia e sim de uma negação mútua. Petersburgo é uma ilha da cultura importada, uma terra alheia por princípio...²⁰⁴

A lógica dessa oposição era simples: os eslavófilos afirmavam que as reformas de Pedro, o Grande possuíam caráter anti russo e consequentemente, viam de forma negativa a construção de São Petersburgo, uma cidade artificial, formada por um capricho do Imperador.

As discussões começaram a partir da publicação, em 1836, da primeira “Carta filosófica” do filósofo Piotr Tchaadáiev (1794-1856).²⁰⁵ Segundo o autor, a Rússia representava uma “civilização *sui generis*” que não fazia parte nem do Ocidente nem do Oriente, não possuía nem as tradições de um, nem do outro. A “excepcionalidade” do povo russo é explicada pelo fato de pertencer a um grupo de nações que “parecem não fazer parte da humanidade”, e existem apenas para “dar ao mundo uma lição importante”; que os russos vivem apenas no presente “sem passado e futuro”, “no meio de uma estagnação morta”, como se estivessem “fora do tempo”. Tchaadáiev afirmava que os russos eram nômades espirituais, que imitavam outras nações “de forma

²⁰⁴ ISSÚPOV, K.G. *O diálogo das capitais no movimento histórico* (Dialog stolits v istoritcheskom dvizhenii). In: Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000 P.23.

²⁰⁵ TCHAADÁIEV, Piotr. Primeira carta (Pismo piérvoie). In: *Cartas filosófais* (Filosofícheskie pisma). <http://www.vehi.net/chaadaev/filpisma.html>

superficial e muitas vezes sem habilidade”, o que levava ao fato de que cada nova ideia acabava substituindo as velhas: “resultado natural da cultura plenamente baseada em empréstimos e imitações”. A “vida despreocupada” privada de “experiência e previsão” leva o povo russo a um “vazio extraordinário e ao isolamento” da existência social, torna-o indiferente em relação ao “grande trabalho mundial”, que acontece na história da cultura europeia. Daí, de acordo com Tchaadáiev, “uma estranha indeterminação” e a estonteante “mudez das nossas faces”. Falando sobre os traços do caráter nacional russo, Tchaadáiev explicava a “coragem temerária” dos russos através de uma incapacidade de aprofundar-se e insistir, bem como a “indiferença em relação aos perigos de vida”, por meio da completa “indiferença em relação ao bem e ao mal, a verdade e a mentira”. Tchaadáiev até mesmo tendia à conclusão de que na cultura russa “há uma inimizade a todo progresso verdadeiro”, fato que colocaria a Rússia fora da história mundial, fora da lógica da história da cultura mundial.

Os eslavófilos se baseavam na ideia de um caminho especial para o desenvolvimento histórico da Rússia, caminho esse diferente do ocidental. Eles viam a originalidade russa na ausência de lutas entre os grupos sociais, na comunidade dos camponeses e na igreja ortodoxa como o único cristianismo verdadeiro. Entre os principais participantes do movimento estavam o criador do Dicionário de língua russa Vladimir Dal (1801-1872), o dramaturgo Aleksandr Ostróvski (1823-1886), o crítico literário Apollon Grigóriev (1822-1864) e o poeta Fiódor Tiútchev (1803-1873).

Os ocidentalistas consideravam a história da Rússia como uma parte do processo histórico mundial e eram a favor do seu desenvolvimento pelo caminho da Europa ocidental. Apesar das divergências com os eslavófilos, eles também criticavam a monarquia e a servidão dos camponeses e eram adeptos das reformas e da transformação da constituição russa. Entre os ocidentalistas destacavam-se: o escritor e

crítico literário Vassili Bótkin (1811-1869), o escritor Ivan Turguéniev (1818-1883) e o filósofo e publicista Piotr Tchaadáiev. Os ocidentalistas colaboravam com as revistas “Memórias nacionais” (Otéchestvennye zapíski), “O Contemporâneo” (Sovremênnik), e “Mensageiro russo” (Russki viéstnik). Havia ainda um grupo de extrema esquerda (ocidentalismo extremo), do qual participou por certo tempo, o escritor e filósofo revolucionário Aleksandr Herzen, o crítico literário Vissarion Belínski, e o poeta, publicista e revolucionário Nikolai Ogarióv (1813-1877).

Tal discussão está presente em várias obras de diversos escritores, que sentiam a necessidade, na época, de colocar em questão os valores mais importantes que possuíam, ou seja, a identidade. Fiódor Dostoiévski, em sua novela inacabada “O crocodilo” de 1864, ambientada em São Petersburgo, menciona tal conflito ideológico:

Todos sabem que somos progressistas e humanos e que, nesse sentido, procuramos às carreiras alcançar a Europa. Mas, apesar de todo o nosso empenho e dos esforços... ainda estamos longe de ter “amadurecido”... Mas, apesar da iluminação europeia, das calçadas europeias, da arquitetura europeia, ainda levaremos muito tempo a abandonar os nossos preconceitos íntimos.²⁰⁶

Na referida obra, o personagem principal é Ivan Matviéevitch, um simples funcionário público que, acidentalmente, é engolido por um crocodilo em uma exposição na cidade de São Petersburgo. Porém o fato mais relevante é que o crocodilo era de procedência alemã. A partir desse acontecimento os ambientes se duplicam, a Rússia permanece representada no espaço físico do local onde acontece a Exposição,

²⁰⁶ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *O crocodilo e Notas de inverno sobre impressões de verão*. Tradução de Boris Schnaiderman. São Paulo, Editora 34, 2000. P. 59-61.

enquanto que Europa surge na imagem do crocodilo. O enredo se complica com as negativas do personagem principal quanto ao desejo de sair das entranhas do animal. Como menciona Boris Schnaiderman no prefácio dessa edição brasileira, os fatos têm raiz na abrupta introdução de modos de vida europeus na Rússia no século XIX. Sem poder reconstituir as mudanças graduais ocorridas na Europa, os russos foram obrigados a assimilar já prontos os resultados desse processo.

Os eslavófilos tinham como discurso:

Os russos não são europeus, eles são portadores de uma grande e genuína cultura ortodoxa, não inferior a cultura europeia, que por conta das condições desfavoráveis do desenvolvimento histórico ainda não alcançou aquele estágio de desenvolvimento que foi alcançado pela cultura europeia.²⁰⁷

As discussões dos eslavófilos e ocidentalistas muitas vezes transferiam-se para os feitos de Pedro, o Grande, freqüentemente chamado de “primeiro ocidentalista” e, obviamente, para São Petersburgo em particular, já que esse último concentrava e simbolizava tudo que era oposto à ideologia dos eslavófilos. Aleksandr Hertzen citava as palavras do poeta, historiador e crítico literário Konstantin Aksákov (1817-1860): “Moscou é a capital do povo russo, enquanto Petersburgo é apenas a residência do Imperador”.²⁰⁸ Os eslavófilos, em sua maioria, reuniam-se em torno de Moscou enquanto os ocidentalistas preferiam São Petersburgo, embora nem sempre a escolha de pertencer a um desses grupos era determinada pelo local de moradia.

²⁰⁷ KHOMIAKOV, A.S. Obra completa. Moscou, 1986. P.45.

²⁰⁸ HERTZEN, Aleksandr. *Passado e os pensamentos (Bylóie i dumy)*. IN: Obra completa em 30 volumes. Volume 9. P.163.

Os ocidentalistas, ao contrário, viam em Petersburgo uma “janela para Europa”: o centro de uma nova Rússia iluminada. O escritor Vissarion Belínski no ensaio “Petersburgo e Moscou”, cuja tradução está apresentada nesse trabalho, comparava o modo de viver da antiga e nova capital da Rússia e destacava o papel de São Petersburgo na “divulgação e afirmação do europeísmo na sociedade russa”:

Petersburgo é um modelo para toda a Rússia em tudo que tem a ver com as formas de vida, desde a moda e indo até as boas-maneiras da alta sociedade, da maneira de assentar tijolos até os mistérios superiores da arte de arquitetura, do requinte tipográfico até os jornais que possuem a atenção do público de forma exclusiva. (...) Petersburgo causa em certas pessoas o efeito desembriagador.²⁰⁹

A opinião de eslavófilo Konstantin Aksákov era completamente oposta: “Petersburgo estraga as pessoas”. De acordo com os contemporâneos, Aksákov “não reconhecia os russos que tiveram o desprazer de nascer às margens do Mar Báltico como russos”.²¹⁰ Em geral, a posição de Aksákov pode ser chamada de continuação do discurso de Mikhail Scherbátov “Petição de Moscou referente ao seu esquecimento”. Em 1856 ele escreve para o Imperador uma nota sob o título “A importância da capital” na qual afirma que a fundação de São Petersburgo resultou na ruptura entre o governo e o povo e incentiva o Imperador a voltar para a capital do povo, Moscou, e abandonar a capital do governo, São Petersburgo. Entretanto, Aksákov considerava que tanto a corrente eslavófila, quanto a ocidentalista, quando chegava ao extremo e tornavam-se militantes eram maléficas para a Rússia. Ele reconhecia que as reformas de Pedro e a

²⁰⁹ BELÍNSKI, Vissarion. *Obra completa*. Volume 8. P. 396, 410.

²¹⁰ PANÁIEV I.I. *Memórias literárias (Literatúrnyie vospominánia)*. Moscou, 1988. P.239, 182.

fundação da nova capital forçaram Moscou a olhar para si mesma e a refletir sobre si mesma.

Nem todos os intelectuais da época estavam divididos nesses dois movimentos. Alguns deles preferiam abster-se da oposição. Assim, Hertzen, que inicialmente pertencia ao grupo dos ocidentalistas, afirmava:

Para que sustentar o antagonismo absurdo entre Moscou e São Petersburgo se o mesmo deve ser eliminando, já que os intelectuais das duas capitais possuem o mesmo objetivo (trabalhar para a educação da Rússia).²¹¹

Belínski também apoiava essa ideia, considerando a oposição entre as duas cidades como um fenômeno relativo, pois as duas “possuíam seus lados bons e, conseqüentemente, os lados fracos e insuficientes”. Portanto, o diálogo entre elas deve levar em conta não a inimizade, mas sim a complementação mútua:

Petersburgo e Moscou são dois lados (ou melhor, duas partes unilaterais) que, com o tempo, podem formar, através de sua fusão, um todo maravilhoso e harmonioso, ao enxertar, uma à outra, tudo que há nelas de melhor.²¹²

Ele relaciona as esperanças com a futura construção da ferrovia entre as duas cidades rivais.

Para o poeta e filósofo Aleksei Khomiakov (1804-1860), as relações entre Moscou e São Petersburgo eram de hereditariedade. Enquanto muitos contrapunham a formação “natural” de Moscou e “artificial” de Petersburgo, ele afirmava:

²¹¹ PANÁIEVA A.Ia. *Memórias (Vospominánia)*. Moscou, 1986. P.145.

²¹² BELÍNSKI, Vissarion. *Obras completas*. Volume 8. P. 406.

Moscou era uma cidade nova que não tinha o passado nem representava nenhum caráter especial e sim uma mistura de várias famílias eslavas, e era esse o seu mérito.²¹³

Essa ideia contrariava a imagem tradicional de Moscou como uma cidade enraizada e São Petersburgo como uma criação sem raízes. Quando Khomiakov passa a falar sobre a gênese de São Petersburgo, ele vê Moscou como “uma forma interna” da nova Rússia petersburguesa

Com Pedro inicia-se uma nova época, a Rússia se junta ao Ocidente, que até então estava totalmente alheio a ela. A capital sai de Moscou e move-se para o exterior, para a beira-mar [...] Porém, esse movimento não foi uma consequência da vontade do povo; Petersburgo era e sempre será uma cidade unicamente governamental, e talvez para o desenvolvimento saudável e racional da Rússia essa divisão, bem no centro do estado, não seja inútil. A vida do poder estatal e do espírito do povo foi dividida através do local de sua concentração. Uma, a de Petersburgo, move todas as forças visíveis da Rússia, todas as suas mudanças formais, toda a sua atividade externa; a outra, imperceptivelmente, educa o caráter do futuro, os pensamentos e sentimentos que ainda irão obter uma imagem e se transformarão de instintos em uma atividade plena, racional, expressa.²¹⁴

Dessa forma, a capital “interna”, Moscou, e a capital “externa”, São Petersburgo, se completam, assim como o passado completa o futuro:

²¹³ ISSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). // Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P. 28.

²¹⁴ Idem.

As capitais são convocadas, por A.S.Khomiakov, a uma fusão orgânica dos princípios históricos representados por elas: “alma” e “corpo”, “caráter nacional” e “caráter estatal”, “poder de concílio popular” e “poder racional”, “interno” e “externo”, “eterno” e “histórico”.²¹⁵

Aleksandr Herzen considerava que “muito de Moscou há em Petersburgo e muito de Petersburgo em Moscou”, e que “o antagonismo entre Moscou e São Petersburgo é uma pura invenção”, pois “a troca ininterrupta, a relação ininterrupta sustentavam a ligação viva entre as duas cidades”.²¹⁶ Herzen analisava a própria oposição dos eslavófilos e ocidentalistas através do mesmo prisma:

Sim, éramos seus adversários, porém muito estranhos: possuíamos o *mesmo* amor, porém ele não era *igual*. [...] Como Janus ou a águia de duas cabeças, olhávamos para lados opostos, mas tínhamos o *mesmo* coração.²¹⁷

Outro fato importante a ser considerado é que tanto os eslavófilos quanto os ocidentalistas conviviam dentro de uma mesma cultura. Ou seja, eles eram o fruto da mesma cultura e expressavam a sua dualidade, da mesma forma como Moscou e Petersburgo. Por isso, a discussão entre os dois grupos não podia ficar limitada apenas à discussão entre os defensores de Moscou ou de São Petersburgo. Tratava-se de uma oposição mais geral entre a Rússia e a Europa, entre o Oriente e o Ocidente. Tratava-se de um tipo especial da cultura russa que sempre está dividida entre dois pólos e precisa desses dois pólos.

²¹⁵ Idem. P.29.

²¹⁶ HERTZEN, Aleksandr. Obras completas em 30 volumes. Volume 2. P.187, 186, 187-188.

²¹⁷ HERTZEN, Aleksandr. *Passado e os pensamentos (Bylóie i dumy)*. In: Obra completa em 30 volumes. Volume 9. P. 170.

Após a reforma de 1861, que deu início à libertação dos camponeses, os ocidentalistas se aproximaram dos eslavófilos por ambos serem liberalistas. Apesar disso, as principais ideias e divergências dos ocidentalistas e eslavófilos chegaram ao século XX e continuam a inquietar o pensamento russo moderno. A questão referente ao caminho a ser seguido pela Rússia, o individual ou cópia do modelo europeu, até hoje continua gerando intensas polêmicas.

6. Moscou e São Petersburgo na literatura no século XX

O texto de Moscou no século XX é claramente dividido em dois períodos: antes da Revolução e depois. A imagem de Moscou pré-revolucionária continua a tendência do século XIX, já a Moscou pós-revolução muda drasticamente.

Provavelmente, uma das poesias mais ternas dedicadas à Moscou no primeiro período são os versos de Aleksandr Blok “Manhã em Moscou” (Útro v Mosvié) de 1909:

Amo-te, minha panna,
Minha juventude despreocupada
E a ternura transparente de Kremlin
Nessa manha é como o teu encanto.

Я люблю тебя, панна моя,
Беззаботная юность моя,
И прозрачная нежность Кремля
В это утро, как прелесть твоя.

Aqui Moscou é novamente comparada a uma mulher, dessa vez a mulher amada. Chama atenção o epíteto “ternura do Kremlin”: dificilmente podemos imaginar alguém usando essa comparação após a revolução.

Em 12 de março de 1918, a capital da Rússia foi novamente transferida de Petrogrado (antiga São Petersburgo e futura Leningrado) para Moscou. Apesar do fato de Petrogrado ter sido o berço da revolução, o governo bolchevique considerava que a posição limítrofe da cidade podia trazer muitos perigos, por exemplo, torná-la foco de uma revolta ou alvo muito acessível para os inimigos capitalistas. Porém, o foco a ser

analisado no momento não é o político, mas sim a imagem das duas cidades após essa transferência.

Nos anos 20 e 30, Petersburgo adquirira traços não de uma cidade ocidental, mas de uma cidade pertencente a história e cultura russa (doravante chamada de “capital cultural” da Rússia). A ela dedicaram suas obras: Marina Tsvetáieva, Anna Akhmátova, Óssip Mandelchtám, Aleksandr Blok, Andrei Biely, Vladislav Khodasiévitch, Boris Pasternak, Mikhail Bulgákov e muitos outros. A contraposição dos dois pólos da cultura russa continua (embora não de modo tão intenso como fora no século XIX), e nela acontece uma inversão de ênfases. Moscou ganha características que antes eram atribuídas à capital do norte: agora é ela que passa a ser fria, oficial, desumana e até mesmo misteriosa, fantástica e fatal. O poeta petersburguês Geórgui Ivánov (1894-1958) chegou a descrever um projeto que hoje parece ser surreal e absurdo, o da fusão das duas cidades em uma só. Talvez, se esse plano fosse concretizado, a inimizade dos dois pólos russos poderia ser extinta para sempre:

Entre Petersburgo e Moscou, desde os tempos remotos, havia uma animosidade. Os petersburgueses ridicularizavam o “Campo canino” e a “Travessa morta”²¹⁸, enquanto que os moscovitas culpavam Petersburgo pela premissa de não ser próprio a “alma russa”. Eram inimigos tanto os pequenos burgueses, quanto os artistas das duas capitais.

Em 1919, na época da paixão pela eletricidade e outros planos grandiosos, um poeta propôs ao governo soviético um projeto de união das duas capitais em uma só. O projeto era simples. Proibir a construção de prédios em Petersburgo e Moscou

²¹⁸ Campo canino (Sobáchtia plochádká): nome da Praça em Moscou onde hoje se encontra Rua Nóvyi Arbat. Travessa Morta (Miórtvyi pereúlok) também se encontra no centro de Moscou e hoje se chama de Travessa Pretchístinski.

se não fossem ao longo da ferrovia Nikoláievskaia.²¹⁹ Dentro de 10 anos, pelos cálculos do inventor, as duas cidades deviam unir-se: Petroskvá, com a rua central Kuzniévski Mospekt.²²⁰ O projeto não foi realizado por uma futilidade: nem em Petersburgo e nem em Moscou se construía nada, estavam ao contrário destruindo tudo. Que pena! Talvez essa união pudesse colocar fim às brigas de dois séculos.²²¹

Embora o tom desse fragmento pareça bastante irônico, nota-se nele o contexto de miragem e do grotesco, muito característico para o texto de São Petersburgo do século XX e para o texto da nova Moscou.

Quando Moscou transformou-se na capital do novo país soviético, e consequentemente, no centro da nova cultura, muitas das obras dedicadas a ela foram proibidas. Esse destino castigou alguns versos de Marina Tsvetáieva, o poema *Moscou das Tabernas* (1924) de Serguei Essiénin o romance *Verão do Senhor* (1948) de Ivan Chmelióv e o romance *Doutor Jivago* (1955) de Boris Pasternak.

Marina Tsvetáieva respondeu a essas mudanças por intermédio dos versos:

... Oh, miseráveis esforços dos impostores!
Como a neve, como a morte – os santuários – são para todos:
Proibição do Kremlin? Não há proibição para as asas!
Portanto – não há proibição do Kremlin!

...О, самозванцев жалкие усилия!
Как сон, как снег, как смерть — святыни — всем.
Запрет на Кремль? Запрета нет на крылья!
И потому — запрета нет на Кремль!

(1918)

²¹⁹ Ferrovia que ligava São Petersburgo e Moscou

²²⁰ Mescla de dois nomes Kuzniétski Most (Rua de Moscou) e Nievski Prospekt (Avenida Nievski de São Petersburgo).

²²¹ IVÁNOV, Georgui. *Os invernos petesburgueses* (Peterburgskie zimy). Moscou, Kniga, 1989.

Nesses versos surge o motivo do Kremlin como santuário e centro da vida religiosa russa. Alguns anos depois, ele seria reconstruído no romance de Ivan Chmelióv *Verão do Senhor*.

O Kremlin inteiro está dourado e rosa, sobre o rio Moscou coberto de neve. Parece-me que lá está o Sagrado e não tem ninguém. As muralhas com as torres existem para que os inimigos não possam entrar. Os santos estão dentro das catedrais. E os tsares repousam. Por isso está tão quieto.²²²

No romance, a cidade é descrita pelos olhos de um menino, e por isso ganha alguns traços fantásticos. No entanto, uma criança consegue captar o essencial da imagem de Moscou na cultura russa: cidade sagrada, cidade santa, cidade que jamais será vencida pelos inimigos. O trecho citado dialoga com os seguintes versos de Aleksandr Púchkin:

Às margens quietas de Moscou,
Brilham as cúpulas caducas
Das igrejas, coroadas por cruzes
Sobre as muralhas dos mosteiros.
Ao redor estendem-se pelas colinas
Os arvoredos nunca cortados,
Desde há muito repousa lá
O corpo sagrado do santo.²²³

На тихих берегах Москвы
Церквей, венчанные крестами,

²²² CHMELIÓV, Ivan. Verão do Senhor (Liéto Gospódne). In: Moscou na literatura russa (Moskvá v rússkoi literatúre). Moscou. Olimp, 2007. P. 286.

²²³ PUCHKIN, Aleksandr. As margens quietas de Moscou (Na tíkhikh beregákh Moskvý). In: Moscou na literatura russa (Moskvá v rússkoi literatúre). Moscou. Olimp, 2007. P.85.

Сияют ветхие главы
Над монастырскими стенами.
Кругом простерлись по холмам
Вовек не рубленные рощи,
Издавна почивают там
Угодника святые мощи.

Na obra de Marina Tsvietáeva encontramos mais uma confirmação dessa visão de Moscou, como uma cidade que não fora criada pelas mãos humanas e sim pelas mãos de Deus. Em *Versos sobre Moscou (Stikhí o Moskvié)* a poetisa dirige-se a Óssip Mandelshtám com as seguintes palavras: “Das minhas mãos receba a cidade que não fora criada pelas mãos humanas // Receba, meu irmão estranho e maravilhoso” (Из рук моих – нерукотворный град // Прими, мой странный, мой прекрасный брат.) O tema da cidade divina que está acima do poder dos soberanos humanos é revelado com muita intensidade:

Sobre a cidade rejeitada por Pedro
Estrondou o trovão dos sinos.

A maré alta retumbante caiu
Diante da mulher rejeitada por ti.

Ao Tsar Pedro e a você, tsar, glória!
Mas acima de vocês, tsares: os sinos.

Enquanto eles retumbam do azul –
É incontestável a primazia de Moscou.

E as quarenta vezes quarenta das igrejas
Riem do orgulho dos tsares!

(Versos sobre Moscou, 1916)

Над городом, отвергнутым Петром,
Перекатился колокольный гром.

Гремучий опрокинулся прибой
Над женщиной, отвергнутой тобой.

Царю Петру и вам, о царь, хвала!
Но выше вас, цари, колокола.

Пока они гремят из синевы -
Неоспоримо первенство Москвы.

И целых сорок сороков церквей
Смеются над гордынею царей!
(Стихи о Москве, 1916)

O epíteto «quarenta vezes quarenta» (*sórok sorokóv*) que aparece aqui é tradicionalmente aplicado à Moscou para expressar a grande quantidade de igrejas e catedrais existente nessa cidade. Além disso, nesses versos, assim como em todo o ciclo, nota-se o paralelo entre a cidade e a mulher: assim como a cidade foi rejeitada por Pedro, a mulher foi rejeitada pelo homem.

No mesmo ciclo, Tsvetáieva menciona Moscou como um lugar acolhedor, uma “enorme casa”:

- Moscou! – Uma enorme casa,
Um asilo.
Qualquer um na Rússia é sem-teto,
Todos nós chegaremos até você.
(*Poesias sobre Moscou*, 1916)

- Москва! - Какой огромный
Странноприимный дом!
Всяк на Руси - бездомный.
Мы все к тебе придем.
(Стихи о Москве, 1916)

Essa imagem de Moscou como asilo lembra a descrição da casa dos Rostóv em *Guerra e Paz* que realmente tornou-se um asilo, um hospital, um símbolo de paz e misericórdia diante do avanço das tropas de Napoleão.

Entre muitos versos de Óssip Mandelchtam dedicados à Moscou, se destaca em especial um, escrito em 1918:

Tudo nos é alheio na capital indecente:
Sua terra seca e dura,
Barganha desenfreada na lucrativa Súkharevka²²⁴,
Terrível visão do Kremlin bandido.

Ela, ignorante, rege o mundo todo.
Quando, com um milhão de carroças rangentes
Ela se moveu - a metade do universo
Foi espremida pela amplitude feminina dos seus bazares.

Os favos perfumados de suas igrejas -
São como mel selvagem em meio às florestas,
E os vôos densos dos bandos de pássaros
Perturbam os céus sombrios.

Nos negócios ela é uma raposa astuta,
Diante do príncipe – uma escrava miserável.

²²⁴ Trata-se da Praça Súkharevskaja que abrigava, até os anos 20 do século XX, a maior feira do país.

A água turva do rio feudal
Flua, como antigamente, às calhas secas.

Все чуждо нам в столице неpotребной:
Ее сухая черствая земля,
И буйный торг на Сухаревке хлебной,
И страшный вид разбойного Кремля.

Она, дремучая, всем миром правит.
Мильонами скрипучих арб она
Качнулась в путь — и пол-вселенной давит
Ее базаров бабья ширина.

Ее церковей благоуханных соты —
Как дикий мед, заброшенный в леса,
И птичьих стай густые перелеты
Угрюмые волнуют небеса.

Она в торговле хитрая лисица,
А перед князем — жалкая раба.
Удельной речки мутная водица
Течет, как встарь, в сухие желоба.

A palavra “sombria” expressa nesses versos é de extrema importância, pois aqui se trata justamente do lado sombrio de Moscou. A cidade obtém uma imagem de mulher velha e ignorante cujo poder é tão forte que é capaz de “espremer” o resto do mundo. As palavras “bazares”, “barganha”, “negócios” remetem ao seu lado asiático e selvagem, contrário à Europa civilizada, a qual Moscou ameaça com o avanço das suas “carroças rangentes”. A imagem da cidade sempre vem acompanhada pelas reminiscências à natureza: “terra”, “favos”, “mel”, “florestas”, “céus”, “raposa”, “água”,

“rio”, etc. Entretanto, essas metáforas são quase todas negativas: a terra é dura e seca, a água é turva e o rio é feudal. Esse lado sombrio de Moscou intensifica-se no início do século XX na medida em que os escritores e poetas se desiludem com os resultados da Revolução. A característica positiva aparece apenas quando Mandelchtám fala dos “favos perfumados das suas igrejas” que “são como mel selvagem em meio das florestas”. Além disso, Moscou é apresentada aqui como uma capital mundial que “rege o mundo todo”.

Outro poeta que colaborou para a formação da imagem de Moscou no século XX foi Serguei Essiénin com o seu ciclo poético *Moscou das tabernas* (*Moskvá kabátkaia*) (1922-1923). O ciclo foi recebido com inimizade, tanto pela crítica soviética, quanto por parte da imigração russa. A crítica estava contida no ciclo “lamentações em relação a Moscou antiga que Outubro desfez”, enquanto os imigrantes falavam da “poetização da tentação ‘asiática’ da vida russa com sua espontaneidade e o alcoolismo russo”.²²⁵

A “Moscou das tabernas” descreve não a periferia da cidade, mas sim o seu centro histórico. A capital, na visão do poeta, representa uma cidade com um passado “asiático” fortemente cravado em sua história e arquitetura:

Amo essa cidade dos olmos,
Mesmo obesa e caduca,
A dourada Ásia sonolenta
Finou-se nas cúpulas.

Я люблю этот город вязевый,
Пусть обрюзг он и пусть одрях.
Золотая дремотная Азия
Опочила на куполах.

²²⁵ KORNÍENKO, N.V. Moscou no tempo (*Moskva vo vriémeni*). In: *Moscou na literatura russa e mundial* (*Moskvá v rússkoi i mirovoi literature*). Moscou, Nasledie, 2000. P.228.

Na Rússia soviética dos anos 20, a criação do mito da “nova Moscou” como centro do mundo socialista sempre estava, diretamente ou não, relacionada ao tema petersburguês na literatura russa, na qual a cidade de São Petersburgo representava a época tsarista. Nessa criação do mito de Moscou, o primeiro lugar pertence a Vladimir Maiakóvski, que claramente contrapunha Moscou e o antigo centro da Rússia, São Petersburgo. No poema *Homem (Tcheloviék)* de 1916, o poeta mencionava São Petersburgo: “Aqui havia uma cidade, // - Uma cidade sem sentido” (Здесь город был, // - Бессмысленный город). Relembrando uma das lendas russas sobre a antiga cidade mítica chamada de Kítiezh, que fora devorada pelas águas e nunca mais encontrada, Maiakóvski escreveu no poema *Bom (Khorochó)* de 1927: “Como um submarino se afundou // Petersburgo detonada” (Подводной лодкой пошел ко дну // Взорванный Петербург).

No mesmo poema Moscou aparece em comparação com uma ilha: “No meio dos fuzis e da voz das armas // Moscou é como uma pequena ilha e nós estamos na ilha” (Посреди винтовок и орудий голосяща // Москва – островком и мы на островке). A origem dessa comparação encontra-se nos tempos remotos quando Moscou, muitas vezes cercada por tribos de mongóis, começou a se formar à partir de uma fortaleza.

De acordo com N.V. Kornienko²²⁶, de modo geral, em sua obra, Maiakóvski desenhava a face da “nova Moscou” como oposição ao texto de São Petersburgo, a sua simbologia, seu estilo e cores: era uma Moscou repleta de flores e felicidade, trabalho e criação, vitória sobre a pequena burguesia, Moscou da nova mulher, cidade que iluminava todo o mundo.

No poema “MIuD” de 1926, Maiakóvski até separa a “velha” Moscou da “nova”. A velha Moscou é comparada com uma anciã “caduca e surda”, assim como o

²²⁶ Idem. P. 230

Kremlin. É interessante observarmos que naquele momento o Kremlin e a praça vermelha ainda não se tornaram um símbolo do governo soviético e, portanto, eram tidos como vestígios do passado:

Moscou ronca como uma aldeia,
E no céu
cor de creme
Como uma velha caduca e surda
Ronca o Kremlin severo
E velho
Não precisa ser um profeta,
Um olho da santa trindade que tudo vê,
Para enxergar
como o novo nasce nas pessoas,
A segunda Moscou
efervesce e constrói-se.
A grande construção
já começou.
Em direção ao céu
levantam-se os andaimes
Ali
os correios,
Aqui
o Instituto de Lênin.

Храпит Москва деревнею,
и в небе
цвета крем
глухой старухой древнею
суровый
старый Кремль.

Не надо быть пророком-провидцем,

всевидающим оком святейшей троицы,
чтоб видеть,
как новое в людях роится,
вторая Москва
вскипает и строится
Великая стройка
уже начата.
И в небо
лесами идут
там
почтайт,
здесь
Ленинский институт.

Entretanto, no coro unânime que enaltecia a nova capital soviética, cada vez mais surgiam vozes opostas que, todavia, sempre foram ignoradas. Nesse sentido, podemos lembrar-nos da Moscou descrita por Mikhail Bulgákov no romance *Mestre e Margarida*: *é uma cidade tomada pela burocracia, problemas habitacionais e governada pelo poder que reprime quaisquer tipos de pensamentos opostos à ideia socialista*. Além de *Mestre e Margarida* também foi ignorado o romance de Ivan Chmelióv *Verão do Senhor* no qual Moscou simbolizava a Rússia sagrada e ortodoxa, assim como foram renegadas as obras do ganhador do Prêmio Nobel Ivan Búnin, que igualmente dedicou algumas páginas à cidade de Moscou, por exemplo, no seu conto “A segunda-feira limpa” escrito em 1944, quando Búnin já havia deixado a Rússia. O conto “A segunda-feira limpa”, assim como o romance *Verão do Senhor*, representam o olhar idealizador dos imigrantes para a Moscou perdida para sempre, para a qual já não se tinha como retornar.

A segunda-feira limpa, na tradição ortodoxa, é o primeiro dia da quaresma, dia de purificação. A narrativa do conto de Búnin descreve uma história amorosa que se

desenvolve em Moscou. Ao princípio, é uma história de amor feliz e correspondido: “Ambos éramos ricos, saudáveis, jovens e tão bonitos que nos restaurantes e nos concertos eram seguidos por olhares.”²²⁷ Porém, aos poucos percebemos que a protagonista sente uma forte repugnância à Moscou das tabernas, bares, restaurantes e teatros e parece ser profundamente atraída pelo lado religioso da vida moscovita. Ambos os personagens destacam os traços asiáticos da cultura religiosa russa e de Moscou. Ela exclama em um dos restaurantes:

Que bom! Embaixo os *mujiques* selvagens e aqui panquecas, champanhe e a Nossa Senhora de Três Braços²²⁸. Três braços! Isso é a Índia! Você é um grão-senhor e não é capaz de entender toda essa Moscou como eu.²²⁹

Ele:

Que cidade estranha! – dizia eu comigo mesmo pensando sobre Okhótnyi Riad, Tverskaia, São Basílio. – São Basílio e Salvador-no-Bosque²³⁰, as catedrais italianas e algo de quirguiz nas pontas das torres das muralhas de Kremlin...²³¹

O fato de que os personagens não possuem nomes e são chamados de “eu” (narrador) e “ela” nos remete a história sobre os primeiros “ele” e “ela”, Adão e Eva. Só que é uma história ao contrário: aqui o diabo possui o homem e não a mulher. Ela fala sobre ele: “É claro, ele é bonito... [...] ‘Serpente na imagem de um homem muito bonito...’²³². Ao considerar que ele é uma encarnação do diabo e do pecado, ela o deixa

²²⁷ BÚNIN, I. A. A segunda-feira limpa (Tchístyi ponedíelnik). In : <http://lib.rus.ec/b/111990/read>.

²²⁸ Trata-se da ícone milagrosa « Nossa Senhora de três braços » venerada pela religião ortodoxa.

²²⁹ BÚNIN, I. A. A segunda-feira limpa (Tchístyi ponedíelnik). In : <http://lib.rus.ec/b/111990/read>.

²³⁰ Salvador-no-Bosque : uma das catedrais que encontrava-se dentro do Kremlin e foi demolida em 1933.

²³¹ BÚNIN, I. A. A segunda-feira limpa (Tchístyi ponedíelnik). In : <http://lib.rus.ec/b/111990/read>.

²³² Idem.

e pede para que ele nunca mais a procure. Isso acontece na segunda-feira limpa. Passados dois anos, ele a encontra acidentalmente em um dos mosteiros e descobre que ela havia se tornado monja. Porém, “talvez seja apenas ilusão da cidade estranha!”²³³

No conto de Búnin, Moscou mostra as duas faces: de um lado, é uma cidade diabólica e pecadora, repleta das tabernas e restaurantes, do outro, ela também é uma cidade das catedrais, igrejas e mosteiros, cidade sagrada.

Em 1933, a Sociedade dos escritores de Moscou iniciou uma ação sob o título de “Moscou proletária espera por seu artista”, o diretor da Sociedade apresentou um discurso no qual dizia:

O tema de Moscou é o tema da reconstrução do combate, tema de repercussão internacional, tema da revolução mundial... Mas porque os leitores não conhecem essa cidade maravilhosa na qual se reúnem pessoas de todo o mundo, tentando entender o que é essa Moscou vermelha, onde estão o Comintern²³⁴, o Comitê Central do Partido Comunista, a Internacional Vermelha das uniões profissionais, os melhores teatros do mundo e o proletariado, que mudaram, sob direção dos bolcheviques, liderados pelo camarada Kaganóvitch, a face de sua cidade transformando-a em uma cidade exemplar.²³⁵

²³³ KANÚNNIKOVA, I. A. Conceito de “Moscou” no conto de I.A.Búnin “A segunda-feira limpa” (Kontsiépt “Moskvá” v rasskázie I.A. Búnina “Tchístyi ponedélnik”). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literátúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 164.

²³⁴ Comintern ou Komintern (do alemão Kommunistische Internationale) é o termo com que se designa a Terceira Internacional ou Internacional Comunista (1919-1943), isto é, a organização internacional fundada por Vladimir Lenin e pelo PCUS (bolchevique), em março de 1919, para reunir os partidos comunistas de diferentes países.

²³⁵ KORNÍENKO, N. V. Moscou no tempo (Moskva vo vriémeni). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v rússkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P. 232

Como resposta a esse apelo foi publicado o artigo de Serguei Eisenstein “Moscou através do tempo”, no qual o autor convocava os escritores a criarem um enredo coletivo sobre Moscou. Segundo o diretor de “O Encouraçado Potemkin” e “Outubro”, a imagem de Moscou devia ser descrita de acordo com as quatro forças da natureza: água, terra, fogo e ar, das quais consiste a harmonia e desarmonia do universo. A simbologia da “nova Moscou” era a seguinte: “O fogo das revoltas, as fogueiras ardentes da revolução de Moscou”, posteriormente: “Moscou como o centro nos anos de guerra civil” e finalmente: “Moscou como o centro da vitória”, “centro de solução histórica daquilo que não podia ser solucionado durante séculos através do fogo e do sangue”, “centro de grandes realizações” e “centro da forja furiosa da construção do novo”.²³⁶

Outra reação ao apelo da Sociedade dos escritores é o romance inacabado de Andrei Platónov *A Moscou feliz*. Além do fato de que os acontecimentos descritos no romance, em sua maior parte, se passem em Moscou, a personagem principal também se chama Moskvá. Aqui novamente é materializada a imagem de Moscou como uma mulher diante de Napoleão, descrita por Tolstói. Moskvá Tchesnóva²³⁷, no romance de Platónov, é uma jovem bela e corpulenta pela qual se apaixonam todos os homens ao redor. Porém ela não se interessa pelo amor, aspirando grandes feitos que mudassem o futuro do país. Ela salta de pára-quedas, sendo que uma vez quase morre quando seu pára-quedas pega fogo, e, assim como a cidade Moscou, ela renasce das cinzas. Depois disso, Moskvá participa da construção do metrô e em um acidente perde uma das pernas. As relações entre a Moscou-cidade e Moskvá-mulher foram delineadas por

²³⁶ Idem. P. 232-233.

²³⁷ Sobrenome da personagem vem da palavra “tchiésnyi” que significa “honesto”.

Serguei Nekliúdob no ensaio “O corpo de Moscou: a questão da imagem da “cidade-mulher” na literatura russa”²³⁸:

O tema de Moscou no Romance de Platónov se duplica, a cidade está personificada na figura da heroína, enquanto ela mesma adquire as “conotações de cidade”, as imagens da mulher e da cidade estão combinadas e entrelaçadas, embora o autor evite colisões diretas...

De acordo com Nekliúdob, se tirarmos do contexto do romance algumas frases dedicadas à cidade ou à mulher, elas se tornam ambíguas e podem ser relacionadas às duas:

Moscou não tinha noção nenhuma do quanto era famosa: e o que isso representava (1). [Ele] desfrutava de Moscou independente de sua conduta; ele já a amava como uma pura verdade e, por causa da sua felicidade, a via de modo obscuro e incorreto (2). O coração dele sofria por Moscou... (3). Ela, Moscou, vivia independente, sem se importar com o trabalho, o destino, as perseguições do mundo, toda bobagem, tudo, como uma planta, que se mantém viva pelo calor interior, sob o vento, tempestade e neve. Ela se separou em nome da união com o futuro (4).²³⁹

Através dessas citações torna-se claro que Platónov “brinca” propositalmente com esse sentido ambíguo que pode ser remetido tanto à cidade quanto à mulher. A capital soviética aparece no romance como um ser-vivo, sendo possível até mesmo ouvir seus batimentos cardíacos. A Moskvá, assim como a cidade, deseja transformar o

²³⁸ NEKLIÚDOV, S. O corpo de Moscou: a questão da imagem da “cidade-mulher” na literatura russa (Tielo Moskvý: K vopróssu ob óbraze “jíénshiny-góroda” v Rússkoi literátúre). In: <http://www.ruthenia.ru/folklore/neckludov20.htm>

²³⁹ Idem.

mundo e as pessoas ao seu redor, por isso recusa o amor do engenheiro Sartorius e pede que ele trabalhe intensamente para criar grandes invenções. A capital soviética também só aceita os novos habitantes em troca de trabalho e muitos esforços: essa necessidade de receber o direito de morar em Moscou em “troca” de trabalho para o bem da sociedade foi relatada décadas depois em um dos filmes mais queridos na União Soviética *Moscou não acredita em lágrimas* (*Moskvá slezám ne viérit*), 1980, do diretor Vladímir Menshov.

O filme apresenta a Moscou dos anos 50, e três amigas que vieram para Moscou, oriundas da província. Cada uma delas encontra o seu próprio caminho para “conquistar” a capital. O ponto principal é a característica da história da heroína principal, Ekaterina, que de uma simples trabalhadora torna-se diretora de uma grande indústria e encontra o amor. O filme conquistou tanta fama, que, de acordo com Vladímir Menshov, em 1985, o então presidente dos Estados Unidos Ronald Reagan, antes de encontrar-se com Mikhail Gorbatchiov, o assistiu pelo menos oito vezes para entender melhor a “misteriosa alma russa”.

O tema musical desse filme, a canção “Aleksandra, Aleksandra”²⁴⁰, também é um ótimo exemplo de representação do texto de Moscou:

Não foi de uma vez que tudo se formou,
Moscou não foi construída de uma só vez,
Moscou não acreditava em lágrimas
Mas acreditava no amor.
Encoberta pela neve,
Enfeitiçada pelas folhas,
Ela dará calor para o transeunte

²⁴⁰ Música de Serguei Nikítin, letras de Dmitri Súkharev e Iúri Vízbor.

E terra para a árvore.

Refrão:

Aleksandra, Aleksandra,
Essa cidade é nossa,
Nós nos tornamos o seu destino,
Olhe bem para o seu rosto.
Não importa o que era no início,
Ela saciará todas as tristezas.
E o Anel dos Jardins
Tornou-se nossa aliança.

[...]

Moscou não escondia as inquietações,
Moscou já viu de tudo,
Mas todas as desgraças e tristezas
Curvavam-se diante dela.
O amor de Moscou não é rápido
Mas é fiel e puro,
Pois o amor materno
É o mais forte de todos.

Не сразу все устроилось,
Москва не сразу строилась,
Москва слезам не верила,
А верила любви.
Снегами запорошена,
Листою заворожена,
Найдет тепло прохожему,
А деревцу - земли.

Припев:
Александра, Александра,
Этот город - наш с тобою,
Стали мы его судьбою -
Ты взглядишь в его лицо.
Чтобы ни было в начале,
Утолит он все печали.
Вот и стало обручальным
Нам Садовое Кольцо.

[...]

Москва тревог не прятала,
Москва видала всякое,
Но беды все и горести
Склонялись перед ней.
Любовь Москвы не быстрая,
Но верная и чистая,
Поскольку материнская
Любовь других сильнее.

Nas estrofes citadas acima Moscou é apresentada tradicionalmente pela figura feminina, dessa vez a materna, que personifica o mais puro e verdadeiro amor. Ao contrário da relação da cidade de Moscou com o amor infeliz que estava presente na literatura do século XIX, nesse texto a capital emana o seu amor para com seus habitantes que, por sua vez, se apaixonam.

* * *

Obviamente, o passado tsarista da nova Moscou foi visto de forma extremamente negativa. Não é por acaso que nos anos 30, por ordem de Stálin, foram

explodidas inúmeras igrejas e catedrais não só em Moscou, mas em toda a Rússia. Em 1940, um dos poetas soviéticos se questionava ironicamente:

Uma igreja na colina. É até estranho –
Ainda se acredita em deus?
Ou isso é apenas para a paisagem,
Para que o bosque distante fique mais elevado...

Церковь на пригорке. Странно даже –
Разве верят в бога до сих пор?
Или это только для пейзажа,
Чтоб рельефней стал далекий бор...²⁴¹

Destruindo as igrejas moscovitas o governo soviético tentava acabar com a imagem da cidade sagrada e centro religioso do povo russo, afinal, estava sendo criada uma nova religião. A Catedral de São Basílio escapou da destruição por pouco. Infelizmente, a Catedral do Cristo Salvador, que era não apenas a catedral central de Moscou, mas o principal centro de culto da Rússia, não teve a mesma sorte.

A Catedral do Cristo Salvador impressiona por suas cúpulas douradas imponentes e por sua história que teve início no século XIX, após o triunfo do exército russo sobre Napoleão, quando o então imperador Alexandre I decidiu homenagear os mortos no combate. Após quase 50 anos desde o início da construção, a Catedral foi inaugurada em 1883, porém, após a revolução de 1917, que colocou no poder os soviéticos, e, no auge da campanha anti religiosa imposta por eles, a Catedral do Cristo Salvador teve seu fim ordenado e foi dinamitada no ano de 1933.

²⁴¹ KORNIÉNKO, N.V. Moscou no tempo (Moskva vo vriémeni). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000. P. 234-235.

Catedral do Cristo Salvador em 1881

No local da antiga catedral havia a intenção de se construir um palácio soviético com um enorme monumento em homenagem a Lênin com uma altura final que suplantaria a Estátua da Liberdade.

Face principal do Projeto do Palácio

O Palácio dos Soviets se tornaria a edificação mais alta da cidade e sua dominante arquitetônica. Devido a problemas nas fundações o plano não foi concluído, e a posição privilegiada da cidade, onde se localizava a Catedral foi palco da construção de uma enorme piscina aquecida, onde os moscovitas e visitantes da capital podiam se banhar inclusive durante o inverno.

Piscina no lugar da Catedral

Após o final do regime soviético, nos anos 90, o patriarcado de Moscou liderou o movimento para a reconstrução da Catedral. Plantas e fotos antigas foram utilizadas para que o novo projeto fosse igual ao antigo. No ano 2000, a Catedral do Cristo Salvador foi reinaugurada trazendo consigo a restauração da simbologia de Moscou como a Meca ortodoxa e como a cidade eterna que sempre ressurgirá das cinzas.

Catedral do Cristo Salvador após a reconstrução

Outra história que testemunha a mudança ativa da face da capital, realizada na época de Stálin, como parte do “Plano geral de reconstrução de Moscou”, não é de destruição, mas sim de construção. Trata-se do imponente hotel Moscou que ocupa um quarteirão inteiro ao lado da Praça Vermelha. Na criação do projeto participou o arquiteto Aleksei Schiússev. Uma famosa lenda moscovita conta que Shiússev trouxe dois projetos para a fachada principal do prédio para que Stálin escolhesse e assinasse um deles. As duas opções encontravam-se na mesma folha e estavam separadas por uma linha que dividia a folha: na parte direita estava uma opção mais sóbria e na parte esquerda uma versão com maior número de elementos decorativos. Stálin colocou sua assinatura no meio da folha e nenhum dos arquitetos teve coragem de confirmar qual das partes o líder do partido comunista havia aprovado, portanto a face do hotel foi construída de acordo com o desenho: o lado direito diferente do lado esquerdo.

Hotel Moscou antes da reconstrução

Nos dias de hoje essa história recebeu uma continuação inesperada: de modo surpreendente, em 2008, o governo de Moscou anunciou que o prédio, que aparentava estar em perfeitas condições, corria o risco de desmoronar e emitiu uma ordem para sua demolição e posterior reconstrução. De acordo com a proposta inicial apresentada ao público, o Hotel Moscou seria reconstruído exatamente como era antes. No entanto, quando a reconstrução terminou, ficou claro que o novo prédio não é uma cópia exata do antigo hotel. Essa reviravolta da história com certeza fará parte da mitologia da nova Moscou.

Como resultado do Plano Geral de Reconstrução de Stálin, a principal via da cidade, a Rua Tverskaia, tornou-se três vezes mais ampla. Muitos dos seus prédios foram demolidos e outros afastados: em 1939, o prédio do Mossoviet (Conselho de Moscou) foi afastado em 13,6m da margem da rua para dar espaço para a ampliação da Rua Tverskaia.

A Moscou dos anos 1930 não disputa mais o primeiro lugar com São Petersburgo. A tensão entre as duas cidades, que perdurou desde a fundação de São

Petersburgo, cessou e Moscou oficialmente recebeu o título de cidade central. O seu crescimento é acelerado. Ela acolhia anualmente milhares de novos moradores e simbolizava o novo país e o poder soviético. Essa relação entre a capital e o país pode ser observada com muita clareza nos versos de Vassíli Liébedev-Kumátch “Moscou de maio” (*Moskvá máiskaia*), que posteriormente tornaram-se letras para de uma das canções soviéticas mais populares:

A manhã pinta com uma cor terna
As paredes do antigo Kremlin,
Acorda com o amanhecer
Toda a terra soviética.
[...]
Bom dia, querida cidade,
Coração da minha pátria!
[...]
Efervescente,
Poderosa,
Não derrotada por ninguém,
Meu país,
Minha Moscou,
Você é a mais amada!

Утро красит нежным светом
Стены древнего Кремля,
Просыпается с рассветом
Вся Советская земля.
[...]
С добрым утром, милый город,-
Сердце Родины моей!
[...]

Кипучая,
Могучая,
Никем непобедимая,-
Страна моя,
Москва моя -
Ты самая любимая!

(1937)

Entre os anos de 1941 - 44, o foco geral voltou-se novamente para a capital do norte, pois esses anos marcaram o trágico período que compreende a Segunda Guerra Mundial, durante a qual Leningrado ficou bloqueada durante 900 dias. O bloqueio de Leningrado, a fome e a morte lenta dos seus cidadãos não deixaram ninguém indiferente. O mais renomado compositor soviético Dmitri Chostakóvitch dedicou à cidade a sua 7ª Sinfonia, composta entre os anos de 1941-42. A Sinfonia foi apresentada em Leningrado ocupada pelas tropas alemãs dia 9 de agosto de 1942.

Quando em 1941 o exército de Hitler chegou aos arredores de Moscou, entre os defensores da capital surgiu um lema “Não há para onde recuar, atrás está Moscou!”²⁴² Essa famosa frase demonstra a impossibilidade de entregar o “coração” do país ao inimigo e está ligada com a ideia de que Moscou nunca será derrotada

Uma das obras mais fortes e marcantes desse período é, sem dúvida, o romance de Boris Pasternak *Doutor Jivago*, de 1955, embora ele enfoque outro período decisivo da história russa: a revolução de 1917 e as suas consequências. Moscou desempenha um papel importante no enredo do romance: é a cidade onde moram os protagonistas, onde eles se encontram e se apaixonam. Iúri Jivago escreveu sobre a importância de Moscou para ele, poeta e escritor:

²⁴² Em russo : Отступать некуда, позади Москва!

Moro em uma animada travessa da cidade. No verão, a Moscou, cegada pelo sol, incandescendo com o asfalto dos bairros, jogando os reflexos de sol através das janelas dos quartos de cima, respirando o florescer das nuvens e dos bulevares, das voltas ao redor de mim, faz a minha cabeça girar e quer que eu gire as cabeças dos outros em sua homenagem. Para esse fim ela me educou e me deu a arte nas mãos.²⁴³

Dessa forma, Moscou se mostra como um ser vivo que interfere na vida dos personagens. No capítulo final, os amigos de Jivago lêem o caderno com suas anotações e versos e contemplam a cidade com a mesma sensação:

Moscou abaixo e ao longe, a cidade natal do autor e de metade daquilo que houve com ele, Moscou lhes parece agora não como o lugar desses acontecimentos, mas como a personagem principal de uma longa novela a qual fim, e ele chegaram com caderno nas mãos.²⁴⁴

Nesse último trecho Moscou, além de surgir como uma criatura viva, também adquire traços femininos “juntando-se às imagens de Lara e da Rússia”²⁴⁵.

Várias vezes a cidade é comparada com uma floresta que remete ao tema de Moscou como uma cidade natural, uma cidade-planta. Em relação a isso, vale lembrar as palavras de V. Toporov:

O espaço de Moscou (corpo) contrapõe-se a Petersburgo e seu espaço como algo orgânico, quase natural (daí temos abundância

²⁴³ PASTERNAK, B.L. Obra completa em 5 volumes. Moscou, Khudójestvennaia literatura, 1989-1992. Volume 3, P. 482.

²⁴⁴ Idem. P. 510.

²⁴⁵ SUMATÓKHINA, L.V. Moscou no romance de B.L. Pasternak “Doutor Jivago” (Moskvá v romane B.L.Pasternák ‘Dóktor Jivágo’). In: Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tékst” v rússkoi literatúre i folklóre). Moscou, MGPU, 2004. P. 150-157.

das metáforas vegetais nas descrições de Moscou), que apareceu por si mesma sem a vontade de ninguém, sem planos, sem intervenção e contrapõe-se ao não-orgânico, artificial, somente “cultural”, chamado à vida por uma vontade violenta de acordo com um esquema pensado, um plano, uma regra.²⁴⁶

As comparações aparecem desde a infância de Iúri:

Porém o mais importante era o verdadeiro mundo dos adultos e a cidade que pretejava ao redor como uma floresta. Então, Iura, com toda sua fé meio animal, acreditou no Deus dessa floresta, como em um espírito da floresta.²⁴⁷

No decorrer do romance, esse paralelo torna-se ainda mais claro:

À direita estava a rua Sadóvaia-Triumfálnaia, à esquerda Sadóvaia-Kariétnaia. No horizonte escuro e na neve preta, as ruas já não eram percebidas no sentido comum dessa palavra e sim como uma espécie de duas clareiras em meio da densa *taiga* dos prédios de pedra que se estendiam como se fossem uma brenha intransitável dos Urais ou da Sibéria²⁴⁸

No epílogo, após tantas perturbações, sofrimentos, separações e mortes, a tranquilidade se estabelece em Moscou que também é chamada de “sagrada”:

Eles foram penetrados por uma tranqüilidade feliz e comovente por essa cidade santa e por toda a terra, por participantes dessa história

²⁴⁶ TOPOROV, Vladimir, São Petersburgo e “texto de Petersburgo da literatura russa”//Texto de Petersburgo da literatura russa, São Petersburgo, 2003. P. 22-23

²⁴⁷ PASTERNAK, B.L. Obra completa em 5 volumes. Moscou, Khudójestvennaia literatúra, 1989-1992. Volume 3, P. 89.

²⁴⁸ Ídem. P. 204-205.

que sobreviveram até essa noite e por seus filhos, e tomados por inaudível música de alegria que havia se espalhado ao redor..²⁴⁹

Após o término da guerra, Moscou novamente assumiu o seu papel central reforçado mais ainda pela euforia e otimismo geral que tomaram a sociedade soviética com a vitória. Nos anos 40-50 foram edificadas sete arranha-céus também chamados de “sete irmãs” que representavam o ápice do famoso estilo imperial stalinista. Segundo o plano inicial, eles deviam circundar o Palácio dos Soviéticos (que devia ser construído no lugar da Catedral do Cristo Salvador dinamitada) que, porém, nunca saiu do projeto. Um dos arranha-céus era a Universidade de Moscou nas Colinas Vorobiovy, que se tornou o prédio mais alto da cidade com 240 metros de altura. Até hoje as “sete irmãs” dominam a paisagem arquitetônica da cidade, já que desde os tempos antigos, em Moscou, existia a proibição concernente a construção de prédios que ultrapassem a altura do Campanário de Ivan, o Grande, localizado no Kremlin. Há séculos, Moscou era uma cidade plana, composta por casas, casarões e edifícios baixos. Porém, no século XX foi iniciado o crescimento vertical da cidade, em direção ao céu, talvez com intuito de confrontá-lo. Entre os anos de 1963-1967 foi construída a Torre de televisão Ostánkino, de 540 metros, que por muitos anos foi a edificação mais alta do mundo. Assim Moscou deixou de uma vez a sua perspectiva plana para tornar-se vertical.

²⁴⁹ Ídem. P. 204-205

Universidade de Moscou

O estilo imperial stalinista tinha duas particularidades importantes para o nosso tema: a grandiosidade das suas edificações fazia com que os seres humanos se sentissem pequenos diante do poder do estado; o segundo objetivo, que nunca foi pronunciado abertamente, mas está claramente subentendido, era competir com os arranha-céus americanos e superá-los. Não seria uma ideia bastante próxima à tentativa de Pedro, o Grande de construir uma nova capital nos moldes europeus superando-os pela sua beleza? Dá-nos a impressão que no século XX as duas capitais trocaram seus papéis: São Petersburgo se tornou a “capital cultural”, portanto, a guardiã da cultura e história do povo, assim como o fora Moscou nos séculos XVIII e XIX; enquanto que Moscou tornou-se a representação do poder oficial, do governo e da burocracia. Quando a maior parte de suas famosas igrejas e catedrais foram destruídas, fechadas, abandonadas ou viraram museus, a capital da União Soviética perdeu suas características de “santa” e “sagrada” e adquiriu traços diabólicos.

Não é por acaso que o Diabo no romance *Mestre e Margarida* escolheu essa cidade e não São Petersburgo para a sua visita. Mas até o próprio Diabo, Woland, não é malvado o suficiente em comparação com a burocracia e a ganância dos cidadãos soviéticos. No romance, Moscou é chamada de inferno e essa comparação ganha destaque desde o seu início: a cidade aparece diante de nós no verão, incandescente pelo sol: “Naquela hora quando parece que já não havia mais forças nem para respirar, quando o sol incandesceu Moscou.”²⁵⁰ Esse calor anormal para um dia de maio é uma alusão ao calor infernal e ele torna-se cada vez mais forte. Ainda no início do romance Woland “deteve o olhar nos andares superiores que refletiam, com seus vidros ofuscantes o sol distorcido”²⁵¹. Já na segunda parte (capítulo 28) “nas janelas, viradas para o oeste, nos andares superiores dos gigantes cintilava o sol distorcido e ofuscante. Os olhos de Woland brilhavam da mesma forma como uma dessas janelas, embora Woland estivesse de costas para o pôr-do-sol.”²⁵²

Moscou se torna o palco dos acontecimentos misteriosos e infernais que enlouquecem o escritor e poeta Ivan Bezdómnyi, e que levam o Mestre à morte. Essa cidade acaba com as ilusões e vidas de seus moradores assim como fazia São Petersburgo no século anterior: Ivan Bezdómnyi perde a sua razão diante do irracional que acompanha a cidade diabólica (só que dessa vez a cidade é Moscou) assim como Hermann de *Dama de espadas* de Aleksandr Púchkin, como Piskarióv de *Avenida Niévski* de Nikolai Gógol e como Raskólnikov de *Crime e castigo* de Fiódor Dostoiévski.

²⁵⁰ BULGÁKOV, M. *Mestre e Margarida* (Máster i Margarita).
In : <http://ilibrary.ru/text/459/p.1/index.html>

²⁵¹ Idem.

²⁵² Idem.

A comparação da cidade com o inferno no romance *Mestre e Margarida* ganha outro componente descrito por Iúri Lótman em seu ensaio “Casa em *Mestre e Margarida*.”²⁵³ De acordo com o autor, no romance existe uma oposição entre a Casa (um espaço protegido, seguro, cultural) e Anti-casa (um espaço diabólico e alheio). Por exemplo, a casa da família Rostóv de *Guerra e paz* seria uma representação Casa ideal, enquanto que o quartinho, parecido com um caixão, que ocupava o estudante Raskólnikov de *Crime e Castigo* certamente é uma anti-casa.

Nenhum dos personagens de *Mestre e Margarida* possui uma casa própria, fato que é destacado mais ainda pelo sobrenome de um dos protagonistas principais, Ivan Bezdómnyi (em russo *bez doma*: sem casa). O apartamento no qual mora o escritor Mestre é o espaço que mais se aproxima de uma Casa ideal: “um apartamento totalmente isolado, e ainda uma anti-sala, e nela uma pia com água [...] E no meu forno sempre ardia o fogo! [...] No primeiro quarto, um quarto gigante, de catorze metros, havia livros, livros e um fogão”.²⁵⁴ Porém, é um apartamento alugado que pode ser perdido a qualquer instante, portanto ele não é um espaço seguro e protegido. Apenas no fim do romance, após a sua morte, é que o Mestre ganha “uma casa eterna” como forma de agradecimento pelo seu romance. Depois de observar os moscovitas, Woland conclui referindo-se à falta de moradia em Moscou: “São pessoas comuns [...] em geral, lembram as de antes [...] elas só foram estragadas pela questão dos apartamentos”.²⁵⁵

Já a Anti-casa é representada pelo apartamento número 50 onde passou a residir Woland. Em primeiro lugar, ele não possui os limites, e as paredes são extremamente importantes para uma casa por proporcionarem sensação de proteção e segurança.

²⁵³ LÓTMAN, Iu. Casa em *Mestre e Margarida* (Dom v Mástere i Margarite). In : Historia da prosa russa (Istória rússkoi prózy). Sao Petersburgo, Iskustvo, 1997. P.748-753.

²⁵⁴ BULGÁKOV, M. Mestre e Margarida (Máster i Margarita).

In : <http://ilibrary.ru/text/459/p.1/index.html>

²⁵⁵ Idem.

Quando Margarida visita o apartamento “ruim”, ela percebe que ele pode aumentar-se infinitamente. As pessoas não vivem nesse apartamento e sim morrem, fogem, desaparecem dele. Além do apartamento habitado pelo diabo, no texto há outras anti-casas como, por exemplo, o prédio da Mossalit (Associação dos Literatos de Moscou) e o manicômio.

Dessa forma, o caráter infernal de Moscou é revelado no romance tanto no nível geral, quando a cidade é comparada com o inferno, quanto no nível dos seus componentes, casas e prédios, que na verdade são anti-casas..

A *intelliguentsia* soviética não teve a mesma sorte do Mestre de Bulgákov, que conseguiu deixar Moscou com suas injustiças e perseguições e ingressar na eternidade. Alguns imigraram e depois sofreram no exterior de tanta saudade e vontade de voltar, outros se suicidaram, ou melhor, foram levados ao suicídio, entre eles Vladímir Maiakovski, Serguei Essiénin ou Marina Tsvetáieva. Outros encontraram refugio na bebida, como o personagem central do poema “Moscou-Petuchkí”, de Venedict Erofiéev, escrito entre 1969 e 1970. O enredo do poema é extremamente simples: o intelectual alcoólatra Viénitchka tenta chegar de trem de Moscou a estação Petuchkí, um lugar utópico onde o aguarda a família e a felicidade. Porém, a bebida, consumida por Viénitchka incessantemente e em todas as combinações possíveis não o deixa sequer encontrar o Kremlin:

Todos dizem “Kremlin! Kremlin” De todos eu escuto sobre ele,
mas nunca o vi. Quantas vezes (mil vezes) ao me embriagar ou de
ressaca cruzei Moscou de norte a sul, de leste a oeste, de um lado
para o outro, de atravessado, de todas as formas e em nenhuma vez
vi o Kremlin.²⁵⁶

²⁵⁶ EROFIÉEV, V. Moscou-Petuchkí (Moskvá-Petuchkí). Moscou. Vágrius.1998. P. 5.

O Kremlin aqui representa o poder soviético. É justamente dele que Viénitchka tenta fugir com a ajuda da bebida. Porém, esse excesso cria alucinações que no início aparecem como anjos, mas depois se transformam em demônios que o perseguem e finalmente o matam. Ele não consegue escapar de Moscou e chegar a Petuchkí, ou seja, ao Paraíso.

Se o Kremlin há tempos deixou de ser o santuário ortodoxo e transformou-se em um santuário soviético, uma Rua em Moscou passa a representar a *intelligentsia*, os intelectuais que seguiam uma espécie de código moral de conduta e que eram dotados de sensibilidade e auto-reflexão muito acima do comum. Este fenômeno aconteceu graças às canções de Bulát Okudjáva, dos anos 60-70. O bardo, poeta, compositor e escritor soviético nasceu e cresceu em uma das ruas mais centrais e antigas de Moscou, a Arbat, e dedicou a ela muitas de suas canções e contos que continuam muito populares e queridos dos russos. Okudjáva pertencia à geração dos anos sessenta, entusiasmada com fim da Segunda Guerra Mundial, com o término do governo de Stálin e o “desgelo” que o seguiu. Era a *intelligentsia* soviética que junto com Okudjáva cresceu na Rua Arbat ou em outras ruas antigas de Moscou. Em sua canção mais conhecida dedicada à rua, está inserida a passagem: “Ah Arbat, minha Arbat, você é minha pátria”. Na obra de Okudjáva, Arbat é uma espécie de centro espiritual da Rússia que tomou para si essa característica que antes pertencia à Moscou. Não é por acaso que a Arbát é uma rua da Moscou antiga: ela trás consigo a história da Rússia e todas as conotações da Moscou anterior a revolução. A rua exerce sobre os seus moradores um poder especial, torna-os mais “nobres”. Foi criado até um termo, “*arbátstvo*” para descrever essa geração que também se tornou alvo do romance *Os filhos de Arbát* de Anatoli Rybakóv. A Arbát, no romance, serve de eixo central que reúne as histórias de vida de

vários jovens soviéticos, todos moradores dessa rua. Ao contrário de Okudjáva, Rybakóv não considera que a influência da rua seja necessariamente benigna, pois alguns dos protagonistas do romance estão longe de serem boas pessoas. Para Rybakóv, a Arbát representa o novo tempo, o novo país, a nova Moscou com todos os seus defeitos e avanços. Não é apenas um centro de cultura, mas sim um símbolo da sua época.

A Moscou da época do degelo é apresentada no filme “Eu caminho por Moscou” (*Iá chagáiu pó Moskvié*) de 1963, do diretor Geórgui Danélia. O filme transmite a sensação de bem-estar, juventude e alegria. Os personagens são jovens, que por acaso, se encontram em Moscou, passeiam pela cidade e tornam-se amigos. Moscou para eles é um ponto de partida para um futuro feliz em um país soviético livre do passado assombrado, da guerra e da ditadura.

Pode parecer, e com razão, que após a transferência da capital novamente para Moscou a rivalidade entre ela e São Petersburgo cessou para sempre. Porém, a tensão entre as duas capitais continua a fazer parte do subconsciente popular e foi retomada no romance de Serguei Mináiev: *Dyxless* de 2006. O título do romance mistura a palavra russa *dyx*, ou seja, espírito, alma e o sufixo inglês *less*, sem. Ele trata da geração pós-*perestroika* que, na opinião do autor, é privada de alma e de sentimentos, pensa apenas em dinheiro e preenche o vazio consequente com bebidas e drogas.

O protagonista, um moscovita e bem-sucedido gerente de uma grande empresa, reflete sobre as duas capitais russas durante a sua viagem para São Petersburgo:

O tema principal dos habitantes de Piter²⁵⁷ altamente espiritualizados é a fixação em sua própria importância e

²⁵⁷ Assim é chamada informalmente São Petersburgo.

singularidade. Todas as conversas com os moscovitas no fim das contas levam a dois temas: “Piter europeia versus Riazan”²⁵⁸ moscovita” e “Me empreste cem rublos até amanhã”. Parece que sobre a cidade inteira paira a maldição de “antiga capital”. Mesmo as pessoas que vieram para Piter provenientes da província logo são contaminadas por esse vírus. E também começam com essas conversas tolas sobre capital cultural: “Vocês têm gente demais nas ruas”, “Todo o dinheiro vai para Moscou” e assim por diante.²⁵⁹

De acordo com ele, esse orgulho que os petersburgueses modernos sentem da sua cidade e o desprezo em relação à Moscou provém de um tremendo complexo de inferioridade que atingiu São Petersburgo após a mesma deixar de ser a capital:

Dessa forma, fica claro todo o desprezo em relação a Moscou por parte da nossa capital europeia. Em primeiro lugar, isso acontece por causa do mundinho fechado e da falta, na cidade europeia, dos acontecimentos de dimensão europeia. Em segundo lugar, por causa da imitação. Todos os festeiros de Petersburgo, todos os acontecimentos, clubes e restaurantes lembram uma Moscou diminuída em tamanho de uns cinco – seis anos atrás. Tudo é levado à contraposição das duas cidades.²⁶⁰

Esse trecho nos lembra as palavras escritas ainda no século XIX por Aleksandr Hértzen de que Moscou “não sentia indignação em relação a Petersburgo, pelo contrário, sempre o seguia, imitando e distorcendo as suas modas e costumes”. Só que agora, no século XXI, é São Petersburgo que tenta copiar Moscou. Assim, é confirmada a hipótese levantada anteriormente: após a transferência da capital para Moscou, as duas cidades inverteram algumas de suas características. Moscou tirou de São Petersburgo a

²⁵⁸ Riazan é uma cidade russa que tornou-se um símbolo de província, de vida provinciana oposta à vida na capital.

²⁵⁹ MINÁIEV, Serguei. *Дыхless*. AST, Moscou, 2007. P.11.

²⁶⁰ Idem.

sua fama de cidade que representa o poder oficial e a burocracia e despreza o homem simples e comum. Ela também se tornou o palco de acontecimentos fantásticos e sombrios a tal ponto que até mesmo o diabo (do romance de Mikhail Bulgákov *Mestre e Margarida*) sente-se intimidado. São Petersburgo, por sua vez, herdou de Moscou o complexo de inferioridade, o desejo de imitar e copiar a nova capital, o título de cidade cultural e de berço da oposição. Vale lembrar, que no século XIX, os intelectuais de Moscou, reunidos em volta da Universidade de Moscou, formavam a oposição ao poder do Imperador.

Em 1997 Moscou oficialmente completou 850 anos, embora ela deva ser ainda mais antiga. A celebração dessa data foi muito ampla: foram feitas inúmeras reconstruções, entre elas, a da Catedral do Cristo Salvador, foram lançados livros dedicados à história da cidade e à literatura, foram encenados novos filmes, documentários e gravadas novas canções. Entre elas, uma canção do grupo musical “Acidente infeliz” formado por ex-alunos da Universidade de Moscou. “Canção sobre Moscou”, escrita em 1995, relembra a imagem arquetípica da Moscou-mulher. O autor dialoga com a capital como se ela fosse sua mulher amada. Até um dos topônimos típicos de Moscou, o Anel dos Bulevares, transforma-se em “cacho ruivo” da cidade-mulher. A última frase, “parece que novamente nos salvará o teu amor, Moscou”, novamente nos remete à função salvadora da capital russa. Como podemos observar, essa imagem conservou-se intacta e não sofreu alterações:

Canção sobre Moscou

Até o trem para Moscou falta exatamente uma hora,
E essa hora passarei tão longe de você.
Em um vazio tão vazio, tão transparente

Que dá para tocar o horizonte com a mão.
Sairei para minha cidade querida na estação Tekstilí,
Balançará o vagão azul sobre os eixos dourados.
Apertado pela multidão cambaleante emergirei perto do rio,
E finalmente apertarei a minha bochecha contra a sua.

Para onde posso me esconder
Do nosso amor caprichoso, Moscou?
Brilha nos cílios dos teus fios
A neve úmida, Moscou.
Nas torres as luzes acesas
Então ainda nos guarda
O teu amor, Moscou.
Sobrevoamos a fita do rio,
O mormaço grisalho,
E como sempre o teu perfume
Lembra a fumaça.
Ressoam os fogos de artifício exaltados,
E não tem mais como esperar,
Nas casas tocam e cantam,
Chega a noite.

E seu sussurro louco
Flui perto do meu rosto,
E bate o cacho ruivo
Do Anel dos Boulevares.
Capital da minha alegria
E do meu ciúme,
Ainda teremos tempo de pegar o metrô,
Nos apressaremos.

Não temos onde nos esconder
Do nosso amor caprichoso, Moscou.

Apaixonado pelo capital, eu sei
Até nos erros você tem razão.
Nas torres brilha a aurora
E parece que novamente nos salvará
O teu amor, Moscou.

Песня о Москве

До электрички на Москву
Остался ровно час,
И этот час я проживу
Так далеко от вас.
В такой пустынной пустоте,
Прозрачности такой,
Что можно тронуть горизонт рукой.

Я в ненаглядный город мой
Сойду на Текстилях,
Вагон качнётся голубой
На золотых осях.
Зажатый шаткою толпой,
Я вынырну к реке,
И наконец, прижмусь щекой
К твоей щеке.

Куда мне укрыться от нашей
Капризной любви, Москва.
Блестит на ресницах твоих
Проводов мокрый снег, Москва.
На башнях горят огни и,
Значит, ещё нас хранит
Твоя любовь, Москва.

Летим над лентою реки,

Над маревом седым,
И как всегда твои духи
Напоминают дым.
Гремит восторженный салют
И ждать уже невмочь,
В домах играют и поют,
Приходит ночь.

И твой безумный шепоток
Струится, улица,
И бьётся рыжий завиток
Бульварного кольца.
Столица радости моей
И ревности моей,
Ещё успеем на метро,
Летим скорей.

Нам негде укрыться от нашей
Капризной любви, Москва.
Влюбленный в столицу, я знаю,
Ты даже в капризах права.
На башнях горит восход
И кажется, вновь нас спасёт
Твоя любовь, Москва.

Veremos agora, a partir dos textos apresentados abaixo, que compõem uma parte significativa do texto de Moscou, como a primeira capital russa foi percebida pelos escritores e críticos literários ao longo dos séculos XVIII-XIX.

CAPÍTULO III

TEXTO EM TEXTOS

Introdução

O presente capítulo é composto por textos publicados nos séculos XVIII – XIX e dedicados à imagem de Moscou e à sua oposição a então capital, São Petersburgo. A escolha do período que engloba o final do século XVIII até o final do século XX não é ocasional, pois foi nesse período que as relações controversas entre as duas cidades se intensificaram mais do que nunca. Uma das consequências inevitáveis da europeização da Rússia iniciada por Pedro, o Grande foi a questão do caminho que o país deveria tomar: imitar a Europa ou buscar a autenticidade nacional. Nessa discussão, Moscou passou a representar o tradicional e costumeiro, enquanto São Petersburgo se tornou o símbolo de alheio e estrangeiro.

Os ensaios, traduzidos e apresentados nesse capítulo, representam apenas uma parte de um volumoso corpo de textos dedicados às relações entre Moscou e Petersburgo. Aliás, são poucos os textos que mencionam somente Moscou sem mencionar a capital do Norte, como acontece, por exemplo, no ensaio de Mikhail Liérmontov. Esse fato serve como mais uma prova de que os textos das duas capitais não podem ser analisados separadamente por serem, na verdade, dois lados da mesma cultura, opostos, porém interligados.

A escolha dos textos a serem traduzidos foi baseada na abrangência com a qual os autores apresentados abordam o tema, bem como na presença, em seus ensaios, dos principais elementos do texto de Moscou, analisados nesse trabalho.

O primeiro e o mais antigo dos textos inseridos nesse capítulo, formalmente, não é um ensaio e sim carta direcionada à então Imperatriz Ekaterina II. O seu autor, o príncipe Mikhail Mikháilovitch Scherbátov (1733 – 1790) destacou-se como filósofo, sociólogo, economista, historiador e também escritor. Tornou-se conhecido como autor do panfleto “Sobre danificação dos costumes na Rússia” (*O povrejdénii nrávov v Rossii*), de 1786-1789, que criticava a situação política e cultural do país. De certa forma, a “Petição de Moscou referente ao seu esquecimento”, de 1787, também é uma crítica, inclusive bastante ousada, pois é dirigida diretamente à monarca: de acordo com Scherbátov, o “esquecimento” de Moscou em favor da nova capital é um grande erro político e histórico que pode trazer sérias consequências.

O segundo ensaio foi escrito pelo famoso poeta e escritor russo Mikhail Liérmontov (1814 - 1841) quando ele ainda estudava na Escola de Sargentos e Cadetes. É incrível como esse jovem de 20 anos conseguiu reunir, em um pequeno trabalho estudantil, os principais elementos do texto de Moscou: as referências “romanas”, o Krémelin como santuário, a sua sacralidade.

As “Notas petesrburguesas de 1836” de Nikolai Gógol não podiam deixar de fazer parte do presente trabalho uma vez que são sempre citadas no tocante à oposição entre Moscou e São Petersburgo, principalmente a sua famosa frase de que “a Rússia precisa de Moscou; Petersburgo precisa da Rússia”.

O ensaio de M. N. Zagóskin “Dois caracteres. Irmão e Irmã” (1841) aborda o tema que também é apresentado no ensaio de Gógol: o caráter feminino que a cidade de Moscou adquiriu para a cultura russa e, consequentemente, os traços masculinos de São Petersburgo. Mikhail Nikoláevitch Zagóskin (1789-1852) ficou conhecido como autor do romance histórico *Iúri Miloslávski, ou os Russos no ano 1612* (*Iúri Miloslávski ili rússkie v 1612 godú*).

Aleksandr Herten e Vissarion Belínski estão, sem dúvida, entre os mais importantes autores a escreverem sobre a cultura e a literatura russa do século XIX. O filósofo, sociólogo, jornalista e escritor Aleksandr Herten (1812-1870) não só nasceu em Moscou como também foi estudante da Universidade de Moscou sobre a qual escreveu em sua obra central: as memórias *O passado e os pensamentos (Bylóie i dumy)* de 1855 – 1866. O ensaio “Moscou e Petersburgo” de 1842, (complementado por trechos do conto “Estação Edrovo” de 1846) ganhou fama bem antes de ser publicado, em 1852: ele circulava em cópias manuscritas e fazia um enorme sucesso. Já no título do artigo “Petersburgo e Moscou” de Vissarion Belínski (1844) os nomes das cidades mudam de lugar e isso acontece não por acaso. Belínski conhecia o ensaio de Herten e polemizava com ele, por exemplo, em relação à afirmação de que São Petersburgo é uma cidade sem história:

É de costume pensar em Petersburgo como uma cidade que não foi construída sequer no pântano e sim quase que no ar. Muitos, ironizando, afirmam que é uma cidade sem sacralidade histórica, sem lendas, sem ligação com o país natal, cidade construída sobre estacas e cálculos.²⁶¹

O ensaio de Belínski fazia parte da coletânea *Fisiologia de Petersburgo (Fiziológuia Peterburga)*, publicada em Petersburgo em 1845, que foi recebido como uma espécie de manifesto da escola natural russa. Além disso, Herten e Belínski participaram, de forma ativa, na discussão entre os eslavófilos e ocidentalistas defendendo o lado ocidentalista.

²⁶¹ BELÍNSKI, V. Petersburgo e Moscou (Peterburg i Moskvá). In: Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P. 9 - 10.

Dessa forma, julgamos os textos apresentados abaixo como os que melhor enfocam a cidade de Moscou e a sua relação com São Petersburgo. Porém, o volume de trabalhos dedicados a esse assunto é muito maior, o que abre caminho para futuras traduções.

M.M. Scherbátov

Petição de Moscou referente ao seu esquecimento²⁶²

(1787)

Benevolentíssima Soberana!

A antiquíssima cidade do reino, e posterior Império Russo, prostra-se aos pés dos seus soberanos para que seja retirada do esquecimento de oitenta e quatro anos e renovada pela benevolência dos mesmos, e a sua cabeça encoberta de cabelos grisalhos que se alegrem com as memórias dos seus antigos méritos!

Vendo o esquecimento tão duradouro ao qual estou sujeita, refleti sobre o meu estado antigo e ousou apresentar, diante dos olhos monárquicos, a história dos meus méritos e da fidelidade, bem como da minha utilidade, para que não seja apagado pelos séculos o meu zelo pelos soberanos da Rússia, e, se isso não me retirar do esquecimento e abandono, que este papel seja pelo menos testemunha de que eu, na minha tristeza, soltei uma voz enfermiça, mas que o meu fardo infeliz superou tanto a utilidade quanto os méritos e a misericórdia.

Calo-me sobre o meu início, oculto pela escuridão dos séculos (...), de que a cidade que, após a devastação de Vladímir²⁶³, foi escolhida, 429 anos atrás, pelo grande príncipe Ioann Danílovitch²⁶⁴, para ser seu reino. Não fui eu a primeira a levantar a cabeça contra os devastadores e conquistadores da Rússia, ou seja, os tártaros? Não foi

²⁶² Texto de acordo com a edição: Obras do príncipe M.M. Scherbátov. (Sotchiniénia kniázia Scherbátova). Volume 2. São Petersburgo, 1898. P. 54-63.

²⁶³ Principal cidade do nordeste da Rússia nos séculos XIII e XIV, Vladímir foi devastada várias vezes pelas hordas de mongóis. Com o crescimento de Moscou, aos poucos ela se tornou uma cidade provinciana.

²⁶⁴ Grão Príncipe Ioann Danílovitch, também chamado de Ivan I Kalitá (1304 - 1340): príncipe de Moscou e de Vladímir.

das minhas profundezas que saíra com seu exército o grão príncipe Dmítri Donskói²⁶⁵ para destruir a força de Mamai? Não fui eu que sofri a dura devastação nos tempos do mesmo príncipe por parte do malévolo Tokhtamysh²⁶⁶. Minhas muralhas repletas de cadáveres, prédios queimados e toda a terra ensangüentada com o sangue dos meus cidadãos: não são sinais do meu zelo. Não foi das minhas muralhas que saiu esse exército vitorioso que agregou Odóiev, Koziélsk, Mojáisk, Viázma, Beliów, Vorotýnok e Smolensk ao Estado Russo? Não fora das minhas muralhas que saíram aqueles exércitos os quais, na guerra intestina, incendiada pelo príncipe Andrei Vassílievitch²⁶⁷, desfizeram a sua vanglória e afirmaram o trono do Tsar, o menor Ioann Vassílievitch²⁶⁸? Das minhas muralhas posteriormente saíram exércitos que conquistaram Kazan, Ástrakhan e Viátka; Velíki Nóvgorod e Pskov, que usufruíam das suas liberdades, tiveram que se render a mim, e os seus sinos de *viétche* trazidos para dentro das minhas muralhas e colocados nas minhas seteiras são sinais da minha fidelidade. A força de Devlet Giray²⁶⁹ cercou as minhas muralhas e os meus subúrbios queimou; morreram aqui os meus filhos renomados, mas minha fidelidade não foi abalada, e após tudo isso tive o prazer de ver das minhas seteiras a derrota de Devlet Giray em Molodi, onde um dos meus filhos queridos, o príncipe Vorotýnski²⁷⁰, cobriu-se de glória. Ergueram-se depois das minhas muralhas os exércitos – conquistaram Pólotsk, parte da Lituânia e Livônia, embora, com a mudança da sorte, a Rússia tenha perdido essas suas conquistas, mas a minha fidelidade para com os meus tsares servia de

²⁶⁵ Grão Príncipe de Moscou (1359) e de Vladímir (1362), filho de Ivan II. Recebeu seu epíteto após a batalha de Kulikóvo em 1380.

²⁶⁶ Tokhtamysh (? – 1405). Khan do Canato de Horda de Ouro organizou a campanha contra as terras russas em 1308.

²⁶⁷ Príncipe Andrei Vassílievitch: príncipe de Úglitch, irmão de Ivan III.

²⁶⁸ Ioann Vassílievitch, também conhecido como Ivan, o Terrível (1540 – 1584): tsar russo a partir de 1547.

²⁶⁹ Khan de Horda de Ouro.

²⁷⁰ Príncipe Vorotýnski, Mikhail Vassílievitch (1510-1572): boiardo e chefe militar. Em 1572 derrotou os mongóis na batalha de Molodi.

contrapeso à falta de felicidade e de vitórias. Com o jovem Tsar Fiódor Ioánnovitch²⁷¹, os tártaros que em vão vieram cercar as minhas muralhas foram expulsos e dispersos, deixando apenas os sinais da vitória dos meus filhos, e o sinal eterno da construção do mosteiro de Donskói é um monumento fiel a isso.

Muitas fontes de lágrimas verteram os meus olhos quando, com a morte do Tsar Fiódor Ioánnovitch, cortou-se a raiz dos meus tsares, a raiz dos que estavam no trono de Moscou: Riúrik²⁷², Vladímir, o Santo²⁷³ e Vladímir Monomákh²⁷⁴. Na minha tristeza, eu (Moscou) não sabia onde encontrar refúgio; ao dar preferência à união matrimonial em detrimento da tradição, passei o governo àquela que dividia o leito com ele²⁷⁵ e, somente após a renúncia dela e por sua ordem, elevei o seu irmão, Boris, ao trono²⁷⁶. Então ainda desconhecida era-me a sua malfeitoria, de que ele havia manchado as suas mãos com o sangue inocente dos meus antigos soberanos. Mas o mistério escondido de mim foi visto por Deus; Boris passou o tempo do reinado atormentado, e o seu filho também foi morto por uma mão feroz²⁷⁷. Foram os tempos do meu erro, erro e não infidelidade. No Impostor²⁷⁸ julguei ver a última ramificação dos meus soberanos, e com alegria o meu âmagô o recebeu, coroei-o com a coroa dos tsares e entreguei-me ao seu poder. O meu feito externamente foi culposos, porém o coração era inocente. Em

²⁷¹ Fiódor Ioánnovitch (1557 – 1598): tsar russo a partir de 1584.

²⁷² Riúrik (morreu em 879): lendário líder das tropas dos varegues. Fundador da dinastia de tsares russos.

²⁷³ Vladímir, o Santo I (? – 1015). Príncipe de Nóvgorod a partir de 969 e de Kiev a partir de 980. Batizou a Rússia em fé cristã. Foi santificado pela Igreja Ortodoxa Russa.

²⁷⁴ Vladímir Monomákh (1053-1125): príncipe de Smolensk (1067), de Tchernígov (1078) e de Pereiaslavl (1093). Grão Príncipe de Kiev (1113).

²⁷⁵ Trata-se da esposa de tsar Fiódor, Irina Godunôva. Após a morte de Fiódor Ioánnovitch, os boiardos a reconheceram como tsarina, porém ela decidiu tornar-se monja. Assim o seu irmão Boris Godunov chegou ao trono.

²⁷⁶ Boris Godunov (1552-1605) tornou-se tsar em 1598 após a morte de Fiódor Ioánnovitch. Foi acusado de responsável pela morte do príncipe Dmítri, herdeiro do trono.

²⁷⁷ Filho de Boris Godunov, Fiódor reinou após a morte do pai por apenas 49 dias. Os defensores do Falso Dmítri o rebaixaram e assassinaram.

²⁷⁸ Trata-se do Falso Dmítri, que se pronunciava como filho de Ivan, o Terrível e herdeiro do trono, que milagrosamente havia se salvado da morte. Com ajuda da nobreza polonesa juntou o exército e tomou o trono em 1605. Em 1606 foi assassinado.

breve a lisonja do Impostor revelou-se, e os filhos queridos pegaram em armas, protegeram a fé e a pátria, prenderam a fera e, ao provar sua culpa, condenaram-na à morte cruel. Então, privada da esperança de ver o sangue direto dos meus antigos soberanos reinar sobre mim, volvi os meus olhos para o meu libertador, sangue de Riúrik e Vladímir, para o parente mais próximo dos meus tsares por afinidade e entreguei o Estado a ele. Chúiiski²⁷⁹ passava o tempo do seu reinado apenas em meio a perturbações; os impostores só se multiplicavam, em todos os lugares derramava-se o sangue russo e a Rússia, dividida, aproximava-se de seu fim. Dilacerando as minhas entranhas e não encontrando meios para resistir, preferi a morte do tsar – e não da família dos tsares – à salvação da Rússia, entreguei-o aos lituanos para acalmar a Rússia, elevei ao trono o filho de Sigismundo²⁸⁰. Novas desgraças seguiram-se aos meus erros: os poloneses, depois de tomarem parte de Moscou, não entregaram Wladislaw nem cumpriram com suas promessas e a minha morte já se aproximava quando os meus filhos queridos Trubetskói e Pojárski²⁸¹ expulsos pela guerra intestina, livraram-me com outros russos do jugo inimigo e deram-me liberdade de mostrar a minha total fidelidade aos meus soberanos. Todos os direitos naturais e populares dizem que, depois que uma família de tsares extingue-se, o povo tem o direito primário de eleger para si um novo tsar e mudar a lei. Eu utilizei isso? Não. Porém elevei ao trono o parente da parte feminina por afinidade, o neto da Tsarina Anastássia Románovna, Mikhail Fiódorovitch Iúriev Románov²⁸², menor que estava exilado. Juntando todas as

²⁷⁹ Chúiiski, Vassíli Ivánovitch (1552-1612). Após a morte do Falso Dmítri, Chúiiski reinou de 1606 a 1610, quando foi destronado e enviado a um mosteiro.

²⁸⁰ Sigismundo III Vasa: rei da Polônia e Suécia, Grão-duque da Lituânia. Seu filho Wladislaw Vasa assumiu em 1610 o trono de Moscou. Para se entronizar/subir ao trono como rei de Moscou, ele devia se tornar ortodoxo; Porém não fez isso nem foi coroado como rei. Em 1612 ele perdeu o título de tsar de Moscou.

²⁸¹ Dmítri Trubetskói e Dmítri Pojárski: nobres que lideraram a revolta contra a intervenção dos poloneses em 1611-1612.

²⁸² Mikhail Fiódorovitch (1596-1645): tsar russo a partir de 1616, primeiro da família dos Románov.

minhas forças para ajudar o soberano menor, libertei a Rússia das guerras, dos suecos e poloneses; o seu pai, Filaret Nikítovitch²⁸³, retirei do cativeiro e fortaleci o trono. Mantive a mesma fidelidade em relação ao seu filho e neto, o Tsar Fiódor Aleksiéevitch²⁸⁴, mesmo quando a morte ceifou seus dias na mais tenra juventude e lançou-me novamente a um governo infantil. Primeiro elevei ao trono o irmão menor, o inteligente Pedro²⁸⁵, e, depois das revoltas dos *streletsi*, o irmão Ioann²⁸⁶. Eu resistia a todas as revoltas dos *streletsi* e, em meio aos seus perigos, cobria-o com meu escudo e com os corpos dos meus filhos queridos, fui a primeira testemunha de suas brincadeiras infantis, porém heróicas, e na sua ausência permaneci fiel. Em vão! Até este mesmo me deixou. Este, ora pela necessidade, ora para a formação da frota e do comércio e para vigiar de perto a guerra em execução, ora esquivando-se dos meus velhos costumes, transferiu a capital para a cidade recém-construída em nome dele.

Fontes de lágrimas, como as de uma viúva, escorriam dos meus olhos, cessaram-se as vozes felizes dentro das minhas muralhas e as *gusli*²⁸⁷ foram penduradas caladas em árvores secas. Por mais que as freqüentes vitórias retumbantes e as resoluções úteis para a pátria alegrassem o meu coração, a visão rara e instantânea do meu monarca perfurava a minha alma. Os meus melhores cidadãos desviados das minhas muralhas foram para terra alheia firmar sua morada, multidões de camponeses foram ordenadas a lavrar uma terra pantanosa e infértil, enquanto os meus prédios, por causa da ordem de não os reformar, desmoronavam e novos eram proibidos de serem construídos. Finalmente, faleceu esse soberano, que viveu muito pela quantidade dos seus feitos, mas

²⁸³ Filaret, Fiódor Nikítovitch (1554-1633): patriarca russo, pai de Mikhail Fiódorovitch. Quando voltou do cativeiro polonês passou a governar o país junto com filho.

²⁸⁴ Fiódor Aleksiéevitch (1661-1682): tsar a partir de 1676.

²⁸⁵ Pedro, o Grande (1672-1725). Tsar que governou a Rússia a partir de 1689. Primeiro imperador russo (1721), fundador da Nova Rússia.

²⁸⁶ Ioann V Aleksiéevitch (1666-1696). Foi tsar de Moscou a partir de 1682, regeu junto com Pedro.

²⁸⁷ *Gusli*: antigo instrumento musical russo de várias cordas.

pouco para proveito da Rússia. A sua sucessora, Ekaterina²⁸⁸, também logo cessou os seus dias; e o neto de Pedro, o Grande, Piotr Aleksiévitch, jovem, subiu ao trono russo.

Consolaram-se os meus olhos com a visão do meu soberano e ressuscitou a esperança no meu coração ao vê-lo de novo, amando a pátria dos antepassados. Mas, como uma sombra passa rápido, assim passou a minha felicidade; e esse jovem soberano, como um lírio florescente, caiu sobre a lâmina da gadanha mortal.

Duas irmãs jovens e duas tias restaram como herdeiras do trono, e os nobres reuniram-se e elegeram Anna²⁸⁹, filha do tsar Ioann Aleksiévitch, porém elegeram-na, limitando o seu poder e domínio. Eu não podia agüentar, sendo sempre favorecida pelos meus soberanos, que fossem colocados limites ao seu poder e logo, contrariando todas as regras, entreguei-me inteiramente à sua boa fé.

Em vão! Essa também me pagou, afastando-se das minhas muralhas e, durante todo o tempo do seu reinado, já os meus olhos não viam o seu rosto.

Desde então, e até agora, fui privada do prazer de ver entre as minhas muralhas os monarcas atuais. Elizaviêta²⁹⁰ e Ekaterina, que reina hoje, apenas por pouco tempo, honram-me com a sua presença. Porém, infelizmente, essa presença mostra o desprazer deles, dos meus soberanos; a duras penas aparecem na minha cidade, na antiga capital dos seus antepassados, e se apressam em deixá-la para voltar com alegria às margens do rio Nevá. Nem a afluência de muitos descendentes daqueles nobres, que derramaram seu sangue para servir a pátria, e de grande parte do povo, que com alegres exclamações expressa a sua fidelidade e zelo aos soberanos, nem a sacralidade desses lugares famosos por muitos milagres e santos que ali repousam, nem os túmulos dos seus antepassados, nem os prédios antigos onde habitavam os meus soberanos anteriores, que

²⁸⁸ Ekaterina II, a Grande (1729-1796): Imperatriz russa a partir de 1762.

²⁸⁹ Anna Ioánnovna (1693-1740): Imperatriz russa a partir de 1730.

²⁹⁰ Elizaviêta Petróvna (1709- 1741). Imperatriz russa.

fundaram a grandiosidade da Rússia, nem as minhas belas redondezas podem segurar e atrair seus corações.

Na minha tristeza tento justificar esse feito, o mais lamentável dos meus soberanos, ao olhar para a beleza da cidade recém-criada, para o rio majestoso, e para o comércio que nela floresce. Porém, Benevolentíssima Soberana, olhe para o meu estado! As minhas ruínas antigas têm certo encanto e ainda são dotadas de utilidade; elas são agradáveis, porque representam no Vosso Império a própria antiguidade; são úteis porque lembram certos favores prestados à pátria. Em mim vê-se um prédio, nem amplo nem bom, de um palácio antigo atrás de uma grade de ouro; lá viveu o tsar Ioann Vassílievitch; lá se vê aquela janelinha através da qual o monge enclaustrado queria se salvar, mas perseguido pelo castigo de Deus, e que, ao quebrar a perna, novamente foi levado aos aposentos reais e recebeu uma punição justa por seus crimes; aqui existe ainda o Terraço Vermelho, onde o traidor Basmánov²⁹¹ pela mão de Chúiiski foi castigado; onde Narýchkin²⁹², sofrendo por seu soberano, foi perfurado pela ponta da lança dos *streltsi*. Ainda são conhecidos os lugares onde, por sua fidelidade, foi assassinado por *streltsi* Iazýkov e onde foram privados da vida os Dolgorúki, pai e filho. Os prédios sagrados, construções e sinal da fé em Deus dos vossos antepassados, todos juntos testemunhas de suas virtudes e lembram que Vossa Majestade foi cingida com a coroa imperial e ungida com bálsamo sagrado e recebeu o título de monarca para aumentar ainda mais a fidelidade e o amor do povo. Mas por que enumero eu todos os lugares famosos? Será que há espaço conveniente no meu requerimento para acomodar tudo isso? Dentro das minhas muralhas os templos celestiais construídos representam as

²⁹¹ Basmánov, Piótr Fiódorovitch (? -1606): boiardo, líder militar, partidário de Boris Godunv. Em 1605 tomou partido do Falso Dmítri I.

²⁹² Narýchkin, Afanássi Kirílovitch (? -1682): boiardo, irmão da mãe de Pedro, o Grande. Foi assassinado durante a revolta dos *streltsi* em 1682, assim como Iazýkov, Ivan Maksímovitch, e Dolgorúkov, Vladímir Dmítrievitch, chefe dos *streltsi*, mencionados em seguida.

lembranças dessas vitórias e a comunhão da Rússia com as novas terras, por exemplo, a Catedral do Manto da Nossa Senhora e outras, criadas em homenagem a alguma outra derrota famosa dos inimigos, como a Igreja do Manto em Kúdrino: derrota do Segundo Impostor²⁹³, chamado de Ladrão de Túchino. Outras são as lembranças de desventuras, como a de Iliá Obýdennyi²⁹⁴: da praga que assolou Moscou. O Mosteiro da Candelária é a lembrança tanto da entrada da imagem da Nossa Senhora de Vladímir em Moscou, como da libertação da Rússia de Temir-Aksak²⁹⁵. Até as ruas e os lugares representam feitos célebres. As brechas das muralhas na Praça Trúbnaia lembram o memorável rechaço dos poloneses; Zamoskvoriétchie lembra a resistência corajosa contra Devlet Giray, quando muitos dos meus filhos morreram; Arbát mostra que os tártaros tinham algum poder na cidade e paravam ali as suas carroças²⁹⁶; Bolvánovka²⁹⁷ significa que eles moraram ali e assim por diante.

Assim, um cidadão russo com certas informações não pode dar um passo sem lembrar a fidelidade e o zelo dos seus antepassados para com a pátria e com o soberano e contra ele não pode mais se revoltar.

As correntezas murmurantes do meu rio não possuem nem a extensão nem a pureza das águas do rio Nevá, ao contrário, sem cuidado, diariamente perdem a sua pureza, entretanto mostram, através dos peixes ternos que nele habitam, que talvez não sejam tão sujas e certamente não agravam a vida dos habitantes com as mesmas doenças que trazem as águas do rio Nevá.

²⁹³ Segundo Impostor: Falso Dmitri II, também apelidado de Ladrão de Túchino, que desde 1607 se apresentava como o Falso Dmítri I que havia se salvado.

²⁹⁴ Iliá Obýdennyi: igreja em Moscou construída em homenagem ao Profeta Elias.

²⁹⁵ Temir-Aksak, também conhecido como Tamerlão (1336-1405): Khan da Horda de Ouro.

²⁹⁶ Arbát: atualmente uma das mais conhecidas ruas de Moscou; antigamente nome de toda a região. O nome vem da palavra árabe “arbad” que significa “subúrbio”. No século XV, comerciantes tártaros e árabes paravam ali as suas carroças.

²⁹⁷ O nome da Rua Bolvánovka vem da palavra *bolvanka*, que significa “molde para fazer chapéus”.

Dessa forma, se o Vosso olhar misericordioso se voltasse às minhas muralhas, se a Vossa presença freqüente renovasse a minha juventude, os prédios enormes cresceriam com muito mais êxito dentro das minhas muralhas e a arte dos novos arquitetos, ao se misturar com as construções antigas, dar-me-iam dupla beleza. Kolómenskoie, Vorontsóvo e outros povoados ao meu redor, onde o ar se dissolve muito melhor, poderiam tomar o lugar de Peterhof e Tsárskoie Selô, e os campos abundantes representariam não pântanos, mas sim colheitas fartas, símbolo da fartura da misericórdia monárquica, ou, melhor dizendo, a lembrança da mão generosa em misericórdia que nutre o universo. Assim alegrar-se-ia o coração dos tsares e eu me alegraria com o meu Tsar.

A posição concêntrica da minha cidade, no meio do Império, favoreceria a chegada mais rápida de todas as notícias até o governo; e o poder monárquico, estendido por todos os lados uniformemente, não teria fraqueza em lugar nenhum; os nobres, vendo em todos os lugares os monumentos do zelo e da fidelidade dos seus antepassados, conheceriam melhor as profundezas do país e as necessidades do povo tornar-se-lhes-iam mais conhecidas; além disso, por estarem mais próximos às suas aldeias e cuidando de suas casas, incentivariam os outros a cuidarem também, e da afluência de vantagens privadas podiam derivar-se vantagens sociais.

Por fim, será que o comércio que floresce na cidade de Pedro é capaz de deter os meus monarcas? Pois embora seja vasta e útil, sua extensão não provém da circunferência de Petersburgo e sim da abundância de outras regiões da Rússia, próximas à minha cidade; a vivificação do meu estado reforçaria ainda mais essa parte da renda estatal, ainda mais porque os nobres, distanciados do porto, não teriam tanta comodidade em receber as mercadorias estrangeiras, e, assim, a sua voluptuosidade e

luxos seriam comedidos e o seu exemplo, influenciando os outros, em todos os lugares, diminuiria esse mal que adentrou a Rússia.

Olhai, Benevolentíssima Soberana, o que a cidade, que envelheceu fiel aos seus monarcas, com submissão, representa, olhai para todos os meus méritos, para minha fidelidade e a dos meus filhos; para a utilidade para a Rússia de antes e de agora e que não seja eu, como uma escrava repudiada, privada da atenção dos meus monarcas; que os meus filhos, que vos servem, não sejam privados do vosso olhar! Eles têm por vós e pela pátria o mesmo ardor que aqueles que têm a sorte de vos rodear, com a única diferença de que aqueles se nutrem com a esperança das vossas graças e estes sem qualquer esperança sentem o mesmo. Confortai a minha velhice e o zelo deles, acrescentai com a vossa presença aquela firmeza que os pais deles sentiam e a sede renovadora da minha velhice bem como das virtudes morais e do bem-estar da Rússia!

Mikhail Liérmontov

Panorama de Moscou²⁹⁸

Quem nunca esteve no topo do Campanário de Ivan, o Grande²⁹⁹, quem nunca teve a oportunidade de abarcar com um só olhar toda a nossa antiga capital de um lado a outro, quem nunca contemplou esse panorama grandioso e quase infinito, não faz ideia do que é Moscou, pois Moscou não é uma cidade grande comum, igual a mil outras; Moscou não é uma enormidade silenciosa de pedras frias, colocadas em ordem simétrica... não! Ela tem sua alma, sua vida. Como em um antigo cemitério romano, cada pedra sua guarda uma inscrição traçada pelo tempo e pelo destino, inscrição incompreensível para a multidão, porém rica e abundante em ideias, sentimentos e inspiração para um cientista, patriota e poeta!... Como um oceano, ela possui sua língua, forte, sonora, sagrada, oratória!... Mal nasce o dia e já de todas as suas igrejas de cúpulas douradas ressoa o hino concorde dos sinos, como uma maravilhosa e fantástica abertura de Beethoven, na qual o rugido espesso do contrabaixo, o estalo dos timbales, junto com o canto do violino e da flauta, formam um grande conjunto; e parece que os sons incorpóreos adquirem uma forma visível e que os espíritos celestiais e infernais se enlaçam sob as nuvens em uma dança diversa, imensurável e volteante!...

Ah, que êxtase é ouvir essa música celeste depois de subir ao piso mais alto do Campanário de Ivan, o Grande, fincando os cotovelos em uma janela estreita e musgosa, à qual vos levou uma escada em espiral gasta e lisa, e pensar que toda essa orquestra retumba embaixo dos vossos pés e imaginar que tudo isso é só para vós e que sois um Tsar do mundo imaterial, e devorar com os olhos esse enorme formigueiro, onde se

²⁹⁸ Ensaio escrito em 1834 quando Liérmontov estudava na Escola de Sargentos-mores e Cadetes.

²⁹⁹ Naquela época o Campanário de Ivan, o Grande, era o edifício mais alto da cidade. Sua altura é de quase 80 metros.

agitam diversas pessoas, onde fervem as paixões que por um minuto esqueceste!... Que êxtase abraçar de uma vez com a alma toda a vida agitada, todas as preocupações mesquinhas da humanidade e olhar o mundo – de cima!

Diante de vós, ao norte, bem distante, na margem do céu azul, um pouco mais à direita do Castelo Petróvski³⁰⁰, negreja o romântico Arvoredo Máriina e diante dele uma camada de telhados multicolores, atravessados em algumas partes pelo verde empoeirado dos bulevares disposto pelo antigo aterro da cidade, em uma colina abrupta, salpicada de casinhas baixas, entre as quais, apenas de vez em quando, aparece uma larga parede branca da casa de um boiardo, eleva-se uma torre enorme, cinza, fantástica, quadrangular – a Súkharevskaja³⁰¹. Orgulhosa, ela olha os arredores como se soubesse que o nome de Pedro está gravado na sua testa musgosa! Sua aparência sombria, seu tamanho gigantesco, suas formas decisivas: tudo guarda a impressão de um outro século, impressão daquele poder severo ao qual nada podia se opor.

Mais próximo ao centro da cidade, os prédios ganham aparência mais esbelta e europeia; aparecem colunatas ricas, amplos pátios cercados por grades de ferro fundido, inúmeras cúpulas de igrejas, agulhas de campanários com cruzes enferrujadas e cornijas pintadas em cores diferentes.

Mais próximo ainda, em uma praça larga, ergue-se o teatro de Pedro, uma obra de arte moderna, um prédio enorme, feito de acordo com todas as regras do bom gosto, com telhado plano e pórtico grandioso, no qual se eleva o Apolo de alabastro, apoiando um pé em uma carroça de alabastro, guiando, imóvel, três cavalos de alabastro, olhando com desgosto o muro do Kremlin que o separa, ciumento, dos antigos santuários da Rússia!...

³⁰⁰ Palácio construído no final do século XVIII, de acordo com projeto do arquiteto M.Kazakóv

³⁰¹ A Torre Súkharevskaja foi construída no final do século XVII, na época de Pedro, o Grande, e demolida em 1933.

No leste o quadro é ainda mais rico e diversificado: bem atrás do muro, que, à direita, desce pela colina e termina na esquina, junto a uma torre redonda, coberta com telhas verdes, como se fossem escamas, um pouco à esquerda, estão as inúmeras cúpulas da igreja de Vassíli Blajénnyi, cujos setenta altares laterais surpreendem a todos os estrangeiros, e que nenhum russo ainda se deu ao trabalho de descrever em detalhe.

Ela, como um pilar da Babilônia antiga, consiste em alguns terraços que terminam em uma enorme cúpula dentada, cor de arco-íris, muito parecida (que me perdoem a comparação) com uma rolha de cristal talhada de uma garrafa antiga. Ao redor dela estão semeadas em todos os terraços várias cúpulas secundárias, uma totalmente diferente da outra, salpicadas ao longo de todo o perímetro do prédio sem simetria, sem ordem, como ramificações de uma árvore antiga que rastejam por suas raízes desnudas.

As pesadas colunas espirais sustentam as telhas de ferro pendurados sobre as portas e galerias externas, em meio às quais aparecem as pequenas janelas escuras, como pupilas de um bicho de cem cabeças. Milhares de imagens hieroglíficas caprichosas estão desenhadas ao redor dessas janelas; às vezes uma lâmpada opaca brilha através dos seus vidros cercados pelas grades, como brilha à noite um vaga-lume pacífico através da trepadeira que abraça uma torre semi-arruinada. Cada altar lateral está pintado por fora com uma tinta especial, como se todos eles não tivessem sido construídos ao mesmo tempo, como se cada um dos governadores de Moscou ao longo dos anos tivesse acrescentado um em homenagem a seu anjo.

Pouquíssimos habitantes de Moscou ousaram passar por todos os altares laterais desse templo. A sua aparência assombrada leva um certo abatimento à alma; parece que o próprio Ivan, o Terrível surge diante dos olhos – mas com a aparência dos últimos anos de sua vida!

Mas o que é isso? – perto desse prédio esplêndido e assombrado, bem em frente na frente de suas portas ferve uma multidão suja, brilham fileiras de lojas, gritam os mascates, agitam-se os padeiros aos pés do monumento erguido em memória de Mínin³⁰²; ressoam as carruagens da moda, balbuciam as donzelas bem-vestidas... tudo tão barulhento, vivo, inquieto!..

À direita de Vassíli Blajénnyi, aos pés de uma decida abrupta, corre o raso, largo e sujo rio Moscou, sucumbido por muitos navios pesados carregados com pão e lenha; os seus mastros cumpridos, coroados com cata-ventos rajados, erguem-se por detrás da Ponte Moskvoríetski, os seus cabos rangentes, oscilados pelo vento, como uma teia de aranha negrejam no céu azul. Do lado esquerdo do rio, olhando para as suas ondas lisas, branqueja um orfanato, cujas paredes largas e sóbrias, janelas simétricas e chaminés e, em geral, a postura europeia, divergem bruscamente dos outros prédios vizinhos, vestidos com magnificência oriental ou repletos de espírito medieval. Mais para o leste, nas três colinas, entre as quais serpenteia o rio, vêem-se amplas massas de casas de todos os tamanhos e cores possíveis; a vista cansada com dificuldade consegue alcançar o longínquo horizonte, onde se desenham grupos de alguns mosteiros, entre os quais se nota o mosteiro Símonov³⁰³, por sua plataforma, pendurada quase entre o céu e a terra, da qual os nossos antepassados vigiavam os movimentos dos tártaros que se aproximavam.

Mais para o sul, junto à colina, bem aos pés da muralha do Kremlin, em frente ao portão Tainítskie, corre o rio, e, atrás dele, um vasto vale, repleto de casas e igrejas, que se estende até a montanha Poklónnaia, de onde Napoleão lançou o primeiro olhar

³⁰² Mínin, Kuzmá: herói nacional russo que organizou a revolta contra a intervenção dos suecos e poloneses em 1611-1612. Em homenagem a ele e ao príncipe Dmítri Pojárski foi erguido um monumento em frente à Catedral de São Basílio em 1818.

³⁰³ O Mosteiro Símonov, nos séculos XIV-XVI, representava uma das principais fortalezas de Moscou.

sobre o Kremlin, fatal para ele, de onde ele avistou pela primeira vez as chamas proféticas: esse archote ameaçador que iluminou o seu triunfo e a sua queda!

No oeste, atrás da torre comprida, onde vivem e podem viver apenas as andorinhas (pois ela, construída depois dos franceses³⁰⁴, não possui, dentro, nem tetos nem escadas, e suas paredes estão inchadas com barras colocadas em forma de cruz), elevam-se os arcos da ponte Kámennyi, que se curva de uma beira à outra; a água, retida pela pequena represa, escapa por baixo dela com barulho e espuma, formando, entre as abóbadas, pequenas quedas-d'água que costumam atrair, principalmente na primavera, a curiosidade dos basbaques moscovitas, e às vezes recebem em suas entranhas o corpo de um pobre pecador. Depois da ponte, do lado direito do rio, separam-se no céu os contornos dentados do mosteiro Aleksiéevski³⁰⁵; à esquerda, na planície, entre os telhados das casas dos comerciantes, brilham os cumes do mosteiro Donskói³⁰⁶... E lá, atrás dele, revestidos pela névoa azul, que se levanta das ondas gélidas do rio, começam as colinas Vorobióvy, coroadas com arvoredos densos, que olham dos topos abruptos para o rio sinuoso aos seus pés, como uma serpente coberta pela escama prateada.

Quando o dia termina, quando a bruma rosada veste as partes afastadas da cidade e as colinas ao redor, apenas então é possível ver a nossa antiga capital em todo o seu esplendor, pois ela, como uma beldade que mostra os seus melhores adornos apenas à noite, somente nessa hora solene pode causar na alma uma impressão forte e inapagável.

³⁰⁴ Em 1812 as tropas francesas, ao saírem de Moscou, começaram a explodir o Kremlin. Elas tiveram tempo de explodir apenas três torres, que foram reconstruídas em 1816-1820.

³⁰⁵ O Mosteiro Aleksiéevski foi fundado em meados do século XIV e, depois de sofrer várias reconstruções, foi transferido para outro lugar em 1837-1838, para abrir espaço para a construção da Catedral do Cristo Salvador.

³⁰⁶ O Mosteiro Donskói foi construído no fim do século XVI e era uma das cinco fortalezas de guarda.

O que pode ser comparado com esse Kremlin, que, cercado de muralhas dentadas, resplandecendo com as cúpulas douradas das catedrais, jaz em uma colina elevada, como uma coroa majestosa na cabeça de um soberano temível?...

Ele é o altar da Rússia, nele devem ser e já foram feitos muitos sacrifícios dignos da pátria... Foi há muito tempo que ele, como fênix lendário, renasceu das suas cinzas ardentes?..

O que pode ser mais majestoso do que esses templos sombrios, amontoados de forma estreita, do que esse palácio misterioso de Godunov, cujos pilares e lajes há tantos anos não ouvem uma voz humana, como um mausoléu que se eleva no meio de um deserto em memória dos grandes imperadores?!

Não, não é possível descrever nem o Kremlin, nem as suas muralhas dentadas, nem os palácios luxuosos... É preciso ver, ver... é preciso sentir tudo que eles falam ao coração e à imaginação!..

Nikolai Gógol

Notas petersburguesas de 1836³⁰⁷

(Excerto)

... É mesmo, para onde foi jogada a capital russa – para o fim do mundo! É estranho esse povo russo: a capital era em Kiev – lá era quente demais, fazia pouco frio; a capital mudou para Moscou – não, lá também fazia pouco frio: que Deus nos dê São Petersburgo! A capital russa aprontará uma daquelas ao se avizinhar do Pólo Norte. Eu digo isso porque ela está babando para ver os ursos brancos de perto. “Correr a setecentas versts longe da mamãe! Mas que ágil!” – diz o povo moscovita, apertando os olhos para o lado finlandês. Em compensação, que mato que há entre a mamãe e o filhinho! Que vista, que natureza! O ar repleto de neblina; na terra pálida, cinza e verde, cepos queimados, floresta de abetos, barrancos... Ainda bem que a estrada que voa como uma flecha e as tróicas tilintantes em um momento avançarão. E que diferença, mas que diferença entre esses dois! Ela ainda é uma barba russa, ele já é um alemão asseado. Como se estendeu, como se ampliou a velha Moscou! Como ela está despenteada! Como se juntou, como se retesou o janota – Petersburgo! Diante dele, espelhos por todos os lados: ali está o Nevá, ali o Golfo da Finlândia. Ele tem onde se olhar. É só ver uma pluminha ou sujeirinha, no mesmo instante um piparote. Moscou é uma velha caseira, faz panquecas, olha de longe e escuta a história sobre o que acontece no mundo sem se levantar das poltronas; Petersburgo é um rapaz desembaraçado, nunca fica em casa, sempre está bem vestido e passeia na fronteira e se enfeita para a Europa, a qual vê, mas não ouve.

³⁰⁷ O artigo “Notas petersburguesas de 1836” foi publicado pela primeira vez na revista “Sovremiennik”, em 1837, volume VI.

Petersburgo se mexe inteiro, das adegas até os sótãos; à meia-noite começa a assar pães franceses que amanhã comerá o povo alemão, e a noite inteira brilha um de seus olhos, ou o outro; Moscou à noite dorme inteira, e, no dia seguinte, após persignar-se e fazer reverências para todos os lados, sai com as roscas para a feira. Moscou é do gênero feminino, São Petersburgo – do masculino. Em Moscou, todas são noivas; em São Petersburgo, todos são noivos. Petersburgo observa grande decência em suas vestimentas, não gosta de cores variadas nem de quaisquer alterações bruscas ou impertinentes da moda; em compensação, Moscou exige que, caso tenha virado moda, que seja como deve ser: se a cintura deve ser comprida, ela a deixa ainda mais comprida; se as lapelas da casaca devem ser grandes, as delas serão como portas de um galpão. Petersburgo é um homem ordenado, um alemão completo, olha para tudo fazendo contas, e, antes de dar uma festa, olha para o bolso; Moscou é uma nobre russa, e se ela se diverte, faz isso até cair e não se preocupa se vai gastar mais do que tem no bolso: ela não gosta de meio-termo. Em Moscou todas as revistas, por mais científicas que sejam, terminam com um desenho de moda; as petersburguesas raramente acrescentam desenhos, e, quando adicionam um, quem olha sem estar acostumado pode tomar um susto. As revistas moscovitas falam de Kant, Schelling, etc., etc.; nas revistas de São Petersburgo só se fala do público e de boas intenções... Em Moscou, as revistas andam junto com o século, mas as edições saem atrasadas; em Petersburgo, as revistas não andam junto com o século, mas saem em ordem, no tempo previsto. Em Moscou, os literatos perdem dinheiro, em São Petersburgo ganham. Moscou sempre vai de carruagem, enrolada no casaco de pele de urso e geralmente para o almoço; Petersburgo, de sobrecasaca de flanela, colocando ambas as mãos nos bolsos, voa a todo vapor para a bolsa ou “para o serviço”. Moscou pandega até quatro horas da madrugada e no dia seguinte não se levanta da cama antes de uma e pouco; Petersburgo também

farreia até as quatro, porém, no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido, apressa-se, com sua sobrecasaca de flanela, para a repartição pública. Até Moscou a Rússia arrasta-se com dinheiro no bolso e volta sem nada; a Petersburgo chegam pessoas sem dinheiro e depois saem para todos os cantos do mundo com um capital considerável. Até Moscou arrasta-se a Rússia de *kibitka*³⁰⁸, pelos barrancos de inverno, para vender e comprar; para São Petersburgo o povo russo vai a pé, no verão, para construir e trabalhar. Moscou é um armazém, empilha as trouxas e cargas e nem se digna a olhar para um vendedor pequeno. Petersburgo dissipou-se em pedacinhos, dividiu-se, expôs-se em lojinhas e mercados e está atrás dos pequenos compradores. Moscou diz: “Se o comprador precisar, ele achará”; Petersburgo empurra as placas bem embaixo do seu nariz, cava sob o seu piso para instalar embaixo uma loja de vinhos e coloca o ponto de cocheiros bem na porta da sua casa. Moscou não olha para os seus moradores e manda a mercadoria para toda a Rússia; Petersburgo vende gravatas e luvas para os seus funcionários. Moscou é uma grande galeria de lojas; Petersburgo é um mercado iluminado. A Rússia precisa de Moscou; Petersburgo precisa da Rússia. Em Moscou é difícil encontrar o botão de brasão³⁰⁹; em Petersburgo não existe casaca sem botões. Petersburgo gosta de zombar de Moscou, do seu mau gosto, do fato de ela ser desajeitada e deselegante; Moscou cutuca Petersburgo por ele ser um homem venal e não saber falar o russo. Em Petersburgo, na Avenida Niévski, passeiam, às duas horas, pessoas que parecem ter saído das ilustrações dos jornais de moda, nas janelas, até as velhas têm cinturas tão finas que chega a ser engraçado; em Moscou sempre é possível encontrar uma tiazinha com lenço na cabeça e já sem cintura alguma na rua. Eu diria ainda mais alguma coisa, mas...

³⁰⁸ *Kibitka*, trenó coberto.

³⁰⁹ Botão de brasão – botões de casaca que eram uma espécie de cartão de visita tanto dos militares como dos funcionários, e apenas a nobreza com direito ao título hereditário podia utilizá-los.

A distância é enorme!...³¹⁰

³¹⁰ Aqui Gógol cita as Palavras de Skalozub, um dos protagonistas da peça “Górie ot umá” de Aleksandr Griboiédov: Onde é possível encontrar uma capital como Moscou? A distância é enorme.

M.N. Zagóskin

Dois caracteres

Irmão e Irmã³¹¹

Caso vocês não os conheçam pessoalmente, então decerto já ouviram falar deles. Sem essa certeza eu não estaria aqui descrevendo esses dois caracteres, nos quais não há nada de significativo e especial a não ser certa estranha oposição, apesar do fato de nos referirmos não a irmãos de criação ou primos, mas a irmãos de sangue, ou seja, nascidos de uma mesma mãe. A educação dada a ambos foi igual, pelo menos tiveram o mesmo professor; uma pessoa muito inteligente, um pouco severa é verdade, porém imparcial e amiga de verdade deles. Quando começou a ensiná-los, o irmão era um bebê, enquanto que a irmã já era uma jovem; o irmão vivia com ela em um quarto, enquanto que a irmã vivia em seu próprio cômodo; dessa forma, entende-se que ela passava mais tempo com seu aluno do que com sua aluna, do que concluíram que ela amava mais o irmão, porém isso é uma completa calúnia. Mas não é essa a questão.

Eu já lhes contei que a irmã era bem mais velha que o irmão, e, conseqüentemente, não é de se admirar que na aparência eles fossem diferentes um do outro: ele é um rapaz jovem, enquanto que ela é uma senhora; ele não tem sequer uma ruga na face, e ela, coitada, por mais que se maquie, avermelhe as bochechas ou pinte os cabelos, de qualquer forma os cachos grisalhos aparecerão por debaixo do chapéu da moda. O maninho tem aparência bela e jovial, arrumado, sempre em posição de sentido, esbelto, apumado, com cinto apertado, dando ao corpo forma de um cálice, abotoado com todos os botões; a irmã, ao contrário, é uma senhora avantajada e corpulenta,

³¹¹ O artigo “Dois caracteres” foi publicado pela primeira vez na revista “Moskvitiánin”, em 1841, parte 2, No 2.

mantém-se bastante desleixada, gosta de fazer caretas, não suporta nenhuma imposição, anda com roupa desabotoada e, como uma bela e mimada concubina do harém, fica se espreguiçando o dia todo em seus travesseiros de pluma de ganso. Entretanto, não podemos deixar de ser justos com ela: ela é mestre em escolher suas posições e dar a elas uma graciosidade singular. Conheço muitos que gostam muito menos dos movimentos corretos e das poses estéticas do irmão, do que da maneira descuidada e modos pouco europeus da irmã.

O irmão anda muito a pé, não tem medo do aperto e gosta de viver no alto: ele não se assusta com escadas nem com duzentos degraus. É difícil encontrar uma pessoa que aprecie tanto limpeza e asseio quanto ele. Da mesma forma ele gosta em excesso de uniformidade e simetria: caso um lado do colarinho de sua camisa estiver aparecendo meio verchok³¹² debaixo da gravata, podem ter certeza de que do outro lado não aparecerá nem um centímetro a mais ou a menos. Quando a velha moda de usar dois relógios voltar, seguida pelos extravagantes móveis Rococó, então, sem dúvida alguma, ele será o primeiro a aparecer usando dois relógios, para que do lado esquerdo do seu colete esteja pendurada uma corrente com chave, assim como do lado direito. No geral ele é muito elegante e no inverno veste a moda leve, possivelmente pelo fato de que na Itália e na França ninguém use casacos de pele de urso. Mesmo com um frio intenso ele prefere deixar as orelhas congelarem a usar junto com seu chapéu europeu arredondado o nosso gorro russo.

A irmã não gosta de andar a pé, e não gosta de andar em carruagem puxada por dois cavalos a tal ponto que até mesmo à missa em sua paróquia não vai de outra forma a não ser em carruagem puxada por quatro cavalos. Ela decididamente não consegue viver no aperto; ela precisa de muito espaço, ou seja: de uma casa diferenciada,

³¹² Antiga unidade russa de medida equivalente a 4,4cm.

cômodos grandes e altos, vastos serviços, e mais do que tudo, mesmo que sujo, de um amplo pátio com um pequeno jardim no qual devem ser plantados, necessariamente: um sabugueiro, um lilás e uma acácia; assim como seu irmão, ela gosta de calçadas de granito, das maravilhosas pontes marginais de ferro fundido, das margens do rio revestidas de grama, jardins, rosas e até mesmo de hortas de repolho e batata. Basta dar uma olhada nela para ter certeza de seu completo ódio por qualquer uniformidade e simetria. Olhem para o adorno em sua cabeça – que mistura! Que junção de cores vivas, que não possuem entre si nenhuma harmonia! Que estranha combinação do velho com o novo! Sobre o adorno de pérolas de uma senhora russa estão presas flores de loja francesa; em meio a colares de pérolas pesados brilha um broche à nova moda Sevigne³¹³; nas mãos luvas longas de pelica; nos pés botas pretas com bordas vermelhas; em um dos braços um bracelete parisiense, em outro uma pulseira gravada com pedras preciosas, - uma verdadeira casa de penhor. E o que vocês acham?.. Apesar dessa variedade e falta de gosto, vocês não terão coragem de dizer que esse traje é de mau gosto – pode ser até que vocês gostem. Aliás, é preciso dizer lhes que essa é a roupa para ficar em casa, quando ela sai, eu juro para vocês que é impossível diferenciá-la de uma francesa; - só não exijam que ela, por causa da moda europeia, deixe congelar seu nariz e orelhas: isso ela não fará por nada, e, se estiver frio, então vestirá imediatamente por cima de uma touca de tule um gorrinho quente e não sentirá vergonha alguma de, mesmo no mês de abril, sair para passear com um casaco de pele de raposa, apesar de haver em seu guarda roupa abrigos e até mesmo casacos que ela encomendou diretamente de Paris.

Há pouco tempo o irmão conseguiu uma casa. Incomparavelmente mais rico do que a irmã, ele não é avarento, no entanto é ponderado; ela é uma grande governanta e

³¹³ Broche oval com três pingentes.

está sempre sem dinheiro. O irmão não costuma dar festas com frequência, mas quando dá realmente é de causar inveja: com muito bom gosto, com luxo, em uma palavra – uma maravilha. A irmã é muito hospitaleira – claro, ela nem sempre serve bem, e o vinho dela, vez ou outra, é servido com muito custo; por outro lado, o irmão convida para o almoço, mas em seguida tranca o portão e por mais que você toque a campainha, ele nunca atende; já a irmã está sempre de portas abertas! As portas dela, sem sino e portão, estão sempre escancaradas. O irmão é muito inteligente, enquanto a irmã é demasiadamente ingênua; ele é ponderado, frio e desde manhã até a noite está ocupado; ela é bondosa, amável e fica o dia todo sem fazer nada. Ele aprecia o que é belo prazerosamente e não economiza com isso; ela se encanta com tudo que é incomum e quer possuir tudo; só que pelo valor mais barato possível. Pelo último item não há como julgá-la: de que modo ela poderia competir com o irmão! E eis o que é estranho: se ela mesma sente que não pode esbanjar dinheiro como o irmão, então por qual motivo quer que a divirtam, assim como divertem ao seu irmão? Pois ela é uma senhora russa e deveria conhecer o antigo provérbio: “vive-se de acordo com as posses”. – O irmão, assim como todas as pessoas ricas, gosta que o entretenham com novidades; entretanto, não faz pouco caso do antigo, quando é bom. A irmã não tolera nada que seja velho: sempre tem que ter algo novo – tão leviana, que não dá nem para falar! Hoje ela gosta de uma coisa, amanhã de outra; por exemplo, certa vez ela colocou na cabeça que iria gostar do teatro francês até a morte – simplesmente perdeu o juízo. “Quero teatro francês! Não posso viver sem teatro francês!” - Apenas faz escândalo! - “Eu não me importo com dinheiro! Não me arrependerei de nada: colocarei até o meu último bem na casa de penhor – me dêem apenas teatro francês!” - e seja qual for o teatro francês a irmã se encanta! - “Que perfeição! – “Que talento!.. Que canto harmônico!.. Simplesmente uma maravilha!” – ela vai então ver teatro francês uma vez, outra, uma

terceira vez, e depois disso sequer suas pegadas são vistas! – Claro que isso não era difícil de prever, porque a minha senhora é russa, e isso ela faz só para se gabar – fingir-se de francesa; mas o difícil é explicar que, segundo as palavras dela, o teatro russo é muito ruim, enquanto o teatro francês é maravilhoso – que só com o teatro francês ela se diverte! – O que vocês acham disso? – levava ao ferimento as pernas de seus lacaios ao enviá-los todos os dias atrás de bilhetes para o teatro russo, enquanto no teatro francês não queria sequer dar uma olhada; e que traquinagem – jura a todos que não vai ao teatro francês devido ao fato de não conseguir camarotes; mas há muitos deles; possivelmente ela conseguisse isso do próprio diretor.

O irmão é uma pessoa calada, não diz sequer uma palavra em vão; já a irmã é uma tagarela, Deus me livre! E se a conversa for sobre notícias, então “se não gosta não ouça” – aquele casou, o outro morreu o terceiro subiu de classe; e se não acontecia nada, tudo era bobagem! – e como depois disso não desculpar o irmão por ele às vezes fazer piadas de sua irmã mais velha? Porém, eu tenho certeza de que ele a ama e respeita de verdade, e a amaria e respeitaria ainda mais se ele a conhecesse mais estreitamente. Eu me esqueci de mencionar que eles sempre vivem separados. A irmã, é lógico, tem seus defeitos; mas em compensação é uma mulher tão cordial, hospitaleira e de bom coração, que, apesar de todas as suas estranhezas e caprichos é impossível não amá-la. Eu posso dizer por mim mesmo: uma vez a conhecendo, de modo algum se quer ficar longe dela.

Tanto o irmão, quanto a irmã sofreram com grandes desgraças, só que nisso os fatos não tiveram nenhuma relação. O irmão sempre sofreu com a água, enquanto que a irmã sofreu com o fogo. Certa vez ele se afundou nas águas, enquanto ela, umas quatro vezes, por pouco não morreu nas chamas; é verdade que da última vez ela mesma ateou fogo em sua própria casa; eu posso contar a vocês sobre esse fato como testemunha.

Vocês já sabem que ela é muito leviana e crédula; por exemplo, alguns gabarolas disseram a ela sabe deus o que sobre um monsieur, diabrete e desordeiro – que ele era amável, bondoso e educado! Minha senhora ficou maluca, delira por ele dia e noite. Esses rumores chegaram até ele. É preciso dizer que esse monsieur é uma pessoa cheia de amor-próprio e se considera o melhor de todos. Eis que ele colocou na cabeça que a nossa senhora se apaixonou por ele completamente: já haviam dito a ele que se tratava de uma mulher rica, de posse; dessa forma não é de se admirar que os olhos desse monsieur brilharam sobre a riqueza dela: “Espere, - disse ele, - farei uma visita a ela - não é perto, mas eu tenho um bom cocheiro, chegarei logo. Ela, é claro, correrá ao meu encontro e se atirá em meu pescoço; prometeri mundos e fundos, farei vários gracejos e me derreterei e direi, ao me despedir: Senhora! Eu estou feliz com você! Minha espera foi recompensada – eu te amo! – e assim por diante”. Nada disso! – o monsieur na verdade chegou ao pátio dela rápido demais, aguardou, aguardou – não a encontrou, então ele, sem ser anunciado, foi para o cômodo. Meu deus! Como isso enfureceu a senhora. – “Como você se atreve? – Quem lhe deu permissão? – Por um acaso eu te convidei?.. Ah, seu insolente!.. Fora daqui, já!” – Qualquer outro ficaria envergonhado, mas esse monsieur é um cabeça-dura; ele já está acostumado a perambular por propriedades alheias. Apesar do aborrecimento pelo fato de o receberem com tanta indelicadeza, ele, mesmo assim, decidiu hospedar-se por lá. Vestiu um roupão, ajeitou seu gorro e se acomodou na casa dela como se lá fosse sua própria casa. – “já que é assim, - disse a senhora, - meu amigo, eu o enxotarei!” - Ela então chamou a estaroeste Vassilissa e a ordenou municiar todas as criadas com o que tivesse na mão: vassoura, atiçador, e assim, ela mesma ateou fogo em sua própria casa e se escondeu. O monsieur não aprecia nem um pouco o nosso inverno russo, e com o fogo da mesma forma ele também não se dá. Eis que quando ele percebeu que o queriam assar vivo –

saiu correndo! E então o atacaram desde os esconderijos! Ele até tentou mostrar as garras, - em vão! Não deixaram o rapaz voltar a si! Monsieur, pernas pra que te quero! – E no seu encalço, no encalço, - apenas a cabeça ficou intacta, já os quadris estavam tão machucados que ele, de maneira alguma conseguiria se arrastar até sua casa, se pessoas de bom coração não o tivessem levado de trenó. Sem dúvida alguma, essa atitude heróica e abnegação de nossa Senhora foram descritos em prosa e verso em periódicos, mas ela, minha flor, de modo algum se orgulhava disso, e sequer guardava rancor, tanto que, logo após o ocorrido que a fez passar o monsieur, ela lhe enviou um cartão e ordenou que buscassem informações sobre a sua saúde. – Tudo isso é extremamente elogiável; já por isto não dá para elogiá-la: já há certo tempo, parece-me que ela, por compaixão a esse desordeiro, arruinou-se completamente – e acredita?.. Novamente se apaixonou por ele, ou fingiu estar apaixonada – sabe lá Deus! Por mais que dessa vez ela não faça dengo, já não vai fazer o Monsieur de bobo outra vez! – Ele deve pensar: “Não, madame, estás brincando! Chega de lançar olhares, nós te conhecemos! – O quê, novamente passei a ser o queridinho? - sou uma pessoa instruída, eu mesmo sou educado e educo todos – e assim por diante; mas apenas experimente se meter! E você vai ser considerado um atiçador.

Eu poderia continuar ainda mais a comparação do irmão com a irmã, mas, com certeza, vocês já sabem sobre quem estamos falando, e vocês mesmos podem continuar essa comparação. Mas se vocês ainda não descobriram quem é o irmão e quem é a irmã, então eu terei de dizer-lhes quem são eles... Melhor não!.. Tenho medo! Eles são pessoas inteligentes e bondosas e, acho que não ficarão zangados com a brincadeira, mas, sabe-se lá, pode ser que se ofendam se eu os chamar pelos seus respectivos nomes.

Aleksandr Herten

Moscou e Petersburgo³¹⁴

Ao publicar pela primeira vez o pequeno artigo sobre Moscou e Petersburgo, escrito por mim durante o meu segundo exílio, ou seja, quinze anos atrás, cumpro o desejo dos meus amigos, inclusive daquele que o mandou para mim da Rússia. Esse artigo agradou a muitos e rodou a Rússia inteira em cópias manuscritas. Posteriormente (em 1846) publiquei trechos dele em um pequeno conto “Estação Iedrovo”³¹⁵, porém, obviamente, não podia nem pensar que a censura deixaria passar as partes mais críticas e são elas que constituem todo o mérito dessa brincadeira. Hoje eu não concordo com muita coisa, porém deixei o artigo assim como estava por um senso de respeito ao passado.

E vocês também, amigos queridos, estão irritados porque eu, ao me sentar à beira do rio Vólkhov³¹⁶, falo somente sobre o passado como se não tivéssemos o presente, como se fosse colocado diante de nós um limite invisível na História: não realizar pesquisas sobre os acontecimentos posteriores à origem da Rússia, como se o assunto e o acontecimento mais importante da nossa história fosse a certidão de nascimento, depois do qual vivemos tão modestamente que nem vale a pena contar sobre isso... Aqui vou interrompê-los. Fui falar sobre o passado justamente porque me

³¹⁴ O texto do panfleto “Moscou e Petersburgo”, publicado pela primeira vez na revista “Kólokol” em 1857, foi criado em 1842 e circulava em cópias manuscritas muito antes da sua publicação.

³¹⁵ Trechos desse conto, escrito em 1846, encontram-se no final desse artigo.

³¹⁶ Alusão à cidade de Nóvgorod, para onde Hetzen foi exilado.

parece que não vivemos nele e sim mal e mal existimos. Mas deixaremos o passado de lado!

Falar sobre o presente da Rússia é falar sobre Petersburgo, sobre essa cidade sem História de nenhum dos lados, sobre a cidade do presente, sobre a cidade que é a única que vive e age no âmbito do contemporâneo e das necessidades da sua terra, na enorme parte do planeta chamada Rússia. Moscou, pelo contrário, possui pretensões para a vida passada, para a relação fictícia com ela: guarda as memórias de uma glória passada, sempre olha para trás, fascinada pelo movimento petersburguês, vai de trás para frente e não vê os princípios europeus porque os toca com a nuca. A vida de Petersburgo está somente no presente, não tem de que recordar a não ser de Pedro I, o seu passado é reunido em um século, ele não tem história nem futuro: todo outono ele pode esperar por uma tempestade que o afundará. Petersburgo é uma moeda de circulação sem a qual não dá para passar; Moscou é uma moeda rara, digamos que ela é magnífica para um colecionador numismata, mas que não está em circulação. Então, falaremos sobre a cidade do presente, sobre Petersburgo.

Petersburgo é uma coisa surpreendente. Eu observei, olhei com atenção nas academias, nos escritórios, nos quartéis e nas salas de visita – mas entendi pouco. Vivendo sem ocupações, sem emergir no torvelinho dos assuntos civis, nem nos fronteiras e revistas das ocupações *militares pacíficas*, eu tinha tempo, por assim dizer, de, dando um passo para o lado, examinar Petersburgo, via várias camadas de pessoas: os que com o movimento olímpico da pluma podem condecorar com a ordem de Stanislav ou tirar um cargo; os que escrevem sem parar, mas nunca lêem, ou seja, os oficiais da guarda imperial, os oficiais superiores e subalternos; via os leões e as leas, os tigres e as tigresas; via pessoas que não pareciam com nenhum animal, nem mesmo com o ser humano, mas se sentiam em Petersburgo como um peixe dentro d'água; por fim via os

poetas no III departamento da chancelaria pessoal e o III departamento da chancelaria pessoal que se ocupava com os poetas; mas Petersburgo permaneceu um mistério como sempre. E agora, quando ele começou, para mim, a desaparecer na neblina, com a qual Deus o encortina durante o ano inteiro, para que não se veja de longe o que está acontecendo lá, eu não encontro meios para decifrar a existência misteriosa da cidade fundada em cima de todo tipo de contraposições e contradições físicas e morais... Isso, alias, é uma nova prova da sua modernidade: todo o período da nossa história a partir de Pedro I é um mistério, a nossa vida real é um mistério... nesse caos de múltiplas origens das forças que roem uma à outra, das direções opostas de onde às vezes emerge alguma coisa europeia, nasce algo vasto e humano para depois afundar-se no pântano do caráter eslavo retrógrado e sofredor, que recebe tudo com apatia (tanto o chicote quanto os livros, tanto os direitos quanto a privação deles, os tártaros e Pedro) e que, por isso, na verdade, não admite nada, ou então submergir nas ondas das ideias selvagens sobre o povo excepcional, ideias que há pouco tempo saíram de dentro dos túmulos e que não ficarão mais inteligentes lá embaixo da terra.

Desde o dia em que Pedro viu que existia uma única salvação para a Rússia: deixar de ser russa, desde o dia em que ele decidiu nos mover para a história mundial, foram definidas a necessidade de Petersburgo e a inutilidade de Moscou. O primeiro e inevitável passo de Pedro foi a transferência da capital. Desde a fundação de Petersburgo, Moscou tornou-se secundária, perdeu para a Rússia seu sentido anterior e vegetou na insignificância e no vazio até 1812. Talvez, quem sabe, em uma época no futuro... Pode acontecer qualquer coisa e provavelmente vai haver muita coisa boa em algum momento? No futuro; mas estamos falando do passado e do presente. Moscou não significava nada para a humanidade, porém, para a Rússia, tinha o significado de um torvelinho, que atraía para si todas as suas melhores forças e não conseguia fazer

nada com elas. Moscou foi esquecida depois de Pedro e foi cercada com aquele respeito, com aqueles sinais de benevolência, com os quais é cercada uma velha avó, da qual tiraram toda a participação na administração da propriedade. Moscou servia como uma estação, para a nobreza aposentada, entre Petersburgo e o mundo do além, antecipando o silêncio do túmulo. Ela não sentia indignação em relação à Petersburgo, pelo contrário, sempre a seguia, imitando e distorcendo as suas modas e costumes. Toda a geração jovem daquela época servia na guarda; tudo o que era de Moscou e tinha talento ia para Petersburgo para escrever, servir, agir. E de repente essa Moscou, cuja existência fora esquecida, envolveu-se na história da Europa com o seu Kremlin; foi queimada oportunamente e muito oportunamente foi reconstruída; o seu nome parou nos boletins do grande exército e Napoleão andava por suas ruas. A Europa se lembrou dela. As histórias fantásticas de como ela fora reconstruída rodaram o mundo. Quem foi que não teve os ouvidos cheios da graça na qual a fênix ressuscitou das chamas? Mas é preciso reconhecer que Moscou não foi bem reconstruída; a arquitetura das suas casas é monstruosa, com pretensões horríveis; as suas casas, ou, melhor dizendo, os sítios, são pequenos, cobertos de colunas, esmagados pelos frontões, cercados pelos muros... E como seria ela antes se era pior ainda? Surgiram boas pessoas que acharam que um empurrão tão forte acordaria a vida de Moscou; pensaram que nela se desenvolveria o caráter nacional genuíno e letrado, mas ela, minha flor, estendeu-se em quarentas verstas de Trindade, em Goleníshevo, até Butyrka e está dormindo de novo. E não se espera por nenhum outro Napoleão!

Em Petersburgo todas as pessoas em geral e cada uma em particular são muito ruins. Não dá para amar Petersburgo, mas eu sinto que não viveria em nenhuma outra cidade da Rússia. Em Moscou, pelo contrário, todas as pessoas são muito boas, só que são um tédio mortal; em Moscou existe uma espécie de vida dos nobres semi selvagem,

semi letrada, que se apaga no aperto de Petersburgo; é bom olhar para ele como para qualquer outra particularidade, mas ele logo enfadará. A nobreza russa não conhece o conforto, ela é rica, mas suja; é provinciana e grandiloquente em Moscou e por isso está sempre sobre brasas, imita e tenta alcançar os modos de Petersburgo, enquanto esta sequer possui modos próprios. Não há nada de original e genuíno em Petersburgo, não é como em Moscou, onde tudo é original: da arquitetura desajeitada da Catedral de São Basílio até o sabor das roscas. Petersburgo é uma encarnação do conceito geral e abstrato de uma cidade capital; se diferencia de todas as cidades europeias justamente porque parece com todas elas; a diferença de Moscou é que ela não parece nem um pouco com nenhuma cidade europeia, por ser uma grande continuação de um rico povoado russo. Petersburgo é um *parvenu*³¹⁷; ele não possui memórias consagradas pelos séculos, não tem uma relação cordial com o país o qual ele foi chamado dos pântanos para representar: ele tem polícia, repartições públicas, comerciantes, rio, corte, prédios de sete andares, guarda, calçadas pelas quais dá para andar, lampiões a gás que realmente iluminam as ruas e ele está contente com a sua vida cômoda que não possui as raízes e que está, assim como ele próprio, sobre estacas, ao bater nas quais foram mortos milhares de funcionários.

Em Moscou o silêncio é mortal. As pessoas não fazem nada sistematicamente, a não ser viver e descansar antes do trabalho; depois das 10 horas da noite não se acha um cocheiro, não se encontra uma pessoa na rua; a vida isolada dos eslavos orientais é lembrada a cada passo. Em Petersburgo há o batido eterno da vaidade das vaidades e todos estão tão ocupados que nem vivem. As atividades de Petersburgo não fazem sentido, mas o costume de se ter atividade é importante. O sono letárgico de Moscou dá aos moscovitas um caráter tão paralisado. À moda de Pequim e Khukhonor, que podia

³¹⁷ Intrrometido (francês).

levar ao sono o próprio padre Ioakinf³¹⁸. O petersburguês tem os objetivos limitados e até infames; mas ele os alcança, ele está insatisfeito com o presente, ele trabalha. O moscovita, de alma muito nobre, não possui nenhum objetivo e em grande parte está satisfeito consigo mesmo e quando não está satisfeito, não sabe apontar o lugar fraco a partir de ideias gerais, indeterminadas e indefinidas. Em Petersburgo todos os literatos são vendilhões; não existe nenhum círculo literário que tenha a pessoa e não o lucro como objetivo. Os literatos petersburgueses são duas vezes menos eruditos do que os moscovitas; eles se surpreendem, ao chegar à Moscou, com os saraus inteligentes e suas conversas. Entretanto, a atividade literária existe apenas em Petersburgo. Lá são publicadas as revistas, lá a censura é mais inteligente, lá escreveu e viveu Púchkin, Karamzín; até Gógol pertencia mais a Petersburgo do que a Moscou. Em Moscou há pessoas de convicções profundas, mas permanecem de braços cruzados, em Moscou há círculos literários que passam o tempo sem pensar em ganância, todo dia provando uns aos outros uma ideia útil, por exemplo, de que o Ocidente está apodrecendo e a Rússia florescendo. Em Moscou é publicada apenas uma revista, mas até ela se chama “Moscovita”³¹⁹.

O moscovita gosta das cruzes e cerimônias, o petersburguês – dos lugares e do dinheiro; o moscovita gosta das relações aristocratas, o petersburguês – das relações com pessoas que ocupam cargos. Ao moscovita dão a ordem de Stanislav para usar no pescoço, mas ele a coloca na pança; o petersburguês usa a ordem de Vladímir como uma coleira com pequeno cadeado de cachorro ou como uma corda rompida de quem caiu da força. Em Petersburgo dá para viver uns dois anos sem adivinhar qual religião

³¹⁸ Padre Ioakinf: Bitchúrin Nikolai Iákovlevitch, batizado como Ioakinf quando se tornou monge. Sinólogo e tradutor, autor de vários trabalhos históricos, entre eles “História do Tibete e Khukhunor”, 1833.

³¹⁹ Em russo: “Moskvitiánin”

ela segue; nela até as igrejas russas têm algo de católico. Em Moscou já no dia seguinte você ouvirá a ortodoxia e a sua voz de bronze. Em Moscou muita gente vai à missa à tarde cada domingo e feriado; alguns até vão à missa de manhã; em Petersburgo ninguém do sexo masculino vai à missa da manhã, e à missa da tarde vão apenas os alemães da igreja luterana e os camponeses de fora. Em Petersburgo só tem uma relíquia: a casinha de Pedro; em Moscou jazem as relíquias de todos os santos russos que não couberam em Kiev, mesmo daqueles sobre cuja morte ainda há discussões, por exemplo, o príncipe Dmítri³²⁰. Todo esse santuário é protegido pelas muralhas do Kremlin; as muralhas da Fortaleza de Pedro e Paulo protegem as casamatas e a Casa da moeda.

Afastada do movimento político, nutrindo-se de notícias velhas, sem ter a chave para as atitudes do governo nem o instinto para adivinhá-las, Moscou arrazoa, está descontente com muita coisa, fala sobre tudo como quer... De repente aparece um grande Ivan Aleksándrovitch Khlestakóv³²¹ e Moscou curva-se diante dele, fica feliz com a visita, oferece bailes e almoços e repete *bon mot*. Petersburgo, no centro da qual tudo acontece, não se alegra nem se surpreende com nada: se explodissem toda a ilha Vassílievski com pólvora, isso traria menos agitação do que a chegada de Khozrev-mirzá à Moscou. Ivan Aleksándrovitch em Petersburgo não significa nada, lá não dá para embromar ninguém, nem com a força nem com o poder, lá sabem onde e com quem está a força. Em Moscou até agora recebem qualquer estrangeiro como grande homem, em Petersburgo – cada grande homem como estrangeiro. Em toda a sua vida Petersburgo alegrou-se apenas uma vez: ele estava com muito medo do francês e

³²⁰ Príncipe Dmítri, filho de Ivan, o Terrível (1582-1591). Morreu ou foi assassinado pelos ajudantes de Boris Godunov.

³²¹ Ivan Aleksándrovitch Khlestakóv, protagonista da comédia de Nikolai Gógol *O inspetor geral*.

quando Wittgenstein³²² o salvou, ele correu ao seu encontro. Na boníssima Moscou é possível anunciar nos jornais que em tal dia ela se enterneceu e no outro se alegrou: basta um governador geral ordenar a apresentação de uma música militar ou uma procissão religiosa. Em compensação, os moscovitas choram porque em Riazan³²³ se passa fome enquanto os petersburgueses não choram por isso, sequer sabem da existência de Riazan e mesmo que tenham um vago conhecimento sobre as províncias internas, provavelmente nem sabem que lá se come pão.

O jovem moscovita não obedece às formas e faz-se de liberal e justamente nessas extravagâncias se vê o cita incorrigível. Esse liberalismo dos moscovitas passa imediatamente após a sua visita à polícia secreta. O jovem petersburguês é formal como um papel de negócios e com dezesseis anos faz-se de diplomata e até um pouco espião e insiste nesse papel durante toda a vida. Em Petersburgo tudo é feito com muita rapidez. No quinto dia após a sua chegada em Petersburgo Polevói³²⁴ tornou-se um súdito fiel; em Moscou ele teria ficado com vergonha e seria um livre-pensador por mais uns cinco anos. Em geral, os franzinos liberais de Moscou começam a procurar emprego, amaldiçoar a educação e benzer os divórcios em Petersburgo. Petersburgo é como um forno egípcio, só que tira a casca do ovo mais rápido e não se sente culpada sobre como será o pintinho. Belínski, que pregava em Moscou a nacionalidade e a monarquia³²⁵, depois de passar um mês em Petersburgo pôs no tinteiro o próprio Anacharsis Cloots³²⁶. Petersburgo, como todas as pessoas positivas, não escuta fofocas e sim exige uma

³²² Wittgenstein, Piotr Khristiánovitch (1769-1843): general-marechal-do-campo [acho que em português tem que ficar sem hífen] russo. Durante a guerra com Napoleão, protegeu São Petersburgo e recebeu o apelido de “Defensor da cidade de Pedro”.

³²³ Riazan – cidade russa que se tornou símbolo de província.

³²⁴ Nikolai Aleksiéevitch Polevói: escritor, dramaturgo, crítico literário e teatral. Quando o governo fechou sua revista progressista “Telégrafo de Moscou”, ele mudou para São Petersburgo e passou a ser reacionário.

³²⁵ Trata-se da doutrina ideológica criada no reinado de Nikolai I, de acordo com a qual os três componentes primordiais do Império Russo eram a ortodoxia, a monarquia e a nacionalidade.

³²⁶ Anacharsis Cloots, revolucionário que participou da Revolução Francesa.

atitude, por isso muitas vezes os nobres tagarelas moscovitas tornam-se os mais infames atuantes. Em Petersburgo não existem liberais como tais, e quando eles aparecem, não vão para Moscou e sim direto para os trabalhos forçados ou para o Cáucaso.

Há algo de trágico, sombrio e grandioso no destino de Petersburgo. Ele é o filho querido do gigante nórdico que concentrava a energia e a crueldade da Convenção de 1793 e sua força revolucionária, o filho querido do tsar que renunciou ao próprio país para o bem dele e que o reprimia em nome do europeísmo e da civilização. O céu de Petersburgo é sempre cinzento; o sol que ilumina os bons e os maus só não ilumina Petersburgo, o solo pantanoso evapora a umidade; o vento úmido do mar assobia pelas ruas. Repito, a cada outono ele pode esperar por um golpe do mar que o afundará. No destino de Moscou há algo burguês e vulgar: o clima não é ruim, mas também não é bom; os prédios não são baixos, nem altos. Dêem uma olhada para os moscovitas no bulevar Novínski ou no parque Sokólniki no dia 1º de maio: eles não estão nem com calor nem com frio, estão muito bem e contentes com os teatros de feira, a carruagem e consigo mesmos. E depois disso, olhe para Petersburgo em um dia bom. Os infelizes moradores correm apressados das suas tocas e se jogam dentro das carruagens, saltam para as *datchas* e para as ilhas; embriagam-se com o verde e o sol como os prisioneiros em “Fidelio”³²⁷; mas o costume de estar sempre preocupado não os deixa: eles sabem que em uma hora irá chover, que amanhã de manhã eles, trabalhadores de chancelaria e jornaleiros da burocracia, devem estar no serviço. Um homem que treme de frio e por causa da umidade, um homem que vive na eterna neblina e geada olha para o mundo de um jeito diferente; e o governo que se concentrou nessa geada e tomou dela o caráter carrancudo e hostil é uma prova disso. Um pintor que se desenvolveu em Petersburgo escolheu para o seu pincel a imagem assustadora da força selvagem e insensata que traz

³²⁷ *Fidelio*: ópera de Ludwig van Beethooven.

a morte para o povo da Pompéia³²⁸: foi Petersburgo que o inspirou! Em Moscou a cada versta há uma vista maravilhosa; na plana Petersburgo você pode perambular de um lado para o outro sem achar sequer uma vista medíocre; mas depois de perambular é preciso voltar às margens do rio Nevá e dizer que todas as vistas de Moscou não são nada diante disso. Em Petersburgo gostam do luxo, mas não gostam de nada excessivo; em Moscou apenas o excessivo é considerado um luxo; por isso toda casa moscovita tem colunas e em Petersburgo não; todo habitante de Moscou tem vários lacaios mal vestidos que não fazem nada, enquanto o petersburguês tem um só, mas limpo e esperto.

É necessário admitir a impossibilidade em ser educado de forma mais contrária do que em Petersburgo e Moscou. Petersburgo em toda a sua vida viu apenas as reviravoltas dentro dos palácios, as derrubadas e as festanças e não conhece nada da nossa vida antiga. Moscou, que cresceu sob o jugo dos tártaros e que dominou a Rússia não por seu mérito, mas por falta de mérito das outras partes, parou na última página dos tempos de Kochíkhin³²⁹ e só ouviu falar das reviravoltas seguintes. A seu tempo chegará o correio, trará a carta e Moscou acreditará na palavra impressa: que é o tsar e quem não é o tsar, acreditará que Biron³³⁰ é um homem bom e depois que é mal, Acreditará que o próprio Deus desceu à terra para coroar Anna Ioánnovna³³¹ e depois Anna Leopóldovna³³² e depois Ioann Antónovitch³³³ e depois Elizavieta Petrónva³³⁴ e depois Piotr Fiódorovitch³³⁵ e depois Ekaterina Aleksiévna³³⁶ no lugar de Piotr

³²⁸ Trata-se do quadro de Karl Briúlllov “O último dia de Pompeia”, finalizado em 1833.

³²⁹ Kochíkhin (ou Kotochíkhin) Grigóri Kárpovitch: funcionário da missão russa que fugiu para Suécia, onde criou uma volumosa obra sobre a história da Rússia. Foi executado na Suécia em 1667 pelo crime.

³³⁰ Biron, Ernst Johann Von: nobre da Letônia, favorito da Imperatriz russa Anna Ioánnovna.

³³¹ Anna Ioánnovna: Imperatriz russa (1693-1740).

³³² Anna Leopóldovna: Imperatriz russa (1718-1746).

³³³ Ioann Antónovitch (1740-764): Imperador russo de 1740 a 1741, depois (com 1 ano de idade) foi rebaixado por Elizavieta Petrónva e passou a vida toda na prisão.

³³⁴ Elizavieta Petrónva(1709-1761): Imperatriz russa, filha de Pedro I, o Grande e Ekaterina I.

³³⁵ Piotr Fiódorovitch (1728-1762), Pedro III: Imperador russo, neto de Pedro, o Grande. Foi destronado e assassinado por sua esposa, Ekaterina II.

Fiódorovitch. Petersburgo sabe muito bem que Deus não irá se meter nessas coisas obscuras; ele viu as orgias do Jardim do Verão, a duquesa Biron rolando na neve e como Anna Leopóldovna dormiu? Com seu amante no terraço do Palácio de Inverno e depois foi exilada; ele viu o enterro de Pedro III e de Pável I³³⁷. Ele viu muito e sabe de muita coisa.

Em lugar nenhum eu me entreguei com tanta frequência aos pensamentos tristes como em Petersburgo. Esmagado pelas dúvidas pesadas, às vezes eu vagava por seu granito e estava à beira de desespero. Esses minutos eu devo a Petersburgo e por causa deles eu o amei tanto que deixei de amar Moscou porque ela não sabe nem martirizar e nem atormentar. Petersburgo forçará cada homem honesto a amaldiçoar essa Babilônia mil vezes, enquanto em Moscou se pode viver anos e não ouvir uma maldição em lugar nenhum, a não ser na Catedral Uspiénski. É por isso que ela é pior do que Petersburgo. Petersburgo mantém o estado físico e moral febril. Em Moscou a saúde é tão reforçada que uma plástica orgânica substitui todas as atividades vitais. Em Petersburgo, além do comandante Zakhariévski não tem nenhum gordo, e até ele está gordo por causa de uma contusão. Disso torna-se claro que aquele que quer viver de espírito e alma não escolherá nem Moscou nem Petersburgo. Em Petersburgo ele morrerá no meio do caminho e em Moscou perderá a cabeça.

“Mas o que é isso, - dirão vocês, - falou, falou, mas eu não entendi a quem ele deu preferência?” Podem ter certeza de que nem eu mesmo entendi. Em primeiro lugar, nesse minuto não é possível escolher nem Petersburgo nem Moscou para viver, mas já que existe o *fatum* que escolhe por nós o lugar de moradia³³⁸, é um negócio fechado; em segundo lugar, tudo o que é vivo tem tantos lados soldados em um só tecido que

³³⁶ Ekaterina Aleksiévna, Ekaterina II, a Grande (1729-1796).

³³⁷ Pavel I (1754-1801): Imperador russo, filho de Pedro III e Ekaterina II.

³³⁸ Alusão do exílio de Hertzen em Nóvgorod.

qualquer opinião rígida é um absurdo unilateral. Na vida moscovita há lados que dão desgosto; eles também existem em Petersburgo, porém há muito mais lados que forçam a não gostar de Moscou e odiar Petersburgo. Entretanto, em todo lugar há lados bons, até em Pequim e Viena: são aqueles três homens bons, por causa dos quais, Deus perdoou várias vezes os pecados de Sodoma e Gomorra, mas ele só perdoava. Não precisa se entusiasmar com isso: em todo lugar onde há muita gente, onde as pessoas vivem há muito tempo, existe algo humano, solene e poético. Solene é o repique dos sinos de Moscou e da procissão em Kremlin, solenes são as grandes paradas em Petersburgo, solenes são as assembléias budistas no Oriente que lêem os seus livros sagrados à luz de cento e vinte tochas. Esse lado poético é pouco para nós, queremos... Sabe-se lá o que nós queremos.

Agora estão prometendo uma ferrovia entre Moscou e Petersburgo. Deus queira! Com a ajuda desse canal Moscou e Petersburgo subirão ao mesmo nível e talvez o caviar ficará mais barato em Petersburgo e em Moscou saberão com dois dias de antecedência quais números das revistas estrangeiras estão proibidos. Já é alguma coisa!

Aleksandr Herten

Trechos do conto “Estação Edrovo”³³⁹

Como não poderiam existir diferenças entre Moscou e Petersburgo? Origem diferente, educação diferente, significado diferente, serviço diferente... Petersburgo nasceu em 1703 AD. É claro se um homem tivesse essa idade ele não seria muito jovem, porém uma cidade com 144 anos é simplesmente um *jeune premier*³⁴⁰. Moscou logo passará para a oitava centena; ela é tão velha que começou a contar os seus anos (assim como os cataclismos geológicos) a partir da criação do mundo. Moscou florescia dos tártaros até os tempos de Kochíkhin. Foi Pedro I que baixou as suas velas; ao ver que esse caminho maravilhoso não tinha mais para onde ir, Pedro levantou as velas de Petersburgo e está navegando até os nossos dias. Moscou estava se construindo por uns quinhentos anos e mesmo assim não deu em nada, a não ser o Kremlin e se alguma coisa saiu bem, foi depois dos franceses: Petersburgo se construiu em uns cinquenta anos e com tanta grandeza com a qual Moscou nem pode sonhar. Moscou foi quase inteira queimada em 1812: Petersburgo foi quase afogado em 1824. O caráter é bem diferente: em Petersburgo os princípios russos são transformados em europeus, já em Moscou os princípios europeus tornam-se russos... Mas apesar dessa diferença eles não brigam: o antagonismo entre Moscou e Petersburgo é pura invenção, ele não existe, é uma doença de algumas mentes, um fato excepcional. Eu mesmo vi pessoas que pensam que qualquer palavra boa sobre Petersburgo é uma ofensa a Moscou. Eles acham que se você elogiar uma rosca de Moscou estará xingando a água do rio Nevá. Da até medo de falar alguma coisa sobre eles: se você disser que algo não está muito bem na Avenida

³³⁹ HERZEN A. I. Coletânea em 30 volumes. Moscou, 1954. Volume 2. P. 186-192.

³⁴⁰ Jovem amante (francês)

Niévski, eles logo lhe acusarão de achar que em Moscou está tudo maravilhoso. Tudo isso lembra aquela época ingênua da crítica quando uma palavra de elogio a Schiller era acompanhada por uma maldição a Goethe e vice-versa. Certa vez, Goethe, indignado com profundidade desse tipo de opiniões, disse modestamente a Eckermann: “Ao invés de agradecer ao destino por ele ter lhes dado nós dois, eles só querem sacrificar um em nome do outro”. Qual é a necessidade de reprovar Moscou? Como se nem lá nem aqui existisse nada de bom sem falar do ruim. Como se o peito humano fosse estreito demais para parar com admiração diante do maravilhoso panorama de Zamoskvoriétchie estendido aos pés do Kremlin se ele já alguma vez respirou fundo ao contemplar o Nevá com suas margens de granito e palácios sobre suas águas.

Além disso, se do ponto de vista das diferenças é fácil de apontar para as contradições agudas, não se pode esquecer de que há muito de Moscou em São Petersburgo, assim como há muito de São Petersburgo em Moscou. Petersburgo não deixou Moscou em paz nos últimos cem anos; para ela, além de alguns prédios velhos, além das memórias históricas, não sobrou mais nada. Por sua vez, Moscou e suas províncias vizinhas, ao vir para São Petersburgo, trouxeram consigo *elas próprias*; como então elas poderiam ter perdido a sua peculiaridade? A nossa nacionalidade seria muito estranha se, depois de viajar setecentas *verstas*, ela pudesse se tornar uma outra pessoa, um estrangeiro. É claro que todo o modo de viver moderno, todas as comodidades da vida moderna - a grande Universidade de Moscou, o famoso Clube Inglês, a Assembléia da Nobreza, bulevar Tverskoi, Kuzniétski Most - tudo isso pertence não aos tempos de Kochíkhin e sim à influência da época de Petersburgo. “Talvez Moscou sem a influência de São Petersburgo iria se desenvolver melhor ainda.” Talvez... talvez podia ser assim, como talvez as coisas em Portugal não só podiam ser e

sim seriam provavelmente bem diferentes se o Tsar Ivan Vassílievitch³⁴¹ tivesse tomado, em vez de Kazan, Lisboa, porém isso não leva a lugar nenhum. Na história, o que importa não é o que podia ser e sim aquilo que aconteceu. E aconteceu que Moscou passou o último século sob domínio de Petersburgo e ela mesma deu muito a ele; enquanto ele estimulou a sua grande produtividade; essa troca incessante, a incessante correlação manteve a ligação viva das duas cidades. Em alguns casos, o que era trazido de fora assimilava-se por completo, em outros as particularidades se desenvolviam mais ainda em solo alheio, de forma que é possível estudar Petersburgo em Moscou e Moscou em Petersburgo.

De Pedro, o Grande até Napoleão Moscou vivia tranquila e despercebida, ela nem olhava para Petersburgo, principalmente depois do primeiro desprazer de *remue-ménage*³⁴², da surpresa inconformada de que uma parte sua mudou-se do rio Moscou para o rio Nevá e de que a outra parte mostrou o queixo pelado em vez da barba bonita, peruca cheia de pó-de-arroz no lugar do cabelo loiro. As vezes ela franzia as sobrancelhas diante das inovações, mas competir nem passou pela sua cabeça, ela compreendeu que os tempos de perseguições pelo consumo exagerado da carne de vitela e até mesmo de tabaco passou. [...]

Talvez Moscou se lembrasse de que ela, por sua vez, também já fora Petersburgo, de que ela já fora uma cidade nova que havia erguido sua cabeça soberbamente sobre as cidades velhas, ao se firmar sobre a fraqueza delas e o apoio da Horda. As cidades velhas se ofenderam: elas, orgulhosas, não queriam saber de Moscou... Porém ela seguia o seu caminho. “Vejamos, vejamos, - diziam as cidades velhas, - o que é que ela fará com Tver, como é que ela vencerá Pskov e Nóvgorod!”

³⁴¹ Ivan Vassílievitch, ou Ivan, o Terrível.

³⁴² Mudança das coisas (francês). N. do T.

Elas viram como isso aconteceu e se curvaram. Não teve nada desse gênero entre Moscou e Petersburgo. Ele, sendo um jovem *instruit*, mostrava *respect* e *attention* à Moscou, cercava-a com os sinais de grande consideração, enquanto ela, como uma boa proprietária russa, pronta a servir todo mundo e mandar guloseimas, gostava de às vezes dar bronca em Petersburgo, assim como uma vovó repreende seus netos-cadetes que vem para passar férias com ela por eles fumarem cachimbo e não observarem os dias de jejum... Mas depois de dar bronca, Moscou mandava para Petersburgo a sua jovem geração para servir na guarda e acompanhar a corte; mesmo os literatos dirigiam-se até lá para escrever e inspirar-se, porém o vínculo cordial desses imigrantes com Moscou nunca fora rompido: na hora da desgraça, cansaço ou tristeza eles lembravam da sua capital. Os provecos magnatas e homens de Estado vinham à Moscou para descansar o passar o resto dos seus dias na tranqüilidade majestosa, narrando sua vida e tentando captar de longe os acontecimentos impetuosos da vida petersburguesa. [...]

Em Moscou tudo corria devagar; em Petersburgo tudo corria a trancos e barrancos, por isso o habitante petersburguês se acostumou à atividade, ele anda atarefado, se esforça, nunca tem tempo, sempre está ocupado, ele está disperso, preocupado, atrasado!.. Já habitante de Moscou acostumou-se à inatividade: ele não tem tempo, ele esperará mais um pouco, ele ainda está com sono; ele olha para tudo do ponto de vista de eternidade: se não conseguir hoje, será amanhã e mesmo amanhã não é o último dia. O petersburguês muitas vezes tem objetivos delimitados que nem sempre são absolutamente limpos, mas ele os alcança, ele direciona todas as forças a um único objetivo que ajuda muito a educar a capacidade de trabalhar, a elasticidade da mente, a persistência; o moscovita quase sempre tem alma nobilíssima, porém não alcança nada porque não possui um objetivo e vive para seu próprio prazer e para desgraça dos cavalos, os quais ele usa para ir de Razguliái até Diévitchie Póle sem propósito algum.

O moscovita, por mais que esteja ocupado, esconderá isso e ficará feliz da vida que o atrapalhem, já petersburguês por mais livre de trabalho que esteja nunca admitirá isso. Em Petersburgo a cada passo você encontrará representantes de todos os graus de exército e das quatorze classes correspondentes do serviço civil; já em Moscou – aposentados de todos tipos de serviço militar e civil: do exército você encontrará pessoas famosas de bigodes e venguiérka³⁴³, com cachimbos e cartas; dos civis – os eternos almoçantes do Clube Inglês, pessoas de tabaqueiras de ouro e cartas. Esse tipo de gente quase não se encontra em Petersburgo, mas mesmo lá já encontrei entre leões, tigres e outras celebridades malignas algumas pessoas que não se parecem com nenhum bicho, nem mesmo com um ser humano, no entanto se sentem em Petersburgo como peixe dentro d'água. Os escritores moscovitas não escrevem nada e lêem pouco, mas falam muito, já petersburgueses não lêem nada, falam pouco e escrevem muito. Os funcionários moscovitas todo dia dão uma passadinha no serviço (tirando os feriados e domingos), já os petersburgueses, todos os dias após o trabalho, dão uma passadinha em casa e até mesmo no feriado, mesmo que seja por um minuto, passam no serviço. Em Petersburgo é preciso se cuidar para não morrer no meio-caminho, já em Moscou tem que se cuidar para não enlouquecer. Em Petersburgo você emagrece, em Moscou engorda: são visões do mundo totalmente opostas.

O moscovita ama Moscou com toda sua alma e não consegue viver em lugar nenhum além de Moscou, fica sem jeito em Petersburgo, chega atrasado em todo lugar e não se sente em casa: os apartamentos são apertados demais, as escadas muito altas, almoço é tarde, não tem o Kremlin e o caviar é pior... Mas, ao voltar para Moscou, ele passa a se gabar com Petersburgo, mostra a casaca feita lá, imita as modas de lá e

³⁴³ Venguiérka: casaco curto que imitava uniforme dos hussardos húngaros e fazia muito sucesso entre os proprietários das aldeias russos na primeira metade do século XIX.

ordena aos seus criados que façam do tecido de lã caseiro os sapatos com botões de estanho, traz um monte de coisas desnecessárias que foram feitas em Moscou afirmando que em Moscou não dá para achá-las por nenhum dinheiro. O petersburguês não sofre tanto de amor à pátria: ele está acostumado considerar si mesmo acima das saudades, mas em Moscou ele olha para tudo com arrogância: para as casas baixas, para os lampiões opacos, para as calçadas estreitas e por nada nesse mundo aceitará que os quartos de “Drezden” são melhores de que os hotéis de São Petersburgo e que no Chevalier o almoço não fica atrás de Legrand e no Saint-Georges. Ele morre de vontade de ficar em Moscou, mas finge que aspira a se livrar dessa cidade provinciana, assim como o moscovita finge ser petersburguês inveterado e grande amante dos costumes de Petersburgo. Ao voltar, o petersburguês sobe a custo no seu quarto andar e descansando no meio dos cheiros da cozinha em seu pequeno casebre ri da vastidão moscovita. [...]

V.G.Belínski

Petersburgo e Moscou

Os nossos antepassados, forçados, em batalhas sangrentas, a conhecer os *nobres divinos*³⁴⁴ e o leito do rio Nevá, é claro, não poderiam imaginar que nessas margens selvagens, pobres, baixas e pantanosas iria surgir o Império Russo, bem como não imaginavam que o reino moscovita um dia se tornaria o Império Russo. Será que era possível imaginar algo desse tipo? Quem pode prever a chegada de um gênio? Será que a multidão pode adivinhar os caminhos de um gênio, apesar desse gênio nada mais ser do que o pensamento, a razão, o espírito e a vontade dessa mesma multidão, com uma só diferença, que tudo que está ocultado nela, na forma de um vago pressentimento, nele é uma clara consciência? No final do século XVII, o reino Moscovita representava um contraste gritante com os estados europeus, já não podia mais mover-se com as rodas enferrujadas do seu mecanismo asiático: ele precisava ter um fim, mas o povo russo precisava viver; ele tinha o grandioso futuro pela frente e por isso dele mesmo Deus criou um gênio com a missão de aproximá-lo da Europa. Como todos os grandes Homens, Pedro apareceu no momento certo para a Rússia, mas ele não se parecia muito com os outros grandes Homens. Os seus méritos, altura gigante, aparência grandiosa, com uma grande mente criativa e imensa vontade: tudo isso se parecia com o país onde ele nascera, com o povo que ele fora chamado para recriar, um país ilimitado, mas naquela época ainda não unido de forma natural; um povo grandioso, mas que tinha apenas um vago pressentimento do seu futuro. Por isso, Pedro teve que criar sozinho a si mesmo e encontrar meios para sua auto educação, não nos elementos sociais da sua

³⁴⁴ Nobres divinos – Cavaleiros da ordem de Livônia, adversários dos russos na luta pelo Báltico e pelo Nevá

pátria, mas sim fora dela, e a sua primeira reação foi a *negação*. Os completamente ignorantes e os fanáticos culpavam-no de desprezo em relação ao seu país natal, mas eles se enganavam: Pedro estava ligado à Rússia através de uma sensação invencível e comum a eles dois: uma grande vocação para o futuro. Pedro amava com paixão essa Rússia, a qual ele mesmo representava pelo direito superior, proveniente de Deus; porém, ele via na Rússia dois países: aquele que ele encontrou e aquele que ele devia criar: a este último pertenciam os seus pensamentos, seu sangue, seu suor, seu esforço, toda a sua vida, toda a felicidade e a alegria de sua vida. Aprendiz da Europa, Pedro manteve-se russo em sua alma, contrariamente à opinião dos medíocres que, em grande quantidade, até hoje, acreditam que o europeísmo devia transformar um russo em um não-russo e, conseqüentemente, tudo o que é russo pode ser sustentado apenas através das formas selvagens e ignorantes dos costumes asiáticos. Moscou, capital do reino de Moscou, devido a sua própria posição, no centro da Rússia, não correspondia às aspirações de Pedro de reformulação total: ele precisava de uma capital junto ao mar. Mas ele não detinha um local junto ao mar, visto que as margens do Oceano Ártico e Oriental, bem como as do mar Cáspio, de forma alguma podiam favorecer uma aproximação da Rússia com a Europa. Era preciso conquistar imediatamente uma nova posição junto ao mar. Para a conquista ele podia considerar dois mares – o Negro e o Báltico. Mas para o primeiro ele precisava ter Ucrânia em completa subordinação e não somente sob proteção superior, o que não aconteceu antes da traição de Maziépa³⁴⁵. Além disso, ele precisava tirar a Criméia dos turcos e dominar as vastidões de estepes próximas ao Mar Negro, e dominá-las significava povoá-las: um trabalho inoportuno!

³⁴⁵ Líder dos cossacos ucranianos, por muito tempo apoiava/apoiou? as reformas de Pedro, o Grande. Em 1708 passou para o lado da Suécia durante a Grande Guerra do Norte, traindo o Império Russo. Como resultado da guerra, a Rússia transformou-se em um dos mais poderosos estados europeus e obteve a saída para o mar Báltico.

Ademais, aonde esse mar levaria? Uma capital à beira do Mar Negro aproximaria a Rússia não da Europa, mas talvez da Turquia, e forçaria a junção das forças russas em um ponto tão longínquo que podemos dizer que o Império teria sua capital em um estado alheio. Já o Mar Báltico apresentava outras possibilidades. Os países próximos a ele desde os tempos antigos conheciam a espada russa: muito sangue russo fora derramado por lá e deixar essas terras sob domínio alheio, não transformar o Mar Báltico em uma fronteira da Rússia significaria deixar o país sempre aberto para as invasões inimigas e sempre fechado para contatos com a Europa. Pedro entendia isso muito bem, e a guerra com a Suécia, por necessidade, tornou-se a principal questão de toda sua vida, principal mola de toda a sua atividade. Revel, e, principalmente, Riga, pediam para ser a nova capital da Rússia: o lugar onde o elemento russo se chocaria face a face com o europeu não para desaparecer nele e sim para assimilá-lo. Embora mais tarde Revel e Riga tenham se tornado patrimônio de Pedro, no início ele queria pouco: apenas um cantinho do Báltico. Pedro não tinha tempo para esperar: precisava apressar-se para viver, ou seja, criar e agir, e foi por isso que, quando Revel e Riga tornaram-se cidades russas, São Petersburgo já existia havia sete anos, e com sua construção já haviam sido gastos muito dinheiro e esforços. Por causa da ilha Kótlín³⁴⁶ e do rio Nevá, com seu leito fundo, a cidade representava uma posição tão vantajosa e sedutora para a mente do reformador, que já era tarde demais e triste pensar sobre um novo lugar para a nova capital. Há tempos ele já olhava para Petersburgo como sua criação e a amava como fruto do seu pensamento criativo; talvez ele mesmo às vezes considerasse difícil e desesperada essa luta com a natureza selvagem e severa, com o solo pantanoso, com o clima úmido e insalubre, na região deserta e distante dos povoados onde era possível

³⁴⁶ A ilha (ou Ilha abaixo...) Kótlín encontra-se no mar Báltico a 30 km de São Petersburgo. Logo depois da conquista da ilha, Pedro construiu lá a fortaleza Kronshtadt, que/a qual impedia que os inimigos entrassem no rio Nevá e atacassem São Petersburgo.

conseguir alimentos, mas a força de vontade inflexível venceu; o gênio é persistente justo porque ele é um gênio e justo por ser gênio... e quanto mais difícil fosse a luta que esmorece os fracos, mais prazer ele teria para mostrar ao mundo e a si mesmo toda a riqueza de suas inesgotáveis forças. Foi solene o instante? Quando, ao examinar as margens selvagens do Mar Báltico, pela primeira vez surgiu na alma do Grande a ideia de fundar ali? A capital do futuro Império. Nesse instante continha-se um poema verdadeiro, extenso e grandioso; apenas um grande poeta era capaz de adivinhar e abraçar toda a riqueza do seu conteúdo através desses poucos versos:

*Na beira das ondas desertas
Estava ele, repleto de grandes pensamentos,
Olhando para o longe... Diante dele, vasto,
Corria o rio; um pobre barco
Solitário avançava por ele.
Pelas margens musgosas e pantanosas
Negrejavam as izbás cá e lá,
Refúgio do miserável finlandês;
E a floresta, desconhecida pelos raios
Do sol, escondido na neblina
Arramalhava ao redor...*

Pensava ele:

*“Daqui ameaçaremos os suecos,
Aqui será fundada a cidade
Para o mal do vizinho arrogante.
A natureza nos destinou que aqui
Abríssemos a janela para a Europa,
Pisar com pé firme junto ao mar,
Aqui, pelas ondas novas a elas,
Todas as bandeiras nos visitarão,*

Então festejaremos na vastidão.³⁴⁷

На берегу пустынных волн
Стоял он, дум великих полн,
И вдаль глядел. Пред ним широко
Река неслася; бедный чёлн
По ней стремился одиноко.
По мшистым, топким берегам
Чернели избы здесь и там,
Приют убогого чухонца;
И лес, неведомый лучам
В тумане спрятанного солнца,
Кругом шумел.

И думал он:
Отсель грозить мы будем шведу,
Здесь будет город заложен
На зло надменному соседу.
Природой здесь нам суждено
В Европу прорубить окно,¹
Ногою твердой стать при море.
Сюда по новым им волнам
Все флаги в гости будут к нам,
И запируем на просторе.

A cidade de Petersburgo foi construída de improviso: em um mês fora feito aquilo que deveria ser feito em um ano. A vontade de uma pessoa venceu até a própria natureza. Parecia que até mesmo o próprio destino, contra todos os cálculos de probabilidade, quis jogar a capital do Império Russo nessa região inóspita e inimiga do ser humano por sua natureza e clima, onde o céu é palidamente verde, a erva daninha mistura-se com urze rasteira, musgo seco, moita de pântano e montículos cinza, onde

³⁴⁷ Trecho do poema de Aleksandr Púchkin “Cavaleiro de Bronze”, de 1833.

reina o pinheiro espinhoso, o abeto triste e a bétula estiolada, essa planta nortenha que às vezes interfere na sua uniformidade enfadonha; onde as evaporações do pântano e a umidade derramada no ar penetram em prédios de pedra e nos ossos humanos, onde não há nem primavera, nem verão, nem inverno e o ano inteiro reina o outono chuvoso e úmido que ora parodia a primavera, ora o verão, ora o inverno... Parecia que o destino queria que o homem russo, que até então dormia um sono profundo, lapidasse o seu futuro com suor de sangue e luta desesperada, pois somente as vitórias obtidas por intermédio de um trabalho pesado são duradouras, só as conquistas conseguidas através de sofrimentos e sangue! Talvez em um clima mais favorável, em meio a uma natureza menos hostil, na ausência de tamanhos obstáculos, o homem russo logo passaria a se orgulhar com o seu fácil sucesso e a sua energia novamente adormeceria sem ter tempo para acordar por completo. Por isso aquele que fora mandado por Deus não era apenas tsar e soberano, agia não só através da autoridade, e sim através do seu próprio exemplo, que desarmava a ignorância enraizada e a preguiça cultivada por séculos:

Ora acadêmico, ora herói,
Ora navegador, ora marceneiro,
Com sua alma universal
Ele era um trabalhador eterno no trono!³⁴⁸

*То академик, то герой,
То мореплаватель, то плотник.
Он всеобъемлющей душой
На троне вечный был работник.*

³⁴⁸ Trecho de “Estâncias” (Stansy), 1826, de Aleksandr Púchkin.

Apesar de toda a atividade, cuja história não conheceu precedentes, a Petersburgo deixada por Pedro, o Grande era uma cidade pobre e miserável demais para que fosse possível falar dela como algo importante. Dava-se a impressão de que essa cidade, obrigada, por sua existência forçada, à vontade de uma pessoa, não era predestinada a sobreviver após a morte de seu construtor. A vontade de um dos herdeiros podia obrigá-la a um esquecimento eterno ou a uma existência miserável e tísica. Porém, é aqui que surge o gênio criador de Pedro, o Grande em todo o seu esplendor: os seus planos, as suas prescrições deviam continuar eternamente. Assim é o direito e a força do gênio: ele coloca a pedra fundamental de um prédio novo e deixa o seu desenho; os sucessores talvez até quisessem transferir o prédio para outro lugar, mas eles não tinham de onde tirar uma pedra tão resistente para a fundação, e a pedra colocada por um gênio é tão grande que a força humana nem pode sonhar em movê-la...

Petersburgo não podia deixar de seguir adiante, porque a sua existência estava estreitamente ligada à existência do Império Russo que substituiu o reino Moscovita. E Petersburgo crescia freneticamente:

Passaram-se cem anos, - e a cidade jovem,
Beleza e maravilha dos países da meia-noite,
Da escuridão dos pântanos, dos brejos,
Ergueu-se pomposa, orgulhosa.
Onde antes o pescador finlandês,
O triste enteado da natureza,
Sozinho às margens baixas
Lançava nas águas desconhecidas
A sua rede caduca, hoje,
Pelas margens movimentadas
Apertam-se, enormes e esbeltos,
Palácios e torres; os navios

Em multidão, de todos os cantos do mundo
Apressam-se aos desembarcadouros ricos;
O rio Nevá vestiu-se de granito,
As pontes estenderam-se sobre as águas,
As suas ilhas cobriram-se
Pelos jardins verde-escuros;
E diante da mais nova capital,
Moscou abaixou a cabeça,
Como a viúva de púrpura
Diante da nova tsarina.³⁴⁹

Прошло сто лет, и юный град,
Полночных стран краса и диво,
Из тьмы лесов, из топи блат
Вознесся пышно, горделиво;
Где прежде финский рыболов,
Печальный пасынок природы,
Один у низких берегов
Бросал в неведомые воды
Свой ветхой невод, ныне там
По оживленным берегам
Громады стройные теснятся
Дворцов и башен; корабли
Толпой со всех концов земли
К богатым пристаням стремятся;
В гранит оделася Нева;
Мосты повисли над водами;
Темно-зелеными садами
Ее покрылись острова,
И перед младшею столицей
Померкла старая Москва,
Как перед новою царицей
Порфиноносная вдова.

³⁴⁹ Trecho do poema de Aleksandr Púchkin “Cavaleiro de Bronze”.

Dessa forma, a Rússia, repentinamente, tinha duas capitais: a velha e a nova, Moscou e Petersburgo. A excepcionalidade dessa circunstância não podia deixar de gerar consequências mais ou menos importantes. Enquanto Petersburgo crescia e decorava-se, Moscou também se modificava do seu jeito. Devido à invasão inevitável do europeísmo, de um lado, e o elemento da imobilidade antiga que havia se conservado por completo, de outro, ela resultou em uma cidade estranha, na qual se misturam e agitam os traços multicolores do europeísmo e da influência asiática. Ela se estendeu e se esticou em uma enorme distância: parece uma cidade muito grande! Mas se você andar por ela verá que a sua extensão decorre das cercas extremamente compridas. Nela não há prédios enormes, os maiores entre eles não são pequenos, mas também não são grandes; eles não se destacam pelos méritos arquitetônicos. É óbvio que na sua arquitetura havia interferido um gênio do antigo reino Moscovita, que continuou fiel à sua aspiração, a comodidade familiar. Basta andar uma hora pelas ruas tortas e oblíquas de Moscou e você logo perceberá que é uma cidade da familiaridade patriarcal: as casas são isoladas, quase todas possuem um vasto quintal com grama, cercado pelas construções de serviço. O mais pobre dos moscovitas, se for casado, não pode ficar sem uma adega e, mesmo quando aluga um apartamento, preocupa-se mais com a dispensa, na qual serão guardados os seus alimentos, do que com os cômodos em que irá morar. É comum que o mais pobre habitante de Moscou, se for casado, sonhe em um dia parar de *vagar pelos apartamentos* e viver em sua casinha. Após muito custo e ao clamar pela ajuda do “deus-dará”, ele compra ou aluga um terreno baldio, em um fim de mundo qualquer, e por uns cinco ou, às vezes dez anos, constrói um casebre de três janelas, comprando materiais através de empréstimo ou aproveitando alguma ocasião, e se virando como pode. Finalmente chega o tão esperado dia da mudança para a casa própria. O casebre é ruim, mas é dele e além do mais tem um quintal: então dá para criar

galinhas e para o bezerro pastar, mas o mais importante é que o casebre possui uma adega – o que mais se pode querer? Há uma miríade incontável desses casebres em Moscou e são eles que proporcionam a sua enorme extensão. Eles estão localizados até mesmo nas melhores ruas da cidade, entre as melhores casas, assim como as casas boas (ou seja, de pedra, de dois ou três andares) às vezes estão nas ruas mais longínquas e ruins, entre esses casebres. Para um russo, que nasceu e viveu a vida inteira em Petersburgo, Moscou é tão surpreendente como para um estrangeiro. É claro que no caminho para Moscou o nosso petersburguês passaria por Nóvgorod e Tver, o que, de forma alguma, o prepararia para o que ele encontraria em Moscou. Embora Nóvgorod seja uma cidade antiga, de antigo nela sobrou apenas o seu Kremlin, de aspecto bastante sem graça, com a Catedral de Santa Sofia, notável por sua antiguidade, mas não pela grandiosidade, nem por sua elegância. As ruas em Nóvgorod não são nem tortas nem estreitas; muitas casas, pela arquitetura, e até pela cor, lembram Petersburgo. Tver também não dará ao nosso petersburguês sequer uma ideia do que é Moscou: suas ruas são retas e largas e para uma cidade provinciana ela é bastante bonita. Consequentemente, ao adentrar pela primeira vez em Moscou, o nosso petersburguês entrará em um mundo novo para ele. Em vão ele vai procurar uma rua principal, ou a melhor de Moscou, que ele possa comparar com a Avenida Niévski. Será mostrada a Rua Tverskáia e pasmo ele se verá em uma rua torta e estreita - uma rua cuja maior e mais bonita edificação seria considerada em Petersburgo bastante modesta do ponto de vista de sua grandeza e elegância; o petersburguês, acostumado a linhas retas e esquinas, sentiria um estranhamento ao ver que uma casa avançou alguns passos no sentido da rua como se fosse para olhar o que está acontecendo nela, e a outra se afastou alguns passos para trás fosse por arrogância ou timidez, dependendo da sua aparência; entre duas grandes casas de pedra, alojou-se com aconchego e modéstia um casebre de

madeira que, ao se apoiar com as paredes laterais nas paredes das casas vizinhas, parecia estar feliz da vida por elas não o deixarem cair e, além disso, o protegerem do frio e do vento. Em uma magnífica loja de moda grudou-se uma minúscula tabacaria ou uma cantina suja, ou uma bodega do mesmo gênero. O nosso petersburguês iria se surpreender ainda mais ao sentir que no estranho grotesco dessa rua há sua beleza. Ele então se dirigiria para a Kuzniétski Most: a mesma coisa, ao invés dos casebres de madeira, ele veria casas de pedra com lojas de moda, porém tão minúsculas que uma dúvida lhe viria na cabeça: será que ele não é um novo Gulliver no reino dos lilliputianos?... Embora nenhum petersburguês de verdade se surpreenda ou se admire com nada, ele não conseguiria conter uma exclamação em voz alta após passar pelo círculo dos bulevares que circundam Moscou, seu melhor adorno, o qual Petersburgo tem todo o direito de invejar. Depois, ora descendo, ora subindo, ver por todos os lados os anfiteatros com seus telhados misturados com o verde dos jardins: se no lugar das igrejas estivessem minaretes, ele acharia que foi transferido para uma cidade oriental sobre a qual ele havia lido em Scheherezade. Ele talvez até fosse gostar desse espetáculo ou, pelo menos, durante a primavera e o verão ele não iria querer procurar uma capital e uma cidade lá, onde, ao invés disso, há paisagens tão bonitas...

Muitas ruas em Moscou, tais como Tverskáia, Arbátska, Povarskáia, Nikítskaia, bem como ambas as linhas ao longo dos bulevares Tverskói e Nikítski, consistem predominantemente de casas “senhoriais” (uma palavra moscovita!). Aqui você verá mais comodidade do que grandeza ou elegância. Em tudo há sinal de familiaridade: na casa confortável e espaçosa que, no entanto, fora feita para uma só família, perto dos portões da qual se reúne nas noites estivais a numerosa criadagem. Há separação e isolamento: cada um vive na sua casa, longe do vizinho. Isso se torna ainda mais claro em Zamoskvoriétchie, nessa parte de Moscou puramente comerciante e burguesa: lá as

janelas estão encobertas com cortinas e os portões trancados, e, se você bater, ouvirá um latido de um cão bravo; tudo está morto ou, melhor dizendo, sonolento, a casa ou casebre parece uma fortaleza preparada para agüentar um assédio duradouro. Por toda parte há famílias e em lugar algum se vê uma cidade!

Em Moscou há muitas tabernas e elas estão sempre abarrotadas de pessoas que vão lá só para tomar chá. Nem precisa explicar de quem estamos falando: é o povo que bebe até quinze samovares por dia, povo que não pode viver sem chá, que o bebe cinco vezes em casa e a mesma quantidade nas tabernas. E se você pudesse ver esse povo, não ficaria surpreso que o chá não transtorna os seus nervos, não perturba o sono, nem estraga os dentes, você pensaria que é possível, sem dano algum à saúde, usar quilos desse ópio... Há poucas padarias em Moscou; nelas se compra muito, mas elas são pouco visitadas. Em Moscou as hospedarias existem preferencialmente para os visitantes ou para a juventude solteira que gosta de pandegar. O almoço moscovita é quase sempre em casa. Lá até a maioria dos solteiros pobres gosta de almoçar em sua casa, fiel ao caráter familiar de Moscou. E mesmo se eles almoçam fora de casa, isso acontece na casa de uma família conhecida, principalmente dos *parentes*. Em geral, Moscou é conhecida por seu caráter acolhedor e hospitaleiro, estranha a vida urbana e social e gosta de almoçar em sua casa, *em família*. O Clube Inglês de Moscou também é famoso por seus almoços fartos; mas tente almoçar lá: apesar de estar sentado no meio de quinhentas ou mais pessoas, você sem dúvida achará que almoçou com os parentes. Quanto aos membros constantes do Clube, eles acham que almoçam em suas casas, em família. O caráter familiar está em tudo e por toda parte em Moscou!

O parentesco até hoje tem um grande papel em Moscou. Lá ninguém vive sem os parentes. Se você nascer solitário e vier morar em Moscou, logo irão lhe casar e assim você terá uma enorme quantidade de parentes até a décima sétima geração. Não

amar e não respeitar os parentes em Moscou é considerado pior do que ser um livre-pensador. Você será obrigado a saber o dia do aniversário e o dia do onomástico de pelo menos cento e cinquenta pessoas e aí de você se você se esquecer de dar parabéns a uma delas. Isso é um pouco complicado e entediante, mas, em compensação, parentesco é uma coisa sagrada. Ali, onde a familiaridade é desenvolvida até um grau desses, o parentesco não pode deixar de ser honrado.

Após a morte de Pedro, o Grande, Moscou tornou-se um esconderijo para os nobres de elevados cargos que caíram em desgraça, bem como o lugar de descanso dos grãos-senhores que se afastaram dos negócios. Em consequência disso, obtive um tom aristocrata que se desenvolveu mais durante o reinado de Catarina, a Grande. Quem não ouviu falar sobre a vida vasta e esbanjadora dos grãos-senhores em Moscou? Quem não ouviu histórias de como eles, em seus magníficos palácios, serviam jantares tanto para quem era convidado, quanto para quem não era; para conhecidos e desconhecidos, na cidade e no campo, nos quais eles abriam seus jardins luxuosos para todos? Quem não ouviu histórias sobre suas festanças, histórias que pareciam oriundas de “Mil e uma noites”? Estão vendo que Moscou mesmo aqui permaneceu fiel ao seu elemento moscovita antigo: arrogância e generosidade, vida vasta e divertida encontraram um refúgio nela! Mas desde o reinado anterior, Moscou aos poucos começou a tornar-se uma cidade comercial, industrial, de manufaturas. Ela abastece a Rússia inteira com seus produtos de papel e tecido, as suas áreas afastadas, suas redondezas e províncias estão repletas de fábricas e indústrias, pequenas e grandes. Nesse sentido, Petersburgo não conseguirá competir com Moscou, porque a posição de Moscou, quase no coração da Rússia, predestinou que ela seja um centro industrial. Quanta coisa mudará então

nesse sentido quando uma ferrovia³⁵⁰ ligá-la a Petersburgo e, como artérias de um coração, a partir dela, rodovias se estenderão até Iaroslavl, Kazan, Vorónej, Kharkov, Kiev e Odessa...

Moscou se orgulha de suas antiguidades históricas, monumentos, ela mesma é uma antiguidade tanto por fora quanto por dentro! Mas tanto ela mesma, como as suas antiguidades dos tempos antes de Pedro, representam uma estranha mistura com o novo: é pouco provável que algum desenho do Kremlin tenha sobrado, porque ele é restaurado diariamente e nele surgem prédios novos. O vento do novo sopra também para Moscou e aos poucos apaga a sua impressão antiga.

Começamos com Petersburgo, porém passamos para Moscou, embora não seja um desvio do assunto principal. Temos duas capitais: como então falar sobre uma, sem compará-la à outra? Apenas através dessa comparação poderemos conhecer as particularidades e o caráter de cada uma delas. Nada no mundo existe em vão: se temos duas capitais, então cada uma delas é necessária, e a necessidade pode estar somente na *ideia* expressa por cada uma delas. Portanto, Petersburgo representa uma ideia e Moscou outra. No que consiste a ideia de uma ou de outra cidade você pode saber apenas traçando um paralelo entre uma e outra. Por isso nós ainda voltaremos a falar de Moscou, conversando sobre Petersburgo. Por enquanto concluímos que a característica que distingue Moscou é o seu caráter familiar. Voltamos então a falar de Petersburgo.

É comum imaginarmos Petersburgo como uma cidade que não foi construída sequer no pântano e sim quase que no ar. Muitos, ironizando, afirmam que é uma cidade sem sacralidade histórica, sem lendas, sem ligação com o país natal, cidade construída sobre estacas e cálculos. Todas essas opiniões já se tornaram antiquadas e chegou a hora

³⁵⁰ A construção da ferrovia Nikoláievskaja entre Moscou e Petersburgo era um dos assuntos preferidos dos críticos russo daquele período. Uma das primeiras ferrovias do Império Russo, ela foi aberta em 1851.

de abandoná-las. É verdade que, se quiserem, nelas há um pouco de verdade, mas também há muita mentira. A cidade de Petersburgo construída por Pedro, o Grande como capital do novo Império russo é uma cidade sem história e sem lendas! É um absurdo que nem vale à pena desmentir! Tudo isso aconteceu porque Petersburgo é muito jovem por si só e totalmente criança em comparação com a velhinha Moscou. Mas será que um jovem que celebrou o início de sua vida com um grande feito não é uma pessoa histórica porque viveu pouco e um velhinho qualquer é uma pessoa histórica só porque viveu muito? Moscou antiga, a antiga Moscou, capital do Reino Moscovita, não só viveu muito como também sofreu muito - e ninguém está questionando esse fato; mas de que vale toda a sua história em comparação com a grande épica biografia de Pedro, o Grande? Petersburgo não estaria estreitamente relacionada a essa biografia? Renunciar à importância histórica de Petersburgo não significaria não saber valorizar a importância de Pedro para a história russa? Ao falar da sacralidade histórica, perguntam: onde estão em Petersburgo esses monumentos sobre os quais se passaram os séculos sem os terem destruído? Sim, meus senhores, esses monumentos não existem e não podem existir em Petersburgo já que ela mesma existe desde o dia da sua fundação, há apenas *cento quarenta e um anos*, em compensação ela mesma é um grande monumento histórico. Nela você verá os rastros vivos do seu construtor por todos os lados e para muitos (inclusive para nós) tais construções pequenas como, por exemplo, a casa no Lado Petersburguês, o palácio do Jardim de Verão, o palácio de Peterhof valem não por um, mais por muitos Kremlins... O que fazer – gosto não se discute! A cidade de Petersburgo foi construída sobre cálculos – é verdade; mas será que o cálculo é pior que uma pura ocasião? Os sábios séculos dizem que um prego de ferro feito pela mão tosca de um ferreiro de vila está acima de qualquer flor, criada com tanta beleza pela natureza, e está acima dela no sentido de que

um prego é uma obra do *espírito consciente*, enquanto uma flor é uma criação da força direta. O cálculo é um dos lados da consciência. Dizem ainda que Petersburgo não possui em si nada de original, autêntico, que é uma espécie de encarnação geral da ideia de capital e se parece, como duas gotas de água, com todas as outras capitais do mundo. Com quais? Ela não pode, de forma alguma, ser parecida com as antigas, como por exemplo, Roma, Paris, Londres; então isso é pura mentira. Se ela se parece com alguma cidade, esta provavelmente deve ser uma das grandes cidades da América do Norte que, semelhantemente a ela, também foram criadas na base com base em cálculos. Será que nessas cidades não há nada de autêntico e original? Será que ver *o futuro* em muralhas da cidade e em cada uma de suas pedras não significa ver algo original, maravilhosamente original? Mas Petersburgo é mais original do que todas as cidades das Américas por ser uma cidade nova em um país velho, portanto há uma nova esperança, um futuro maravilhoso para esse país. De duas uma: ou a reforma de Pedro, o Grande foi um grande erro histórico, ou Petersburgo possui um significado enorme para a Rússia. De duas uma: ou a nova formação da Rússia, sendo falsa e fantasmagórica, logo sumirá por completo sem deixar nenhum rastro; ou a Rússia eterna e irreversivelmente estará separada do seu passado. No primeiro caso, obviamente Petersburgo é uma criação ocasional e efêmera da época que tomou o rumo errado, um cogumelo que cresceu em uma noite e secou em um dia; no segundo caso Petersburgo é um fenômeno necessário e sempiterno, um carvalho grandioso e robusto que concentra em si todos os sumos vitais da Rússia. Alguns políticos toscos que consideram a si mesmos como pensadores profundos, postulam: já que Petersburgo surgiu de forma não natural, cresceu e estendeu-se, não com o andar dos séculos, mas sim pela vontade de um único homem, então outro homem que possui direito superior também poderá construir outra cidade do outro lado da Rússia: uma opinião extremamente infantil! Esse

tipo de feito não é tão fácil de ser pensado e realizado. Havia um homem que tinha não apenas o poder, mas também a força de fazer um milagre e havia o momento em que esta força pôde ser revelada nesse milagre, portanto para outro milagre assim serão novamente necessárias duas condições: não apenas um homem como também um mundo. Com arbitrariedade não se cria nada grandioso: o grandioso provém de uma necessidade racional, e, portanto, de Deus. A arbitrariedade não constrói, em curto prazo, uma grande cidade, ela consegue construir apenas uma *torre de babel* cuja conseqüência não será a regeneração de um país rumo a um futuro grandioso e sim a *separação* dos idiomas. É muito mais fácil se falar em deixar Petersburgo do que realmente fazer isso, a língua não tem ossos, de acordo com um provérbio russo, e pode-se falar o que bem quiser, mas o feito é diferente de um estanho oco. Só para os senhores Manílov³⁵¹ é fácil construir, em sua ociosa fantasia, pontes sobre lagos com bancos dos dois lados.

O estrangeiro Algarotti disse: “Petersburgo é uma janela através da qual a Rússia olha para a Europa”³⁵², - uma expressão feliz que captou em poucas palavras uma grande ideia! É nisso que jaz a fundação firme de Petersburgo e não em cima das estacas sobre as quais ela foi construída e das quais não seria nada fácil deslocá-la! Nisso está a sua ideia e, conseqüentemente, o seu grande significado, seu direito sagrado à existência eterna! Dizem que Petersburgo expressa em si apenas o europeísmo externo. Suponhamos que assim seja, mas, considerando que o desenvolvimento da Rússia, totalmente contrário ao europeu, acontece de cima para baixo e não de baixo para cima, a aparência possui um significado, uma importância muito maior do que se

³⁵¹ Personagem do poema de Nikolai Gógol “Almas mortas”, que representava um tipo de proprietário de terras russo que preferia sonhar ao invés de tomar atitudes.

³⁵² Francesco Algarotti, um nobre italiano, que visitou a Rússia em 1739 e posteriormente escreveu o livro *Cartas sobre a Rússia*. A sua frase relacionada à “janela para Europa” tornou-se extremamente popular quando foi citada por Aleksandr Púchkin em seu poema *Cavaleiro de Bronze*.

pensa. O que vocês vêem na poesia de Lomonóssov? ³⁵³ – Somente a aparência, palavras russas espremidas em construções do latim e alemão; pensamentos citados cujas premissas nem existiam na sociedade em meio a qual e para a qual Lomonóssov escrevia as suas poesias retóricas! Entretanto, não é à toa que ele é chamado de pai da poesia russa, que, também, orgulha-se com poetas, como, por exemplo, Púchkin. Será que é preciso provar que se não fosse *criada* essa poesia morta, mimética, puramente exterior, a poesia de Púchkin, viva, original e peculiar não teria nascido? Não, isso é tão claro como o dia, sem a necessidade de provas. Então, às vezes a aparência também vale alguma coisa. Podemos dizer ainda mais: o exterior, às vezes, traz consigo o interno. Suponhamos que vestir uma casaca ou sobrecasaca ao invés de um *tulup* de peles, um *armiak* azul ou um *kaftan* escuro ³⁵⁴ não signifique tornar-se um europeu, mas por que aqui na Rússia só as pessoas que se vestem de acordo com a moda europeia aprendem algo, dedicam-se à leitura e mostram amor e gosto pelas artes plásticas? Digam o que quiserem, mas até mesmo a casaca e a sobrecasaca, objetos que parecem totalmente *externos*, influenciam bastante na boa presença *interna* do homem. Pedro, o Grande entendia isso, daí sua perseguição às barbas, *okháben* ³⁵⁵, gorros-*múrmolka* ³⁵⁶ e todos os outros objetos sagrados da vida moscovita.

Existem pessoas sábias que desprezam tudo que é externo; elas querem a *ideia*, o *amor*, o *espírito* e não os fatos; elas nem querem olhar para o mundo prático, para o lado corriqueiro da vida. Existem também outras pessoas sábias que não querem saber

³⁵³ Mikhail Lomonóssov (1711-1765) – cientista e poeta, responsável pelo desenvolvimento de muitas ciências na Rússia, inclusive criou a linguagem poética [também soa estranho, criar a linguagem poética...]. Também foi fundador da Universidade de Moscou.

³⁵⁴ *Tulup* – casaco de peles, *armiak* – de lã com capuz, sem botões, mas com cinto, usada por camponeses russos. *Kaftan* – roupa masculina comprida com mangas longas. Provavelmente, ao mencionar as roupas tradicionais russas, Belinski faz alusão ao costume dos eslavófilos russos de usar esses trajes nacionais para destacar ainda mais o seu ponto de vista.

³⁵⁵ *Okháben* – antiga vestimenta russa, tanto masculina quanto feminina, usada até o século XVIII.

³⁵⁶ *Múrmolka* – gorros usados antigamente na Rússia.

de nada além dos fatos e negócios e vêm na ideia e no *espírito* apenas sonhos. Os primeiros se acham no direito de mostrar desprezo ao ouvir os outros falarem na sua frente sobre a estrada de ferro. Elas consideram esses meios de elevação da dignidade moral do país falsos e insignificantes; esperam que tudo aconteça por milagre e pensam que a educação cairá diretamente do céu uma bela manhã e o povo se dará ao trabalho de levantá-la e engolir sem mastigar. Sábios desse tipo, já há muito tempo, ganharam fama de *românticos*. Os sábios do segundo grupo sonham com rodovias, ferrovias, manufaturas, comércio, bancos, sociedades para todo tipo de especulações: esse é o seu ideal de bem-estar do povo e do estado; o espírito e a ideia, na opinião deles, são sonhos prejudiciais e inúteis. Estes são os *clássicos*³⁵⁷ do nosso tempo. Sem pertencer a nenhum desses grupos, vimos algo de útil nos últimos; já nos primeiros – pedimos desculpas – mas não vemos absolutamente nada. Há dois métodos de indução de fonte vital em um corpo social estagnado: o primeiro é a ciência, ou os estudos, a imprensa, no sentido amplo dessa palavra, como um meio de divulgação das ideias; o segundo é a vida, sendo essa palavra entendida como formas de vida comum e cotidiana, costumes e tradições. Ambos os métodos são igualmente importantes, mas o último parece mais importante no sentido de que tanto a leitura em si quanto a ideia são realmente importantes e efetivas quando entram na vida e tornam-se, digamos, um costume ou um hábito. Não há nada mais forte e robusto que um costume: é muito mais fácil convencer as pessoas de uma verdade através da lógica do que forçá-las à utilização prática dessa verdade, se um costume impedir isso. Parece-nos que Petersburgo teve como seu destino, na maior parte, esse segundo meio de divulgação e afirmação de europeísmo na sociedade russa. Petersburgo é um modelo para toda a Rússia no que diz respeito às

³⁵⁷ Ao relembrar o antigo contraste entre o clássico e o romântico, Belinski o aplica aos seus contemporâneos: os românticos seriam os eslavófilos, enquanto os clássicos seriam os defensores das inovações tecnológicas.

formas de vida, começando pela moda e terminando no bom-tom, desde o modo de assentar tijolos até os mistérios sagrados da arte arquitetônica, da elegância tipográfica até as revistas que dominam a atenção pública. Compare a vida petersburguesa com a de Moscou: também em suas diferenças ou, melhor dizendo, contraposições, você logo verá o significado de cada uma dessas cidades. Apesar da estreiteza das ruas moscovitas dotadas de calçadas com meio metro de largura, elas são estreitas apenas de dia e, mesmo assim, nem todas, já que isso quase sempre acontece devido a sua estreiteza e não à grande quantidade de pessoas. A partir das dez da noite Moscou já se esvazia e essas ruas tortas com travessas mais tortas ainda tornam-se entediantes e vazias no inverno. As largas ruas de Petersburgo quase sempre estão animadas pela presença do povo que corre apressado, cada um para seu lado. Elas estão cheias de pessoas até a meia-noite e até a madrugada aparecem aqui e ali os retardatários. As padarias estão repletas de gente: alemães, franceses e outros estrangeiros, nativos e os provenientes de fora, bebem, comem e lêem jornais; os russos, em sua maioria, bebem e comem, alguns folheiam “A abelha”, “O inválido”³⁵⁸ e, às vezes, lêem atentos revistas grossas, encadernadas, para maior comodidade, em encadernações especiais, de acordo com os assuntos: estes são os amantes da literatura. Os amantes de política entre nós são poucos. Os restaurantes estão sempre cheios, bem como os eventos culinários. Nesses casos é a mesma coisa: bebem, comem, lêem, fumam, jogam bilhar e tudo isso quase sempre em silêncio. E, quando falam, falam baixo, vizinho com vizinho, mas às vezes escutam-se vozes altas que não se envergonham nem um pouco de falar sobre assuntos que não interessam a outrem, por exemplo, de como Ivan Semiónovitch, jogando um sete de copas, perdeu ontem; ou a respeito de Piotr Nikoláievitch, que conseguiu um

³⁵⁸ “A abelha nortenha/do norte” (Siévernaia ptchelá) e “O inválido russo” (Rússki invalid) – jornais russos que eram publicados no século XIX, em São Petersburgo, e representavam o ponto de vista oficial.

cargo, enquanto Vassíli Stepánovitch foi promovido e outras notícias literárias e políticas desse tipo. Como se sabe, os prédios em Petersburgo são enormes. O petersburgues não se preocupa com a despensa: se ele não é casado, almoça em uma taverna e compra tudo em uma mercearia. O prédio onde ele aluga o apartamento é uma verdadeira Arca de Noé na qual se acha um par de todo tipo de animal. Dificilmente o petersburguês sabe quem mora perto dele, porque tanto em cima, quanto embaixo, e do lado dele moram pessoas que, assim como ele, estão ocupadas com os próprios assuntos e, assim como ele, não têm tempo para saber dele, assim como ele delas. A principal comodidade do apartamento ao qual aspira um petersburguês consiste no fato de estar o mais perto possível de tudo: do lugar do seu serviço, bem como de um lugar onde é possível conseguir tudo de melhor e mais barato. Essa comodidade ele frequentemente consegue em sua Arca de Noé, onde tem tanto a despensa, quanto padaria, lojas, costureiros, sapateiros e todo tipo de coisa. A ideia de cidade encontra-se mais do que tudo na concentração total de todas as comodidades em um círculo que seja o mais apertado possível: nessa relação Petersburgo é muito mais cidade do que Moscou e talvez seja a única cidade na Rússia onde tudo é espalhado, separado e carimbado pela familiaridade. Se em Petersburgo não há um caráter público no verdadeiro sentido da palavra, também não há reclusão caseira ou familiar: Petersburgo gosta de rua, de passeio, de teatro, de cafeteria, de estação, em uma palavra, gosta das instituições públicas. Por enquanto, existem poucas delas, mas partindo dessa premissa pode acontecer muita coisa no futuro. Petersburgo não consegue viver sem jornais, cartazes e todo tipo de anúncio; há muito tempo se acostumou ao “Jornal Policial” e ao correio urbano como uma necessidade. O petersburguês mal acorda, e já quer saber de tudo que será apresentado hoje nos teatros, se haverá concertos, corridas, passeios com música, resumindo, quer saber de tudo que faz parte da esfera dos seus prazeres e diversões: e

para isso basta apenas estender a mão em direção à mesa se ele assina todas as edições de notícias ou então passar na padaria mais próxima. Em Moscou muitos assinantes do periódico “Notícias de Moscou”, publicadas três vezes por semana (na terça, quinta e sábado) mandam buscá-las apenas aos sábados e recebem os três números de uma só vez. Isso até que é cômodo: no fim da semana, os leitores têm tempo livre para se dedicar às notícias do mundo inteiro... Além disso, por não haver correio da cidade nem moços de recado, é necessário mandar seu criado para o escritório de tipografia da Universidade, o que não convém a ninguém, e é até mesmo impossível para alguns. Para o petersburguês, dar uma olhada nos periódicos “Abelha” ou “Iválido” é um *costume* igual ao de tomar chá de manhã... Ao contrário de Moscou, os enormes prédios de Petersburgo não são fechados durante o dia e podem ser acessados através dos portões e portas; à noite, sempre é possível encontrar o zelador próximo dos portões ou chamá-lo através da campainha, portanto sempre há como entrar no prédio que você precisa. Ao lado da porta de cada um dos apartamentos se localiza a manivela da campainha e muitos apartamentos possuem não apenas o número como também uma plaquetinha de bronze ou de ferro com o nome do morador. Embora em Moscou as ruas não sejam compridas, cada uma tem um nome especial e quase todas possuem uma igreja, às vezes até mais do que uma e por isso deveria ser fácil encontrar alguém por quem você está procurando, se souber o endereço; no entanto procurar lá é um verdadeiro martírio se na casa mora mais de uma pessoa. Normalmente, você entra em um quintal grande no qual além de um ou vários cães não há nenhum ser vivo; não há para quem perguntar, é necessário bater à porta para descobrir se é lá que mora fulano, porque em Moscou os zeladores são uma raridade e campainhas uma raridade ainda maior. Não existe nenhuma possibilidade de andar pelas ruas moscovitas, que são estreitas, tortas e movimentadas. Tem que nascer moscovita para saber andar sem medo

por elas, assim como tem que ser parisiense para passear por Paris sem se sujar em suas ruas imundas. Porém, os próprios moscovitas não gostam de andar; portanto os cocheiros em Moscou têm muito trabalho. Estes são baratos por lá, mas os *drôjki*³⁵⁹ são ruins, assim como os trenós; aliás, *drôjki* são sempre ruins pelo seu próprio arranjo; é um verdadeiro instrumento de tortura para interrogar os acusados; mas em Petersburgo não existem trenós ruins: aqui o pior trenzinho imita o bom, é coberto com pele de bezerro que parece de urso, e por cima dessa cobertura há algo que lembra tecido de lã. Em Petersburgo ninguém ia pegar um trenó sem urso!... Entretanto, em Petersburgo poucos usam transporte e a maioria anda a pé: é saudável, pois movimentar-se é o melhor, e ainda por cima o mais barato meio contra as hemorróidas; além do mais, em Petersburgo é fácil de andar: não tem nem montanhas nem colinas, tudo é liso e plano, calçadas ladrilhadas e às vezes até cobertas de granito, largas, planas e limpas em qualquer estação do ano, como se fosse um piso.

Para conhecer melhor as nossas duas capitais, compararemos entre si a sua população.

A classe superior, ou o círculo superior da sociedade, representa algo excepcional em todas as cidades do mundo. A alta sociedade de Petersburgo, mais do que em qualquer outro lugar, é uma verdadeira terra incógnita para todos que não usufruem nela do direito de cidadania; é uma cidade dentro da cidade, um estado dentro do estado. Os não iniciados em seus mistérios olham para ela de longe, mantendo distância; olham para ela com inveja e com ânsia, como um viajante que se perdeu nas estepes arenosas da Arábia olha para uma miragem na qual ele imagina um oásis florescente; mas o paraíso da alta sociedade, inalcançável para eles e protegido pelo bastão do porteiro e pela multidão de garçons vestidos de marqueses do século XVIII,

³⁵⁹ *Drojki*: carruagem leve e aberta de quatro rodas.

nem olha para aqueles que anseiam para si o movimento da água paradisíaca. Pessoas de diferentes camadas da classe média, da inferior à superior, tentam captar, com atenção redobrada, os sons da alta sociedade, longínquos e incompreensíveis para elas, explicando do seu jeito os fragmentos de palavras e falas; com arrebatamento, recontam uns aos outros as anedotas que chegam até os seus ouvidos, destorcidas devido à ingenuidade. Em uma palavra, elas estão tão preocupadas com a alta sociedade que parecem não poder respirar sem ela. Sem se contentar com isso, elas, coitadas, juntam todas as forças para copiar a vida da alta sociedade e – *à force de forger*³⁶⁰ – chegam à doce certeza de que eles também fazem parte da alta sociedade. É claro, a verdadeira alta sociedade daria um sorriso bondoso se ficasse sabendo desses inúmeros pretendentes ao próximo parentesco com ela; mas, mesmo assim, a vontade de se considerar como parte da alta sociedade ou próximo a ela chega, nas classes médias de Petersburgo, até a loucura. Por isso em Petersburgo são incontáveis os diversos círculos da “alta sociedade”. Todos eles se diferem, da superior para a inferior, com um olhar majestoso ou astuto e irônico; e da inferior para a superior, com enfado de amor-próprio ofendido que, aliás, se consola ao pensar que nós não ficaremos atrás dos outros e nos defendemos no bom-tom. O bom-tom é o ponto de enlouquecimento para o habitante de Petersburgo. O pior funcionário, que ganha no máximo setecentos rublos de salário, em nome do bom-tom às vezes solta uma frase em francês deturpado, a única que ele conseguiu aprender do “Manual auto didático”; em nome do bom-tom ele sempre encomenda roupas no costureiro e usa luvas amarelas, embora bastante enebadas. As donzelas das classes inferiores adoram introduzir, em uma nota escrita em russo repleta de erros, uma frase em francês cheia de erros; e se você um dia tiver que escrever uma carta para tal donzela, nada a agradará tanto como uma mistura da língua de Níjni

³⁶⁰ Com ajuda de imaginação (francês).

Nóvgorod com o francês: com isso você mostrará que a considera uma moça letrada e de “bom-tom”. Elas também adoram os versinhos, principalmente com estrofes de vaudeville; e o gosto de algumas se eleva até a poesia do Senhor Benedíktov, estas são donzelas dos círculos mais nobres e de bons modos da classe de funcionários. O fato é que Petersburgo é fiel a si mesmo em tudo: ela tende à forma superior da vida social... Nessa relação Moscou é diferente. Nela até a alta sociedade possui o seu caráter particular. Mas quem não pertence a ela, não se preocupa com ela, penetrado na esfera da sua própria classe.

O núcleo da população nativa de Moscou é composto de comerciantes. A cada dez integrantes dessa classe numerosa, nove têm barba ortodoxa deixada como herança pelos antepassados, sobrecasaca de abas compridas de tecido azul e botas com borla que escondem dentro de si as extremidades das calças plissadas ou de feltro; um décimo se permite não fazer barba e pela roupa, modo de vida e em geral pelo aspecto parece com os *raznotchínets*³⁶¹ ou até mesmo com os nobres médios. Quantos casarões dos grãos-senhores passaram agora a ser propriedade dos comerciantes! Em geral, todos esses prédios enormes, monumentos de costumes e tradições já ultrapassados, todos, quase sem exceção, transformaram-se ou em instituições de ensino estaduais ou, como já havíamos dito, passaram a ser propriedade dos comerciantes ricos. Os curiosos podem consultar a novela do Senhor Veltman “O recém-chegado da província ou Confusão na capital”³⁶² para descobrir como os “respeitosos” comerciantes se instalaram nas salas e nos palácios. Eles ficam bem não apenas nos palácios dos príncipes e condes, mas também nas carruagens caras que voam como o vento, levadas por excelentes cavalos que brilham com o arreio mais caro: dentro está sentada uma barba “respeitosa” e

³⁶¹ No século XIX assim eram chamados os intelectuais que não pertenciam à nobreza russa.

³⁶² Priézzji iz uézda, ili Sumatókha v stolítse

bastante contente consigo mesma; perto dela encontra-se a massa extensa e volumosa da sua cara metade, coberta de pó e carmim, carregada de pérolas; às vezes com lenço na cabeça, e com as tranças, mas normalmente de chapéu com plumas (o belo sexo, mesmo na classe dos comerciantes, ultrapassou em muito os homens no caminho do europeísmo!), e na parte de trás está de pé o feitor de sobrecasaca judia comprida, botas avermelhadas com borlas, gorro de penugem e luvas verdes... Os comerciantes médios e os pequeno-burgueses que passam ao lado estalam a língua com prazer ao olhar os cavalos audazes e dizem, orgulhosos: “Olha só, um dos nossos!”, enquanto a aristocracia, olhando pelas janelas, pensa, com desgosto: “Maldito mujique³⁶³”: esparramou-se sabe-se lá Deus como!...” Para um comerciante russo, principalmente moscovita, um cavalo gordo e avantajado assim como uma esposa gorda e avantajada são as primeiras necessidades na vida... Em Moscou você encontra comerciantes por todos os lados e tudo indica que Moscou é uma cidade preferencialmente da classe dos comerciantes. Eles povoam Kitái-górod, tomaram Zamoskvoriétchie³⁶⁴ e até mesmo as ruas e os lugares mais aristocráticos de Moscou, como a Rua Tverskáia, o bulevar Tverstói, e as ruas Pretchístenka, Ostójenka, Arbátskaia, Povarskáia, Miasnítskaia e outras estão cheias deles. Como base para essa classe numerosa de Moscou serve uma classe mais numerosa ainda: os pequeno-burgueses que criaram para si um traje singular que combina o traje nacional russo e o estrangeiro, o alemão. Nele, sem falta, estão presentes as luvas verdes, o gorro de penugem ou um casquete da mesma composição no qual da mesma forma foram mutilados e vulgarizados tanto o tipo nacional como o estrangeiro de cobertura de cabeça masculina; as botas de novilha nas quais são escondidas calças de algodão amarelo ou de feltro; em cima há algo entre uma

³⁶³ Aqui no sentido de homem simples, do povo, um camponês.

³⁶⁴ Kitái-górod e Zamoskvoriétchie são bairros tradicionais no centro de Moscou.

sobrecasaca judia de abas compridas e roupa de cocheiro, uma camisa de algodão, ou de chita vermelha com uma gola inclinada e um lenço multicolor sujo no pescoço. O traje da cara-metade dessa classe representa a mesma mistura da roupa russa com a europeia: as pequeno-burguesas, em sua maioria (com exceção das mais pobres) trajam vestidos e xales de mulheres decentes e escondem o cabelo sob um pequeno chapéu feito de um lenço de seda colorido; o pó de arroz, o carmim e o antimônio representam sua parte inseparável assim como os olhos de vidro, o rosto sem vida e os dentes pretos. Por todo lado onde há uma cidade russa ou até mesmo um povoado de comerciantes tem essa pequena burguesia. O tipo dessa pequena-burguesia foi bem representado por um ator de Petersburgo, o Senhor Grigóriev. E graças a esse tipo ele deve seu sucesso extraordinário no Teatro Aleksandríski³⁶⁵.

Porém em Moscou há mais uma classe média: a classe média culta. Não consideramos que seja necessário explicar aos nossos leitores o que queremos dizer em geral com “classe culta”: qualquer um sabe que na Rússia existe um traço brusco que separa as classes não cultas das cultas. Em primeiro lugar, os seus trajes e costumes revelam uma pretensão decisiva ao europeísmo; em segundo, ao amor, ao *préférence*³⁶⁶; em terceiro a uma maior ou menor dedicação à leitura. Em relação ao último item podemos afirmar com certeza que aquele que lê com certa frequência pelo menos o “Boletim de Moscou”³⁶⁷ já pertence à classe culta se ele, além disso, segue, na roupa e nos costumes, o tipo ocidental. Uma das diferenças necessárias do homem “culto” em relação ao “não culto” que existe na Rússia é o cargo, embora já há algum tempo, mesmo aqui começaram a perceber que até sem cargo uma pessoa pode ser culta, assim

³⁶⁵ Um dos mais antigos teatros dramáticos da Rússia, localizado em São Petersburgo.

³⁶⁶ *Préférence* é um jogo de cartas que envolve dinheiro. Era especialmente popular na Rússia Imperial.

³⁶⁷ [Moskóvskie viédomosti]: jornal periódico do Império russo que pertencia à Universidade de Moscou e publicou-se de 1756 até 1917.

como ela pode ser ignorante tendo um cargo. Entretanto, essa opinião não penetrou nem um pouco nas classes inferiores da sociedade e um comerciante milionário, acariciando sua barba, tranquilamente pode aspirar à inteligência (já que ele trapaceia um pouco e é um mestre em embromar tanto os amigos quanto os inimigos), mas nunca à cultura. Há muitas diferenças e níveis entre as pessoas “cultas”. Algumas delas só lêem os documentos e as cartas de negócios que se referem a elas mesmas e também os calendários e o “Boletim de Moscou”; outros vão mais longe e sempre lêem também a “Abelha do norte”³⁶⁸; há alguns que lêem, sem falta, todos os jornais, revistas, livros e folhetos e não lêem nada que seja estrangeiro, mesmo quando sabem alguma língua estrangeira; finalmente, há os *ésprits forts*³⁶⁹ que lêem muito nas línguas estrangeiras e nada na sua língua natal; porém como “os mais cultos” devem ser considerados, é claro, entre nós há poucos dos que às vezes dão uma olhada nos jornais russos, mas sempre lêem os estrangeiros, de vez em quando lêem os livros russos (já que poucos deles são bons) e sempre lêem os livros estrangeiros. As tonalidades do nosso grau de cultura em relação à roupa, costumes e cartas são mais numerosas ainda. Há entre nós alguns que usam roupa europeia apenas em alguma ocasião oficial; já em sua casa, sem os convidados, continuam a vestir os roupões de Tver³⁷⁰, botas de marroquim e usam todo tipo de *ermólka*³⁷¹; outros ao invés do roupão preferem um *arkhaluk*³⁷² arrojado: vaidade dos lacaios provincianos; outros, pelo contrário, mesmo em casa continuam fiéis ao estilo europeu e andam de sobretudo, com o qual podem, muito bem, sem violar as regras de etiqueta, receber as visitas; uns sempre seguem a moda, outros adoram as jaquetas dos hussardos, bombachas dos cossacos e outras invenções arrojadas,

³⁶⁸ (*Siévernaia ptchelá*) jornal de São Petersburgo que saía de 1825 até 1864.

³⁶⁹ *Ésprits-forts* (francês): aqui como sabichões.

³⁷⁰ Cidade russa, aqui como símbolo de uma cidade provinciana.

³⁷¹ Pequeno chapéu tipo boina usado também por judeus e muçulmanos.

³⁷² Roupa comprida caucasiana com gola levantada.

jactanciosas e ousadas do refinado gosto provinciano. No modo de viver, a principal sutileza das diferenças está no fato de que uns levantam tarde, não almoçam antes das quatro horas, à noite não tomam chá antes das dez e vão dormir o mais tarde possível; já outros, nesse sentido, seguem costumes antigos. Em termos de tratamento, as sutilezas da nossa sociedade são tão infinitas que não existe nenhuma possibilidade de falar sobre elas. Mas, nesse sentido, todas as sutilezas, desde a maior até a menor, possuem um traço igual: são fieis à aparência e, portanto, não têm relação com o interior, é só uma roupagem. Existem apenas três diferenças em relação às cartas: uns jogam somente *préférence*; outros só jogam *bank* ou *pálki*³⁷³; outros jogam tanto *préférence*, como *bank* e *pálki*. A diferença subentende-se. Em Petersburgo o *préférence* é jogado de acordo com o naipe e não no sete; em Moscou e na interior bolam também no dez sem diferenciar os naipes. A classe culta em Moscou é bastante numerosa e extremamente variada. Apesar do fato de que todos os moscovitas sejam extremamente parecidos um com o outro, eles sempre poderão ser caracterizados com essas palavras, pronunciadas por um moscovita muito conhecido, Fámussov:

De cabeça aos pés

Todos os moscovitas têm um marca especial.

От головы до пяток

На всех московских есть особый отпечаток.³⁷⁴

Os moscovitas são pessoas abertas, verdadeiros ateneus, só que do modo russo-moscovita. Eles gostam de viver e, na opinião deles, vivem realmente bem. Quem não

³⁷³ Jogos de cartas populares na Rússia.

³⁷⁴ GRIBOIÉDOV, A. Górie ot umá acho que seria bom colocar em russo. In: http://az.lib.ru/g/griboedow_a_s/text_0010.shtml

ouviu falar sobre o clube inglês de Moscou e seus fartos almoços? Além dos clubes: inglês e alemão, agora em Moscou há mais um: o da nobreza. Quem não ouviu falar do caráter acolhedor, hospitaleiro e cordial de Moscou?... Em que lugar além de Moscou você poderá servir, fazer comércio, escrever romances, publicar revistas apenas para a sua própria diversão e distração? Onde você poderá descansar melhor e melhorar a sua saúde a não ser em Moscou? Em que lugar, além de Moscou, você poderá falar sobre os seus trabalhos, presentes e futuros, e tornar-se famoso como um homem ativo e, ao mesmo tempo, não fazer nada? Em que lugar, a não ser em Moscou, você poderá estar mais contente pelo fato de não fazer nada e passar o tempo com prazer? É por isso que em Moscou há tanta gente ociosa que vem do interior para divertir-se, farrear, alegrar-se e casar-se. É por isso que lá há tantas vestimentas, jaquetas de hussardo, calças com barras e sobrecasacas com cordões, tão incríveis que se elas parassem na Avenida Niévski, fariam com que toda a população de Petersburgo olhasse para elas com pavor. Dizem que em Moscou tem até *gorro-múrmolka*, do tipo daquele que, de acordo com os moscovitas, foi usado por Riúrik³⁷⁵. Finalmente, é por isso que somente em Moscou pode florescer o coro cigano de Iliúchka. O rosto de um moscovita nunca está preocupado: ele está repleto de benevolência e olha de um jeito como se quisesse lhe dizer: “Aonde você vai almoçar hoje?” Quem conhece Moscou mesmo que pouco, sabe que além do conforto inglês existe também o conforto moscovita, que também é chamado de “vida aberta”. Os moscovitas se diferenciam tão bruscamente de todos os não-moscovitas que, por exemplo, um senhor ou uma senhora moscovita, uma jovem moscovita, um poeta moscovita, um pensador moscovita, um literato moscovita, um

³⁷⁵ Riúrik (morreu em 879): lendário líder das topas dos varegues. Fundador da dinastia dos tsares russos.

jovem arquivista³⁷⁶ moscovita, todos eles são tipos, são palavras técnicas, totalmente incompreensíveis para aqueles que não moram em Moscou. Isso tem origem na posição excepcional de Moscou após a Reforma de Pedro, o Grande. Moscou sozinha reuniu em si a tripla ideia de Oxford, Manchester e Reims. Moscou é uma cidade industrial. Em Moscou localiza-se não apenas a mais antiga universidade russa, como também a melhor, que atrai para a cidade a nova juventude de todos os cantos da Rússia. Embora a maior parte dos alunos dessa universidade deixe Moscou após a conclusão do curso, para fazer pelo menos uma coisa nesse mundo, mesmo assim alguns deles permanecem em Moscou. Estes últimos, junto com os estudantes, compõem a classe média especial da qual fazem parte pessoas de todas as classes. O fato que uniu a todos eles e os eleva a um nível comum é a educação ou, ao menos, a aspiração à educação. A classe média desse tipo é um oásis no solo arenoso de todas as outras classes. Esses oásis existem em muitas, senão em todas, as cidades russas. Em algumas cidades ele consiste em cinco, em duas ou até em uma alma, e em algumas cidades sequer há esse tipo de oásis: tudo é areia pura ou terra negra, coberta de ervas daninhas e urtiga. Não podemos deixar de concordar, com uma honra especial dedicada a Moscou, que nela há mais desse tipo do que em qualquer outra cidade russa. Isso acontece por duas razões: primeiro, por causa da posição excepcional de Moscou, que não possui qualquer caráter administrativo, burocrático e oficial, por causa do seu significado tanto como capital, quanto como uma enorme cidade provinciana; segundo, devido à influência da Universidade de Moscou. Por isso, no que se refere a questões de ciência, arte e literatura, os moscovitas têm mais amplitude, conhecimento, gosto, tato e cultura que a maioria do público petersburguês que lê ou até mesmo escreve. Repito, esse é o melhor lado da vida em Moscou. Mas no

³⁷⁶ Jovem arquivista (*arkívnyi iúnocha*) : assim eram chamados nos anos 20 do século XIX os jovens funcionários eruditos do Arquivo do Colégio de Assuntos Estrangeiros.

mundo tudo é construído de uma forma tão maravilhosa que o melhor sempre possui o seu lado fraco. Qualquer um sabe que não há no planeta povo mais erudito que os alemães: os próprios moscovitas, em termos de ciência, não servem sequer de alunos para os alemães. Mas, em compensação, o lado fraco dos alemães é que até os trinta anos eles são *bursch*, enquanto a outra metade da vida, a maior, são filisteus e, portanto, não têm tempo para ser *gente*. A mesma coisa em Moscou: as pessoas que colocaram a cultura como objetivo de vida, a princípio são jovens que trazem grandes esperanças sobre si, mas, depois, se não saírem a tempo de Moscou, tornam-se moscovitas e então deixam de dar quaisquer esperanças, como pessoas para as quais já passou a hora de prometer e ainda não chegou a hora de cumprir. Até mesmo os jovens que “dão grandes esperanças” possuem em Moscou um defeito geral de misturar, muitas vezes, os mais diferentes conceitos, como: escrever poesia com negócios, fantasias da mente ociosa com pensamento. Para muitos deles (com raras exceções) basta inventar ou, o que mais ocorre, ler uma teoria pronta ou fantasia sobre qualquer coisa e eles já decidem ver na realidade uma justificativa dessa teoria ou fantasia, e quanto mais a realidade contradiz o seu querido sonho, mais obstinados eles ficam em sua convicção de que ele é absolutamente igual à realidade. Daí vem o jogo de palavras que são tomadas como feitos, jogos de conceitos que são considerados fatos. Tudo isso é muito ingênuo, mas por isso não deixa de ser engraçado. Não importa o que fazem os jovens que deixam Moscou para ir a Petersburgo, mas importa que eles fazem; já os moscovitas apenas se limitam a conversas e discussões sobre o que deveria ser feito, às vezes, muito inteligentes, mas sempre absolutamente infrutíferas. A paixão pelo raciocínio e pela discussão é o lado vivo dos moscovitas; porém nunca saem negócios desse raciocínio e discussão. Em lugar nenhum há tantos poetas, filósofos, talentos e até gênios, principalmente “espíritos elevados”, como em Moscou; porém todos eles se tornam

mais ou menos famosos fora de Moscou, apenas quando mudam para Petersburgo; aqui eles, querendo ou não, passam a fazer parte daquela multidão sobre a qual sempre falavam mal e tornam-se simples mortais ou realmente encontram alguma aplicação para os seus talentos, normalmente mais ou menos notáveis, quando não são geniais. Em lugar nenhum falam tanto de literatura como em Moscou, mas justamente lá não há nenhuma atividade literária, pelo menos agora. Quando surge uma revista, você não encontrará nela nada além de discussões grandiloquentes sobre a significação mística de Moscou, embasadas no Canhão rei e no sino grande;³⁷⁷ como se a cidade de Pedro se localizasse fora da Rússia e como se o gigante da Praça de Isaac³⁷⁸ não fosse uma sacralidade histórica do povo russo; você não encontrará nada além de numerosas poesias bastante medíocres direcionadas à donzela, à lua, a Ivan, o Grande, à torre Súkharevskaja e, às vezes, acreditem, à cerveja espumosa, como se ela fosse uma fonte de tudo o que é grandioso na nação russa; além de notícias ruins, raciocínios atrasados sobre a literatura repletos de inimizade em relação ao Ocidente e ataques diretos e indiretos à imoralidade das pessoas que não fazem parte da paróquia dessa revista e que não admiram a genialidade dos seus funcionários. Quando sai um folhetim: novamente são ataques pouco eruditos contra o Ocidente, que é chamado de “apodrecido”, ou fantasias infantis com pretensões presunçosas de revelar grandes ideias como, por exemplo, que Gógol, sem brincadeira, é o nosso Homero e *Almas mortas* é o único, depois da *Ilíada*, tipo de uma verdadeira épica.

Obviamente, falamos aqui sobre os pontos fracos, sem negar a possibilidade de existirem maravilhosas exceções. Em todo lugar há algo de bom, como, portanto, há o

³⁷⁷ Rei dos Canhões e Rei dos Sinos (*Tsár-Púchka* e *Tsar-Kólokol*): o maior canhão do mundo e o maior sino do mundo, que se encontram no Kremlin e representam um dos símbolos de Moscou. Entretanto, nem o canhão nem o sino nunca chegaram a funcionar.

³⁷⁸ Trata-se da Catedral de Santo Isaac, em Petersburgo, que se encontra na Praça de Isaac e representa o maior templo de São Petersburgo e um dos maiores do mundo.

fraco e insuficiente. Petersburgo e Moscou são dois lados ou, melhor dizendo, duas unilaterais que, com o tempo, podem formar, por meio de sua junção, um todo harmonioso e maravilhoso, ao acrescentar um ao outro aquilo que há neles de melhor. Esse tempo está próximo: a ferrovia está sendo construída ativamente...

Voltemos a Petersburgo.

A camada baixa da população, mais precisamente o povo simples, é igual em todo lugar. Entretanto, o povo simples petersburguês é um pouco diferente do moscovita: além de *polugár*³⁷⁹ e chá, ele também gosta de café e cigarros, que são apreciados até por mujiques dos arredores da cidade; já o sexo belo do povo petersburguês, representado por cozinheiras e todo tipo de criadas, está longe de considerar o chá e a vodca como uma necessidade, mas já sem café ele não pode viver de modo algum; as camponesas dos arredores de Petersburgo já esqueceram as danças russas por causa da quadrilha francesa, a qual elas dançam sob o som de sanfona que elas mesmas extraem: é a influência do Ocidente astuto, uma consequência calculada de suas intrigas infernais! As costureiras petersburguesas, em geral, mulheres simples que assimilaram roupas europeias, preferem chapéus a toucas, quando em Moscou acontece o contrário; em geral, elas se vestem com o gosto muito melhor quando comparadas com as moscovitas, até mesmo com as que pertencem às outras classes. O mesmo vale para os homens: às vezes é possível saber à que classe pertence um criado ou artesão só através de seus modos e nem sempre pela roupa. Novamente é a influência do Ocidente astuto! Adiante em nosso livro o leitor benevolente encontrará uma descrição do assim chamados “bailes dos lacaios”, sobre os quais as pessoas dessa classe que moram em Moscou ainda nem podem sonhar. Ao falar sobre Moscou, nós, de propósito, descrevemos as classes de comerciantes e pequeno-burgueses por elas serem as mais

³⁷⁹ Bebida de vinho com gradação alcoólica de 38%.

características da cidade. Sem dúvida alguma, os pequeno-burgueses como aqueles os quais Senhor Grigóriev, Segundo com sucesso representa no palco do Teatro Aleksandríski também existem em São Petersburgo e ainda são bastante numerosos, porém, aqui eles não se sentem em casa e sim convidados, como se fossem colonos ou estrangeiros. Um alemão petersburguês é muito mais nativo do que eles; pelas ruas de Petersburgo eles podem ser encontrados em quantidade muito menor do que em Moscou; é preciso procurar por eles no mercado Schúkin, nas lojas de legumes, nas feiras de carne e em todo tipo de lojinhas pequenas espalhadas por toda Petersburgo. Os pequeno-burgueses, vendedores ou caixeiros das lojas que se encontram nas ruas mais visadas de Petersburgo são de certa forma mais civilizados do que seus irmãos moscovitas. Em geral, eles são tão dissolvidos na população de Petersburgo que nem sempre saltam aos olhos como acontece em Moscou; diríamos mais: em Petersburgo eles são totalmente imperceptíveis. Eis porque pensamos que o Senhor Grigóriev, Segundo não faria tanto sucesso nos palcos de Moscou: o tipo apresentado por ele, é claro, até pode ser encontrado em Petersburgo, porém ele não é um fenômeno tão comum. Por causa de um contraste agudo com os costumes da classe predominante de Petersburgo, ele não pode deixar de despertar altas e alegres gargalhadas a seu respeito. No que se refere aos comerciantes petersburgueses, eles se diferem brutalmente dos de Moscou. Em Petersburgo, há poucos comerciantes de barba, principalmente os ricos, e estes parecem colonos nessa cidade europeizada; eles até escolheram, como local de moradia, ruas especiais, como a travessa Tróitski, as ruas próximas aos Cinco Cantos³⁸⁰ e perto da igreja dos Velhos Crentes³⁸¹. Em Petersburgo há muitos comerciantes

³⁸⁰ Cinco Cantos (Piát uglóv[acho que tem que colocar em russo; idem para todas as notas que tiverem transliteração]): nome não oficial de uma das travessas de São Petersburgo [qual?].

³⁸¹ Velhos Crentes (*staroviéry* ou *staroobriádsy*): assim são chamados os cristãos ortodoxos defensores da antiga liturgia e cânones eclesiásticos que não aceitaram as reformas da igreja ortodoxa russa [não sei

alemães e até ingleses, portanto a maior parte dos comerciantes russos aparece como negociadores e não pode ser distinguida da massa total que compõe a classe média petersburguesa. Por fim, chegamos à “classe” principal de Petersburgo (por ela ser a mais numerosa e possuir uma fisionomia comum). É do conhecimento de todos que em nenhuma cidade há tantos jovens, idosos e até velhos desabrigados como em Petersburgo, e em lugar nenhum os sedentários e os que possuem família parecem tanto com os desabrigados como em Petersburgo. Nesse sentido, Petersburgo é uma antítese de Moscou. Essa divergência brusca pode ser explicada através de relações nas quais se encontram ambas as cidades na Rússia. Petersburgo é o centro do governo, cidade, antes de tudo, administrativa, burocrática e oficial. Quase um terço da sua população é de militares e a quantidade de funcionários civis por pouco não passa a quantidade de oficiais de exército. Em Petersburgo todo mundo serve, todos estão atrás de um cargo ou de colocação no trabalho. Em Moscou muitas vezes você poderá ouvir uma pergunta: “O que você faz?” Em Petersburgo essa pergunta é substituída por outra: “Onde você trabalha?” A palavra “funcionário” em Petersburgo é tão típica quanto em Moscou as palavras “senhor”, “senhora” e assim por diante. O funcionário é um nativo, o verdadeiro cidadão de Petersburgo. Se mandarem um lacão atrás de você, um menino ou uma menina de pelo menos cinco anos, cada um deles, procurando no prédio o seu apartamento, irá perguntar para o zelador ou para você mesmo: “É aqui que mora o *funcionário* fulano de tal?” mesmo se você não tiver nenhum cargo de funcionário e nunca pensou em servir. O “caráter” petersburguês é assim! O habitante de Petersburgo está sempre com uma febre de atividades e muitas vezes na verdade ele faz *nada*, diferente do moscovita, que não faz *nada*. O “nada” para um habitante de Petersburgo é

se aqui não tem que ser tudo com maiúscula Igreja...] em 1654 e sofreram muitas perseguições por causa disso.

sempre “algo”: pelo menos, ele mesmo sempre sabe atrás do que ele corre. Os moscovitas, Deus sabe como, descobriram um jeito de fazer tudo do mesmo jeito que em Petersburgo descansam ou não fazem nada. De fato, até uma visita, um almoço: o petersburguês faz tudo isso com um semblante preocupado, como se tivesse medo de atrasar-se ou perder seu tempo precioso, e, além disso, às vezes há um interesse ou um objetivo por trás dessa decisão. Em Moscou até as pessoas respeitáveis permanecem caladas apenas quando dormem e os jovens, principalmente os que “dão grandes esperanças”, falam até mesmo durante o sono e às vezes até datilografam caso aconteça deles falarem, durante o sono, alguma coisa que valha a pena: por meio disso devem ser explicados alguns fenômenos literários de Moscou. O petersburguês, caso ele seja um homem de respeito, economiza as palavras quando as mesmas não levam a nenhum objetivo positivo. O rosto de um moscovita está sempre aberto, cheio de benevolência, despreocupado, alegre e simpático; um moscovita sempre está feliz de conversar e discutir sobre qualquer coisa e durante a conversa ele é sincero. Já o rosto do petersburguês sempre está preocupado e sombrio; o petersburguês sempre é educado, às vezes até mesmo gentil, porém de uma forma fria e cuidadosa, e se ele soltar a língua, o assunto será sobre as coisas mais ordinárias; ele consegue falar seriamente apenas sobre o serviço e não gosta de discutir nem de raciocinar. O rosto do moscovita mostra que ele está contente com o mundo e com as pessoas; o rosto do petersburguês reflete que ele está contente consigo mesmo se, obviamente, os seus negócios vão bem. Daí vem a sua capacidade refinada de observar; por isso, a toda hora, acende a sua ironia refinada: na hora ele perceberá que as suas botas não estão bem lustradas ou se a presilha das suas calças rasgou e o botão do colete está prestes a cair, perceberá e soltará um sorriso astuto e contente... Nesse sorriso, aliás, estará toda a sua ironia. O moscovita é indulgente a qualquer tipo de vestimenta e em geral é desatento em tudo que tem a ver

com aparência. Antes de tudo ele exige que você seja uma boa pessoa ou uma pessoa com alma e coração... Já no primeiro encontro com você ele começará a discutir e soltará um sorriso irônico apenas quando perceber que a opinião dele não coincide com a do círculo no qual ele perora ou escuta como os outros peroram e o qual ele certamente considera um “partido” literário ou filosófico. Em geral qualquer moscovita, não importa qual seja seu título, está bastante contente com a vida porque está contente com Moscou, e, do seu jeito, saber gozar a vida, porque a vive de modo fácil e aberto. No que consiste o seu deleite com a vida já é outra questão. As pessoas sábias já concordaram entre si que um sono profundo, um estomago sadio, um bom apetite, o tamanho respeitável das cavidades da barriga, um rosto cheio e corado e, por fim, uma invejável capacidade de sempre estar bem-humorado são a mais sólida base da verdadeira felicidade nesse mundo sublunar. Os moscovitas, sendo pessoas inteligentes, estão de acordo com isso e pensam ainda que quanto menos uma pessoa se preocupa seriamente com algo, quanto menos faz alguma coisa e quanto mais fala, mais feliz ela estará. Pouco provável que eles não estejam certos nisso, os sábios felizes! O aspecto do habitante petersburguês causa outra impressão a um observador. Raramente ele está corado, freqüentemente está doente e com mais freqüência ainda o seu rosto possui um colorido hemorroidal próprio do céu petersburguês; esse rosto quase sempre aparece preocupado, algo impaciente e alarmado, mas, ao mesmo tempo, há certo contentamento consigo mesmo, algo que se parece com uma convicção invencível em sua própria dignidade. O petersburguês nunca deita antes das duas horas da madrugada e às vezes nem deita, porém isso não o impede de começar, às nove horas, o trabalho, ou estar no departamento. Depois do almoço ele infalivelmente está no teatro, em um sarau, no concerto, no mascarado, jogando cartas ou passeando, de acordo com o tempo. Ele tem tempo para tudo e descansa como trabalha: apressadamente, sempre olhando o

relógio como se tivesse medo de não ter tempo suficiente. O moscovita é uma ótima pessoa, é crédulo, conversador e, principalmente, está inclinado à amizade. O petersburguês, ao contrário, não é de falar e olha para os outros com uma desconfiança e com amor-próprio: parece que ele acha que está ocupado com os papéis de trabalho ou jogando *préférence*; e, como todos sabem, trabalho importante exige atenção e silêncio. O petersburguês se difere bruscamente do moscovita até no jeito de deleitar-se: na mesa e nos vinhos ele procura um refino gastronômico requintado e não um exagero, um mar sem fim. Na sociedade, ele preferirá mais entediar-se do que entregar-se ao charme de uma conversa viva e abandonar o seu jeito cerimonioso e correto, no qual ele acostumou a ver decência e bom-tom. A exceção é feita apenas em relação às festas dos solteirões: o homem russo *pandega* do mesmo jeito em todos os cantos da Rússia e em sua *pândega* aparece uma liberdade das estepes que lembra os costumes da antiga Nóvgorod.

Em Moscou não há funcionários. As pessoas descentes, em Moscou, fora do local de trabalho, sabem ser simplesmente seres humanos de modo que ninguém adivinha o que elas fazem. A classe inferior da burocracia é conhecida lá ainda como os “escrivães” e é pouco percebida por aqueles que não precisam deles, porém, é claro, mais notada por aqueles que precisam deles. Há poucos militares em Moscou; muitos deles ainda aparecem na cidade por um período, para passar as férias. Resumindo, em Moscou o lado oficial quase não é percebido e um funcionário petersburguês em Moscou é um fenômeno tão estranho e surpreendente quanto um pensador moscovita em Petersburgo. Embora o moscovita pareça ser mais original e genuíno do que o petersburguês, entretanto, apesar disso, ele logo se acostuma com Petersburgo caso se mude para essa cidade. Que fim levarão os sonhos grandiloquentes, os ideais, as teorias e as fantasias? Petersburgo nesse sentido é a pedra de toque do homem: para aquele que,

morando lá, não se deixou levar pelo redemoinho da vida fútil, conseguiu preservar a alma e o coração contrários a razão, manter a dignidade humana sem se transformar em Dom Quixote, você pode estender a mão sem medo, porque ele é um homem... Em algumas pessoas, Petersburgo provoca um efeito de tira a embriaguês: no início lhe parece que, por causa da sua atmosfera, caem de você, como folhas de uma árvore, as mais caras convicções, porém, logo você percebe que não eram convicções e sim sonhos gerados pela vida ociosa e pelo total desconhecimento da realidade. Então, você fica talvez com uma tristeza pesada, porém nessa tristeza há tanto de sagrado e humano... O que são os sonhos! Os mais sedutores deles não valem, na opinião de uma pessoa *sensata* (no sentido racional dessa palavra) a mais amarga verdade, pois a felicidade de um tolo é a mentira, enquanto que o sofrimento de um homem sensato é a verdade, e ainda frutífera no futuro...

Para completarmos o nosso quadro, copiaremos algumas linhas sobre Moscou e Petersburgo de um velho artigo que é tão bom que nele muitas coisas continuam atuais mesmo tendo se passado sete anos.³⁸²

“Petersburgo se mexe por inteiro, desde os porões até os sótãos; à meia-noite começam a assar os pães franceses que amanhã comerá o povo alemão, e a noite inteira brilha um de seus olhos ou o outro; Moscou dorme a noite inteira, e, no dia seguinte, após fazer sinal da cruz e reverências para todos os lados, sai com as roscas para a feira. Moscou é do gênero feminino, São Petersburgo – do masculino. Em Moscou, todas são noivas; em São Petersburgo, todos são noivos. Petersburgo observa grande decência em suas vestimentas, não gosta de cores variadas nem de quaisquer alterações bruscas ou impertinentes da moda; em compensação, Moscou exige que, caso virou moda, que seja como deve ser: se a cintura deve ser comprida, ela a deixa ainda mais comprida; se as

³⁸² Sovriemíennik (Contemporâneo). 1837. V. VI. P. 403.

lapelas da casaca devem ser grandes, as delas serão como portas de um galpão. Petersburgo é um homem ordenado, um alemão completo, olha para tudo fazendo contas, e, antes de dar uma festa, olha no bolso; Moscou é uma nobre russa, e se ela se diverte, faz isso até cair e não se preocupa se vai gastar mais do que tem no bolso: ela não gosta de meio-termo. Moscou sempre vai de carruagem, enrolada no casaco de pele de urso e geralmente para o almoço; Petersburgo, de sobrecasaca de flanela, colocando ambas as mãos nos bolsos, voa a todo vapor para a bolsa ou “para a função”. Moscou farreia até quatro horas da madrugada e no dia seguinte não se levanta da cama antes de uma e pouco; Petersburgo também farreia até as quatro, porém, no dia seguinte, como se nada tivesse acontecido, apressa-se, com sua sobrecasaca de flanela, para a repartição pública. Até Moscou a Rússia arrasta-se com dinheiro no bolso e volta sem nada; a Petersburgo chegam pessoas sem dinheiro e depois saem para todos os cantos do mundo com um capital considerável. Até Moscou arrasta-se a Rússia de *kibitka*³⁸³, pelos barrancos de inverno, para vender e comprar; para São Petersburgo vai a pé o povo russo, no verão, para construir e trabalhar. Moscou é um armazém, que empilha trouxas e cargas e nem quer olhar para um vendedor pequeno. Petersburgo dissipou-se em pedacinhos, dividiu-se, expôs-se em lojinhas e mercados e está atrás dos compradores pequenos. Moscou diz: “Se o comprador precisar, ele achará”; Petersburgo empurra placas bem embaixo do seu nariz, cava sob o seu piso para instalar embaixo uma loja de vinhos e coloca o ponto de cocheiros bem na porta da sua casa. Moscou não olha para os seus moradores e manda a mercadoria para toda a Rússia; Petersburgo vende gravatas e luvas para os seus funcionários. Moscou é uma grande galeria de lojas; Petersburgo é um mercado iluminado. A Rússia precisa de Moscou; Petersburgo precisa

³⁸³ *Kibitka*, trenó coberto.

da Rússia. Em Moscou é difícil encontrar um botão de brasão³⁸⁴; em Petersburgo não existe casaca sem botões de escudo. Petersburgo gosta de zombar de Moscou, do seu mau gosto, do fato da mesma ser desajeitada e deselegante; Moscou cutuca Petersburgo por ela ser um homem venal e não saber falar o russo. Em Petersburgo, na Avenida Niévski, passeiam, às duas horas, pessoas que parecem ter saído das ilustrações dos jornais de moda expostas nas janelas, até as idosas têm cinturas tão finas que chega a ser engraçado; em Moscou, na rua, sempre é possível encontrar uma tiazinha com lenço na cabeça e já sem cintura alguma.

Omitimos algumas linhas desse trecho por elas serem ultrapassadas. Além disso, não podemos deixar de comentar a frase: “A Rússia precisa de Moscou; Petersburgo precisa da Rússia”. Ela é mais espirituosa do que justa. A Rússia precisa de Petersburgo tanto quanto precisa de Moscou, assim como Moscou, da mesma forma, precisa tanto da Rússia como de São Petersburgo. Não podemos tirar de Moscou o seu importante significado vital, ainda que não possamos dizer em que ele consiste. O significado de Petersburgo, por enquanto, é mais claro *a priori* do que *a posteriori*. Isso acontece porque por enquanto nos encontramos no momento presente da nossa história; o nosso passado ainda é tão pequeno que, a partir dele, podemos apenas adivinhar o futuro e não afirmar. Ainda nos encontramos em uma situação de transição. Por isso é difícil captar, de forma correta, as características de ambas as cidades. Ao falar daquilo que elas são hoje, sempre temos que pensar no que elas podem se transformar no futuro. Talvez o destino de Moscou consista em manter o princípio nacional (cujas essência, assim como a essência de muitos outros objetos desse mundo, ainda não há como definir) e também na resistência à influência estrangeira que poderia permanecer puramente externa e,

³⁸⁴ Botão de brasão – botões de casaca que eram uma espécie de cartão de visita tanto dos militares quanto dos funcionários, sendo que apenas a nobreza podia utilizá-los com direito ao título hereditário.

portanto, infecunda, se não encontrasse em seu caminho o elemento nacional e não lutasse contra ele. Tudo que é vivo é resultado da luta, tudo que aparece e firma-se sem lutar, está morto. Apesar de Moscou ser visivelmente propensa a novas opiniões ou até novas ideias, ela, minha mãezinha, até agora vive de modo antigo sem afligir-se. Ela trata essas ideias de modo meio alemão: as ideias estão de um lado, a vida de outro. É óbvio que nela há um princípio especial *conservador* que apenas cede, mas aos poucos, e vagarosamente, ao novo, mas não se dá por vencido. O representante dessa novidade é Petersburgo e esse é o seu grande significado para a Rússia. Petersburgo não se apaixona pelas ideias; ela é um homem decente e racional. Ela nunca chamará a sua sobrecasaca de flanela de toga romana, preferirá jogar *préférence* e não irá se preocupar com o impossível; ela não se surpreende, nem com teorias, nem com especulações, odeia os sonhos; para ela, estar sobre um pântano não é de todo agradável, mas é melhor do que estar no ar sem apoio nenhum. Sua lei é a força das circunstâncias. Por isso ela é difícil de ser definida com a base no que ela é ou era. Nenhum petersburguês pretende ser gênio e sonha em transformar a realidade: ele a conhece bem demais para não se entregar a sua força. Os gênios nascem em centenas apenas lá, onde, por conta das circunstâncias, reina uma ignorância total em relação àquilo que se chama realidade, onde cada um mede o mundo através de si mesmo e toma as criações da sua fantasia ociosa como fatos indiscutíveis da história e da realidade moderna. Em Petersburgo cada um está em seu lugar e representa a si mesmo, porque, se alguém declarasse as suas pretensões de ser melhor ou superior aos outros, lhe diriam: “Tente, então!” Em uma palavra, Petersburgo não acredita e exige uma ação. Lá cada um aspira a seu objetivo e não importa qual ele seja, o petersburguês o alcança. Nisso há grandes vantagens: não importa qual seja a atividade, mas o costume e a habilidade de agir já é uma grande coisa. Aquele que não ficou de mãos cruzadas quando não tinha o que fazer

conseguirá agir quando chegar o momento para isso. A vaidade não é como um ser humano, para ela até cem anos não é um tempo tão longo assim. Resumindo: achamos que Petersburgo é predestinada a sempre trabalhar e fazer, enquanto Moscou prepara os que irão agir. Mesmo agora isso pode ser observado: quantos jovens, após terem se formado em ciências na Universidade de Moscou, vão trabalhar em São Petersburgo! Como consequência da influência da Universidade de Moscou e da posição tranqüila e provinciana de Moscou, nela, em geral, não se lê mais do que em Petersburgo, mas no que se refere às ciências, artes e à literatura os moscovitas revelam mais amplitude, conhecimento, gosto, tato e cultura do que a maior parte do público petersburguês que lê e raciocina. Pelas mesmas razões em Moscou há mais jovens capazes de agir do que em Petersburgo; mas eles começam a fazer alguma coisa apenas em Petersburgo, enquanto em Moscou eles só falam como eles fariam se fossem fazer algo.

1844

CONCLUSÕES

O texto de Moscou encontra representação em todas as vertentes da cultura, seja na arquitetura, música, literatura, artes plásticas, cinema e até mesmo na lingüística. Na tese apresentada, o objetivo principal é enfatizar os componentes literários e arquitetônicos, por serem eles, em nossa opinião, os que melhor representam e caracterizam o texto de Moscou.

As obras literárias que fazem parte do texto de Moscou se dividem da seguinte forma: em obras de ficção, nas quais a cidade serve de pano de fundo para o desenvolvimento do enredo; em textos críticos dedicados especialmente ao problema do antagonismo entre Moscou e São Petersburgo na literatura russa e em textos que analisam os “ficcionais” e os “críticos”:

1. Dentro do primeiro grupo, entre os textos relacionados à Moscou, destacam-se as seguintes obras: *A pobre Liza* de Nikolai Karamzín, *Ievguéni Oniéguin* de Aleksandr Púchkin, bem como várias das suas obras poéticas, *Górie ot umá* de Aleksandr Griboiédov, *Guerra e paz* de Liév Tolstói, poesias de Vladímir Maiakóvski,

Marina Tsvetáieva, *Verão do Senhor* de Ivan Chmeliov, *Mestre e Margarida* de Mikhail Bulgákov, *A Moscou feliz* de Andrei Platónov, entre outras.

2. Alguns dos textos analíticos, pertencentes ao segundo grupo, foram inseridos nesse trabalho, em forma de traduções: *Petição de Moscou referente ao seu esquecimento* de Mikhail Scherbátov, *Panorama de Moscou* de Mikhail Liérmontov, *Notas peterburguesas de 1936* de Nikolai Gógol, *Petersburgo e Moscou* de Vissarion Belínski, *Moscou e Petersburgo* de Aleksandr Hertzen, etc. Esse segundo grupo contém o primeiro olhar crítico para o problema da oposição das duas capitais. Os autores que fazem parte dele observavam e constataavam as divergências.

3. Já no século XX, o problema passou a ser estudado de forma mais consistente e tipológica. Foi criado o termo “texto da cidade”, no qual se destacaram as razões culturais e históricas para surgimento da oposição, bem como os principais elementos que a integram. Esse grupo de textos críticos serviu de embasamento teórico para a elaboração do trabalho aqui apresentado. Do assim classificado como terceiro grupo, os principais autores são Nikolai Antsíferov, Iúri Lótman, Vladímir Toporov e Konstantin Issúpov.

A maior parte dos textos que formam o primeiro e o segundo grupo pertence aos séculos XIX e XX, visto que foi nesse período que a literatura russa firmou-se e atingiu o seu auge. Todas as obras em questão contêm três tipos de olhares para a correlação Moscou-Petersburgo:

1. Olhar “de dentro”, ou seja, opinião dos escritores e críticos russos.
2. Olhar “de fora” representado por autores estrangeiros, tais como Marquês de Custine com seu livro *Rússia em 1839* e Marquês de Vogüé com *O romance russo* de 1886, entre outros.

3. Olhar da imigração, principalmente após a revolução de 1917, representada pelos defensores da ideia de eurasianismo³⁸⁵, Ivan Búnin, Ivan Chmelióv, Vladímir Nabókov, Ióssif Bródski, Serguei Dovlátov, etc. Esse último caracteriza-se pela idealização da Pátria perdida e, consequentemente, da cidade: A Moscou ortodoxa de Búnin e Chmelióv, e Petersburgo de Bródski.

Além da divisão geográfica dos autores dos textos de Moscou e São Petersburgo, existe a divisão cronológica que, nesse caso, é especialmente relevante já que houveram duas transições de capitais: a de 1712 e de 1918. Como pudemos observar, essa transferência trouxe consigo dois aspectos:

1. O antagonismo: São Petersburgo foi concebido como a anti-Moscou, totalmente oposta ao que era a antiga capital (atrasada, tradicionalista, asiática, desordenada, etc.).
2. A hereditariedade: São Petersburgo, sendo uma cidade recém-criada e, portanto, sem raízes e sem história, apoiava-se em Moscou e era a sua continuação. Moscou, por sua vez, quando voltou a ser capital, emprestou várias de suas características, tais como a de: cidade oficial, burocrata, diabólica, moderna e avançada, cidade-modelo de outras cidades e assim por diante.

³⁸⁵ Eurasianismo (*evrazístvo*) é um movimento filosófico e político que surgiu em meio a imigração russa nos anos 1920-1930 cujo nome provém do continente Eurásia. A essência de eurasianismo consiste na ideia de que a Rússia ocupa um lugar especial no centro da Europa e da Ásia e, portanto, mistura os traços históricos e culturais dos ambos os continentes.

É necessário notar que o primeiro período de coexistência das duas capitais (de 1712 a 1918) foi marcado pela forte oposição entre elas, enquanto o período posterior suavizou as divergências.

A maior parte dos textos nos quais Moscou é vista como oposição a São Petersburgo pertence ao século XIX. Isso certamente está relacionado com o fato de que foi nesse século que se firmou a literatura autenticamente russa, assim como a autoconsciência do país. No final do século XIX foram fixadas as características de contraposição entre as duas cidades:

O principal resultado da discussão das capitais que precede ao século XX é a formação de uma autoconsciência dialógica das suas dominantes “esquerda” e “direita”.³⁸⁶

A relação de narrativas que compõem os textos de Moscou e Petersburgo é bastante extensa. Nessa pesquisa foram analisados apenas alguns dos textos que julgamos mais relevantes. Entretanto, o volume das obras dedicadas a esse assunto é muito maior e certamente será tema para futuros estudos.

Devido ao fato de ambas as cidades continuarem a exercer influência sobre escritores e artistas, o tema das relações entre Moscou e Petersburgo não pode ser considerado esgotado e ainda será objeto de futuras criações literárias, artísticas e críticas. Assim, as celebrações de 850 anos de Moscou (em 1997), e dos 300 anos de São Petersburgo (em 2003), causaram uma “explosão” na publicação de livros, produção de filmes e músicas dedicadas a ambas as cidades. As duas capitais foram reformadas e ganharam novas construções.

³⁸⁶ ISSUPOV, K.G. *O diálogo das capitais no movimento histórico* (Dialog stolits v istoricheskom dvizhenii). Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg), RGKHI, Moscou, 2000. P. 42.

A análise do texto de Moscou mostrou que na cidade existem alguns centros de concentração semântica: praticamente nenhum escritor que se dedicou à descrição de Moscou pode evitá-los. O principal centro de concentração semântica também é o ponto central da cidade: a fortaleza - Kremlin e a Catedral do Manto da Nossa Senhora (São Basílio). Antes da Revolução de 1917, o Kremlin e a catedral de São Basílio representavam o poder superior, divino, colocando Moscou na dimensão celestial como a cidade escolhida para salvar o país e o mundo através da religião. O Kremlin, desde a formação de Moscou, simbolizava a proteção dos habitantes da cidade contra qualquer invasão inimiga. Essa característica foi resgatada após a revolução, quando o Kremlin passou a corresponder à imagem do poder oficial e do governo soviético. Ele, de fato, tornou-se a sede do governo, o centro político do país. A Praça Vermelha, por sua vez, era palco de paradas que demonstravam a pujança militar da União Soviética.

No decorrer do século XX, em Moscou surgiram outros pontos dominantes como, por exemplo, o lago Patriárchie, no romance *Mestre e Margarida*, e a Rua Arbat que, através da obra de Bulat Okidjava e Anatoli Rybakov (no romance *Os filhos de Arbat*) tornou-se símbolo da Moscou antiga e que preservava o seu espírito autêntico diante das mudanças históricas, acompanhadas do crescimento acelerado da cidade.

De acordo com o que fora previamente apresentado, a percepção do texto de São Petersburgo, tanto na cultura russa em geral, quanto na literatura, se apresenta de uma forma muito mais clara e sólida do que o texto de Moscou, sendo, dessa forma, mais fácil, definir os elementos do texto petersburguês. Assim, Vladímir Toporov destaca a “proximidade surpreendente” de textos de diferentes autores cujas obras integram o texto de São Petersburgo:

A primeira coisa que salta aos olhos diante da análise de textos concretos que formam o texto de Petersburgo... é a proximidade surpreendente das diversas descrições de Petersburgo tanto de um, quanto de vários autores. [...] O texto se encontra unido e ligado... embora ele fora escrito (e provavelmente será escrito) por muitos autores porque surgiu no meio caminho entre o objeto e todos esses autores, em um espaço caracterizado... pela presença de alguns princípios gerais de seleção e síntese dos materiais e também pelas tarefas e objetivos relacionados ao texto. Entretanto, a uniformidade do texto de Petersburgo é determinada nem tanto por um único objeto de descrição quanto pela *i n t e g r i d a d e*... do objetivo semântico: o caminho para a salvação moral, para o renascimento espiritual nas condições quando a vida morre no reino da morte e a mentira e a maldade triunfam sobre a verdade e a bondade. Justamente essa união das aspirações a um objetivo superior... determina um único princípio de seleção para os textos “substratos” incluídos no texto de São Petersburgo.³⁸⁷

Em comparação com o texto de São Petersburgo, o de Moscou é muito mais vago e difícil de ser definido. Talvez a razão pela qual isso ocorra encontra-se no fator histórico de ambas as cidades: Moscou é mais antiga que São Petersburgo. Ao longo de toda a existência de Moscou foram acumulados inúmeros subtextos difíceis de serem identificados e refletidos em uma obra. Por exemplo, São Petersburgo possui uma forte ligação ao nome do seu fundador: Pedro, o Grande. Essa relação predestinou à formação da imagem da cidade, que, de um lado era vista como uma cidade representante da nova Rússia europeizada, civilizada e culturalizada, e de outro, como uma cidade alheia, antinatural e diabólica. Já Moscou não possui uma relação direta com nenhum dos príncipes, tsares ou imperadores. Ou melhor, ela está relacionada a todos eles: podemos

³⁸⁷ TOPOROV, Vladimir, *São Petersburgo e “texto de Petersburgo da literatura russa”*//*Texto de Petersburgo da literatura russa*, São Petersburgo, 2003. P.25.

menção a Moscou de Ivan, o Terrível, bem como a Moscou de Ekaterina, a Grande, ou de Nikolai I, mas nenhum deles desempenhou um papel tão relevante para a formação de seu caráter como Pedro, o Grande o fora no que se refere a São Petersburgo.

Em relação à análise do texto de Moscou, tanto Toporov, quanto Lótman, Issúpov e Miédnis convergem para o fato de ser São Petersburgo uma cidade com significação elevada, ou seja, hiper-semiótica. Essa também é uma das razões pela qual o texto de São Petersburgo é mais consistente e definido. Desde o seu início, São Petersburgo foi concebido como uma meta-cidade que acumula as linguagens de outras cidades, como, por exemplo, Roma, Moscou, Amsterdã, Veneza, Paris e assim por diante. Por isso ele foi chamado de “cidade-decoração”, “cidade-cenário”, “cidade-teatro”. É uma cidade onde tudo é possível, onde o real se torna irreal e vice-versa.

Há mais uma explicação para o caráter hiper-semiótico de São Petersburgo: desde a sua criação ela foi criada como capital, já Moscou cresceu de aldeia para cidade e só depois se tornou uma metrópole. Como observamos no decorrer desse trabalho, no Brasil existe um paralelo à cidade de São Petersburgo: Brasília. Uma capital cujo próprio formato (de avião, cruz, ou, de acordo com outras versões, de borboleta) simboliza a ordem e o progresso. Já Rio de Janeiro e São Paulo são cidades frequentemente acusadas de serem desordenadas.

Dessa forma, assim como para os russos a Europa foi um modelo a ser copiado, para os latino-americanos isso também ocorreu. De um lado, houve a vontade de igualar-se à Europa, de outro, os recém chegados imigrantes eram, em sua maioria, europeus que tinham o objetivo de recriar o país ou a cidade de sua origem em uma nova terra. Foi assim que se criou a correlação entre Buenos Aires e Paris. No Brasil existem cidades e bairros italianos, portugueses, alemães, holandeses, poloneses e

ucranianos, entre outros. Algumas cidades até recebiam os nomes que continham a palavra “Nova”: por exemplo, Nova Odessa no estado de São Paulo. Nesse caso é destacada a vocação da “nova” cidade que almeja substituir ou simbolizar a cidade-origem. O poeta paulista Mario de Andrade, ao falar sobre o clima úmido e frio de sua cidade natal, a comparava com Londres:

Minha Londres de neblinas finas...
Pleno verão. Os dez mil de rosas paulistanas.
Há neves de perfumes no ar.
Faz frio, muito frio...³⁸⁸

Além disso, em vários trechos do poema *Paulicéia desvairada*, Mario de Andrade chama a realidade de São Paulo de “arlequinal” que nos concede a permissão de compará-la com a realidade teatral de São Petersburgo.

Retomando o motivo da cidade vista como uma mulher, o poeta descreve as suas relações com a cidade como que são estabelecidas entre um noivo e uma noiva:

Paulicéia, minha noiva... Há matrimônios assim...
Ninguém os assistirá nos jamais!³⁸⁹

Outro poeta e cantor brasileiro, Caetano Veloso, dedicou a São Paulo canção “Sampa” na qual, além de declarar um carinho especial pela cidade, fala sobre o caráter “deselegante” da sua “dura poesia”:

Alguma coisa acontece no meu coração
Que só quando cruza a Ipiranga e Avenida São João
É que quando eu cheguei por aqui eu nada entendi

³⁸⁸ DE ANDRADE, Mario. *Paulicéia desvairada*. In: *Poesias Completas*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro. Villa Rica. 1993. P. 87.

³⁸⁹ Idem. P. 90.

Da dura poesia concreta de tuas esquinas
Da deselegância discreta de tuas meninas

Com absoluta certeza, tanto Moscou, quanto São Petersburgo já foram acusadas de modo semelhante. Por exemplo, há uma série de obras literárias e filmes que narram a história da chegada de um morador ou moradora da província para a cidade grande, e as dificuldades enfrentadas; o filme *Moscou não acredita em lágrimas*, supramencionado se encaixa nesse contexto.

Além do texto das cidades do Brasil, criado pelos próprios brasileiros, existe também o olhar dos estrangeiros. De todas as cidades brasileiras, a que obteve mais repercussão na cultura russa é, sem dúvida, o Rio de Janeiro: ele tornou-se um símbolo de uma cidade paradisíaca onde se realizam todos os sonhos. Esse “texto do Rio de Janeiro” foi desenvolvido no romance de Iliá Ilf e Ievguiéni Petrov *O bezerro de ouro*, de 1931, cujo protagonista principal sonhava em fugir para o Rio de Janeiro e caminhar as margens do oceano trajando calça branca, após obter muito dinheiro através de meios não muito lícitos.

Dessa forma, o texto da cidade não é um fenômeno que se refere somente à literatura russa e às cidades russas. Trata-se de um conceito cultural muito amplo que não possui limites. Entre inúmeros exemplos de livros dedicados a diferentes cidades (*Notre-Dame de Paris*, 1831, de Victor Hugo, Londres no romance *Oliver Twist* e em outras obras de Dickens de 1838, *A morte em Veneza*, 1912, de Tomas Mann, etc.). O escritor turco Orhan Pamuk chamou o seu livro autobiográfico de *Istambul: Memórias e a Cidade* (2003). Nele, o autor “culpa” a sua cidade natal por tê-lo contaminado com a tristeza de metrópole deteriorada que um dia havia sido capital de um grandioso

Império. Toda a vida de Orhan e o seu caráter foram determinados por Istambul. Com certeza, nesse caso trata-se do texto de Istambul.

Assim, uma cidade retratada em texto não é um traço exclusivo da cultura russa, praticamente todas as culturas possuem uma, ou várias, cidades com essas características. Na verdade, qualquer cidade pode ser vista como um texto. Até mesmo uma cidade imaginária, como as que foram criadas por Ítalo Calvino em *As cidades invisíveis*. Porém, as relações tão tensas entre as duas capitais russas representam sim um fenômeno único, o bicentrismo. Por um lado, é um conflito no qual Moscou e São Petersburgo representam lados totalmente opostos: masculino e feminino, oriental e ocidental, natural e artificial, tradicional e inovador. Por outro, ambas as cidades fazem parte da mesma cultura; por isso entre elas, em vários momentos, ocorre uma inversão de características: o que era tradicional passa a ser inovador, o que era europeu e alheio torna-se russo e autêntico; o que era santo adquire traços diabólicos.

Aliás, as duas capitais russas não disputaram só o título da principal cidade do país. O criador de São Petersburgo, Pedro, o Grande, foi obrigado a “voltar” para Moscou (que lhe trazia tanto desgosto) em forma de monumento. Em 1997, às margens do rio Moscou, foi erguida uma estátua em homenagem ao primeiro Imperador russo. Com seus 98 metros é o monumento mais alto da Rússia e um dos mais gigantescos do mundo. No entanto, o mesmo não agradou aos moscovitas que questionavam o seu valor estético e a sua beleza. Havia rumores de que o escultor Zurab Tseretéli inicialmente tinha feito uma estátua de Cristovão Colombo que devia ser entregue nos Estados Unidos, porém a mesma foi recusada; então, o escultor decidiu substituir a cabeça de Colombo pela de Pedro, o Grande e edificá-la em Moscou. O descontentamento dos moscovitas foi tão forte que no mesmo ano, em 1997, houve tentativas de explosão da estátua. Provavelmente, uma das razões dessa reprovação,

além das questões de estética e proporção, é a estranha presença da figura do Imperador na cidade abandonada por ele com desprezo, quando vislumbrava a construção de uma nova e moderna capital. Isso pode ser representado, como se uma parte do universo petersburguês repentinamente parasse no território inimigo. Como descreveu Mikhail Viéller:

Assim em Moscou, ao lado do rio Moscou, que nunca foi sequer uma significativa via aquática, perto da fábrica de chocolate “Outubro Vermelho” – foi de modo monumental, cravado no espaço o Pedro: que havia fugido de Moscou quando jovem e que havia feito de tudo para que a odiada capital caseira caísse em miséria e decadência. O Imperador Piotr Aleksiévitch que novamente transferiu a capital para o norte longínquo e que quase foi assassinado em Moscou quando criança, não suportava Moscou. Simplesmente não a tolerava com suas barbas, roupões, vilas e igrejas.³⁹⁰

Porém, aos poucos, os moscovitas se acostumaram com a enorme figura de Pedro, o Grande bem no centro da cidade. Inclusive, no romance de ficção científica *A melhor tripulação do sistema Solar* (1998)³⁹¹ de autoria de Oleg Dívov, após uma explosão nuclear em Moscou remanecem apenas o Monumento de Pedro, o Grande e a Catedral do Cristo Salvador. Os mutantes que habitam Terra consideram o monumento como a representação de um deus pagão, venerado por eles, e a Catedral do Cristo Salvador (“A Catedral Preta”) é freqüentada pelos seguidores desse culto.

³⁹⁰ VIÉLLER, Mikhail. “Gulliver”. In: *As Lendas de Arbat (Leguëndy Arbata)*. Moscou, AST, 2009.

³⁹¹ DÍVOV, Oleg. *A melhor tripulação do sistema Solar. (Lúitchii ekipaj Sólnetchnoi.)*. Moscou, EKSMO. 2008.

Monumento em homenagem ao Pedro Grande em Moscou.

De acordo com o exposto acima, o diálogo entre Moscou e Petersburgo, que representa as duas faces da mesma cultura, continua no século XXI. As questões polemizam não apenas o cerne intrínseco das cidades, apresentadas de uma ou outra forma, mas o caráter bicêntrico coletivo em exemplos como: as duas partes do cérebro, o preto e o branco, o religioso e o ateu, o sim e o não. Na Rússia, tal questão se mostra presente nas discussões: Europeia ou asiática, autêntica ou cópia, entre outros. Dessa forma, o bicentrismo pode ser visto tanto como um fenômeno pertencente exclusivamente à cultura russa, e predestinado pela própria posição geográfica do país entre a Europa e a Ásia, quanto como uma característica da cultura humana em geral.

Sendo assim, os textos de ambas as capitais russas representam uma simbiose e se completam; um não existe sem o outro. Principalmente, esse fato se refere ao texto de São Petersburgo para o qual o texto de Moscou serviu como ponto de partida histórico-cultural e também como um exemplo negativo ao qual ele intencionava opor-se. Já o texto de Moscou é mais independente, uma vez que o seu surgimento ocorreu antes. Entretanto, o texto de Moscou passa a ser definido e estruturado justamente com o nascimento de São Petersburgo. Portanto, podemos afirmar que ambos necessitam um de outro e representam um texto único, de Moscou e Petersburgo, dentro da cultura russa. Embora, como vimos, em outras culturas também existam textos de cidades, a coexistência e co-dependência dos textos de Moscou e Petersburgo é um fenômeno peculiar sem análogos na cultura mundial.

Em seu último livro *Cultura e explosão* de 1992³⁹² Iúri Lótman realiza uma abrangente análise das peculiaridades da cultura russa em comparação com as outras, principalmente, ocidentais, e chega a uma conclusão de extrema importância para o tema aqui proposto: diferentemente das culturas que surgiram com a base do Império Romano, a cultura russa possui o caráter binário, ou seja, nela sempre estão presentes dois elementos conflitantes (orientes e ocidentes, poder oficial e a individualidade, etc.). Já as culturas da Europa Ocidental pertencem ao modelo ternário, pois além dos dois elementos conflitantes elas possuem o terceiro: o componente pacificador, a tendência de superar a crise sem autodestruição. As culturas de ambos os tipos, durante a sua evolução, passam por momentos de transformação que Lótman chama de “explosão”. A diferença entre elas encontra-se justamente no modo como essas explosões são superadas:

³⁹² LÓTMAN, Iú. *Cultura e explosão* (Kultura i vzryv). In: *Semiosfera*. São Petersburgo, Iskusstvo, 2001. P. 14-148.

Nas estruturas sociais ternárias, mesmo as explosões mais poderosas e profundas não abrangem toda a riqueza complexa das camadas sociais [...]. As estruturas ternárias mentem os determinados valores do período anterior, transferindo-os da periferia para o centro da cultura. Ao contrário disso, o ideal dos sistemas binários é a completa destruição de tudo que existe, pois ele é marcado por defeitos incorrigíveis.³⁹³

O texto de Moscou e Petersburgo é uma perfeita ilustração do modelo binário: São Petersburgo se forma em decorrência de uma explosão cultural, como uma negação da cultura de Moscou. Não sendo possível uma completa eliminação da antiga capital, ela tornou-se o símbolo de tudo que foi rejeitado. Moscou e Petersburgo passaram a simbolizar as oposições arquetípicas da cultura humana em geral: o próprio e o alheio, o masculino e o feminino, o sagrado e o infernal, etc. Porém, ambas incorporaram a ideia nacional própria para as culturas binárias: seu caráter único e excepcional com a missão de transformar o mundo. Dessa forma, cada uma delas, de um lado, representa um dos pólos opostos e, de outro, combina em si as contradições de uma cultura binária. É por isso que Moscou já foi vista como retrograda e progressiva, oficial e humana, sagrada e diabólica.

Por fazer parte do processo histórico-cultural, o texto de Moscou está em constante desenvolvimento e transformação. É possível apenas fazer suposições sobre o futuro das relações entre as duas cidades. No livro mencionado acima, Iúri Lótman afirma que a Rússia está no caminho de transformação de um modelo cultural binário para ternário, porém, não sabemos quando esse processo será finalizado. Será que ele trará consigo uma nivelção das divergências entre as capitais russas?

³⁹³ Idem. P. 141-142.

O estudo referente ao texto da cidade em geral e, especialmente, no caso dos textos de São Petersburgo e de Moscou, é um conceito bastante recente para a teoria literária. O processo de abordagem do tema é bastante amplo, engloba as principais disciplinas da área de humanas e explora ao máximo a intertextualidade e interdisciplinaridade, conceitos muito difundidos nas últimas décadas em todo o mundo.

A análise desse tema intrigante e vasto tem rendido nos últimos anos uma considerável quantidade de pesquisas, publicações, teses de grande qualidade, e a cada novo trabalho são acrescentados materiais complementares que enriquecem ainda mais o cerne do tema. Apresentamos aqui apenas alguns aspectos e algumas obras referentes a esse tema, porém ainda resta um vasto campo para futuras pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

ABÁCHEV, V., BELOÚSSOV, A., TSIVIÁN T. Geopanorama da cultura russa :
provincia e seu textos (Geopanoráma rússkoi kultury : províntsia i ee tiéksty). In :
Moscou, 2004.

ABÁCHEV, V.V. *Pierm como texto: texto de Pierm na cultura e literatura russa de
século XX.* Pierm, Editora da Universidade de Pierm, 2000.

AFANÁSSIEV, E.L. Moscou no pensamento dos filósofos russos no período pós Pedro
(Moskva v razdumiah russkih myslitelei poslepetrovskogo vremeni). // *Moscou na
literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie,
2000.

AKHMIÉTOVA, M.V. Espaço urbano no texto local (cidade de Múrom) (Gorodskoie
prostranstvo v lokálnom tiékste (g.Múrom). In: ruthenia.ru

_____ Imagem de Múrom na consciencia dos habitantes (Óbraz Múroma v
soznánii gorozhan) In : <http://www.ruthenia.ru/folklore/ahmetova8.htm>.

AKHMIÉTOVA M.V., LURIÉ M.L. Bologóie : puequena capital entre as duas
capitais (Málienskaia stolitsa mejdu dvukh stolits). In : *Otiétchestvennyye zapíski*, 2006.

Volume 32 . P . 207-217 .

ALEKSIÉEVSKI, M., LURIE M., SIÉNKINA A. Lenda sobre o monumento de Gógol na cidade de Moguilióv-Podólski: Ensaio de comentário ao fragmento do texto local (Leguíenda o pamiátnike Gógoliu v Moguilióve-Podólskom: ópyt kommentária k fragmiéntu lokálnogo tiéksta). In: Revista Forum antropológico (Antropologuítcheski fórum). No 11/2009 e 1/2010.

ALPÁTOVA, T.A. O “texto de Moscou” e os caminhos de formação da imagem do narrador em prosa de N.M.Karamzín (“Moskóvski tiékst” i putí formirovânia óbrazá povestvovátelia v proze N.M. Karamzíná). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 15-36.

ANTSÍFEROV, Nikolai. *A realidade e o mito de Petersburgo (Byl i mif Peterburga)*, Petrogrado, Brokgauz i Efron, 1924.

_____ *A alma de Petersburgo, (Duchá Peterburga)*, Petrogrado, Brokgauz i Efron, 1922.

_____ *O livro sobre a cidade (Kniga o górode)*, Petrogrado, Brokgauz i Efron, 1926,

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*, Editora Forense universitária, 2ª edição, São Paulo, 1997.

_____ *Cultura popular na idade Média e no renascimento: O contexto de François Rabelais*. S. Paulo, Hucitec, 1987.

_____ *Questões de Literatura e de Estética*. S. Paulo, Hucitec, 1987.

_____ *Estética da criação verbal*. S. Paulo, Martins Fontes, 1997.

_____ Problema de texto na lingüística, filologia e outras ciências humanas.

Ensaio de análise filisófica. (Probléma tiéksta v lingvístike, filológuii i druguikh gumanitárnykh naúkakh. Ópyt filossófskogo análiza). In: *Estética da criação verbal (Estétika sloviéssnogo tvórtchestva)*. Moscou, 1979

_____ Formas do tempo e cronotopo no romance (Formy vriémeni i khronotopa v romane). In: *Questões da literatura e estética (Voprossy literatury i estétiki)*. Moscou: Khudójestvennaia literatura, 1975. P. 234-407.

BARTHES, Roland. *Obras selecionadas: Semiótica. Poética. (Ízbrannyye raboty: Semiótica, poética)*. Moscou, 1989

BELIÁEVA, I.A. O tema de Moscou no romance de Liérmontov “Princesa Lgovskáia” (Moskóvskaia tiéma v romane M.Iu. Liérmontova ‘Kniaguínia Lgovskáia’). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P.52 – 60.

BELÍNSKI, Vissarion. Petersburgo e Moscou (Peterburg i Moskvá). In : *Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg)*, RGKHI, Moscou, 2000.

BERDIÁEV, N. *Metafísica de sexo e amor (Metafísica póla i liubvi)*. Moscou: Misl, 1989.

_____ A ideia russa (Rússkaia ideia). In ; <http://lib.rus.ec/b/121191/read#t1>

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Editora Schwartz Ltda. 2010.

BIÉLY, Andrei. *Petersburgo (Peterburg)*, Azbuka, Moscou, 1997.

BLUDÍLINA, N.D. “A Grande Embaixada de Pedro I e a visão de Moscou na Europa no limiar dos séculos XVII-XVIII. (Velíkoe Possolstvo Petra I i otnoshenie k Moskve v Evrope na rubezhe XVII-XVIIIvv). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000.

BULGÁKOV, M. Mestre e Margarida (Máster i Margarita). In : <http://ilibrary.ru/text/459/p.1/index.html>

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*, Editora Perspectiva, 4ª edição, São Paulo, 2003.

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. Biblioteca Folha, São Paulo, 2003.

CHÁPOCHNIKOV, Iu.S. O Contesto moscovita na novela de Púchkin “O fazedor de caixões” (Moskóvskii kontiékst v póvesti Púchkina ‘Grobovshik’). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 48-51.

CHMELIÓV, Ivan. *Verão do Senhor (Liéto Gospódne)*. In: *Moscou na literatura russa (Moskvá v rússkoi literatúre)*. Moscou. Olimp, 2007.

CHNAIDERMAN, Boris. *A São Petersburgo de Dostoiévski*, Ciências e Letras, Porto Alegre, 1999. Págs. 183-186.

Cidades, 1983;

_____ *Turbilhão e semente: ensaios sobre Dostoiévski e Bakhtin*. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1983;

_____ *Leão Tolstói: Antiarte e Rebeldia*. São Paulo: Brasiliense, 1983;

_____ *Os escombros e o mito. A cultura e o fim da União Soviética*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997;

_____ *Semiótica Russa*. Editora Perspectiva, São Paulo, 1979.

DÁRINSKI, A.V; **STÁRETS**, V.I. *História de São Petersburgo, (Istoria Sankt-Peterburga)* São Petersburgo, 2002.

DE ANDRADE, Mario. *Paulicéia desvairada*. In: *Poesias Completas*. Belo Horizonte – Rio de Janeiro. Villa Rica. 1993.

DÍVOV, Oleg. *A melhor tripulação do sistema Solar.*(Lútchii ekipaj Sólnetchnoi.). Moscou, EKSMO. 2008.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. Editora 34, São Paulo, 2001.

_____ *O crocodilo e notas de inverno sobre impressões de verão*, Introdução e notas por Boris Schnaiderman, Editora 34, São Paulo, 2000.

_____ *Crime e Castigo (Prestuplénie e nakazánie)*, Edição completa em 30 tomos, 6º tomo, Leningrado, 1973.

ECO, Umberto. Inovação e repetição. Entre a estética moderna e pós-moderna. In: *Filosofia da época pós-moderna (Filosofia epókhi posmoderna)*. Minsk, 1996.

_____ *O nome da rosa*. São Paulo, Editora Record. 2009.

EGÓROV. B. F. *Vida e obra de Iúri Lótman (Zhizn' i tvortchestvo Lótmana)*, Moscou, 1999.

ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*, editora Perspectiva, 6ª edição, São Paulo, 2002.

_____ *O sagrado e o profano*. Martins Fontes, São Paulo, 1992.

EROFIÉEV, Venedikt. *Moscou-Petuchkí (Moskvá-Petuchkí)*. Moscou. Vágrius.1998.

FREIDENBERG, O. *Sobre poética do enredo e do gênero (Poétika siujeta i janra)*, Leningrad, Nauka, 1981.

_____ *Entrada na Jerusalém de burro (Da mitologia evangélica) (Viézd v Ierussalím na osslíe. Iz ievánguelskoi mifológuii)*. In: *Mito e Literatura (Mif e Literatura)*. Moscou, Nauka, 1978.

GÓGOL, Nikolai. *O capote e outras novelas*, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1990.

GÓGOL, Nikolai. *O nariz e a terrível vingança*. A magia das máscaras por Arlete Orlando Cavaliere, Edusp, 1990.

GOMIDE, B. B. . A chegada de uma literatura arrebatadora: os primeiros momentos da literatura russa no Brasil. *Revista Ciência Hoje*. nº 236, abril de 2007.

GOMIDE, B. B. . Uma breve história de recepção de Dostoiévski no Brasil (Krátkaia istória vospriátia dostoiévskogo v Brazíli). *Vopróssy literatury*, v. 3, p. 1-2, 2010.

GOMIDE, B. B. . Uma espécie de Isaías: as imagens de Tolstói no Brasil. In: III Simpósio de História Cultural da UFSC, 2006, Florianópolis. Caderno de Resumos do III Simpósio de História Cultural da UFSC, 2006

GREIMAS, J. A. e **COURTÊS**, J. *Dicionário de Semiótica*. Trad. A. Dias Lima e outros. São Paulo, Cultrix, 1983.

GRICHÚNIN, Andrei. A Moscou de Griboiédov (Griboiedovskaia Moskva). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000.

GRILLO, S. V. C. O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica. In: Beth Brait. (Org.). *Bakhtin e o Círculo*. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2009, v. 2, p. 73-96.

GÚLIN, A.V. Moscou de 1812 no romance de L.N.Tolstói *Guerra e paz* (Moskva 1812 goda v romane L.N.Tolstogo “Voina i mir”). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000.

GUINSBURG, J; TEIXEIRA COELHO NETTO, J e CHAVES CARDOSO, Reni *Semiologia do teatro*, São Paulo, Editora Perspectiva, 2003.

GRIBOIÉDOV, Aleksandr. *Coletânea (Sochiniénia)*, Moscou – Leningrado, 1959.

_____ *Gore ot uma*. Moscou 1987.

GRICHÚNIN, Andrei. A Moscou de Griboiédov (Griboiedovskaia Moskva). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000.

GRIBOIÉDOV, Aleksandr. *Gore ot uma*. Moscou 1987. P. 387

HERTZEN, Aleksandr. *Obras completas em 30 volumes*. AN SSSR, 1954.

HERTZEN, A.I. O passado e os pensamentos (Byloe i dumy). In: *Moscou na literatura russa (Moskva v russkoi literature)*, Moscou, Olimp. 2007.

IÁKOVLEV, M.V. A imagem de Moscou na historiosofia artística de M. Volóchin (Óbraz Moskvy v khudójestvennoi istoriosófii M. Volóchina). In: *Moscou e o “texto de*

Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre). Moscou, MGPU, 2004. P. 72- 80.

ILF, Ilia, **PETRÓV**, Ievguiéni. *O bezerro de ouro (Zolotói teliónok).* Eksmo, Moscou, 2009.

ISSÚPOV, K. Diálogo das capitais no movimento histórico (Dialóg stolits v istorícheskom dvijénii). // *Pro et Contra Moscou – Petersburgo (Pro et Contra Moskvá – Peterburg)*, RGKHI, Moscou, 2000.

IVÁNOV, Georgui. *Os invernos petesrburgueses (Peterburgskie zimy).* Moscou, Kniga, 1989.

JAKOBSON, R. *Linguística. Poética. Cinema.* S. Paulo, Perspectiva, 1970.
_____ *Linguística e comunicação.* S. Paulo, Cultrix, 1971. _____
Trabalhos sobre poética (Raboty po poétike). Moscou, Progress, 1987.

KANÚNNIKOVA, I.A. Conceito “Moscou” no conto de I.A.Búnin “A segunda-feira limpa” (Kontsiépt “Moskvá” v rasskázie I.A. Búnina “Tchístyi ponedíelnik”).In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre).* Moscou, MGPU, 2004. P. 158-164.

KARAMZÍN, Nikolai. *Sobre a Rússia antiga e nova e sobre suas relações políticas e civis (O drevnei i novoi Russii v ee politicheskom i grazhdanskom otnochieniakh)* // *A história do Estado russo (Istoria Gosudarstva Rossiskogo).* Tula, 1990.

_____ *História do estado russo (Istória gosudárstva rossíiskogo)*. 12 volumes. Volume V. In: <http://www.bibliotekar.ru/Karamzín/50.htm>

_____ *A pobre Liza (Biédnaia Liza)*. In : http://az.lib.ru/k/Karamzín_n_m/text_0010.shtml

_____ *Natalia, a filha de boiardo (Natalia, boiárskaia doch)*. In : http://az.lib.ru/k/Karamzín_n_m/text_0070.shtml

KISSELIÓVA, L. *Iúri Lótman na Universidade de Tártu (Iúri Lótman v Tártuskom Universitete)* // Comitê Nacional dos Eslavistas da Estônia. Tártu, 1996.

KHOMIAKOV, A.S. *Obra completa*. Moscou, 1986.

KOFMAN, Andrei. *Os cavaleiros do Novo Mundo (Rýtsari Nóvogo Sviéta)*. Moscou, Pan Press, 2006.

KORNIÉNKO, N.V. Moscou no tempo (Moskva vo vriémeni). In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000.

KRISTEVA, Julia. Bakhtin, palavra, diálogo, romance. In: *Semiótica francesa. De estruturalismo ao pós-estruturalismo (Frantsúskaia semiótica. Ot strukturalisma k poststrukturalismu)*. Moscou, Labirinto, 2000.

KUDRIÁVTSEV, Mikhail. *Moscou – Terceira Roma (Moskva - Tretii Rim)*, Moscou, 1994.

LIKHATCHIOV, D. A linha celestial da cidade sobre o rio Nevá (Nebiéssnaia línia góroda na Nevié). In: *Nache Nasliédie*. 1989. No 1. P. 8-13.

_____ A cidade na terra (Górod na zemlié). In: *O livro das inquietações. Artigos, conversas, memórias. (Kniga bespokóistv. Statii. Bessiédý, vospominánia)*. Moscou, Novosti, 1991. P. 392-430.

_____ *Literatura - Realidade* (“Literaturnost – reálnost”), Leningrado, Sovetskii Pisatel, 1981.

_____ *A poesia dos jardins: semântica dos estilos de jardins e parques. Jardim como texto (Poésia sadov: K semántike sadóvo-párkovykh stílei)*. Moscou, Soglássie, 1998.

LOSKÚTNIKOVA, M.B. As escolas de Moscou nos estudos teóricos da literatura (Moskóvskie chkoly v teoretícheskom literaturoviédenii). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 72- 80.

LISPECTOR, Clarice. Visões do Esplendor. In :
<http://www.urbanamente.net/blog/2009/06/19/cidades-literarias-clarice-lispector/>

LIÚSSYI A .P. Texto da Criméia na literatura russa (Krýmskii tiékst rússkoi literatúry). São Petersburgo, 2003.

LÓTMAN, Iúri. Simbologia de São Petersburgo e os problemas da semiótica da cidade (Simvólíka Peterburga i problemy semiótiki góroda). In: *Historia e tipologia da cultura russa (Istoria i tipológuia rússkoi kultury)*, São Petersburgo, Iskusstvo, 2002. P. 208-221.

_____ *Ensaio de semiótica soviética*. Coleção: horizonte universitário. Tradução de: Victoria NAVASE SALVATO E TELES DE MENEZES, Lisboa: Horizonte, 1981.

_____ *A estrutura do texto artístico* / Iúri Lótman; [tradução de MARIA DO CARMO VIEIRA RAPOSO E ALBERTO RAPOSO], Lisboa: Editorial Estampa, 1978. Tradução de: Struktura khudozhestvennogo teksta.

_____ *Estética e semiótica do cinema*, Lisboa: Estampa, 1978.

_____ *Sobre a literatura russa (O rússkoi literature)*. S. Petersburgo, Iskusstvo, 1997.

_____ *Sobre os poetas e a poesia (O poétakh i poésii)*. S. Petersburgo, Iskusstvo, 1996.

_____ *A semiótica da cultura e o conceito do texto (Semiótika kultury i poniátie téksta)*. In: Ízbrannye statii, Vol.1, Tallinn, 1992. P. 129-132.

_____ *Três funções do texto (Tri fúnktsii teksta)*, in Semiosfera, São Petersburgo, 2000. (P.155-163)

_____ *O símbolo no sistema da cultura (Símbol v sisteme kultury)*, in Semiosfera, São Petersburgo, 2000. P. 240-250.

_____ *O espaço semiótico (Semiotítcheskoe prostránstvo)*. In: Semiosfera, São Petersburgo, 2000. P. 250-257.

_____ *O conceito de limite (Poniátie granitsy)*. In: Semiosfera, São Petersburgo, 2000 (257-268).

_____ Texto como um problema semiótico (Tiéktst kak semiotítcheskaia problema). In: *História e tipologia da cultura russa (Istória i tipológuia rússkoi kultúry)*. São Petersburgo, Iskusstvo – SPB, 2002.

_____ A saída do labirinto (Výkhod iz labirinta). In: ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Moscou, 1989

_____ O fenômeno da cultura (Fenomién kultury). In: *Obras selecionadas em três volumes*. Volume 1. Tallinn, Aleksandra, 1992. P. 34-45.

_____ O problema de texto (Probliéma tiéкта). Palestras sobre poética estrutural (Liéktsii pó strukturálnoi poétike). In: *Iu. M. Lótman e escola semiótica de Tártu-Moscou (Iu.M.Lótman i Tártussko-moskóvskaaia semiotítcheskaia chkola)*. Moscou, 1994. P. 203-246.

_____ A estrutura do texto artístico (Struktúra khudójestvennogo tiéкта). Isskustvo, Moscou, 1970.

_____ Texto como mecanismo gerador de sentidos (Tiéktst kak smyslopороjdáiusheie ustróistvo). In : *Semiosfera*. São Petersburgo, Iskusstvo –SPB, 2001. P

_____ A casa em *Mestre e Margarida* (Dom v Mástere i Margarite). In : *História da prosa russa (Istória rússkoi prózy)*. São Petersburgo, Iskusstvo, 1997. P.748-753.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo, Martins Fontes. 1997.

MALÝGUINA, N.M. Moscou na vida e obra de Andrei Platónov (Moskvá v sudbié i tvórtchestve Andriéia Platónova). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa*

e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre). Moscou, MGPU, 2004. P. 166-134.

MANN, Iu.V. Moscou na consciência artística de Gógol (Moskvá v tvórtchieskom soznánii Gógolia). In: *Moscou e o texto “moscovita” da cultura russa (Moskvá i “moskóvski tiekst” rússkoi kultúry)*. Moscou, RGGU, 1998.

MATVIÉEVA, I.I. O contexto toponímico da imagem da principal personagem do romance de A.Platónov “A Moscou feliz” (Toponimítcheskie kontiéksty v óbrazе glávnoi gueroíni romana A.Platónova ‘Stchastlívaia Moskvá’). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 135-138.

MELETÍNSKI, Eleazar. *Os arquétipos literários*. Ateliê Editorial, São Paulo, 1998.

MIÉDNIS, N.E. *Veneza na literatura russa*. Novossibirsk, 1999.

_____ *Super textos na literatura russa (Sverkhtiéksty v rússkoi literature)*. Novossibirsk, NGPY, 2003.

MINÁIEV, Serguei. *Dyxless*. AST, Moscou, 2007.

MINTS, Z.G. Sobre alguns textos “neo-mitológicos” na obra dos simbolistas russos (O níekotorykh “neomifologuítcheskih” tiékstakh v tvórtchestvie rússkikh simvolístov). In: *Blok e o simbolismo russo (Blok i rússki simvolism): Obras selecionadas em 3 volumes*.

São Petersburgo, Iskusstvo, 2004. Volume 3. Poética do simbolismo russo (Poétika rússkogo simvolisma). P. 59-96.

_____ O conceito de texto e a estética simbolista (Poniátie tiéksta e simvolístskaia estétika). In: *Blok e o simbolismo russo (Blok i rússki simvolism): Obras selecionadas em 3 volumes*. São Petersburgo, Iskusstvo, 2004. Volume 3. Poética do simbolismo russo (Poétika rússkogo simvolisma). P. 97-102.

_____ "Texto petersburguês" e o simbolismo russo. ("Peterbúrgskii tiékst" i rússkii simvolism). In: *Blok e o simbolismo russo (Blok i rússki simvolism): Obras selecionadas em 3 volumes*. São Petersburgo, Iskusstvo, 2004. Volume 3. Poética do simbolismo russo (Poétika rússkogo simvolisma). P. 103-115.

_____ O caminho artístico individual e a tipologia dos códigos culturais (Individuálnyi tvórtcheskii put i tipológuia kultúrnykh kodov). In: *Blok e o simbolismo russo (Blok i rússki simvolism): Obras selecionadas em 3 volumes*. São Petersburgo, Iskusstvo, 2004. Volume 3. Poética do simbolismo russo (Poétika rússkogo simvolisma). P. 116- 117.

_____ O "mito de caminho" e a evolução dos escritores-simbolistas ("Mif o putí" i evoliútsia pissátelei-simvolístov). In: *Blok e o simbolismo russo (Blok i rússki simvolism): Obras selecionadas em 3 volumes*. São Petersburgo, Iskusstvo, 2004. Volume 3. Poética do simbolismo russo (Poétika rússkogo simvolisma). P. 140-144.

MURAVIÓV, Vladimir. *Palavras e expressões moscovitas (Moskóvskie slová i sloviétchki)*. Moscou, Izograf, 1999.

_____ *Lendas e histórias verídicas de Moscou (Moskóvskie predánia i býli).*

Moscou, 1988. P. 5-14 .

NAZÍROV, R.G. Motivo de estatua animada (Siujét ob ojívshhei státuie). In: *Folclore dos povos da Rússia. Motivos gerais e peculiares no folclore de diversos povos (Folklor naródov Rossii. Óbsheie i ossóbennoie v folklóre raznykh naródov)*. Ufa, Universidade de Bashkiria. P. 24-37.

NEKLIÚDOV, Serguei. O Corpo de Moscou. *Questão da imagem da “cidade-mulher” na literatura russa Tielo Moskvyy. K vopróssu ob óbraze “jiénshiny-góroda” v Rússkoi literatúre // O corpo na Cultura russa (Tielo v rússkoi kultúre)*. Moscú. 2005. P.361-385.

NÓSSOV, S. *A vida secreta dos monumentos de São Petersburgo*. São Petersburgo, Limbus Press, 2009.

ODIÉSSKI, Mikhail. Moscou – cidade de São Pedro (Moskvá – grad sviatógo Pietrá) // *Moscú na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscú, Nasledie, 2000.

ÓSSIPOVA, Iu.V. Característica de cores do espaço urbano na poética de Púchkin dos anos 1830 (Tsvetováia kharakterístika gorodskógo prostránstva v poétike Púchkina 1830 godov). In: *Moscú e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiéktst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscú, MGPU, 2004. P. 37-47.

ÓZEROV, Iu.A. Moscou e Petersburgo no romance de Tolstói “Guerra e paz” (Moskvá i Peterburg v romane Tolstogo “Voiná i mir”). In: http://literary.ru/literary.ru/show_archives.php?subaction=showfull&id=1205317859&archive=1205324210&start_from=&ucat=&

PAMUK, Orhan. *Istambul: Memórias e a Cidade*. Moscou, Amfora, 2009.

PANÁIEV I. I. *Memórias literárias (Literatúrnyie vospominánia)*. Moscou, 1988.

PANÁIEVA A. Ia. *Memórias (Vospominánia)*. Moscou, 1986.

PASTERNAK, B.L. *O Doutor Jivago*. In : Obra completa em 5 volumes. Moscou, Khudójestvennaia literatúra, 1989-1992. Volume 3, P. 510

PETROV, Piotr. *História de São Petersburgo (Istoria Sankt-Peterburga)*, Moscou, 2004.

POMORSKA, K. *Formalismo e futurismo*. S.Paulo, Perspectiva, 1972.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Forense-Universitária, Rio de Janeiro, 1984.

RADÍSHEV, Aleksandr. *Viagem de Petersburgo a Moscou (Putechéstvie iz Peterburga v Moskvú)*. Moscou, Diétskaia literatura, 1975.

RÁKOV, Iúri. *Petersburgo mística, (Mistítcheski Peterburg)*, São Petersburgo, 2002.

RAMA, Angel. *A cidade das letras*, Editora Brasiliense, 1985

RAZÚMOVA I.A. . «Tão perto de Petersburgo, mas tão longe». Petrozavódsk em textos literários e orais dos séculos XIX-XX («Kak blizko ot Peterburga, no kak daleko»). Petrozavódsk v literatúrnykh i ústnykh tiétstakh). In : *Província russa : mito, texto, realidade. Moscou, Sao Petersburgo (Rússkaia províntsia : mif, tiekst, reálnost)*. Tema, 2000. P.324-334.

SÁKHAROV, V. I. Viveiros da espiritualidade russa (Pitómniki ruskoi dukhóvnosti). // *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. Org. por BALLY, Charles e Sechehayé, Albert. Trad. bras. de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 9ª ed., São Paulo: Cultrix, 1916.

SINDALÓVSKI, N. *Mitologia de Petersburgo*, (“Mifológuia Peterburga”), São Petersburgo, 2002.

_____ *Lendas e mitos de Petersburgo*, (“Leguendy i mify Peterburga”), São Petersburgo, 2002.

SOLOVIOV, Vladimir. *Cultura russa. Da antigüidade até os nossos dias, (Russkaia kultura. S drevneíchikh vremen do náchikh dnei)*, Moscou, 2004.

SUMATÓKHINA, L.V. Moscou no romance de B.L. Pasternak “Doutor Jivago” (Moskvá v romane B.L.Pasternák ‘Dóktor Jivágo’). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 150-157.

SURÓVOVA, L.Iu. O culto de Afon e suas relíquias em Moscou antiga (com a base do capítulo ‘A arca prateada’ do romance “A verão do Senhor” de I.S.Chmelióv) (Potchitánie Afóna i ego sviatýn v stároi Moskvíe (na materiále glavy “Seriébriannyi sundutchók” iz romana “Liéto Gospódníe” de I.S.Shmelóv). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 165-178.

TELIÉGUIN, S.M. Mito de Moscou como expressao do mito da Rússia (Mif Moskvý kak vyrajiénie mifa Rossii). In : *Literatura na escola (Literatúra v chcole)*, 1997, No 5. P. 5-21.

TIMIÉNTCHIK R.D, TOPOROV V.N, TSIVIÁN T.V. Os sonhos de Blok e o ‘texto de São Petersburgo’ do começo do século XX (Sny Bloka i “peterbúrgski tiékst” natchála XX vieka). In: *Teses da conferencia soviética “A obra de A.A.Blok e a cultura russa do século XX” (Tvórtchestvo A.A.Bloka i rússkaia kultúra XX veka)*, Tártu, 1975. Pág. 129-135.

TÓDOROV, Tzvetan. *A poética da prosa*; edições 70, Lisboa, 1971.

_____ *Introdução à literatura fantástica*, Editora Perspectiva, São Paulo, 1975.

_____ *As estruturas narrativas*, Editora Perspectiva, São Paulo, 2003.

TOLSTÓI, L.N. Coletânea em 22 volumes. Moscou 1980.

_____ *Guerra e Paz*. In: *Moscou na literatura russa (Moskva v russkoi literature)*, Moscou, Olimp. 2007.

_____ *Anna Kariênina*. São Paulo, Cosac Naify, 2005. Tradução e apresentação de Rubens Figueiredo.

TOPOROV, Vladimir. Petersburgo e o texto de São Petersburgo da literatura russa (Peterburg i peterbúrgskii tekst rússkoi literatury)// *Texto petersburguês da literatura russa (Peterbúrgskii tekst rússkoi literatury)*, São Petersburgo, Iskusstvo, 2003.

_____ *Mito, ritual, símbolo e imagem, (Mif, Ritual, Símbol, Óbraz)*, Moscou, 1993.

_____ *O texto de São Petersburgo da literatura russa (Peterbúrgskii tekst rússkoi literatury)*, São Petersburgo, 2003.

_____ Texto da “cidade-virgem” e “cidade-pecadora” no aspecto mitológico (Tiéktst “góroda-diévy” i “góroda-bludnítsy” v mifologúitceskom aspiékte). In: *Estudos de estrutura de texto (Issliédovania po struktúre tiéksta)*. Moscou, 1987. P. 121-132.

_____ Sobre a estrutura do romance de Dostoiévski em relação aos esquemas arcaicos do pensamento mitológico (O struktúre romana Dostoiévskogo v

sviaí s arkhaítcheskimi skhiémami mifologuítcheskogo mychliénia). In: *Mito, ritual, símbolo, imagem (Mif, ritual, símvol, óbraz)*. Moscou, 1995. P. 193-258.

TYNIÁNOV, Iúri *El problema de la lengua poética*. Buenos Aires, Siglo XXI, 1972.

VELIKÁNOVA, N.P. Moscou no livro *Guerra e paz* (Moskva v knige “Voina i mir”) In: *Moscou na literatura russa e mundial (Moskva v russkoi i mirovoi literature)*. Moscou, Nasledie, 2000.

VESSELÓVA, I. S. A lógica da confusão moscovita (Lógika moskóvskoi pútanitsy) In: *Moscou e o texto “moscovita” da cultura russa (Moskvá i “moskóvski tiekst” rússkoi kultúry)*. Moscou, RGGU, 1998. P. 98-118.

VIDGOF, L.M. Moscou de Mandelchtam (Moskvá Mandelchtama). Moscou, Korona-Print, 1998.

VIÉLLER, Mikhail. *As lendas de Arbat (Leguéndy Arbata)*. Moscou, AST, 2009.

_____ *As lendas da Avenida Nievski (Leguéndy Niévskogo prospiékta)*. Moscou, Parol, 2006.

VOGÜÉ, Melchior de. *O romance russo* (Tradução de Brito Broca). Rio de Janeiro, A Noite, 1950.

VÓLKOV, Guénrikh. *O mundo de Púchkin, (Mir Púchkina)*, Moscou, 1989.

VÓLKOV, Solomon. *São Petersburgo, Uma história cultural*, Editora Record, Rio de Janeiro, 1997.

ZYRIÁNOVA, A. Iu. A mentalidade de capital nas obras da literatura de massas (Stolítchnyi mentalitiét v proizvediéniakh mássovoi literatúry). In: *Moscou e o “texto de Moscou” na literatura russa e no folclore (Moskvá i “moskóvskii tiékst” v rússkoi literatúre i folklóre)*. Moscou, MGPU, 2004. P. 238-240.